



FOR LENT

*The Sermons of  
St. Francis de Sales*





# Índice

Sobre São Francisco de Sales

Prefácio

Nota do tradutor

## 1. Jejum

Sermão da Quarta-feira de Cinzas, 9 de fevereiro de 1622, sobre os frutos espirituais do jejum e as condições que tornam o jejum agradável a Deus: jejuar universalmente, isto é, com todos os sentidos e com o entendimento, a memória e os apetites da vontade; quão completamente os cristãos primitivos jejuavam; jejuar por humildade e não por vaidade, jejuar por obediência e não por vontade própria, seguir os costumes da comunidade em jejuar em vez de procurar ser singular, jejuar apenas para agradar a Deus e não para a estima dos homens, e o mal de submeter os mandamentos de Deus e de nossos superiores a nosso próprio critério humano

## 2. Tentação

Sermão para o primeiro domingo da Quaresma, 13 de fevereiro de 1622, sobre a universalidade da tentação, o perigo espiritual da ociosidade, a fé como arma principal contra a tentação, almas preguiçosas, confiança presunçosa dos principiantes na força de seu fervor sensível, apego às consolações de Deus, o exemplo de Nosso Senhor ao sofrer a tentação do diabo, a combater as próprias faltas com paciência e perseverança, as vãs esperanças que distraem a alma de praticar a virtude sólida, a loucura de perseguir avarentamente uma multiplicidade de devoções e a vã complacência na vontade de Deus consolações

## 3. Fé

Sermão da quinta-feira depois do primeiro domingo da Quaresma, 17 de fevereiro de 1622, sobre a fé como adesão do entendimento às verdades reveladas por Deus ou pela Igreja, fé viva que produz o fruto das boas obras versus fé morta ou moribunda, vigilante, fé penetrante versus fé adormecida, a

prudência sobrenatural que acompanha a fé vigilante, a fé atenta, a confiança na oração, a perseverança na oração, a paciência na oração e a humildade na oração

#### 4. Felicidade Eterna

Sermão para o segundo domingo da Quaresma, 20 de fevereiro de 1622, sobre nossa incapacidade de compreender a felicidade eterna, a capacidade da alma no céu de usar suas faculdades para entender claramente e amar ardentemente, a alegria da alma nas conversas celestiais com os anjos, santos, Nossa Senhora, Nosso Senhor, e com a Santíssima Trindade, a grande alegria da alma ao recordar-lhe as misericórdias de Nosso Senhor, a sua Paixão e morte, e ao ver o amor do Seu Coração por ela, o grande deleite de cada alma em receber um nome secreto conhecido somente por Deus, o beijo dado por Deus à alma abençoada e a infinitude das alegrias da eternidade

#### 5. Eleição e Reprovação

Sermão da quinta-feira após o segundo domingo da Quaresma (coincidindo com a festa de São Matias), 24 de fevereiro de 1622, sobre o perigo em que vivem todos os cristãos de se recusarem a receber a graça da salvação, o perigo mesmo das almas especialmente favorecidas cair de Deus e ser condenado, por que devemos sempre ter um grande medo da condenação - mesmo na vida religiosa, a avareza do homem rico malvado, dois tipos de avareza e especialmente a de apegar-se ao que possuímos, usando Deus para seu próprio bem. benefício próprio, avareza imaterial, uso de riquezas versus riquezas idolatradas, avareza e traição de Judas, o início da queda espiritual, o temor salutar do pecado, valendo-nos da graça para mortificar nossas más inclinações, a substituição daqueles que falecimento ou defeito do Colégio Apostólico ou da vida religiosa, e a escolha de São Matias para substituir Judas

#### 6. Caridade Mútua

Sermão para o terceiro domingo da Quaresma, 27 de fevereiro de 1622, sobre o mandamento do amor ao próximo de Nosso Senhor, Seu desejo de que sejamos unidos uns aos outros, a relação entre amor a Deus e amor ao próximo, de que maneira o mandamento do amor do próximo é novo, o exemplo de amor ao próximo de Nosso Senhor, a restauração do homem por Nosso Senhor à imagem e semelhança de Deus, vendo e amando Nosso Senhor em nosso próximo, até que ponto devemos amar nosso próximo, como é melhor ser gasto por amor ao próximo do que gastar-nos por ele da maneira que escolhermos, união com Deus e nosso próximo no Santíssimo Sacramento, amor ao próximo como o mandamento que Deus nos enfatiza com mais fervor, e como devemos amar o nosso próximo com o mesmo ardor e constância incomparáveis com que Nosso Senhor nos amou na Cruz

#### 7. Conduta Adequada na Doença

Sermão da quinta-feira depois do terceiro domingo da Quaresma, 3 de março de 1622, sobre a cura da sogra de São Pedro, o celibato de São Pedro, a Comunhão dos Santos, o senhorio de Deus sobre todas as coisas, dois métodos de meditando, a maravilhosa submissão a Deus e a resignação nas mãos de seus superiores da sogra de São Pedro enquanto ela estava doente com febre, ânsia demais em buscar as curas de Deus, as palavras de São Bernardo de que os religiosos não devem se preocupar com as doenças do corpo, a ânsia de procurar remédios para a doença, a admirável submissão à vontade de Deus da sogra de São Pedro e como devemos imitá-la, servindo a saúde da própria saúde para servir a Deus, e a prática da verdadeira pobreza evangélica na hora da doença

#### 8. A Providência Espiritual de Deus

Sermão para o quarto domingo da Quaresma, 6 de março de 1622, sobre o especial cuidado espiritual de Deus com aqueles que se retiraram do mundo para seguir o Salvador no "monte"

da perfeição, como a Providência de Deus é maior na proporção da falta de ansiedade por suas próprias necessidades, como devemos usar diligentemente os meios ordinários para alcançar a perfeição e como, se estes falharem, Deus antes operaria um milagre a nos deixar sem assistência, como Deus prova as almas, ansiedade para se livrar das dores espirituais em vez de confiando em Deus para nos consolar como Ele quer, as virtudes gêmeas de humildade e generosidade, como Nosso Senhor reproduziu os cinco pães e dois peixes, como as almas religiosas devem ser satisfeitas quando Deus lhes dá apenas uma suficiência (ou até menos), e como Deus renovará continuamente os bens espirituais que temos

#### 9. Medo Adequado da Morte

Sermão da quinta-feira após o quarto domingo da Quaresma, 10 de março de 1622, sobre a ressurreição do filho da viúva de Nairn por Nosso Senhor, os motivos de Nosso Senhor para realizar este milagre - e desta maneira, sepultamento no Antigo e no Novo A lei, o poder criador de Deus em ressuscitar os mortos, o erro de alguns filósofos antigos que dizem que não devemos temer a morte, o ensinamento dos santos Padres de que devemos temer a morte sem temê-la, como até as almas santas devem temer a morte, o desejo de São Paulo para a morte e o desejo de morte de Jó, a linguagem secreta do amor, que é bom temer a morte, como esse medo deve ser combinado com a confiança na Providência de Deus, como para morrer bem devemos levar uma boa vida, como devemos diariamente nos lembramos de que morreremos, e como devemos sempre ter em mente a conta que um dia devemos prestar a Deus, e nos manter no estado em que gostaríamos de ser encontrados na morte

#### 10. Ouvindo a Palavra de Deus

Sermão do Domingo da Paixão, 13 de março de 1622, sobre a bondade que deve ser praticada por aqueles que pregam a

palavra de Deus, como devemos estimar a palavra de Deus mesmo que seja ensinada por um pecador, como prova a recusa de uma pessoa em acreditar na palavra de Nosso Senhor a maldade dessa pessoa - não de Nosso Senhor, como todo pecado é resultado da deserção da verdade, como a palavra de Deus é a Verdade, como o pecado de Lúcifer, bem como o de nossos primeiros pais, resultou de uma escolha de vaidade sobre a verdade, como nós devemos permanecer atentos às verdades da fé, nossa falha culposa em viver de acordo com as verdades da palavra de Deus, as disposições com as quais devemos ouvir a palavra de Deus e a insignificância das distrações e secura na parte inferior de nossa alma enquanto a superior parte da alma é devotada e reverente para com a palavra de Deus

#### 11. Humildade e Obediência

Sermão para o Domingo de Ramos, 20 de março de 1622, sobre a perfeição e imperfeição encontradas em todas as criaturas (exceto na Santíssima Virgem) - incluindo os anjos no céu e as vidas dos santos, como devemos tomar nota e tirar proveito das imperfeições em a vida dos santos, como não devemos usar as faltas dos santos para desculpar nossas próprias falhas, a prudência mundana versus a loucura da cruz, a correção fraterna, o jumento e o jumentinho sobre o qual Nosso Senhor entrou em Jerusalém e o que eles representam, A humildade, paciência e submissão de Nosso Senhor, obediência perfeita vs. obediência cheia de prudência mundana, a resposta adequada para fazer às objeções da prudência mundana, a confusão de Nosso Senhor com as máximas do mundo e nossa bem-aventurança em imitá-lo

#### 12. A Paixão de Nosso Senhor e Seu Significado

Sermão para Sexta-feira Santa, 25 de março de 1622, sobre a serpente de bronze que salvou os israelitas, a impecabilidade de Cristo, a maneira pela qual Ele nos redimiou, as duas naturezas de Cristo e nossas três "naturezas", Nosso Senhor

como Salvador, como nossa salvação vem de olhar para nosso Salvador, as sete últimas palavras de Nosso Senhor, Sua oração por perdão para aqueles que O crucificam, Seu perdão do bom ladrão e de São Pedro, e a condenação do mau ladrão e Judas; o perigo da condenação e como devemos temer e esperar, a confiança de Nosso Senhor a Nossa Senhora e a S. abandono de Seu Pai, Sua sede, Sua obediência em permanecer na Cruz e como devemos imitá-Lo, a Cruz como único caminho de salvação, e a entrega perfeita de Nosso Senhor de Si mesmo nas mãos de Seu Pai e como devemos fazer o mesmo, tornando sem reservas

**Os Sermões de  
São Francisco de Sales  
para a Quaresma**

**Volume III  
da Série**

**São Francisco de Sales**

Nihil            Rev. Mons. John H. Dewson Censor Librorum

Obstat:

Imprimatur: Reverendíssimo Robert E. Mulvee Bispo de Wilmington  
Wilmington, Delaware 12 de dezembro de 1986  
Festa de St. Jane Frances de Chantal

Copyright © 1987 pelo Mosteiro de Visitação de Frederick, MD, Inc.

Número do Cartão de Catálogo da Biblioteca do Congresso: 87-50084

Design da capa por Milo Persic, [milo.persic@gmail.com](mailto:milo.persic@gmail.com).

Imagem da capa traseira cortesia de DeSales Resources and Ministries, Inc., Stella Niagara, NY.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.

Livros TAN

Charlotte, Carolina do Norte

[www.TANBooks.com](http://www.TANBooks.com)

1987

Meu conselho é que a partir de agora  
não vivamos mais em nós mesmos, mas que  
no coração, intenção e confiança  
nos alojemos para sempre  
no lado trespassado do Salvador.

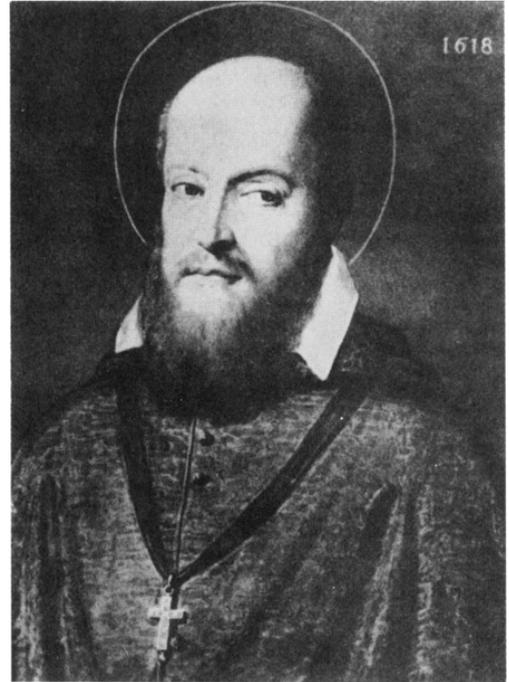
— *São Francisco de Sales*

# Os Sermões de São Francisco de Sales

Volume I Em oração

Volume II Em Nossa Senhora

Volume III Para a Quaresma



São Francisco de Sales  
1567-1622

Bispo, Fundador da Visitação  
e Doutor da Igreja

# ÍNDICE

[Sobre São Francisco de Sales](#)

[Prefácio](#)

[Nota do tradutor](#)

## [1. Jejum](#)

[Sermão da Quarta-feira de Cinzas, 9 de fevereiro de 1622, sobre os frutos espirituais do jejum e as condições que tornam o jejum agradável a Deus: jejuar universalmente, isto é, com todos os sentidos e com o entendimento, a memória e os apetites da vontade; quão completamente os cristãos primitivos jejuavam; jejuar por humildade e não por vaidade, jejuar por obediência e não por vontade própria, seguir os costumes da comunidade em jejuar em vez de procurar ser singular, jejuar apenas para agradar a Deus e não para a estima dos homens, e o mal de submeter os mandamentos de Deus e de nossos superiores a nosso próprio critério humano](#)

## [2. Tentação](#)

[Sermão para o primeiro domingo da Quaresma, 13 de fevereiro de 1622, sobre a universalidade da tentação, o perigo espiritual da ociosidade, a fé como arma principal contra a tentação, almas preguiçosas, confiança presunçosa dos principiantes na força de](#)

seu fervor sensível, apego ao as consolações de Deus, o exemplo de Nosso Senhor ao sofrer a tentação do demônio, a combater as próprias faltas com paciência e perseverança, as vãs esperanças que desviam a alma de praticar a virtude sólida, a loucura de perseguir avarientemente uma multiplicidade de devoções e a vã complacência na vontade de Deus consolações

### 3. Fé

Sermão da quinta-feira depois do primeiro domingo da Quaresma, 17 de fevereiro de 1622, sobre a fé como adesão do entendimento às verdades reveladas por Deus ou pela Igreja, fé viva que produz o fruto das boas obras versus fé morta ou moribunda, vigilante, fé penetrante versus fé adormecida, a prudência sobrenatural que acompanha a fé vigilante, a fé atenta, a confiança na oração, a perseverança na oração, a paciência na oração e a humildade na oração

### 4. Felicidade Eterna

Sermão para o segundo domingo da Quaresma, 20 de fevereiro de 1622, sobre nossa incapacidade de compreender a felicidade eterna, a capacidade da alma no céu de usar suas faculdades para entender claramente e amar ardentemente, a alegria da alma nas conversas celestiais com os anjos, santos, Nossa Senhora, Nosso Senhor, e com a Santíssima Trindade, a grande alegria da alma ao recordar-lhe as misericórdias de Nosso Senhor, a sua Paixão e morte, e ao ver o amor do Seu Coração por ela, o grande deleite de cada alma em receber um nome secreto conhecido somente por Deus, o beijo dado por Deus à alma abençoada e a infinitude das alegrias da eternidade

### 5. Eleição e Reprovação

Sermão da quinta-feira após o segundo domingo da Quaresma (coincidindo com a festa de São Matias), 24 de fevereiro de 1622, sobre o perigo em que vivem todos os cristãos de se recusarem a receber a graça da salvação, o perigo mesmo das almas especialmente favorecidas cair de Deus e ser condenado, por que devemos sempre ter um grande medo da condenação - mesmo na vida religiosa, a avareza do homem rico malvado, dois tipos de avareza e especialmente a de apegar-se ao que possuímos, usando Deus para seu próprio bem. benefício próprio, avareza imaterial, uso de riquezas versus riquezas idolatradas, avareza e traição de Judas, o início da queda espiritual, o temor salutar do pecado, valendo-nos da graça para mortificar nossas más inclinações, a substituição daqueles que falecimento ou defeito do Colégio Apostólico ou da vida religiosa, e a escolha de São Matias para substituir Judas

### 6. Caridade Mútua

Sermão para o terceiro domingo da Quaresma, 27 de fevereiro de 1622, sobre o mandamento do amor ao próximo de Nosso Senhor, Seu desejo de que sejamos unidos uns aos outros, a relação entre amor a Deus e amor ao próximo, de que maneira o mandamento do amor do próximo é novo, o exemplo de amor ao próximo de Nosso Senhor, a restauração do homem por Nosso Senhor à imagem e semelhança de Deus, vendo e amando Nosso Senhor em nosso próximo, até que ponto devemos amar nosso próximo, como é melhor ser gasto por amor ao próximo do que gastar-nos por ele da maneira que escolhemos, união com Deus e nosso próximo no Santíssimo Sacramento, amor ao próximo como o mandamento que Deus nos enfatiza com mais fervor, e como devemos amar o nosso próximo com o mesmo ardor e constância incomparáveis com que Nosso Senhor nos amou na Cruz

#### 7. Conduta Adequada na Doença

Sermão da quinta-feira depois do terceiro domingo da Quaresma, 3 de março de 1622, sobre a cura da sogra de São Pedro, o celibato de São Pedro, a Comunhão dos Santos, o senhorio de Deus sobre todas as coisas, dois métodos de meditando, a maravilhosa submissão a Deus e a resignação nas mãos de seus superiores da sogra de São Pedro enquanto ela estava doente com febre, ânsia demais em buscar as curas de Deus, as palavras de São Bernardo de que os religiosos não devem se preocupar com as doenças do corpo, a ânsia de procurar remédios para a doença, a admirável submissão à vontade de Deus da sogra de São Pedro e como devemos imitá-la, servindo a saúde da própria saúde para servir a Deus, e a prática da verdadeira pobreza evangélica na hora da doença

#### 8. A Providência Espiritual de Deus

Sermão para o quarto domingo da Quaresma, 6 de março de 1622, sobre o especial cuidado espiritual de Deus com aqueles que se retiraram do mundo para seguir o Salvador no "monte" da perfeição, como a Providência de Deus é maior na proporção da falta de ansiedade por suas próprias necessidades, como devemos usar diligentemente os meios ordinários para alcançar a perfeição e como, se estes falharem, Deus antes operaria um milagre a nos deixar sem assistência, como Deus prova as almas, ansiedade para se livrar das dores espirituais em vez de confiando em Deus para nos consolar como Ele quer, as virtudes gêmeas de humildade e generosidade, como Nosso Senhor reproduziu os cinco pães e dois peixes, como as almas religiosas devem ser satisfeitas quando Deus lhes dá apenas uma suficiência (ou até menos), e como Deus renovará continuamente os bens espirituais que temos

#### 9. Medo Adequado da Morte

Sermão da quinta-feira após o quarto domingo da Quaresma, 10 de março de 1622, sobre a ressurreição do filho da viúva de Nairn por Nosso Senhor, os motivos de Nosso Senhor para realizar este milagre - e desta maneira, sepultamento no Antigo e no Novo A lei, o poder criador de Deus em ressuscitar os mortos, o erro de alguns filósofos antigos que dizem que não devemos temer a morte, o ensinamento dos santos Padres de que devemos temer a morte sem temê-la, como até as almas santas devem temer a morte, o desejo de São Paulo para a morte e o desejo de morte de Jó, a linguagem secreta do amor, que é bom temer a morte, como esse medo deve ser combinado com a confiança na Providência de Deus, como para morrer bem devemos levar uma boa vida, como devemos diariamente nos lembramos de que morreremos, e como devemos sempre ter em mente a conta que um dia devemos prestar a Deus, e nos manter no estado em que gostaríamos de ser encontrados na morte

#### 10. Ouvindo a Palavra de Deus

Sermão do Domingo da Paixão, 13 de março de 1622, sobre a bondade que deve ser praticada por aqueles que pregam a palavra de Deus, como devemos estimar a palavra de Deus mesmo que seja ensinada por um pecador, como prova a recusa de uma pessoa em acreditar na palavra de Nosso Senhor a maldade dessa pessoa - não de Nosso Senhor, como todo pecado é resultado da deserção da verdade, como a palavra de Deus é a Verdade, como o pecado de Lúcifer, bem como o de nossos primeiros pais, resultou de uma escolha de vaidade sobre a verdade, como nós devemos permanecer atentos às verdades da fé, nossa falha culposa em viver de acordo com as verdades da palavra de Deus, as disposições com as quais devemos ouvir a palavra de Deus e a insignificância das distrações e segura na parte inferior de nossa alma enquanto a superior parte da alma é devotada e reverente para com a palavra de Deus

#### 11. Humildade e Obediência

Sermão para o Domingo de Ramos, 20 de março de 1622, sobre a perfeição e imperfeição encontradas em todas as criaturas (exceto na Santíssima Virgem) - incluindo os anjos no céu e as vidas dos santos, como devemos tomar nota e tirar proveito das imperfeições em a vida dos santos, como não devemos usar as faltas dos santos para desculpar nossas próprias falhas, a prudência mundana versus a loucura da cruz, a correção fraterna, o jumento e o jumentinho sobre o qual Nosso Senhor entrou em Jerusalém e o que eles representam, A humildade, paciência e submissão de Nosso Senhor, obediência perfeita vs. obediência cheia de prudência mundana, a resposta adequada para fazer às objeções da prudência mundana, a confusão de Nosso Senhor com as máximas do mundo e nossa bem-aventurança em imitá-lo

## 12. A Paixão de Nosso Senhor e Seu Significado

Sermão para Sexta-feira Santa, 25 de março de 1622, sobre a serpente de bronze que salvou os israelitas, a impecabilidade de Cristo, a maneira pela qual Ele nos redimiu, as duas naturezas de Cristo e nossas três "naturezas", Nosso Senhor como Salvador, como nossa salvação vem de olhar para nosso Salvador, as sete últimas palavras de Nosso Senhor, Sua oração por perdão para aqueles que O crucificam, Seu perdão do bom ladrão e de São Pedro, e a condenação do mau ladrão e Judas; o perigo da condenação e como devemos temer e esperar, a confiança de Nosso Senhor a Nossa Senhora e a S. abandono de Seu Pai, Sua sede, Sua obediência em permanecer na Cruz e como devemos imitá-Lo, a Cruz como único caminho de salvação, e a entrega perfeita de Nosso Senhor de Si mesmo nas mãos de Seu Pai e como devemos fazer o mesmo, tornando sem reservas

## **SOBRE SÃO FRANCISCO DE SALES**

São Francisco de Sales, o santo bispo, fundador e doutor da Igreja, é conhecido em toda a Igreja por sua grande santidade, erudição, conhecimento teológico, gentileza e compreensão da alma humana. Através desses dons maravilhosos ele converteu e guiou inúmeras almas a Deus durante sua própria vida, e reconverteu 70.000 do calvinismo. Ele continua a dirigir muitas almas através de seus escritos espirituais e sermões publicados. Hoje São Francisco de Sales é conhecido como uma das grandes figuras da Contra-Reforma católica e do renascimento da vida mística católica no século XVII.

São Francisco nasceu em 1567 no castelo pertencente à família de Sales em Thorens, Savoy, localizado no que hoje é o sudeste da França. Sua mãe, Françoise, tinha apenas 14 anos quando Francis, seu primogênito, veio ao mundo. Esta maternidade era perigosa, o trabalho de parto era longo e difícil, e admirava-se que mãe e filho não morressem. É mais notável que um mês antes do nascimento, Françoise havia consagrado seu filho ainda não nascido a Nosso Senhor na presença do Santo Sudário, que naquela época era guardado na Sainte Chapelle em Chambéry, França.

Mais tarde, Francisco teria uma grande devoção ao Santo Sudário, porque sua mãe havia sido entregue muito melhor do que o esperado pela veneração desta relíquia sagrada. Ele considerava o Sudário o escudo e a maior relíquia de seu país. Era seu quadro devocional

favorito, e ele mandou pintar, gravar e bordar inúmeras imagens, colocando-as em seu quarto, capela, oratório, escritório, salas de recepção e breviário. São Francisco de Sales escreveu que sua devoção ao Santo Sudário se devia ao fato de que "minha mãe, quando eu ainda estava em seu ventre, me dedicou a Nosso Senhor diante desta santa bandeira da salvação".

À medida que envelhecia, São Francisco de Sales estudou literatura, direito, filosofia e teologia em Paris e Pádua. Ao terminar seus estudos, ele recebeu um doutorado em direito civil e canônico. Embora pudesse ter tido uma brilhante carreira secular, dedicou sua alma a seguir o chamado de Deus ao sacerdócio e foi ordenado em 1593 aos 26 anos. Foi consagrado bispo de Genebra aos 35 anos e permaneceria bispo de Genebra pelos restantes 20 anos de sua vida. Alguns anos depois que São Francisco de Sales assumiu o comando de Genebra, o rei Henrique IV sugeriu-lhe a possibilidade de uma transferência para uma diocese com vantagens mais mundanas; o santo respondeu com palavras que logo ficaram famosas em toda Paris: "Senhor, casei-me com uma mulher pobre e não posso trocá-la por uma mais rica".

Pouco depois de se tornar bispo, São Francisco conheceu Santa Joana Frances de Chantal, viúva; entre estes dois santos cresceu uma profunda amizade espiritual. São Francisco tornou-se o diretor espiritual de Jane Frances e, com ela, fundou em 1610 a ordem religiosa de freiras conhecida como Ordem da Visitação, ou as Visitandinas.

Ambos os santos amavam o Coração de Jesus e conceberam este Coração como o tesouro particular confiado às monjas da Visitação. É muito notável que 60 anos antes das grandes revelações do Sagrado Coração de Jesus à Visitandina Santa Margarida Maria Alacoque (1673-1675), São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal tivessem falado muitas vezes aos seus filhas deste amor sagrado. São Francisco de Sales afirmou que as Visitandinas que seguissem a Regra receberiam o privilégio de ostentar o título de "Filhas do Sagrado Coração de Jesus", e deu a este instituto, como brasão, o Coração de

Jesus coroado de espinhos. Os religiosos usam este emblema estampado em suas cruzes peitorais.

Embora a devoção ao Coração de Jesus fosse muito pouco conhecida nessa época, Deus estava atraindo essas duas almas para preparar a Visitação como um santuário sagrado para receber as famosas revelações por vir. Além disso, os anais da Ordem mostram que vários Visitandinos experimentaram atrações espirituais e até favores místicos do Coração de Jesus. Então, anos depois, com Suas revelações a Santa Margarida Maria na Visitação de Paray-le-Monial, Deus chamou esta ordem para compartilhar com toda a Igreja aquele dom precioso que havia sido sua própria porção especial.

Entre os papéis particulares de São Francisco de Sales recolhidos após sua morte por Santa Joana Francisca de Chantal, há muitas referências marcantes ao chamado especial da Visitação de habitar no Coração de Jesus e amar e imitar as duas virtudes especiais de Seu Coração , mansidão e humildade. "Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração." Também em seus sermões, São Francisco faz referência ao Coração de nosso Salvador e à chaga sagrada em seu lado. Com a sabedoria da retrospectiva, o leitor pode ver como Deus em Sua Providência escolheu São Francisco de Sales para ser, por assim dizer, seu "precursor", um preparador de corações em antecipação à grande revelação vindoura de seu próprio Divino Coração .

O santo bispo deixou a descrição de uma ocasião em 1613, a festa do Santo Sudário, quando foi convidado a ser um dos preladados que expôs a santa relíquia à veneração dos fiéis. (Ele havia sido transferido para Turim, Itália, em 1578.) Em uma carta a Santa Jane Frances de Chantal, ele escreveu: "Há um ano, por volta desta hora do dia, eu estava em Turim, exibindo o Santo Sudário no No meio de uma grande multidão, várias gotas de suor, caindo do meu rosto, caíram sobre o próprio Santo Sudário, e então, dentro do meu coração, proferi esta oração: 'Ó Salvador da minha vida, digna-se a misturar meu indigno suor com o Teu e infundir em meu sangue, minha vida e minhas afeições os méritos desta umidade sagrada.' Minha querida mãe, o príncipe cardeal se enfureceu porque meu suor caiu sobre o Santo

Sudário, mas veio-me à mente dizer-lhe que nosso Salvador não era tão sensível e que Ele apenas derramou seu próprio suor e sangue para se misturar eles com os nossos, para lhes dar o preço da vida eterna. E assim os nossos suspiros se unam aos dele, para que subam diante do Pai Eterno como a fumaça do incenso aromático."

Como diretor espiritual, São Francisco de Sales foi por algum tempo o confessor da Beata Maria da Encarnação (Madame Barbe Acarie). Esta santa mulher era esposa, mãe de seis filhos, anfitriã parisiense, mística e fundadora de cinco conventos carmelitas.

São Francisco de Sales escreveu duas das maiores obras-primas católicas sobre a vida espiritual: a *Introdução à Vida Devota* e o *Tratado do Amor de Deus*. O primeiro mostra como a santidade é possível para todas as pessoas em estado de graça, incluindo as pessoas que vivem no mundo. Este livro foi um best-seller no século 17 e ainda é popular hoje. O *Tratado do Amor de Deus* cobre todos os aspectos da virtude da caridade, o amor sobrenatural de Deus. Os panfletos de São Francisco de Sales contra a heresia calvinista foram reunidos em um livro e receberam o título de *Controvérsias*. Os argumentos apresentados neste livro são tão irresponsáveis hoje como quando foram escritos. Por causa de seus escritos, São Francisco de Sales tornou-se o patrono dos escritores e jornalistas; ele também foi designado santo padroeiro da imprensa católica.

São Francisco de Sales morreu aos 55 anos, no ano de 1622. Sua beatificação, que ocorreu no mesmo ano de sua morte, foi a primeira beatificação formal realizada na Basílica de São Pedro. Foi canonizado em 1665 e declarado Doutor da Igreja Universal pelo Papa Pio IX em 1877. Com esta declaração a Igreja apresentou os ensinamentos de São Francisco de Sales a todos os fiéis como um guia seguro para a verdadeira doutrina católica e o caminhos da vida espiritual - um guia seguro para o Céu.

## **PREFÁCIO**

Enquanto Bispo de Genebra, São Francisco de Sales era requisitado como pregador dentro e fora de sua diocese. Como resultado, quatro volumes de Sermões dos 26 volumes que compõem a edição de Annecy de suas obras são testemunho escrito da maneira como ele respondeu a esses pedidos e da seriedade com que encarava seu dever como bispo de pregar o Evangelho de Cristo. Esses sermões, compilados a partir de notas de trabalho do próprio santo, textos de sermões e fragmentos, cobrem todos os aspectos do ano litúrgico, bem como ocorrências associadas na vida comunitária da Ordem da Visitação, que ele cofundou com Santa Joana de Chantal .

Como jovem padre e pregador, São Francisco foi consumido por um desejo ardente de proclamar o amor de Deus a todas as pessoas, independentemente de classe social ou distinção intelectual. Por isso, ele escolheu na pregação adotar a homilia como seu estilo, há muito fora de moda em sua época. A partir de sua experiência em ouvir os oradores populares das igrejas de Paris, São Francisco viu que, para ser um pregador eficaz, ele teria que falar de uma maneira que as pessoas pudessem entender claramente, desprovidas dos costumeiros artifícios retóricos elaborados e aparentemente intermináveis. Citações latinas e gregas. Ao usar a forma de pregação da homilia, São Francisco pôde chegar a todos de maneira simples e direta. No entanto, ao fazê-lo, ele arriscou sua reputação e até provocou as seguintes críticas de seu pai:

Reitor, você prega com muita frequência; Eu ouço o sino tocar para os sermões mesmo durante a semana. Na minha época não era assim, as pregações eram muito mais raras; mas que pregações, Deus sabe! Eram eruditos, bem pensados; mais latim e grego foram citados em um do que você cita em dez; todos foram arrebatados e edificados; as pessoas costumavam ir aos sermões em multidões. Agora que você tornou a pregação tão comum, isso não vai mais acontecer e ninguém vai pensar muito em você!

Pelo contrário, a experiência provou que foi esta forma íntima e familiar de pregar "do coração" que fortaleceu a fé do crente, fez com que muitos retornassem à Igreja e distinguiu São Francisco como um pregador notável. Mais tarde na vida, ele aconselharia um pregador a resistir à preocupação com a forma e se esforçar para ter uma "conversa de coração a coração" com o ouvinte, na qual o próprio amor seria a forma e o próprio amor garantiria os resultados:

Eu não gostaria que as pessoas dissessem no final de um sermão: "Que grande orador ele é!" "Que memória maravilhosa ele tem!" "Como ele é instruído!" "Como ele fala bem!"... Eu preferiria que o ouvinte cujo coração foi tocado testemunhasse o poder do pregador apenas por uma emenda de vida.

Quando São Francisco se tornou bispo em 1602, esse estilo simples praticado quando jovem sacerdote, juntamente com sua crescente popularidade como diretor espiritual e escritor, garantiu-lhe uma audiência e serviu como um meio eficaz de levar Cristo às pessoas e as pessoas a Cristo!

O Concílio de Trento havia ensinado que era o principal dever do bispo pregar. Como bispo, São Francisco prometeu cumprir esta tarefa escrupulosamente sempre que solicitado. Quando seu próprio irmão reclamou que outros deveres episcopais dificultavam sua aceitação de compromissos de pregação, São Francisco o lembrou de seu dever e enfatizou que a pregação deve ser acessível a todos:

Você agora é um bispo e esta é a hora de você aprender a que esse título nos liga. Não devemos ser como aqueles pequenos pingos de água que brotam das rochas artificiais no jardim dos grandes e aos quais mal ousamos nos aproximar. Essa água é retirada apenas em taças de prata ou taças de cristal, e muito pouco de cada vez, por medo de perturbar ou impedir o fluxo. Para cumprir nosso ofício, devemos ser como as grandes e abertas fontes das quais a água é retirada em abundância, não apenas para os homens, mas também, e ainda mais frequentemente, pelos animais - tudo, até as cobras, tendo livre uso. . . Nunca devemos repelir ninguém, mesmo que nossa paz e conforto tenham que sofrer um pouco.

Por mais importante que a pregação dos outros possa ser, São Francisco estava convencido de que o bispo *em sua pessoa* tinha um poder especial para inspirar outros através de sua pregação:

É maravilhoso o grande poder que a pregação de um bispo tem em comparação com a de outros pregadores. . . Abundantes como são os riachos, as pessoas gostam de beber da própria fonte.

Os Sermões da Quaresma de São Francisco de Sales oferecem uma rara oportunidade de testemunhar sua dedicação como bispo ao seu dever de pregar, seu estilo homilético único na apresentação das verdades teológicas, e o amor e a devoção que inspiraram e deram força às suas palavras.

No século XVII, a tradição fazia da Quaresma um momento especial no ano da Igreja, quando um bispo era convidado por outro bispo ou nobre para pregar uma série de sermões ao povo de uma diocese ou região. Nos anos de seu episcopado, São Francisco teve a oportunidade de pregar quase 20 dessas séries quaresmais, permitindo-lhe tocar uma ampla gama de pessoas de todas as esferas da vida e status social. Foi exatamente nesse compromisso de pregação quaresmal (1603) que ele encontrou pela primeira vez Madame de Chantal, com quem compartilharia uma profunda amizade espiritual. Um biógrafo descreveu o sucesso de seus sermões quaresmais:

Ele falou em seu coração com Deus e, portanto, foi capaz de falar de seu coração para o coração de todos que o ouvissem.

Em sua famosa carta, *Sobre o Pregador e a Pregação*, São Francisco expressou a convicção que foi a fonte de sua eficácia:

Nossas palavras devem ser inflamadas não por gritos e gestos desenfreados, mas por afeto interior. Eles devem sair do nosso coração e não da nossa boca. Devemos falar bem, mas o coração fala ao coração, e a língua fala apenas aos ouvidos das pessoas.

A "conversação de coração a coração no amor" mostrada na própria pregação de São Francisco encontrou seu início lógico e alimento na Eucaristia, o Sacramento do Amor. Na Presença Viva de Cristo, ele poderia reacender a intenção divina na pregação, lembrando o próprio propósito de Cristo: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância!" E através deste encontro pessoal com Cristo eucarístico, ele também ganhou inspiração e orientação para realizar essa intenção em si mesmo e naqueles que o ouviriam. A série quaresmal de sermões pregados em Chambéry (1606) atestou que sua santidade pessoal era a base de sua eficácia como pregador.

Em uma carta, São Francisco contou que teve um começo pouco promissor e comoveu muito poucos dos que o ouviram. O que atraía o coração de seus ouvintes era interno à sua pessoa. Para intimidar o bispo, o Senado de Chambéry emitiu publicamente uma ameaça sobre sua propriedade, uma ameaça que ele enfrentou com coragem cristã. Sua paciência e caridade no assunto excitaram tanto a imaginação das pessoas que as igrejas ficaram cheias de seus sermões. O carisma de sua santidade pessoal derrubou todas as resistências, como comenta um biógrafo:

A tradição diz que o contraste entre a humildade e a doçura evidentes no bispo de Genebra e as características atribuídas aos bispos católicos pela lenda calvinista derrubou o preconceito que era a defesa mais segura contra seu gênio de persuasão. . . a integridade pessoal de Francisco de Sales sendo inatacável, e sua

paciência sob suspeita, aprofundou a impressão de sua vida pessoal em seus contemporâneos.

São Francisco afirmou ainda mais simplesmente: "Amar bem é suficiente para falar bem!" Além deste ponto, a história também ilustra que a disposição do ouvinte é igualmente essencial na comunicação "coração a coração" na qual São Francisco baseou sua pregação.

Um escritor contemporâneo insistiu com precisão que "Mais da metade de todo sermão bem-sucedido é pregado pela congregação". De acordo com um incidente que se diz ter ocorrido durante a série quaresmal pregada em Annecy, São Francisco concordou plenamente.

O santo tinha o hábito de fazer uma pausa no início de um sermão e olhar a assembléia à sua frente por alguns momentos de silêncio. Um membro do capítulo da catedral aventurou-se a perguntar-lhe o que significava o seu silêncio. "Saúdo o anjo da guarda de cada um da minha audiência", respondeu ele, "e imploro-lhe que prepare o coração sob seus cuidados para minhas palavras. Grandes favores chegaram a mim por este meio."

A julgar por sua popularidade como pregador, a oração de São Francisco por sua congregação trouxe o resultado desejado - ou seja, que o coração de seu ouvinte ficou "mais animado" e "ganhou força e vigor", o que foi visto em uma emenda de vida. A "conversação de coração a coração" da homilia, pregador e ouvinte, deu assim fruto por causa da união efetuada pelo Amor de Cristo.

Os sermões quaresmais que se seguem, traduzidos pelas Irmãs da Visitação e editados pelo Pe. Lewis Fiorelli, OSFS, obviamente foram feitos para serem ouvidos, não lidos. Portanto, uma grande parte da pregação "coração a coração" de São Francisco, que os tornou tão eficazes, é inegável e lamentavelmente ausente. No entanto, o fato de que esses sermões resultem do esforço amoroso de pessoas que vivem intimamente o espírito de São Francisco de Sales, como seus filhos e filhas espirituais, pode ser percebido como algo que vem de seu próprio

coração. Se não fosse por seu trabalho de amor, muito poucos teriam essa oportunidade de experimentar o carisma pessoal do santo.

Como observado, as disposições do leitor são igualmente importantes se o lucro espiritual originalmente pretendido pelo autor deve ser obtido por meio desses sermões. A ênfase do Concílio Vaticano II na pregação, em particular na homilia, refletida no ensinamento e na prática do santo, deve, à sua maneira, levar a uma receptividade no coração do leitor.

Embora a seleção dos sermões da Quaresma se destinasse a religiosos enclausurados, sua mensagem é igualmente valiosa para o leitor leigo, que tem apenas que usar seu julgamento para fazer a aplicação de acordo com seu estado de vida. De fato, o leitor leigo tem a rara oportunidade de aproveitar o conselho paterno de São Francisco de Sales, que revela seu "coração secreto" no ambiente informal do convento e jardim de suas filhas espirituais. As virtudes encorajadas para os religiosos também são exigidas para os leigos, se ambos, a seu modo, responderem generosamente ao Chamado Universal à Santidade do Concílio. Outras razões de disposição devem ser deixadas ao interesse pessoal. No entanto, ao aproximar-se desses sermões, o leitor pode com fé proceder com a certeza de que o coração já foi conduzido unicamente a uma postura benéfica através da família de São Francisco de Sales, que, a exemplo do santo, ofereceu preparação através da oração! VIVA + JESUS!

Rev. John A. Abruzzese, STD  
Secretaria do Sínodo dos Bispos  
Estado da Cidade do Vaticano

## NOTA DO TRADUTOR

Os doze sermões para a Quaresma contidos neste livro foram traduzidos de *Oeuvres de São Francisco de Sales*, vol. X (Annecy: Niérat, 1892-1964).

O primeiro volume desta série, *Sermões de São Francisco de Sales sobre a Oração*, inclui uma Introdução sobre as origens e o valor dos sermões, que também foi retirada da edição de Annecy.



*Studio Fotografica Nazionale, Fratelli Dutto*

O Santo Sudário, o lençol de sepultamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, mostrando o grande fluxo de sangue de Seu lado direito perfurado – veja a área branca à esquerda. *(Agradecimentos ao Padre Peter Rinaldi, SDB pela obtenção desta bela fotografia.)*

*"O que faremos, o que nos tornaremos, eu te pergunto, quando no Céu, pela Sagrada Chaga de Seu lado, percebermos aquele Coração adorável e amável de nosso Mestre, inflamado de amor por nós - aquele Coração onde verá cada um dos nossos nomes escritos em letras de amor!"*

—St. Francisco de Sales

## JEJUM

*Sermão da Quarta-feira de Cinzas, 9 de fevereiro de 1622, sobre os frutos espirituais do jejum e as condições que tornam o jejum agradável a Deus: jejuar universalmente, isto é, com todos os sentidos e com o entendimento, a memória e os apetites da vontade; como os cristãos primitivos jejuavam completamente, jejuando por humildade e não por vaidade, jejuando por obediência e não por vontade própria, seguindo os costumes da comunidade em jejuar em vez de procurar ser singular, jejuando apenas para agradar a Deus e não para a estima dos homens e o mal de submeter os mandamentos de Deus e nossos superiores à nossa própria discricção humana .*

Estes primeiros quatro dias do tempo santo da Quaresma servem de prefácio para indicar a preparação que devemos fazer para passar bem a Quaresma e nos dispormos a jejuar bem. Por isso pensei em falar-vos, nesta exortação, das condições que tornam o jejum bom e meritório. Falarei com a maior brevidade e familiaridade possível, não só hoje, mas nos discursos que vos dirigirei todas as quintas-feiras desta Quaresma. Tudo será tão simples e adequado para seus corações quanto eu puder fazê-los.

Para tratar do jejum e do que é necessário para jejuar bem, devemos, de início, entender que o jejum por si só não é uma virtude. Os bons e os maus, assim como os cristãos e os pagãos, o observam. Os antigos filósofos o observaram e o recomendaram. Não eram virtuosos por isso, nem praticavam a virtude no jejum. Oh, não, o jejum só é uma virtude quando acompanhado de condições que o tornam agradável a Deus. Assim acontece que a uns beneficia e não a outros, porque não é realizado por todos da mesma maneira.

Encontramos algumas pessoas que pensam que para jejuar bem durante a época santa da Quaresma basta abster-se de comer alguns alimentos proibidos. Mas este pensamento é demasiado grosseiro para entrar no coração dos religiosos, pois é a vós que falo, assim como às pessoas dedicadas a Nosso Senhor. Sabemos muito bem que não basta jejuar exteriormente se não jejuarmos também interiormente e se não acompanharmos o jejum do corpo com o do espírito.

É por isso que nosso Divino Mestre, que instituiu o jejum, desejou muito em Seu Sermão da Montanha ensinar a Seus Apóstolos como deve ser praticado [ *Mt.* 6:16-18], que é uma questão de grande proveito e utilidade (pois não seria conveniente para a grandeza e majestade de Deus ensinar uma doutrina inútil. Isso não poderia ser.). Ele sabia que para extrair força e eficácia do jejum, é necessário algo mais do que a abstinência de alimentos proibidos. Assim Ele os instruiu e, conseqüentemente, os dispôs a colher os frutos próprios do jejum. Entre muitos outros estão estes quatro: o jejum fortifica o espírito, mortifica a carne e sua sensualidade; eleva o espírito a Deus; combate a concupiscência e dá poder para vencer e amortecer suas paixões; em suma, dispõe o coração a procurar agradar somente a Deus com grande pureza de coração.

Será muito útil dizer claramente o que deve ser feito para jejuar bem nestes quarenta dias. Pois, embora todos sejam obrigados a conhecê-lo e praticá-lo, os religiosos e as pessoas dedicadas a Nosso Senhor estão mais particularmente obrigados a isso. Agora, entre todas as condições exigidas para jejuar bem, selecionarei três principais e falarei familiarmente sobre elas.

A primeira condição é que devemos jejuar de todo o coração, isto é, de boa vontade, de todo o coração, universal e inteiramente. Se eu contar a você as palavras de São Bernardo sobre o jejum, você saberá não apenas por que ele é instituído, mas também como deve ser mantido.

Ele diz que o jejum foi instituído por Nosso Senhor como remédio para nossa boca, para nossa gourmandização e para nossa gula. Como o pecado entrou no mundo pela boca, a boca deve fazer penitência, sendo privada de alimentos proibidos e proibidos pela Igreja, abstendo-se deles pelo espaço de quarenta dias. Mas este glorioso santo acrescenta que, como não foi apenas nossa boca que pecou, mas também todos os nossos outros sentidos, nosso jejum deve ser geral e completo, ou seja, todos os membros do nosso corpo devem jejuar. Pois se ofendemos a Deus pelos olhos, pelos ouvidos, pela língua e por nossos outros sentidos, por que não devemos fazê-los jejuar também? E não apenas devemos tornar rápidos os sentidos do corpo, mas também as potências e paixões da alma – sim, até mesmo o entendimento, a memória e a vontade, pois pecamos tanto pelo corpo quanto pelo espírito.

Quantos pecados entraram na alma pelos olhos, como indica a Sagrada Escritura? [ *1 Jo . 2:16*]. É por isso que eles devem jejuar mantendo-os abaixados e não permitindo que olhem para objetos frívolos e ilegais; os ouvidos, ao privá-los de ouvir conversas vãs que servem apenas para encher a mente de imagens mundanas; a língua, não falando palavras vãs e que cheiram ao mundo ou às coisas do mundo. Devemos também eliminar os pensamentos inúteis, assim como as lembranças vãs e os apetites e desejos supérfluos de nossa vontade. Em suma, devemos controlar todas as coisas que nos impedem de amar ou cuidar do Bem Soberano. Desta forma, o jejum interior acompanha o jejum exterior.

É isso que a Igreja quer significar neste tempo santo da Quaresma, ensinando-nos a fazer rápidos os olhos, os ouvidos e a língua. Por isso ela omite todos os cantos harmoniosos para mortificar a audição; ela não diz mais *Aleluia* , e se veste completamente de cores sombrias e

escuras. E neste primeiro dia ela se dirige a nós com estas palavras: Lembra-te, homem, que tu és pó, e ao pó voltarás [ *Gn . 3:19*], como se quisesse dizer: "Oh homem, pare neste momento todas as alegrias e alegrias, todas as reflexões alegres e agradáveis, e encha sua memória com pensamentos amargos, duros e tristes. mente rapidamente junto com seu corpo."

Assim também nos ensinaram os cristãos da Igreja primitiva quando, para passar melhor a Quaresma, se privaram neste momento das conversas ordinárias com os amigos, e se retiraram para a grande solidão e para lugares afastados da comunicação com as pessoas. Pela mesma razão, os antigos Padres e os cristãos do ano 400 ou mais foram tão cuidadosos em passar bem esses quarenta dias que não se contentaram em abster-se de carnes proibidas, mas até mesmo de ovos, peixe, leite e manteiga, e vivia apenas de ervas e raízes. E não contentes em fazer seus corpos rápidos desta maneira, eles fizeram suas mentes e todos os poderes da alma também rápidos. Eles colocaram panos de saco em suas cabeças para aprender a manter os olhos baixos. Eles espargiram cinzas em suas cabeças em sinal de penitência. Retiraram-se para a solidão para mortificar a língua e a audição, não falando nem ouvindo nada vão e inútil. Naquela época eles praticavam grandes e austeras penitências pelas quais sujeitavam seu corpo e faziam todos os seus membros jejuarem. Eles fizeram tudo isso com total liberdade, nem forçados nem constrangidos. Observe como o jejum deles foi realizado de todo o coração e universalmente; pois eles entenderam muito bem que, como não só a boca pecou, mas também todos os outros sentidos de nossos corpos e poderes de nossa alma, as paixões e apetites estão cheios de iniquidades. É, portanto, razoável que, para tornar nosso jejum completo e meritório, ele seja universal, ou seja, praticado tanto no corpo quanto no espírito. Esta é a primeira condição a ser observada para jejuar bem.

A segunda condição é nunca jejuar por vaidade, mas sempre por humildade. Se nosso jejum não for feito com humildade, não será agradável a Deus. Todos os nossos antigos Padres o declararam, mas particularmente São Tomás, Santo Ambrósio e o grande Santo

Agostinho. São Paulo na epístola que ele escreveu aos Coríntios [ *1 Cor.* 13], que foi lido no domingo passado, declarou as condições necessárias para nos dispormos a jejuar bem durante a Quaresma. Ele nos diz isso: a Quaresma se aproxima. Preparai-vos para jejuar com caridade, pois se o vosso jejum for feito sem ela, será vão e inútil, pois o jejum, como todas as outras boas obras, não agrada a Deus se não for feito na caridade e por caridade. Quando você se disciplina, quando faz longas orações, se não tem caridade, tudo isso não é nada. Mesmo que você deva fazer milagres, se você não tiver caridade, eles não o beneficiarão em nada. De fato, mesmo que você sofra o martírio sem caridade, seu martírio não vale nada e não seria meritório aos olhos da Divina Majestade. Pois todas as obras, pequenas ou grandes, por melhores que sejam em si mesmas, de nada valem e de nada nos aproveitam se não forem feitas na caridade e por meio da caridade.

Digo o mesmo agora: se o seu jejum for sem humildade, de nada valerá e não poderá agradar ao Senhor. Filósofos pagãos jejuaram assim, e seu jejum não foi aceito por Deus. Os pecadores jejuam dessa maneira, mas porque não têm humildade, não lhes serve de nada. Ora, segundo o Apóstolo, tudo o que se faz sem caridade não agrada a Deus; por isso digo da mesma forma, com este grande santo, que se você jejuar sem humildade, seu jejum não tem valor. Pois se você não tem humildade, você não tem caridade, e se você não tem caridade, você também não tem humildade. É quase impossível ter caridade sem ser humilde e ser humilde sem ter caridade. Essas duas virtudes têm tanta afinidade uma com a outra que uma nunca pode existir sem a outra.<sup>1</sup>

Mas o que é jejuar por humildade? Nunca é jejuar por vaidade. Agora, como alguém pode jejuar por vaidade? De acordo com as Escrituras, existem centenas e centenas de maneiras, mas vou me contentar em lhe contar uma delas, pois não é necessário sobrecarregar sua memória com muitas coisas. Jejuar por vaidade é jejuar por vontade própria, pois essa vontade própria não é sem vaidade, ou pelo menos não sem a tentação da vaidade. E o que significa jejuar por vontade própria? É jejuar como se deseja e não como os outros desejam; jejuar da maneira que nos agrada, e não como somos ordenados ou

aconselhados. Você encontrará alguns que desejam jejuar mais do que o necessário, e outros que não desejam jejuar tanto quanto o necessário. O que causa isso, exceto a vaidade e a vontade própria? Tudo o que procede de nós mesmos parece-nos melhor, e é muito mais agradável e fácil para nós do que o que nos é imposto por outro, ainda que este seja mais útil e adequado à nossa perfeição. Isso é natural para nós e nasce do grande amor que temos por nós mesmos.

Deixe cada um de nós examinar sua consciência e descobriremos que tudo o que vem de nós mesmos, de nosso próprio julgamento, escolha e eleição, é estimado e amado muito melhor do que o que vem de outro. Temos nele uma certa complacência que nos torna fáceis as coisas mais árduas e difíceis, e essa complacência é quase sempre vaidade. Você encontrará aqueles que desejam jejuar todos os sábados do ano, mas não durante a Quaresma.<sup>2</sup> Eles desejam jejuar em honra de Nossa Senhora e não em honra de Nosso Senhor. Como se Nosso Senhor e Nossa Senhora não considerassem a honra dada a um como dada ao outro, e como se honrando o Filho com jejuns feitos por sua intenção, não agradasse à Mãe, ou que honrando a Virgem não agradou ao Salvador! Que loucura! Mas veja como é humano: porque o jejum que essas pessoas se impõem no sábado em honra de nossa gloriosa Senhora vem de sua própria vontade e escolha, parece-lhes que deveria ser mais santo e que deveria levá-los a uma perfeição muito maior do que o jejum da Quaresma, que é ordenado. Essas pessoas não jejuam como deveriam, mas como querem.

Há outros que desejam jejuar mais do que deveriam, e com estes se tem mais problemas do que com o primeiro grupo. Sobre este assunto o grande Apóstolo reclama [ *Rom . 14:1-6* ], dizendo que nos encontramos diante de dois grupos de pessoas. Alguns não desejam jejuar tanto quanto deveriam e não podem se satisfazer com a comida permitida (é o que ainda hoje fazem muitas pessoas mundanas que alegam mil razões sobre esse assunto; mas não estou aqui para falar dessas coisas, pois é aos religiosos que me dirijo). Os outros, diz São Paulo, desejam jejuar mais do que o necessário. É com estes que temos mais problemas. Podemos mostrar fácil e claramente ao primeiro que

eles transgridem a lei de Deus, e que ao não jejuar tanto quanto deveriam, enquanto podem fazê-lo, transgridem os mandamentos do Senhor. Mas temos mais dificuldade com os fracos e enfermos que não são fortes o suficiente para jejuar. Eles não ouvem a razão, nem podem ser persuadidos de que não estão vinculados a ela [a lei do jejum], e apesar de todas as nossas razões, insistem em jejuar mais do que o necessário, não querendo usar a comida que lhes pedimos. Essas pessoas não jejuam por humildade, mas por vaidade. Eles não reconhecem que, sendo fracos e enfermos, fariam muito mais por Deus não jejuando por ordem de outro e usando o alimento que lhes foi ordenado, do que desejando abster-se por vontade própria. Pois embora, por causa de sua fraqueza, sua boca não possa abster-se, eles devem fazer os outros sentidos do corpo rápidos, bem como as paixões e poderes da alma.

Você não deve, diz Nosso Senhor, parecer sombrio e melancólico como os hipócritas quando jejuam para serem louvados pelos homens e estimados como grandes abstêmios.<sup>3</sup> [ *Mat . 6:16-18*]. Mas que o seu jejum seja feito em segredo; portanto, lave o rosto, unja a cabeça, e seu Pai celestial, que vê o que está escondido em seu coração, o recompensará bem. Nosso Divino Mestre não quis dizer com isso que não devemos nos preocupar com a edificação do próximo. Oh, não, pois São Paulo diz [ *Phil . 4:5*]: Seja a vossa modéstia conhecida de todos. Aqueles que jejuam no tempo santo da Quaresma não devem escondê-lo, pois a Igreja ordena esse jejum e deseja que todos saibam que o estamos observando. Não devemos, portanto, negar isso àqueles que esperam de nós para sua edificação, pois somos obrigados a remover toda causa de escândalo para nossos irmãos. Mas quando Nosso Senhor disse: Jejue em segredo, Ele queria que entendêssemos: não faça isso para ser visto ou estimado pelas criaturas; não faça as tuas obras aos olhos dos homens. Cuida de edificá-los bem, mas não para que te considerem santo e virtuoso. Não seja como os hipócritas. Não tente parecer melhor do que os outros praticando mais jejuns e penitências do que eles.

O glorioso Santo Agostinho, na Regra que escreveu para seus religiosos (mais tarde adaptada para religiosos homens), ordena que se siga a comunidade tanto quanto possível, como se quisesse dizer: Não seja mais virtuoso que os outros; não queiras praticar mais jejuns, mais austeridades, mais mortificações do que te são ordenados. Faça apenas o que os outros fazem e o que é ordenado por sua Regra, de acordo com o modo de vida que você segue, e se contente com isso. Pois, embora o jejum e outras penitências sejam boas e louváveis, contudo, se não forem praticados por aqueles com quem você convive, você se destacará e haverá alguma vaidade, ou pelo menos alguma tentação de se estimar acima dos outros. Como eles não fazem o que você faz, você experimenta alguma complacência vã, como se você fosse mais santo do que eles ao fazer essas coisas.

Siga a comunidade então em todas as coisas, disse o grande Santo Agostinho. Que os fortes e robustos comam o que lhes é ordenado, mantendo o jejum e as austeridades que estão marcadas, e que se contentem com isso. Que os fracos e enfermos recebam o que lhes é oferecido por sua enfermidade, sem querer fazer o que os robustos fazem. Que nenhum grupo se divirta olhando para ver o que este come e o que aquele não come, mas que cada um fique satisfeito com o que tem e com o que lhe é dado. Dessa forma, você evitará a vaidade e a particularidade.<sup>4</sup>

Que ninguém introduza aqui exemplos para provar que não há muito errado, afinal, em não seguir a vida comum. Não me diga, por exemplo, que São Paulo, o primeiro eremita, viveu noventa anos em uma gruta sem ouvir a Santa Missa e, portanto, em vez de ir ao Ofício, devo permanecer aposentado e solitário em meu quarto para ter êxtases e arrebatamentos ali. Oh! não cite isso para mim, pois o que São Paulo fez foi feito por uma inspiração particular que Deus deseja que seja admirada, mas não imitada por todos. Deus o inspirou a ir a este retiro tão extraordinário para que os desertos fossem mais estimados, pois naquela época eram desabitados.<sup>5</sup> Mais tarde, eles foram habitados por muitos santos Padres. Não foi, porém, para que todos realmente seguissem o exemplo de São Paulo. Pelo contrário, era

para que ele fosse um espelho e uma maravilha de virtudes, digno de ser admirado, mas não imitado por todos. Também não mencione o exemplo de São Simão Estilita. Ele permaneceu quarenta e quatro anos em uma coluna, fazendo duzentos atos de adoração todos os dias enquanto ajoelhava. Como São Paulo, ele agiu assim por uma inspiração muito especial. Deus quis mostrar nisso um milagre de santidade, como somos chamados e podemos levar neste mundo uma vida toda celestial e angelical.

Admiremos, pois, todas estas coisas, mas não me digas que seria melhor retirar-se à imitação destes grandes santos e não misturar-se com os outros ou fazer o que eles fazem, mas entregar-se a grandes penitências. Ah, não, diz Santo Agostinho, não pareça mais virtuoso que os outros. Contente-se em fazer o que eles fazem. Realize suas boas obras em segredo e não aos olhos dos outros. Não aja como a aranha, que representa o orgulhoso; mas imite a abelha, que é o símbolo da alma humilde. A aranha tece sua teia onde todos podem vê-la, e nunca em segredo. Gira nos pomares, vai de árvore em árvore, nas casas, nas janelas, no chão, enfim, diante dos olhos de todos. Nisso se assemelha aos vaidosos e hipócritas que fazem de tudo para serem vistos e admirados pelos outros. Suas obras são, na verdade, apenas teias de aranha, próprias para serem lançadas no fogo do inferno. Mas as abelhas são mais sábias e prudentes, pois preparam o mel na colméia onde ninguém pode vê-las. Além disso, constroem pequenas celas onde continuam seu trabalho em segredo. Isso representa muito bem a alma humilde, que está sempre fechada em si mesma, sem buscar nenhuma glória ou louvor por suas ações. Em vez disso, ela mantém sua intenção oculta, contentando-se com o fato de Deus ver e saber o que ela faz.

Vou dar-lhe um exemplo disso, mas familiarmente, pois é assim que desejo lidar com você. Trata-se de São Pacômio, esse ilustre Pai dos religiosos, de quem tenho falado muitas vezes. Ele estava caminhando um dia com alguns daqueles bons padres do deserto, conversando sobre assuntos piedosos e devotos. Pois, veja você, esses grandes santos nunca falaram de coisas vãs e inúteis. Toda a conversa deles era sobre coisas boas. Agora, durante esta conferência, um dos religiosos, que

havia feito duas esteiras em um dia, veio esticá-las ao sol na presença de todos esses Padres. Todos o viram, mas nenhum deles se perguntou por que ele fez isso, pois não estavam acostumados a se intrometer nas ações dos outros. Eles acreditavam que seu irmão fazia isso de forma bastante simples e, portanto, não tiraram nenhuma conclusão disso. Não censuravam a ação do outro. Não eram como aqueles que sempre peneiram as ações do vizinho, compondo livros, comentários e interpretações sobre tudo o que veem.

Esses bons religiosos nada se importaram, então, com aquele que estendeu suas duas esteiras. Mas São Pacômio, que era seu superior e a quem cabia unicamente o dever de examinar a intenção que o motivava, começou a considerar um pouco essa ação. E como Deus sempre dá Sua luz a quem O serve, Ele fez saber ao santo que este Irmão era conduzido por um espírito de vaidade e complacência sobre suas duas esteiras, e que ele havia feito isso para que ele e todos os Padres poderia ver o quanto ele havia trabalhado naquele dia.

Veja, esses antigos religiosos ganhavam a vida com o trabalho de suas mãos. Eles eram empregados não no que desejavam ou gostavam, mas sim no que tinham sido ordenados. Exercitavam seus corpos pelo trabalho manual e suas mentes pela oração e meditação, juntando assim a ação à contemplação. Agora, sua ocupação mais comum era a tecelagem de esteiras. Todo mundo era obrigado a fazer um por dia. O Irmão de que estamos falando, tendo feito dois deles, pensou por isso que era melhor que os outros. Por isso veio esticá-los ao sol diante de todos, para que o soubessem. Mas São Pacômio, que tinha o espírito de Deus, o fez jogá-los no fogo e pediu a todos os religiosos que rezassem por aquele que havia trabalhado para o inferno. Em seguida, mandou colocá-lo na prisão por cinco meses como penitência por sua culpa, para servir de exemplo aos outros e ensiná-los a desempenhar suas tarefas com humildade.

Não permitas que o teu jejum se assemelhe ao dos hipócritas, que têm rostos melancólicos e que consideram santos apenas os que estão emaciados. Que loucura! Como se a santidade consistisse em ser magra! Certamente São Tomás de Aquino não era magro; ele era muito forte. E

ainda assim ele era santo. Da mesma forma, há muitos outros que, embora não sejam magros, não deixam de ser servos de Deus muito austeros e excelentes. Mas o mundo, que considera apenas o exterior, considera santos apenas aqueles que são pálidos e abatidos. Considere um pouco este espírito humano: ele leva em conta apenas as aparências e, sendo vaidoso, faz suas obras para ser visto pelos outros. Nosso Senhor lhe diz para não fazer como eles, mas para que seu jejum seja feito em segredo, apenas para os olhos de seu Pai celestial, e Ele o verá e o recompensará.

A terceira condição necessária para jejuar bem é olhar para Deus e fazer tudo para agradá-lo, retraindo-se dentro de nós à imitação de um grande santo, São Gregório Magno, que se retirou para um lugar secreto e afastado onde permaneceu por algum tempo sem que ninguém soubesse onde estava, contentando-se que o Senhor e Seus anjos o soubessem.

Embora todos devam procurar agradar somente a Deus, os religiosos e as pessoas que se dedicam a Ele devem ter um cuidado especial para fazê-lo, vendo somente a Ele, e estando certos de que somente Ele vê suas obras, contentando-se em esperar sua recompensa somente dEle. É isso que Cassiano, aquele grande Pai da vida espiritual, nos ensina tão bem no livro de suas admiráveis Conferências. (Muitos santos o tinham em tal estima que nunca iam para a cama sem ler um capítulo dele para recolher sua mente em Deus.) Ele diz: De que adianta fazer o que você está fazendo para os olhos das criaturas? Nada além de vaidade e complacência, que são boas apenas para o Inferno. Mas se você jejuar e fizer todas as suas obras para agradar somente a Deus, você trabalhará pela eternidade, sem se deliciar consigo mesmo ou se importar se você é visto pelos outros ou não, pois o que você faz não é feito para eles, nem você esperar sua recompensa deles. Devemos jejuar com humildade e verdade, e não com mentira e hipocrisia - isto é, devemos jejuar para Deus e para agradá-lo somente.

Não devemos fazer uso de muita discussão e discernimento para entender por que o jejum é ordenado, seja para todos ou apenas para alguns. Todos sabem que é ordenado em expiação pelo pecado de nosso

primeiro pai, Adão, que pecou ao quebrar o jejum que lhe foi imposto pela proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento. Por isso, nossa boca deve fazer penitência, abstendo-se de alimentos proibidos. Muitos têm dificuldades neste assunto. Mas não estou aqui para me dirigir a eles, muito menos para dizer quem é obrigado a jejuar. Ah não! pois ninguém ignora que as crianças não são obrigadas a jejuar, nem as pessoas de sessenta anos de idade.

Continuemos e vejamos por meio de três exemplos quão perigoso é querer deliberar de todo tipo sobre os mandamentos de Deus ou de nossos superiores. Dois são extraídos da Sagrada Escritura e o outro da Vida de São Pacômio. A primeira é a de Adão, que recebeu de Deus o mandamento de não comer do fruto proibido sob pena de perder a própria vida. A serpente veio e aconselhou Eva a quebrar este mandamento. Ela o ouviu e prevaleceu sobre o marido. Eles discutiram a proibição que lhes foi feita, dizendo: "De fato! ainda que Deus nos tenha ameaçado de morte, certamente não morreremos, pois Ele não nos criou para morrer." Eles comeram e morreram uma morte espiritual. <sup>6</sup>[ *Gên* . 3:1-6].

O segundo exemplo é o de alguns discípulos de Nosso Senhor que, quando O ouviram falar em dar-lhes Sua carne e Seu sangue como comida e bebida, escrutinaram e se perguntaram, e questionaram como alguém poderia comer a carne e beber o sangue de um homem . Mas como eles desejavam tanto deliberar sobre isso, nosso Divino Mestre os rejeitou. [*Jo* . 6:61-67].

O terceiro exemplo é tirado da Vida de São Pacômio. Ao sair um dia de seu mosteiro para algum caso que tinha na grande abadia de sua ordem, onde moravam três mil monges, recomendou que seus Irmãos cuidassem especialmente de vários jovens religiosos que o procuraram sob uma inspiração particular. À medida que a santidade desses padres do deserto se espalhava, crianças pobres vinham e imploravam ao santo para recebê-las nesta vida. Sabendo que foram enviados por Deus, ele os recebeu e deu-lhes um cuidado muito especial. É por isso que, quando ele estava saindo, recomendou muito cuidadosamente que eles se divertissem e comessem ervas cozidas. Pense em toda a atenção

que foi dada a essas crianças! Mas uma vez que o santo padre se foi, os velhos religiosos, fingindo-se mais austeros, não quiseram mais comer ervas cozidas, mas contentaram-se em comer as cruas. Vendo isso, quem os preparou achou que seria perda de tempo cozinhá-los, pois ninguém os levava além dessas crianças.

Agora, quando São Pacômio voltou, eles saíram como abelhas correndo diante dele. Alguns beijaram sua mão e outros seu manto, dando as boas-vindas ao seu querido Pai. Finalmente, um jovem religioso veio e disse-lhe: "Oh, meu Pai, como eu ansiava pelo seu retorno, pois não comemos ervas cozidas desde que você partiu!" Ao ouvir isso, São Pacômio ficou muito emocionado e chamou o cozinheiro. Perguntou-lhe por que não havia cozinhado as ervas. Este respondeu que era porque ninguém, exceto as crianças, os comeria, e que achava uma perda de tempo. Mas ele insistiu que também não havia descansado. Em vez disso, ele havia feito esteiras.

Ao ouvir isso, o santo Padre lhe deu uma boa correção na presença de todos. Então ele ordenou que todas as suas esteiras fossem lançadas no fogo, dizendo que era necessário queimar tudo o que foi feito sem obediência. "Pois", acrescentou, "eu sabia bem o que era apropriado para essas crianças, que não deveriam ser tratadas como as mais velhas, e ainda assim você queria, contra a obediência, fazer esse tipo de deliberação." É assim que aqueles que se esquecem das ordens e mandamentos de Deus e fazem suas próprias interpretações, ou que desejam raciocinar sobre as coisas ordenadas, se colocam em perigo de morte. Pois todo o seu trabalho, realizado de acordo com sua própria vontade ou critério humano, é digno do fogo.

Isso é tudo o que eu tinha para lhe dizer sobre o jejum e o que deve ser observado para jejuar bem. A primeira coisa é que seu jejum deve ser completo e universal; isto é, que você deve fazer todos os membros de seu corpo e os poderes de sua alma rápidos: mantendo seus olhos baixos, ou pelo menos mais baixos do que o normal; manter melhor o silêncio, ou pelo menos mantê-lo mais pontualmente do que o habitual; mortificando o ouvido e a língua, para que você não mais ouça nem fale de coisa vã ou inútil; o entendimento, para considerar apenas

assuntos santos e piedosos; a memória, ao preenchê-la com a lembrança de coisas amargas e tristes e evitar pensamentos alegres e graciosos; mantendo sua vontade sob controle e seu espírito ao pé do crucifixo com algum pensamento santo e triste. Se você fizer isso, seu jejum será universal, interior e exterior, pois você mortificará seu corpo e seu espírito. A segunda condição é que você não observe seu jejum nem realize suas obras para os olhos dos outros. E a terceira é que você faça todas as suas ações e, conseqüentemente, seu jejum, para agradar somente a Deus, a quem seja honra e glória para todo o sempre.

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *As Conferências Espirituais de São Francisco de Sales* (Westminster , Md.: Newman Press, 1962), Conferência VIII, "Sobre a renúncia", p. 136; *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora* , Vol. II desta série (TAN Books, 1985), "A Anunciação", 25 de março de 1621, p. 147.
- [2.](#) Cf. São Francisco de Sales, *Tratado sobre o Amor de Deus* (Rockford, Ill.: TAN Books and Publishers, Inc., 1975), Livro X, cap. 9; *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, p. 184.
- [3.](#) Cf. pág. 2 deste sermão.
- [4.](#) Cf. *Conferências Espirituais* I, pp. 12-13.
- [5.](#) São Francisco de Sales fala das primeiras etapas da vida monástica, centrada no deserto, e das pessoas especiais que, por inspiração de Deus, foram instrumentos para estabelecer esta forma de vida religiosa.
- [6.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, pp. 179-181.

## TENTAÇÃO

*Sermão para o primeiro domingo da Quaresma, 13 de fevereiro de 1622, sobre a universalidade da tentação, o perigo espiritual da ociosidade, a fé como arma principal contra a tentação, almas preguiçosas, confiança presunçosa dos principiantes na força de seu fervor sensível, apego ao as consolações de Deus, o exemplo de Nosso Senhor ao sofrer a tentação do diabo, a combater as próprias faltas com paciência e perseverança, as vãs esperanças que distraem a alma de praticar a virtude sólida, a loucura de perseguir avarentamente uma multiplicidade de devoções e a vã complacência nas consolações de Deus .*

*"Meu filho, quando você vier servir a Deus, prepare sua alma para a tentação."*

— *Eclus. (Siraque ) 2:1*

Esta é uma admoestação do Sábio: "Meu filho, se você pretende servir a Deus, prepare sua alma para a tentação", pois é uma verdade infalível que ninguém está isento de tentação quando ele realmente resolveu servir a Deus. Sendo assim, o próprio Nosso Senhor escolheu ser submetido à tentação para nos mostrar como devemos resistir a ela. Assim nos dizem os evangelistas: Ele foi levado ao deserto pelo Espírito para ser tentado. [ *Mat . 4:1; Mc . 1:12; Lk . 4:1*]. Tirarei lições desse

mistério para nossa instrução particular, da maneira mais familiar que puder.

Em primeiro lugar, noto que, embora ninguém possa ser isento da tentação, ainda assim ninguém deve buscá-la ou ir por conta própria ao lugar onde ela pode ser encontrada, pois sem dúvida aquele que a ama perecerá nela. [ *Eclus. (Sirach ) 3:27*]. É por isso que o evangelista diz que Nosso Senhor foi levado ao deserto pelo Espírito para ser tentado; não foi então por Sua escolha (estou falando com respeito à Sua natureza humana) que Ele foi ao lugar da tentação, mas Ele foi conduzido pela obediência que Ele devia ao Seu Pai celestial.

Encontro na Sagrada Escritura dois jovens príncipes que nos fornecem exemplos sobre este assunto. Um procurou a tentação e pereceu nela. O outro, sem buscá-lo, encontrou-o, mas saiu vitorioso do combate.

No momento em que os reis deveriam ir para a guerra, enquanto seu próprio exército enfrentava o inimigo, Davi passeava no telhado da casa do rei, passando o tempo como se não tivesse nada para fazer. Sendo ocioso dessa maneira, ele foi vencido pela tentação. Betsabee, aquela senhora imprudente, foi se banhar em um lugar onde podia ser vista do telhado da casa do rei. Certamente, este foi um ato de imprudência sem paralelo que não posso desculpar, embora vários escritores modernos desejem torná-lo desculpável dizendo que ela não pensou nisso. Tomar banho em um lugar onde ela se expunha à vista do telhado do palácio real era uma grande indiscrição. Quer ela pensasse ou não, o jovem príncipe David começou por permitir-se olhar para ela, e depois pereceu na tentação que ele procurou por sua ociosidade e preguiça. [ *2kg . ( 2 Sam. ) 11:1-4*]. Você vê, a ociosidade é uma grande ajuda para a tentação. Nunca diga: "Eu não procuro; não estou fazendo nada." Isso é suficiente para ser tentado, pois a tentação tem um tremendo poder sobre nós quando nos encontra ociosos. Oh, se Davi tivesse saído em campanha no momento em que deveria ter ido, ou se estivesse envolvido em algo bom, a tentação não teria o poder de atacá-lo, ou pelo menos de vencê-lo e vencê-lo.

Em contraste, o jovem príncipe Joseph, que mais tarde foi vice-rei do Egito, não procurou a tentação, e assim, ao encontrá-la, não pereceu nela. Ele havia sido vendido por seus irmãos [ *Gn . 37:28*], e a esposa de seu mestre o expôs ao perigo. Mas ele nunca se entregou ou prestou atenção aos olhares amorosos de sua amante; em vez disso, ele resistiu nobremente a seus avanços e foi vitorioso, triunfando assim não apenas sobre a tentação, mas também sobre ela que havia sido a causa dela. [ *Gên . 39:742*].

Se formos conduzidos pelo Espírito de Deus ao lugar da tentação, não devemos temer, mas devemos ter certeza de que Ele nos tornará vitoriosos. <sup>1</sup>[ *1 Cor . 10:13*]. Mas não devemos buscar a tentação nem sair para seduzi-la, por mais santos e generosos que nos julgemos, pois não somos mais valentes do que Davi, nem do nosso próprio Divino Mestre, que não escolheu procurá-la. Nosso inimigo é como um cão acorrentado; se não nos aproximarmos, não nos fará mal, embora tente nos assustar latindo para nós.

Mas espere um pouco, peço-lhe, e veja como é certo que ninguém que vem para servir a Deus pode evitar as tentações. Poderíamos dar muitos exemplos disso, mas um ou dois serão suficientes. Ananias e Saphira fizeram o voto de dedicar-se e a seus bens à perfeição que todos os primeiros cristãos professavam, submetendo-se à obediência aos Apóstolos. Mal tinham feito a sua resolução, a tentação os atacou, como disse São Pedro: Quem vos tentou a mentir ao Espírito Santo? [ *Atos . 5:1-3*]. O grande apóstolo São Paulo, tão logo se entregou ao serviço divino e se colocou do lado do cristianismo, foi imediatamente tentado pelo resto de sua vida. [ *2Cor . 12:7*]. Enquanto era inimigo de Deus e perseguia os cristãos, não sentiu o ataque de nenhuma tentação, ou pelo menos não nos deu testemunho disso em seus escritos. Mas ele o fez quando foi convertido por Nosso Senhor.

Assim, é uma prática muito necessária para preparar nossa alma para a tentação. Ou seja, onde quer que estejamos e por mais perfeitos que sejamos, devemos ter certeza de que a tentação nos atacará. Por isso, devemos estar dispostos e munir-nos das armas necessárias para lutar bravamente para levar a vitória, pois a coroa é apenas para os

combatentes e conquistadores. [ *2Tm* . 2:5; *Jas* . 1:12]. Nunca devemos confiar em nossa própria força ou em nossa coragem e sair em busca da tentação, pensando em confundi-la; mas se naquele lugar onde o Espírito de Deus nos conduziu o encontramos, devemos permanecer firmes na confiança que devemos ter de que Ele nos fortalecerá contra os ataques de nosso inimigo, por mais furiosos que sejam.

Prossigamos e consideremos um pouco as armas que Nosso Senhor usou para repelir o demônio que veio tentá-lo no deserto. Não eram outros, meus caros amigos, senão aqueles de que fala o Salmista no Salmo que recitamos todos os dias nas Completas: "*Qui habitat in adjutorio Altissimi*" ["Quem habita no auxílio do Altíssimo"]. [ *P* \_ 90 (91)]. Deste Salmo aprendemos uma doutrina admirável. Ele fala dessa maneira como se estivesse se dirigindo a cristãos ou a alguém em particular: "Oh, quão feliz você é, você que está armado com a verdade de Deus, pois ela servirá de escudo contra as flechas de seus inimigos e fará de você vitorioso . Portanto, não temais, ó almas abençoadas, vós que estais armados com esta armadura da verdade. Não temais os terrores da noite, pois neles não tropeçareis, nem as flechas que voam no ar durante o dia, por flechas não poderá ferir você; nem o negócio que vagueia na noite; muito menos o diabo que avança e se revela ao meio-dia".

Oh, quão divinamente bem armado com a verdade estava Nosso Senhor e Mestre, pois Ele era a própria verdade. [ *Jo* . 14:6]. Esta verdade de que fala o salmista nada mais é do que fé. [ *1 Tess* . 5:8]. Quem está armado de fé não precisa temer nada; esta é a única armadura necessária para repelir e confundir nosso inimigo; pois o que pode prejudicar aquele que diz *Credo* , "eu creio" em Deus, que é nosso Pai e nosso Pai Todo-Poderoso? Ao dizer estas palavras, mostramos que não confiamos em nossas próprias forças e que é somente na força de Deus, "Pai Todo-Poderoso", que empreendemos o combate, que esperamos a vitória. [ *P* \_ 17 (18):30; 43 (44):6-7; *Heb* . 11:33-34; *1 Jo* . 5:4]. Não, não vamos sozinhos para enfrentar a tentação por qualquer presunção de espírito, mas apenas rejeitá-la quando Deus permitir que ela nos ataque e nos procure onde estamos, como fez Nosso Senhor no

deserto. Usando as palavras da Sagrada Escritura nosso querido Mestre venceu todas as tentações que o inimigo Lhe apresentou.

Mas quero que fique entendido que o Salvador não foi tentado como nós somos e que a tentação não poderia estar Nele como está em nós, pois Ele era uma fortaleza inexpugnável à qual não tinha acesso. Assim como um homem que está vestido da cabeça aos pés em aço fino não poderia ser ferido de forma alguma pelos golpes de uma arma, pois ela resvalaria para os dois lados, nem mesmo arranhando a armadura; assim a tentação pode realmente abranger Nosso Senhor, mas nunca entrar nele, nem prejudicar sua integridade e perfeita pureza. Mas somos diferentes. Se, pela graça de Deus, não consentimos nas tentações e evitamos a falta e o pecado nelas, normalmente somos, no entanto, feridos um pouco por alguma importunação, problema ou emoção que elas produzem em nosso coração.

Nosso Divino Mestre não podia ter fé, pois possuía na parte superior de sua alma, desde o momento em que começou a ser, um perfeito conhecimento das verdades que a fé nos ensina; no entanto, Ele quis fazer uso desta virtude para repelir o inimigo, por nenhuma outra razão, meus caros amigos, senão ensinar tudo o que temos que fazer. Não procure então outras armas nem outras armas para recusar o consentimento a uma tentação, exceto para dizer: "Eu acredito". E no que você acredita? "Em Deus" meu "Pai Todo-Poderoso".

São Bernardo, referindo-se a estas palavras do Salmo que citamos, disse que os terrores da noite de que fala o salmista são de três tipos. A partir disso, tirei minha terceira lição. O primeiro medo é o das almas covardes e preguiçosas; a segunda, a das crianças; e a terceira, a dos fracos. O medo é a primeira tentação que o inimigo apresenta àqueles que resolveram servir a Deus, pois assim que lhes é mostrado o que a perfeição exige deles, eles pensam: 'Ai, nunca poderei fazê-lo'. que é quase impossível atingir essa altura, e eles prontamente dizem: "Ó Deus, que perfeição é necessária para viver nesta casa, ou neste modo de vida e em minha vocação! É muito alto para mim: não posso alcançá-lo!"<sup>2</sup> Não te incomodes e não formes esses medos vãos de que não és capaz de realizar aquilo a que te obrigaste, visto que estás

armado e cercado com a verdade de Deus e com a Sua palavra. Tendo chamado você para este modo de vida e para esta casa, Ele o fortalecerá e lhe dará a graça de perseverar [ *1 Cor . 1:7-8; 1 Tess . 5:24*] e fazer o que é necessário para Sua maior glória e para seu maior bem-estar e felicidade, desde que você ande simplesmente em fiel observância.

Não se espante, portanto, e não faça como os preguiçosos, que se incomodam quando acordam à noite pelo medo de que a luz do dia chegue muito em breve, quando terão que trabalhar. Os preguiçosos e covardes temem tudo e acham tudo difícil e penoso porque se divertem pensando, com a imaginação tola e preguiçosa que criaram para si mesmos, mais nas dificuldades futuras do que no que têm que fazer no presente. "Oh", dizem eles, "se eu me dedicar ao serviço de Deus, será necessário que eu trabalhe tanto para resistir às tentações que me atacarão". Tem toda a razão, pois não estará isento deles, pois é regra geral que todos os servos de Deus sejam tentados, como escreveu São Jerônimo naquela bela epístola que dirigiu à sua querida filha Eustóquio.

A quem você deseja, eu oro, que o diabo apresente suas tentações, se não àqueles que as desprezam? Os pecadores tentam a si mesmos; o diabo já os considera seus; eles são seus confederados porque não rejeitam suas sugestões. Pelo contrário, eles os procuram e a tentação reside neles. O diabo não trabalha muito para armar suas armadilhas no mundo secular, mas em lugares retirados, onde espera um grande ganho para provocar a queda das almas que ali estão reclusas servindo mais perfeitamente à Divina Majestade. Santo Tomás costumava maravilhar-se muito com a forma como os maiores pecadores saíam às ruas, rindo e alegres, como se seus pecados não pesassem em suas consciências. E quem não ficaria surpreso ao ver uma alma que não está na graça de Deus se divertindo? Oh, quão vãs são suas alegrias, e quão falsas suas alegrias, pois eles foram atrás de angústias e arrependimentos eternos! Deixemo-los, peço-vos, e voltemos ao medo dos preguiçosos.

Eles estão sempre se lamentando — e por quê? Porque você pergunta? "Infelizmente, devemos trabalhar, e ainda assim pensei que seria suficiente embarcar no caminho de Deus e em Seu serviço para encontrar descanso." Mas você não sabe que a preguiça e a ociosidade fizeram o pobre Davi perecer em tentação? Você talvez desejasse estar entre aqueles soldados da guarnição que têm tudo o que desejam em uma boa cidade; são alegres, são donos da casa de seu anfitrião, dormem em sua cama e vivem bem; no entanto, eles são chamados de "soldados", fingindo ser valentes e corajosos enquanto não vão para a batalha nem para a guerra. Mas Nosso Senhor não quer esse tipo de guerreiro em Seu exército; Ele quer combatentes e conquistadores, não preguiçosos e covardes. Ele escolheu ser tentado, e Ele mesmo atacou para nos dar um exemplo.

Ah, nada temas, peço-te, pois estás envolvido com a armadura da verdade e da fé. [ *Ef.* 6:11-16]. Levante-se de sua cama, indolente, pois é hora [Cf. *Prov.* 6:9; *Rom.* 13:11], e não se assuste com o trabalho do dia, pois é natural que a noite seja dada para descanso e o dia seguinte para o trabalho. Levante-se, por misericórdia, de sua covardia, e mantenha claramente em sua mente esta verdade infalível: todos devem ser tentados, todos devem estar prontos para o combate para ganhar a vitória. Como a tentação tem um poder notável sobre nós quando nos encontra ociosos, trabalhemos e não nos cansemos, pois não queremos perder o descanso eterno que nos foi preparado como recompensa por nossos trabalhos. Confiemos em Deus que é nosso "Pai Todo-Poderoso". Em virtude desse fato, todas as coisas se tornarão fáceis, embora a princípio possam nos assustar um pouco.

O segundo terror da noite, segundo São Bernardo, é o das crianças. Como você sabe, as crianças têm muito medo quando estão fora dos braços da mãe. Se eles vêem um cachorro latindo, de repente começam a chorar e não param até que estejam novamente com sua mãe. Em seus braços eles se sentem seguros. Eles sentem que nada pode prejudicá-los desde que estejam segurando a mão dela. <sup>3</sup>Ah, então, diz o salmista, por que você teme, você que está cercado com a verdade e armado com o forte escudo da fé que lhe ensina que Deus é seu "Pai

Todo-Poderoso"? Segure a mão dele e não tenha medo, pois Ele o salvará e o protegerá contra todos os seus inimigos. Considere como São Pedro, depois de ter feito aquele ato generoso de se jogar no mar e começar a andar sobre as águas para chegar mais rapidamente ao nosso Divino Salvador que o havia chamado, de repente começou a temer e ao mesmo tempo a afundar e clamou: "Senhor, salva-me!" E imediatamente seu bom Mestre estendeu a mão e segurou-o, salvando-o de se afogar. [ *Mateus* 14:29-31]. Façamos o mesmo, meus caros amigos. Se sentirmos que nos falta coragem, gritemos em alta voz cheia de confiança: "Senhor, salva-me!" Não duvidemos que Deus nos fortalecerá e nos impedirá de perecer.

Há alguns que, fingindo coragem, vão a algum lugar sozinhos à noite. Quando eles ouvem uma pedrinha cair do teto, ou apenas ouvem um rato correndo, eles gritam: "Ó meu Deus!" Dizemos a eles: "O que aconteceu?" "Eu ouvi alguma coisa." "O que?" "Eu não sei." Encontramos outros que, quando vão para o campo e de longe vêem a sombra das árvores, ficam muito assustados, acreditando que é alguém que os espera. Que grandes quimeras e infantilidades! Muitas vezes, as pessoas que acabaram de entrar no serviço de Deus são como essas pessoas. Afetam o destemor e parecem nunca se alimentar o suficiente do crucifixo. Nada pode satisfazê-los. Eles não pensam em nada além de viver sempre em descanso tranquilo. Nada pode superar sua coragem e generosidade.

Foi o que aconteceu com o pobre São Pedro. Sendo apenas uma mera criança na vida espiritual, ele fez esse ato de generosidade do qual acabei de falar. Mas ele fez ainda outro mais tarde, e isso lhe custou caro. Pois quando Nosso Senhor anunciou aos seus apóstolos como Ele deveria sofrer a morte, São Pedro, rápido em falar, mas tímido e covarde em agir, vangloriou-se: "De minha parte, nunca te abandonarei!" [ *Mat* . 26:31-35; *Mc* 14:27-31; *Lc* 22:33; *Jn* . 13:37]. E Nosso Senhor continuou: "... serei açoitado." "E eu também, por amor a Ti." "Serei coroado de espinhos." "E eu também." Em suma, ele não cederia em nada ao seu bom Mestre. Quanto mais Nosso Senhor expunha a grandeza de Suas aflições, mais São Pedro insistia apaixonadamente

que faria o mesmo. Mas quão bem ele percebeu quão completamente foi enganado quando se viu, no momento da Paixão de seu Salvador, tão tímido e tímido na execução de suas promessas. Teria sido muito melhor para o pobre São Pedro manter-se humilde, confiando no poder de Nosso Senhor, do que confiar em vão no fervor que sentiu na época.

Assim acontece com aquelas almas jovens que testemunham tanto ardor em sua conversão. Enquanto esses primeiros sentimentos de devoção duram, eles fazem maravilhas. Parece que no caminho da perfeição nada é muito difícil para eles; nada pode diminuir sua coragem. Eles desejam muito ser mortificados, testados, para mostrar sua generosidade e o fogo que arde em seu peito! Mas espere um pouco. Pois se eles ouvem um rato, quero dizer, se a consolação e os sentimentos de devoção que eles tinham até então são retirados e se alguma pequena tentação os ataca, "Ai", eles dizem, "o que é isso?" Eles começam a temer e a ficar preocupados. Tudo lhes parece difícil se não estão sempre no Coração do Pai celeste, se Ele não lhes dá consolações e lhes fala com doçura. Eles simplesmente não podem viver em paz e contentamento a menos que recebam infinitas consolações e nenhuma dor. "Oh, como é miserável minha condição!" eles dizem; "Estou a serviço do Senhor, onde pensei que viveria em paz, mas todos os tipos de tentações vieram e só me agitam. Minhas paixões me incomodam tanto que não tenho nem uma hora de verdadeira paz."

Alguém poderia responder-lhes: "Meus queridos amigos, vocês realmente acham que nunca se encontram tentações na solidão e no retiro? Oh, como vocês estão muito enganados! Nosso Divino Mestre não foi atacado pelo inimigo enquanto vivia entre os fariseus e publicanos, mas somente quando Ele se retirou para o deserto. Não há lugar onde a tentação não tenha acesso. Sim, mesmo no céu, <sup>4</sup>onde nasceu no coração de Lúcifer e seus anjos, e ao mesmo tempo os lançou em condenação e perdição. O inimigo a trouxe para o Éden, e com ela fez nossos primeiros pais perderem a justiça original com a qual Deus os havia presenteado. A tentação entrou nas próprias fileiras dos próprios Apóstolos. Por que, então, você está surpreso se ele atacar você?"

Se tivesses vivido no tempo de Nosso Senhor, durante a Sua vida mortal, e tivesses conhecido a Sua santíssima Mãe, nossa gloriosa Senhora, e ela te tivesse permitido viver onde quisesses, sem dúvida a terias interrogado assim: "Minha Senhora, onde está seu filho?" Ela teria respondido: "Meu Filho está no deserto, onde deve permanecer por quarenta dias, continuamente jejuando, vigiando e orando". [ *Mat . 4:2*]. "Ó minha senhora", você poderia ter respondido, "eu não desejo viver em nenhum outro lugar além do deserto onde meu Salvador está." Mas se a Santa Virgem lhe perguntasse: "Por que você deseja morar lá?" você teria respondido: "Porque onde Nosso Senhor está, todas as coisas boas abundam; consolo nunca falta lá e a tentação não pode entrar".

Oh, como você está completamente enganado! É precisamente porque nosso Divino Salvador está lá que a tentação também é encontrada. De fato, poderíamos ter achado terrivelmente assustador, pois o diabo veio até lá completamente sem disfarce. Ele não agiu com Nosso Senhor como fez com São Pacômio e Santo Antônio. Ele os assustou com o barulho infernal com que os cercou, fingindo rasgar o céu e a terra diante de seus olhos. Ele fez isso para fazê-los temer e tremer como crianças. No entanto, esses santos padres lutaram contra ele, zombando dele e de suas travessuras, recitando passagens das escrituras. Mas vendo tanta força, constância, generosidade e confiança no rosto de nosso querido Salvador, o diabo pensou que não ganharia nada tratando-o dessa maneira. Portanto, ele veio visivelmente a Ele, apresentando suas tentações com insolência sem paralelo. Isso ele fez não apenas nas três vezes mencionadas no Evangelho, mas em outras vezes durante os quarenta dias em que habitou no deserto. Os evangelistas simplesmente se contentaram em destacar esses três [ *Mateus , 4:3-10; Lk . 4:2-13*] como sendo o maior e mais notável.

Esses jovens aprendizes da perfeição perguntam: "O que devo fazer? As paixões que eu pensava ter mortificado por minha fervorosa resolução de segui-las não mais me atormentam muito. Ai! é tão verdade que fico tão desapontado que em pouco tempo Sinto que não há possibilidade de continuar, e o desânimo me domina." Que pena que o desejo de perfeição não seja suficiente para tê-la, mas que deve ser

adquirido pelo suor de nosso rosto e trabalho duro! Não sabeis que Nosso Senhor quis ser tentado durante os quarenta dias em que esteve no deserto precisamente para nos ensinar que também seremos tentados durante todo o tempo em que vivermos no deserto desta vida mortal, que é o lugar da nossa penitência? A vida do cristão perfeito é uma penitência contínua. Consola-te, peço-te, e tem coragem. Agora não é hora de descansar.

"Mas eu sou tão imperfeito", você diz. Eu acredito, sim! Portanto, não espere poder viver sem cometer imperfeições, visto que isso é impossível enquanto você estiver nesta vida. Basta que você não os ame e que eles não permaneçam em seu coração. Ou seja, você não os comete voluntariamente e não quer continuar em suas faltas. <sup>5</sup> Sendo assim, fica em paz e não te incomodes com a perfeição que tanto desejas. Será suficiente se você o tiver ao morrer. Não seja tão tímido! Caminhe com confiança! Se você está armado com a armadura da fé, nada pode prejudicá-lo.

O terceiro terror da noite é o dos fracos. Estes temem não apenas o que pode trazer o mal, mas o que pode de alguma forma perturbar ou perturbar sua paz. Eles não querem que nenhum barulho se interponha entre Deus e eles, pois se convenceram de que há uma certa quietude e tranquilidade que mantém aqueles que a têm em paz e felicidade ininterruptas. Por isso, querem gozá-lo aos pés de Nosso Senhor como Madalena, saborear sem interrupção o conforto, o prazer e toda a doçura que sai dos lábios sagrados de seu Mestre, sem que Marta venha jamais despertá-los ou murmurar contra eles, suplicando Nosso Senhor para fazê-los trabalhar. [ *Lc* . 10:39-40]. Este conforto espiritual torna-os tão capazes e tão corajosos, parece-lhes, que nada se compara à sua perfeição. Nada é muito difícil para eles. Em suma, eles gostariam de se derreter para agradar seu Amado, a quem eles amam com um amor tão perfeito.

Sim, de fato, desde que Ele continue com Suas consolações e as trate com ternura! Se Ele deixar de fazê-lo, tudo está perdido: não há ninguém tão aflito como eles, sua miséria é insuportável, eles nunca param de reclamar. "Oh meu Deus <sup>6</sup> [nós dizemos a eles], o que

aconteceu?" [Eles respondem:] "O que está errado? Tenho motivos para reclamar." "Mas o que o atormenta tanto?" "É porque eu não sou santo." "Você não é santo! E quem te disse que você não é? Talvez você pense que retornou a alguma falha novamente. Se for isso, não fique tão desconfortável. Talvez você tenha, e alguém o corrigiu por isso para ajudá-lo a alcançar a perfeição. Você deve saber que aqueles que têm verdadeira caridade não suportam ver qualquer falha no próximo. Eles tentam removê-lo pela correção, e especialmente em todos aqueles que consideram santos ou muito avançados em perfeição, porque os julgam mais aptos a acolher a correção. Eles também desejam por este meio fazê-los crescer cada vez mais no autoconhecimento, que é tão necessário para todos."<sup>7</sup>

"Mas isso perturba minha paz." Isso sim está bem dito! Você acha que nesta vida você pode ter uma tranquilidade tão permanente que nunca encontrará perturbações? Não se deve desejar graças que Deus normalmente não dá. O que Ele fez por uma Madalena, por exemplo, não deve ser desejado por nós. De fato, felizes seremos se tivermos essa paz de alma no momento da morte, ou mesmo somente após a nossa morte!<sup>8</sup> Não imagineis que Madalena gozou desta contemplação especial, que a manteve em tão doce paz, sem antes passar por espinhosas dificuldades e severas penitências e suportando a amargura de uma grande confusão. Pois quando ela foi à casa do fariseu para chorar seus pecados e obter perdão, ela sofreu as murmurações que eles proferiam contra ela. Eles a desprezaram e a chamaram de pecadora e mulher de má vida. [ *Lc* . 7:37-39]. Não imagine que você pode se tornar digno de receber essas doçuras e consolações divinas, de ser elevado pelos anjos como ela foi várias vezes ao dia, se você não estiver disposto a sofrer junto com ela as confusões, desprezos e reprovações que nossas imperfeições merecem muito e que nos perturbarão de tempos em tempos, quer as desejemos ou não. Esta regra é geral: ninguém será tão santo nesta vida que não esteja sempre sujeito a cometer alguma imperfeição ou outra.<sup>9</sup>

Devemos nos manter constantes e tranqüilos no conhecimento desta verdade, se não formos incomodados com a expectativa irreal de

nunca cometer qualquer imperfeição. Devemos ter uma firme e constante resolução de nunca ser tão covarde a ponto de cometer qualquer imperfeição voluntariamente. Mas também devemos ser inabaláveis nesta outra resolução: não ficar espantados ou perturbados ao ver que estamos sujeitos a cair nessas imperfeições, mesmo com frequência. Devemos antes confiar-nos à bondade de Deus que, por tudo isso, não nos ama menos. "Mas nunca serei capaz de receber as carícias divinas de Nosso Senhor enquanto for tão imperfeito; não poderei me aproximar daquele que é tão soberanamente perfeito." Que relação, eu lhe peço, pode haver entre nossa perfeição e a Dele, entre nossa pureza e a Dele, já que Ele é a própria pureza? Em suma, façamos o que pudermos e fiquemos tranquilos quanto ao resto. Quer Deus nos dê ou não parte em Suas consolações, devemos nos manter submissos à Sua vontade muito santa. Essa deve ser a mestra e guia de nossa vida. Depois disso, não temos nada a desejar.

O salmista, como interpretado por São Bernardo, assegura-nos que aquele que tem fé e está armado com a verdade não temerá esses terrores da noite, nem os medos dos preguiçosos, nem das crianças, muito menos os medos dos fracos. Mas ele vai mais longe e diz que não temerá mais a flecha que voa de dia, e esta é a quarta lição que tiro do Salmo citado acima.

Essas flechas são as vãs esperanças e expectativas de que se alimentam aqueles que aspiram à perfeição. Encontramos aqueles que esperam nada mais do que ser Madre Teresa [de Ávila] muito em breve, e até os Santos. Catarina de Sena e Génova.<sup>10</sup> Isso é bom; mas me diga, quanto tempo você se dá para essa tarefa? "Três meses", você responde, "menos ainda, se for possível." Você faz bem em acrescentar "se for possível", pois de outra forma você seria muito enganado. Essas belas esperanças, apesar de sua vaidade, não consolam muito aqueles que as têm? Mas quanto mais essas esperanças e expectativas trazem alegria ao coração, enquanto há razão para esperança, tanto mais a condição contrária traz tristeza a essas almas fervorosas. Não se achando os santos que esperavam ser, mas, ao contrário, criaturas muito imperfeitas, muitas vezes desanimam na busca da verdadeira

virtude que leva à santidade. "Delicadamente", dizemos a eles. "Não se apresse! Comece a viver bem, de acordo com sua vocação: com doçura, simplicidade e humildade. Então confie em Deus, que o santificará quando lhe aprover".

Meus queridos amigos, ainda há outras esperanças vãs, uma das quais é desejar consolo, doçura e ternura contínuas na oração ao longo desta vida mortal e fugaz. Esta é certamente uma esperança fútil e tola. Como se nossa perfeição e felicidade dependessem disso! Você não percebe que normalmente Nosso Senhor dá esses "doces" apenas para nos atrair e nos conquistar, como se faz com as criancinhas ao dar-lhes doces? [11](#) Mas prossigamos, pois precisamos terminar.

Ao discutir o que é esse negócio que ocorre à noite e do qual o salmista fala, São Bernardo observa que aqueles que estão armados com a verdade não o temerão. De minha parte (e esta é a quinta lição que lhe ofereço), considero que esse negócio que se faz na escuridão representa avareza e ambição, vícios que traficam à noite, isto é, de maneira dissimulada e secreta. Veja bem, pessoas ambiciosas não desejam ser óbvias em sua busca por honras, destaque, cargos ou altos cargos. Eles prosseguem em segredo, temendo ser descobertos. Os avarentos não conseguem dormir porque estão sempre pensando em maneiras de aumentar seus bens e encher suas bolsas. Mas não é de avarentos temporais que desejo falar, mas de avareza espiritual.

Em relação ao perigo espiritual da ambição, aqueles que procuram ser promovidos a altos cargos ou autoridade e obtê-los através de sua busca por eles, ou os abraçam por sua própria escolha - ai deles, pois estão procurando tentação! Certamente perecerão se não se converterem e, com humildade, fizerem uso daquilo que abraçaram com espírito de vaidade. Claro, não estou falando daqueles que foram levantados não por sua própria escolha, mas por sua submissão à obediência que devem a Deus e aos seus superiores. Eles não têm nada a temer mais do que José na casa de Putifar. Se eles estão de fato em um lugar de tentação, eles não perecerão lá. [12](#) Onde quer que estejamos, desde que tenhamos sido conduzidos pelo Espírito Santo, como Nosso Senhor esteve no deserto, nada teremos a temer.

Os espiritualmente avarentos são aqueles que nunca se cansam de abraçar e buscar incontáveis exercícios de piedade, esperando assim atingir a perfeição muito mais cedo, dizem eles. <sup>13</sup>Fazem isso como se a perfeição consistisse na multiplicidade de coisas que fazemos e não na perfeição com que as fazemos! Já disse isso muitas vezes, <sup>14</sup>mas é preciso repeti-lo: Deus não colocou a perfeição na multiplicidade de atos que realizamos para agradá-lo, mas apenas na maneira como os realizamos, que é simplesmente fazer o pouco que fazemos segundo nossa vocação, em amor, por amor e por amor. Poder-se-ia repreender esses espiritualmente avarentos com aquela reprovação que o profeta fez aos temporalmente avarentos: "O que vocês querem, pobres homens? Vocês querem ter esta mansão agora, porque dizem que está de frente para a sua. Depois disso, haverá outra que é contíguo a ele e porque é conveniente para você, você vai querer aquele também. Isso vai continuar e continuar. O quê! Você quer se tornar o único mestre de toda a terra, sem ninguém além de você possuindo propriedades?" [É . 5:8].

Por favor, considere os espiritualmente avarentos. Eles nunca se contentam com os exercícios espirituais que lhes são apresentados. Se eles pensam em Chartreuse, eles dizem: "Isso, de fato, é uma vida santa, mas eles nunca pregam". Deve-se pregar então. A vida dos padres jesuítas pode ser repleta de perfeição, mas eles não têm a bênção da solidão da qual se recebe tanta consolação. Os capuchinhos, assim como todas as ordens religiosas, são muito bons, mas não têm tudo o que essas pessoas procuram, <sup>15</sup>ou seja, os exercícios espirituais de todos misturados em um. Eles lutam incessantemente para encontrar novas maneiras de unir a santidade de todos os vários santos naquele que eles gostariam de ter. Como resultado, eles nunca estão contentes, uma vez que não podem abraçar tudo o que esperam. Quem abraça demais acorrenta-se a ela. Eles sempre iriam querer usar um cilício, aceitar a disciplina, orar continuamente de joelhos, viver na solidão, e Deus sabe o que mais! Ainda assim, isso não os satisfaria. Vocês pobres! Você não quer que ninguém seja mais santo do que você. Você não está satisfeito com a santidade disponível, que ganhou não fazendo

tal multiplicidade de exercícios, mas praticando bem e tão perfeitamente quanto possível aqueles a que sua condição e vocação o obrigam. Não se pode dizer o suficiente sobre o quanto essa avareza espiritual impede a perfeição, pois tira a atenção doce e tranquila que devemos ter em fazer bem o que fazemos para Deus, como já disse.

A sexta lição é extraída do mesmo Salmo, onde o profeta afirma que aqueles assim armados não temerão o diabo do meio-dia, isto é, aquele espírito que vem nos tentar em plena luz do dia. Estou muito familiarizado com a forma como São Bernardo explicou esta passagem, mas desejo falar apenas sobre o que é mais para o meu propósito. Este espírito que caminha em plena luz do dia é aquele que nos ataca no meio-dia justo das consolações interiores, no momento em que o divino Sol da Justiça [ *Mal* . 4:2, Douay] tão amorosamente envia Seus raios sobre nós e nos enche com um calor e uma luz tão agradáveis, um calor que nos inflama com um amor tão delicioso e terno que morremos para quase tudo o mais para melhor desfrutar de nosso Bem-Amado. Esta luz divina ilumina tanto o nosso coração que se sente inteiramente aberto ao Coração do Salvador, um Coração que, gota a gota, dá um líquido tão doce e um perfume tão perfumado que não pode ser apreciado o suficiente por este amante que está sempre definhando por Seu amor. [ *Não posso* . 5:8]. Ela não quer que ninguém venha e a perturbe em seu repouso que, no final, termina apenas na vã complacência que ela toma. Pois ela admira a bondade e a doçura de Deus, mas em si mesma, e não em Deus. Para ela, a solidão é muito desejável neste momento para desfrutar da Presença Divina sem distrações. No entanto, ela não o deseja realmente para a glória de Deus, mas apenas para a satisfação que ela mesma experimenta ao receber essas doces carícias e santas delícias provenientes desse bem-amado Coração do Salvador.

É assim que o diabo do meio-dia engana as almas, transformando-se em anjo de luz e fazendo-as tropeçar. [ *2Cor* . 11:14]. Pois eles se entretêm com essas consolações e prazeres vãos, na complacência que extraem desses sentimentos ternos e prazeres espirituais. No entanto, quem estiver armado com o escudo da verdade e da fé vencerá esses

inimigos tão corajosamente quanto todos os outros, como Davi promete. [16](#) [Ps . 90: (91)5-6].

Não duvido que muitos prefiram o fim do Evangelho de hoje ao seu começo. Diz-se lá que depois que Nosso Senhor venceu Seu inimigo e rejeitou suas tentações, anjos vieram e trouxeram-Lhe comida celestial. [ Mat . 4:11]. Que alegria encontrar-se com o Salvador nesta deliciosa festa! Meus queridos amigos, nunca seremos capazes de acompanhá-lo em suas consolações, nem de ser convidados para seu banquete celestial, se não formos participantes de seus trabalhos e sofrimentos. [ 2Cor . 1:7]. Ele jejuou quarenta dias, mas os anjos trouxeram-Lhe algo para comer somente no *final* desse tempo.

Esses quarenta dias, como acabamos de dizer, simbolizam a vida do cristão, de cada um de nós. Desejemos, pois, essas consolações apenas no final de nossas vidas, e ocupemos-nos de uma firme resistência aos ataques frontais de nossos inimigos. Pois, querendo ou não, seremos tentados. Se não lutarmos, não seremos vitoriosos, nem mereceremos a coroa de glória imortal que Deus preparou para aqueles de nós que são vitoriosos e triunfantes. [17](#)

Não temamos nem a tentação nem o tentador, pois se usarmos o escudo da fé e a armadura da verdade, eles não terão poder algum sobre nós. Não tenhamos mais medo dos três terrores da noite. E não alimentemos a vã esperança de ser ou querer ser santos em três meses! Evitemos também tanto a avareza espiritual quanto a ambição que causa tanta desordem em nossos corações e tanto impede nossa perfeição. O diabo do meio-dia será impotente para nos fazer falhar em nossa firme e firme resolução de servir a Deus generosamente e tão perfeitamente quanto possível nesta vida, para que depois desta vida possamos desfrutá-Lo para sempre. Que Ele seja abençoado! Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , Conferência XII, "Simplicidade e Prudência Religiosa", p. 218.
- [2.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , V, "Generosidade", pp. 82-83.
- [3.](#) Cf. *Introdução a uma vida devota* , de São Francisco de Sales, Parte IV, cap. 7; *Conferências Espirituais* , II, "Confiança", pp. 25-26; *Conferências Espirituais* , XII, "Simplicidade e Prudência Religiosa", p. 227.
- [4.](#) O "céu" onde Lúcifer pecou não era o Céu da glória e da Visão Beatífica, mas sim a morada do mundo espiritual durante o período de provação; pois nenhum pecado é possível na terra dos bem-aventurados. Em outros lugares, São Francisco de Sales nos assegura (cf. pp. 127-128, 152 e 184) que no Céu teremos a glória eterna com segurança, sem possibilidade ou medo de cair pelo pecado.
- [5.](#) Cf. *Introdução a uma vida devota* , Parte I, cap. 22; *Conferências Espirituais* , IX, "Modéstia Religiosa", p. 162.
- [6.](#) As expressões "Ó meu Deus" e "Ó Deus" são muito características de São Francisco de Sales, que viveu e falou na presença de Deus.
- [7.](#) São Francisco de Sales, conhecendo tão bem as tentações que atacam os principiantes na vida espiritual, serve-se de exemplos para alertar as Irmãs de algumas armadilhas das noviças. Como qualquer bom pregador, ele está tentando alcançar as pessoas reais que estão diante dele.
- [8.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , XX, "Por que devemos nos tornar religiosos", p. 393; *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1620, pp. 96-97.
- [9.](#) São Francisco de Sales está familiarizado com o ensinamento do Concílio de Trento no sentido de que, por causa das consequências duradouras da queda, nenhum cristão pode ficar muito tempo sem pecar, pelo menos venialmente, sem uma graça especial de Deus.
- [10.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , IX, "Modéstia Religiosa", p. 146.
- [11.](#) Cf. *Introdução a uma vida devota* , Parte IV, cap. 13.
- [12.](#) Cf. pp. 16-17 deste sermão.
- [13.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , XII, "Simplicidade e Prudência Religiosa", p. 214.
- [14.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , XIII, "O Espírito das Regras", p. 247.
- [15.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , XIII, "O Espírito das Regras", p. 237-239.
- [16.](#) São Francisco está aqui criticando aqueles que na oração estão interessados apenas nas consolações de Deus, não na vontade e glória de Deus que consola.
- [17.](#) Cf. pág. 17 deste sermão.

## FÉ

*Sermão da quinta-feira depois do primeiro domingo da Quaresma , 17 de fevereiro de 1622, sobre a fé como adesão do entendimento às verdades reveladas por Deus ou pela Igreja, fé viva que produz o fruto das boas obras versus fé morta ou moribunda, vigilante , fé penetrante versus fé adormecida, a prudência sobrenatural que acompanha a fé vigilante, a fé atenta, a confiança na oração, a perseverança na oração, a paciência na oração e a humildade na oração .*

*"Mulher, quão grande é a tua fé. Faça-se como desejas. " 15:28*

Neste dia os pregadores elogiam as virtudes da mulher cananéia de várias maneiras. Por mim, tratarei da fé, mostrando a você o que ela é. Tentarei mostrar a relação entre o que tenho a dizer a vocês com o que ocorreu no Evangelho entre Nosso Senhor e a mulher cananéia. [ *Mateus* , 15:21-28]. Desta forma, você aprenderá as qualidades que a fé deve ter.

Quando o Salvador disse: Mulher, quão grande é a tua fé, foi porque a fé desta mulher era maior que a nossa? Certamente não quanto ao seu objeto, porque a fé tem por objeto as verdades reveladas por Deus ou pela Igreja, e não é outra coisa que uma adesão do nosso

entendimento a essas verdades que ela acha belas e boas. Conseqüentemente, vem a acreditar neles, e a vontade vem a amá-los. Pois assim como a bondade é o objeto da vontade, a beleza é a do entendimento. No nosso dia-a-dia, a bondade é cobiçada através do nosso apetite sensorial e a beleza é amada através dos nossos olhos. Em nossa vida espiritual, acontece da mesma forma em relação às verdades da fé. Essas verdades são boas, doces e verdadeiras, e não são apenas amadas e desejadas pela vontade, mas também valorizadas pelo entendimento pela beleza que nelas encontra. São belas porque são verdadeiras; pois a beleza nunca é sem verdade, nem a verdade sem beleza. Além disso, coisas belas que não são verdadeiras também não são realmente belas. Eles são falsos e enganosos.

Ora, as verdades da fé, sendo verdadeiras, são amadas pela beleza desta verdade, que é o objeto do entendimento. Digo amado porque, embora a vontade tenha bondade para o objeto direto de seu amor, contudo, quando a beleza das verdades reveladas lhe é representada pelo entendimento, ela também descobre a bondade ali e ama essa bondade e beleza dos mistérios de nossa fé.<sup>1</sup> Para ter uma grande fé, o entendimento deve perceber a beleza desta fé. Por isso, quando Nosso Senhor deseja atrair alguma criatura ao conhecimento da verdade [ *1 Tim . 2:4*] Ele sempre revela sua beleza para ele. O entendimento, sentindo-se atraído ou cativado por ela, comunica essa verdade à vontade, que por isso a ama pela bondade e beleza que nela reconhece. Finalmente, o amor que esses dois poderes têm pelas verdades reveladas leva a pessoa a abandonar tudo para acreditar nelas e abraçá-las. Isso é feito espiritualmente. Tudo isso ajuda a explicar como se pode dizer que a fé nada mais é do que uma adesão do entendimento e da vontade às verdades divinas.

Com referência ao seu objeto, a fé não pode ser maior para algumas verdades do que para outras. Nem pode ser menor em relação ao número de verdades a serem cridas. Pois todos nós devemos acreditar na mesma coisa, tanto quanto ao objeto da fé quanto ao número de verdades. Todos são iguais nisso, porque todos devem crer em todas as verdades da fé – tanto aquelas que o próprio Deus revelou

diretamente, quanto aquelas que Ele revelou por meio de Sua Igreja. Assim, devo acreditar tanto quanto você e você tanto quanto eu, e todos os outros cristãos da mesma forma. Quem não acredita em todos esses mistérios não é católico e, portanto, nunca entrará no Paraíso. Assim, quando Nosso Senhor disse: Oh mulher, quão grande é a sua fé, não foi porque a mulher cananéia acreditou mais do que nós acreditamos. Foi, antes, que muitas coisas tornaram sua fé mais excelente.

É verdade que há apenas uma fé [ *Ef . 4:5*] que todos os cristãos devem ter. No entanto, nem todos a têm no mesmo grau de perfeição. Para apreciar como uma mesma fé pode ser mais ou menos excelente, falamos das condições que a potencializam e das virtudes que a acompanham. Para tornar tudo isso claramente entendido, devemos desenvolvê-lo lentamente.

A fé é a base e o fundamento de todas as outras virtudes, mas particularmente da esperança e da caridade. Agora, o que digo da caridade se aplica também a todas as muitas virtudes associadas a ela. Quando a caridade está unida e unida à fé, ela a vivifica. E assim segue-se que há uma fé morta e uma fé moribunda. A fé morta é a fé separada da caridade, separação que nos impede de realizar obras conformes à fé que professamos. Essa fé morta é aquela que muitos cristãos — os mundanos — têm. De fato, eles acreditam em todos os mistérios de nossa santa religião, mas como sua fé não é acompanhada de caridade, eles não realizam boas obras que estejam de acordo com sua fé. A fé moribunda é aquela que não está inteiramente separada da caridade. Faz algumas boas obras, embora raras e débeis, porque a caridade não pode estar realmente na alma que tem fé sem realizar obras pequenas ou grandes. Deve produzir ou perecer, porque não pode existir sem fazer boas obras. [2](#)

Assim como a alma não pode permanecer no corpo sem produzir ações vitais, também a caridade não pode se unir à nossa fé sem realizar obras conformes a ela. [ *Gal . 5:6; J como . 2:14-26*]. Não pode ser de outra forma. Portanto, você quer saber se sua fé está morta ou morrendo? Examine suas obras e ações. O mesmo acontece com a fé como com uma pessoa que está prestes a morrer. Quando ele sofre um

súbito ataque de fraqueza ou parece que expirou, colocamos uma pena em seus lábios e nossa mão em seu coração. Se a alma ainda está lá, sentimos seu coração batendo. Pelo movimento da pena sobre sua boca, vemos que ele ainda está respirando. De tudo isso concluímos com certeza que, embora essa pessoa possa estar morrendo, ela ainda não está morta. Uma vez que suas ações vitais estão funcionando, a alma deve necessariamente estar ainda unida ao seu corpo. Mas quando notamos que ele não dá mais sinais de vida, concluímos que evidentemente a alma se separou do corpo e, portanto, essa pessoa está morta.

A fé morta se assemelha a uma árvore seca que não tem substância viva. Na primavera, quando outras árvores brotam folhas e flores, esta não produz nada, porque não tem seiva, que as que não estão mortas, mas apenas adormecidas têm. Agora, aqui está outro ponto. Por mais que todas as outras árvores se pareçam com essa árvore morta no inverno, no entanto, em sua estação, elas produzem folhas, flores e frutos. Isso nunca acontece com a árvore que está realmente morta. <sup>3</sup>Pode parecer com as outras árvores, com certeza, mas está morta, pois nunca produz nem flores nem frutos. Da mesma forma, a fé morta pode realmente parecer uma fé viva, mas com esta importante diferença: ela não produz nem flores nem frutos de boas obras, enquanto a fé viva sempre os produz, e em todas as estações.

Funciona da mesma maneira com a fé como com a caridade. Pelas obras que a caridade realiza, sabemos se a fé está morta ou moribunda. Quando não produz boas obras, concluímos que está morto, e quando são poucos e lentos, que está morrendo. Mas assim como há uma fé morta, também deve haver uma fé viva que é o seu oposto. É excelente. Unida e unida à caridade e vivificada por ela, é forte, firme e constante. Ele realiza muitas grandes e boas obras que merecem o louvor: Oh, quão grande é a sua fé! Deixe que tudo o que você deseja seja feito.

Agora, quando dizemos que essa fé é grande, certamente não implicamos que seja algo como quatorze ou quinze unidades. Não devemos entendê-lo dessa maneira. É grande pelas boas obras que realiza e também pelas muitas virtudes que a acompanham e que

governa, agindo como uma rainha que trabalha pela defesa e preservação das verdades divinas. <sup>4</sup>Que essas virtudes lhe obedecem demonstra sua excelência e grandeza, assim como os reis não são grandes apenas quando têm muitas províncias e numerosos súditos, mas quando, junto com isso, têm súditos que os amam e são submissos a eles. Mas se, apesar de toda a sua riqueza, os seus vassallos não prestam atenção às suas ordens nem às suas leis, não diríamos que são grandes reis, mas sim muito mesquinhos. Assim, a caridade unida à fé não só é seguida por todas as virtudes, mas como rainha as ordena, e todos obedecem e lutam por ela e segundo a sua vontade. Disto resulta a multidão de boas obras de uma fé viva.

Há uma fé vigilante que, mais uma vez, depende de sua união com a caridade. Mas há também uma que é lenta, embotada e apática, e é o oposto da fé vigilante. É negligente em se aplicar à consideração dos mistérios de nossa religião. É completamente entorpecido e, por isso, não penetra de forma alguma nas verdades reveladas. Ele os vê, com certeza, e os conhece, porque seus olhos não estão totalmente fechados. Não está dormindo, mas está sonolento ou cochilando. Assemelha-se a pessoas cansadas que, embora de olhos abertos, não vêem quase nada e, embora ouçam falar, não sabem nem entendem o que é dito. Por quê? Porque eles são bastante superados com sonolência.

Assim, esta fé adormecida tem os olhos abertos, pois acredita nos mistérios. Ele ouve suficientemente o que foi dito sobre eles. Mas é com - como direi - um peso e embotamento que dificulta sua compreensão deles. As pessoas que têm uma mente embotada e sonhadora têm os olhos abertos, parecem muito pensativas e, ao que parece, atentas, mas estão realmente alheias ao que está acontecendo. É o mesmo com aqueles cuja fé está adormecida: eles acreditam em todos os mistérios em geral, mas perguntam o que eles entendem sobre eles e eles não sabem nada. Esta fé adormecida corre grande risco de ser atacada e seduzida por muitos inimigos e até mesmo de cair em precipícios perigosos.

Mas a fé vigilante não só realiza boas obras como a fé viva, mas também penetra e compreende as verdades reveladas rapidamente e

com grande profundidade e sutileza de percepção. É ativo e diligente em buscar e abraçar as coisas que podem aumentá-lo e fortalecê-lo. Observa e percebe de longe todos os seus inimigos. Está sempre alerta para descobrir o bem e evitar o mal. Ele se protege contra qualquer coisa que possa arruiná-lo. Vigilante, caminha com firmeza e evita facilmente cair nos precipícios.

Esta fé vigilante é acompanhada pelas quatro virtudes cardeais: fortaleza, prudência, justiça e temperança. Ele os usa como um peitoral blindado para colocar seus inimigos em fuga, ou para permanecer entre eles firme, invencível e inabalável. Tão grande é sua força que não teme nada, porque não apenas é forte, mas também está ciente de sua força e por quem é sustentada - a própria Verdade. Agora não há nada mais forte do que a verdade [ 3 *Esd* . 4:35] <sup>5</sup>, em que consiste o valor da fé. <sup>6</sup>Os homens realmente têm essa força. Eles têm poder e domínio sobre todos os animais. No entanto, porque nem sempre percebemos que isso está em nós, muitas vezes tememos como fracos e covardes, voando estupidamente diante das feras. A força da fé, ao contrário, consiste em parte em conhecer seu poder. Portanto, ele o usa em algumas ocasiões e coloca todos os seus inimigos em fuga.

A fé emprega a prudência para adquirir tudo o que pode fortalecê-la e aumentá-la. Não se contenta em crer em todas as verdades necessárias para a salvação, pois estas são reveladas por Deus e divulgadas pela Igreja. Está sempre atento para descobrir novos e, além disso, penetrá-los de modo a extrair deles a essência e a substância pela qual é sustentado, encantado, enriquecido e aumentado. Ora, esta prudência não é a mesma de muitos mundanos, que são muito cuidadosos em acumular riquezas e honras e outros detritos que os enriquecem e os elevam aos olhos dos homens, mas nada lhes aproveitam para a vida eterna. Que falsa prudência! Ainda que me ajudasse a ganhar cidades, principados e reinos, que me adiantaria se, apesar de tudo, sou condenado? [cf. *Matt* . 16:26]. De que servirá meu valor se o usar apenas para adquirir as coisas transitórias desta vida mortal? Certamente, mesmo que eu fosse o homem mais forte e

prudente do mundo, e não usasse esse valor e prudência para a vida eterna, isso não valeria nada.

Apesar disso, não há fim para a prudência humana! Ela se manifesta de mil, mil maneiras. E certamente sabemos que a maioria de nossos males vem apenas dessa falsa prudência. Mas, por enquanto, falemos apenas daquela prudência que diz respeito à fé.

A maioria dos cristãos tem a fé que devemos ter, acreditando em tudo o que devemos acreditar. Poucas coisas são realmente necessárias para a salvação: crer em todos os mistérios de nossa Religião e guardar os mandamentos de Deus. [ *Mat* . 19:16-17; *Mc* . 16:16; *Heb* . 11:6]. A prudência dos mundanos está satisfeita com isso e não quer fazer mais do que o absolutamente necessário para a vida eterna, e fugir apenas do que pode causar sua condenação. Você não trabalha para Deus, então, mas apenas para si mesmo nisso, pois sua prudência não se estende além de fazer o que você sabe que o impedirá de se perder. Você não pertence a esses servos vigilantes [ *Lc* . 12:37] que sempre têm os olhos nas mãos de seus senhores [ *Sl* . 122 (123):2], e que são extremamente cuidadosos e atentos para fazer tudo o que sabem que tornará seus serviços mais agradáveis a Ele. Com isso eles mostram claramente que não estão trabalhando para si mesmos, mas pelo amor que têm pelo seu Mestre. Eles empregam toda a sua prudência não apenas para cumprir seu dever para com Ele, mas também para fazer tudo o que descobrem ser agradável a Ele. Estes são os servos fiéis. [ *Mat* . 25:21, 23]. Assim, terão a vida eterna e, mais ainda, grande glória e doçura na presença e gozo da Divina Majestade.

Há muitos, escreve São Bernardo, <sup>7</sup>que dizem: "Guardo os mandamentos de Deus". Muito bem, você será salvo; essa é a sua recompensa. "Eu não sou um ladrão." Você não será enforcado. Essa é a sua recompensa. "Eu não cometi assassinato." Você não será executado. Essa é a sua recompensa. "Eu não desonrei ninguém." Você não será desonrado. Essa é a sua recompensa. "Faço o que sei ser necessário para ser salvo." Muito bem, você terá a vida eterna. Essa é a sua recompensa. Mas em tudo isso você será considerado apenas um servo inútil. [ *Mat* . 25:30]. A fé vigilante nunca age dessa maneira. Ele

serve a Deus não como um servo mercenário, mas como um fiel, empregando toda a sua fortaleza, prudência, justiça e temperança para fazer tudo o que sabe e reconhece ser agradável ao nosso Senhor e Mestre. Ela não apenas observa o que é necessário para a salvação, mas busca, abraça e pratica fielmente tudo o que pode aproximá-la de seu Deus.

Estar atento é a quinta qualidade da fé. A fé atenta é muito grande e excelente. Além de ser vivo e vigilante, atinge o ponto mais alto da perfeição através dessa atenção. É esta fé que a mulher cananéia tinha. Reflitamos um pouco sobre como a fé desta mulher é grande justamente por sua atenção.

Ao cruzar o distrito e as fronteiras de Tiro e Sidon, Nosso Senhor quis fazê-lo secretamente para não manifestar Sua glória. Ele considerou se retirar para uma casa para que não fosse visto ou notado. Sua popularidade crescia a cada dia e Ele era seguido por um grande número de pessoas atraídas por Seus milagres e obras maravilhosas. Querendo se esconder, Ele entrou em uma das casas próximas. Mas observe esta mulher pagã de pé entre Seus ouvintes, observando cuidadosamente para ver quando o Salvador, sobre quem ela ouvira tantas coisas maravilhosas, passaria. Ela estava tão atenta quanto um cachorro observando cuidadosamente sua presa, para que não escapasse. É desta forma que podemos interpretar as palavras de São Marcos Evangelista. [ *Mc* . 7:24-29].

Quando Nosso Senhor passou, ou quando Ele se aproximou, ou quando Ele entrou na casa, ou ainda, quando Ele estava saindo (essa é uma questão debatida, mas não quero entrar nela aqui; quanto a mim, acredito que isso aconteceu quando Ele estava nesta casa), a mulher cananéia, que estava esperando para tomar sua presa, veio apresentar seu pedido a Ele, clamando: Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente perturbada pelo diabo.

Reflita um pouco sobre a grande fé dessa mulher. Ela pede ao nosso divino Mestre apenas que Ele tenha piedade dela, e acredita que se Ele tiver piedade, isso será suficiente para curar e libertar sua filha que foi perturbada pelo espírito maligno. Sua fé não teria sido tão

grande se ela não estivesse tão atenta ao que ouvira falar de Nosso Senhor e ao que havia concluído sobre Ele. Aqueles que O seguiram ou que moravam nas casas próximas àquela para onde Ele se retirou, de fato viram e ouviram sobre as maravilhas e milagres que Ele havia realizado, pelos quais Ele confirmou a doutrina que Ele ensinou. Tinham tanta fé quanto a mulher cananéia, pois grande parte deles creu no que se dizia Dele. Mas a fé deles não era tão grande quanto a desta mulher porque não era tão atenta quanto a dela.

Normalmente observamos isso entre as pessoas comuns do mundo. Em uma reunião onde se discutem assuntos bons, santos e elevados, um homem avarento ouvirá de fato o que é dito, mas quando terminar, basta perguntar-lhe o assunto desta conversa, e ele não será capaz de relatar uma palavra. . Por quê? Porque ele não estava atento ao que era dito, sua atenção estava em seu tesouro. O mesmo vale para o homem sensual e amante do prazer. Embora pareça estar ouvindo o assunto da conversa, não se lembra de nada disso porque está mais atento ao seu prazer do que ao que está sendo discutido. Mas se houver alguém que dê toda a sua atenção, e escute o que é dito, ah, ele certamente irá relatar muito bem o que ouviu.

Por que vemos tão pouco proveito dos sermões ou dos mistérios que nos foram explicados ou ensinados, ou daqueles sobre os quais meditamos? É porque a fé com que os ouvimos ou meditamos neles não é atenta. E assim, nós acreditamos neles de fato, mas não com muita convicção. A fé da mulher cananéia não era nada disso. Ó mulher! quão grande é a tua fé, não só pela atenção com que ouves e acreditas no que dizem de Nosso Senhor, mas também pela atenção com que rezas a Ele e apresentas o teu pedido. Não há dúvida de que a atenção que damos à nossa compreensão dos mistérios de nossa Religião e aquela com que os meditamos e os contemplamos torna nossa fé maior.

Mas o que é oração e meditação? Parece que essas palavras vieram de outro planeta, já que tão poucas pessoas querem entendê-las. O que é meditação ou contemplação? Em uma palavra, é oração. Fazer oração é orar. Orar com atenção é ter uma fé viva, vigilante e atenta como a mulher cananéia. Esta fé ou oração atenta é seguida e acompanhada por

uma grande variedade de outras virtudes descritas na Sagrada Escritura. Mas, por serem inumeráveis, ficarei satisfeito em tocar naqueles que são mais apropriados para você e que resplandeceram especialmente na oração da mulher cananéia. Ora, as virtudes particulares com que esta mulher acompanhou o seu pedido foram quatro: confiança, perseverança, paciência e humildade. Sobre cada um deles direi apenas uma palavra, pois não quero me alongar muito.

Ela tinha confiança, que é uma das principais condições que tornam grande a nossa oração diante de Deus. "Senhor", disse esta mulher, "tenha piedade de mim. Minha filha está muito atormentada pelo diabo." (Em latim, essa frase significa "muito provada".) É como se ela quisesse dizer: "Este espírito maligno a atormenta cruel e excessivamente, e por isso, tenha piedade de mim". Que grande confiança! Ela acredita que se o Senhor tiver piedade dela, sua filha será curada. Ela não duvida nem do Seu poder nem da Sua vontade, pois clama apenas: "Tem piedade de mim!" Eu sei que com isso ela quis dizer: "Você é tão gentil e gentil com todos que não tenho dúvidas de que, implorando que você tenha piedade de mim, você o fará, e assim que o fizer, minha filha será curada. "

Certamente o maior defeito que temos em nossas orações e em tudo o que nos acontece, principalmente no que diz respeito às tribulações, é a nossa falta de confiança. Por causa dessa falta, não merecemos receber a ajuda que desejamos e pedimos. Ora, tal confiança sempre acompanha a fé atenta, que é grande ou pequena segundo a medida de nossa confiança. Quando São Pedro e os outros apóstolos estavam no barco com seu Senhor, e notaram que a tempestade se aproximava, ficaram assustados e pediram Sua ajuda. Nisso fizeram bem, pois é a Ele que devemos recorrer e a Ele devemos esperar toda a nossa ajuda. Mas quando viram as ondas subindo cada vez mais alto e seu bom Mestre ainda dormindo, ficaram muito excitados e gritaram: Senhor, salve-nos! Estamos perecendo! O Salvador os repreendeu, dizendo: "Homens de pouca fé". <sup>8</sup>[ *Mat* . 8:24-26]. Com isso Ele quis dizer: "Quão pequena é a sua fé, pois nesta

ocasião em que você deveria demonstrá-la ainda mais, você não tem confiança. Como sua confiança é pequena, assim também é sua fé."

Mas a mulher cananéia tinha grande confiança quando fez sua oração - de fato, mesmo em meio a rajadas e tempestades, que não eram capazes de abalar essa confiança nem um pouco. Pois ela o acompanhou com perseverança, continuando a clamar resolutamente: "Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim!" Ela não disse mais nada? Não, ela não tinha outras palavras em seus lábios além destas, e ela perseverou em usá-las durante todo o tempo em que clamou por Nosso Senhor. Quão grande virtude é esta perseverança! Se você tivesse perguntado àquele bom religioso, o jardineiro de São Pacômio, se ele não tivesse feito outra coisa senão fazer esteiras e trabalhar no jardim, ele teria respondido: "Nada mais". Esta foi a sua ocupação desde a sua entrada no mosteiro, e não esperava ter qualquer outro encargo pelo resto da vida.<sup>9</sup> Que perseverança ele teve!

No entanto, quando falo de perseverança não pretendo tratar daquela perseverança final necessária para ser salva, mas apenas daquela que deve acompanhar nossa oração. Quão poucas pessoas existem que realmente entendem em que ela consiste! Vemos moças que são apenas principiantes na devoção (e rapazes também, mas não estamos falando deles aqui; estamos falando agora apenas de moças, pois é a elas que me dirijo). Vemos, então, alguns que estão apenas começando a rezar e a seguir Nosso Senhor, e que ainda pedem e desejam delícias e consolações. Eles não podem perseverar em oração, exceto por força de doçura e deleite. Se eles experimentam algum desgosto na oração, ou se Deus retira ou tira a doçura ou facilidade habitual que eles tinham nela, eles reclamam e ficam aflitos. Eles dizem: "O fato é que eu não sou humilde, Deus não está nem um pouco interessado em me ouvir, Ele não olha para mim, pois Ele considera apenas os santos, e o que eu sei!" Eles entretêm outras bobagens e mil pensamentos, abandonando-se à ansiedade e ao desânimo.

Cansamos de orar com essa secura e abatimento de coração. E o que queremos? Êxtases, arrebatamentos, doçura e consolação. Se Deus não nos dá prontamente o que pedimos, ou não indica que Ele nos ouve,

perdemos a coragem, não podemos perseverar na oração, desistimos completamente, ali mesmo.

A mulher cananéia não agiu assim. Pois, embora ela tenha visto que Nosso Senhor não estava prestando atenção à sua oração, já que Ele não lhe deu nenhuma palavra de resposta e parecia fazer-lhe uma injustiça, no entanto, essa mulher perseverou em clamar por Ele - tanto que os Apóstolos ficaram constrangido a dizer a Ele que Ele deveria demiti-la porque ela não fez nada além de clamar por eles. Por isso, alguns são de opinião que, como nosso Salvador não lhe deu nenhuma palavra de resposta, ela se dirigiu aos Apóstolos, pedindo-lhes que intercedessem por ela. É por isso que eles disseram: "Ela continua gritando atrás de nós." Outros acreditam que ela não os pediu, mas que continuou a clamar a Nosso Senhor. Mas não quero me atrasar aqui. Quanto a mim, mantenho esta última opinião, que quando os apóstolos disseram: "Senhor, livre-se dela", ou melhor, "Mande embora esta mulher, porque ela continua clamando por nós", eles queriam dizer "depois de você", pois ela estava clamando a eles quando clamou ao seu Mestre.

No entanto, embora Nosso Senhor se fez de surdo a tudo isso, ela não deixou de continuar sua oração habitual. Nisto ela mostrou sua perseverança, pois não é pouca virtude perseverar em sempre fazer a mesma oração e fazer os mesmos exercícios. E que oração devemos sempre fazer? Nosso Senhor ditou com Sua própria boca. [ *Mat . 6:9-13*; *Lk . 11:2-4*]. Diga: "Pai nosso, que estás no céu". Devemos rezá-lo todos os dias, sem rezar nenhum outro? Não, eu não digo isso, mas Deus não ordenou nenhum outro a você. Bem sei que não é errado diversificar nossas orações e meditações, pois a própria Igreja nos ensina isso na variedade de seus ofícios. Mas, além dessas orações, você dirá uma todos os dias, que deve ser recitada não apenas depois das Laudes, Prime e Vésperas, mas muitas vezes ao dia. E o que será? "Pai Nosso que estais no céu." Oh, como seremos felizes se acompanharmos essa oração com perseverança. Quando temos repugnância e secura nela, quando a doçura da oração nos é tirada, devemos perseverar em orar sem se cansar, sem reclamar nem procurar ser libertos dela,

contentando-nos em tudo isso clamando sem cessar: Senhor , Filho de Davi, tenha piedade de mim!

Em algum lugar dos escritos de Cícero, não sei exatamente onde, ele diz em forma de provérbio que não há nada que canse tanto um viajante quanto uma estrada longa quando é plana ou curta quando é acidentada e montanhosa . (Não me lembro de suas palavras exatas.) Ele acrescenta muitas outras coisas, mas é isso que ele quis dizer: perseverança é muito difícil. Embora o viajante caminhe por uma estrada bonita e plana, sua extensão o cansa. Quando ele vê a noite chegando, ele fica perturbado e perturbado. Em uma palavra, ele certamente teria encontrado mais prazer se esta estrada oferecesse o desvio de vales e colinas. Da mesma forma, um caminho acidentado e montanhoso, ainda que curto, cansa e cansa o peregrino, pois ele está sempre fazendo a mesma coisa. Mas é curto. Não importa, ele preferiria que fosse mais longo, mas passando por uma planície ou vale.

O que é isso senão os caprichos do espírito humano, que não tem perseverança alguma no que empreende? É por isso que os mundanos que vivem de acordo com seus caprichos sabem tão bem diversificar as estações com seus passatempos e recreações. Eles nem sempre jogam o mesmo jogo, mas vários, caso contrário logo se cansam deles. Agora mesmo, na época do Carnaval, eles têm balés, danças e máscaras. Em suma, eles passam as estações em uma variedade de diversões que nada mais são do que caprichos e caprichos do espírito humano.

É por isso que a perseverança em fazer sempre a mesma coisa na religião [10](#) é um martírio, e pode muito bem ser considerado assim. É verdade que é chamado de paraíso por aqueles que o entendem bem. Mas também pode ser chamado de martírio, pois as fantasias do espírito humano e toda a vontade própria são continuamente martirizadas lá. Eu lhe pergunto, não é um martírio estar sempre vestido da mesma maneira sem ter a liberdade de se vestir e se vestir como os mundanos fazem? Não é um martírio comer sempre à mesma hora e quase o mesmo tipo de comida?

Não é uma grande perseverança para os camponeses, que normalmente só têm pão, água e queijo para se alimentar? No entanto,

eles não morrem mais cedo, mas estão em melhor saúde do que os fastidiosos, para quem não se sabe qual é a comida certa. Eles precisam de tantos cozinheiros, tantos tipos diferentes de preparações! Então, apresente para eles e veja o que acontece: "Ah", eles dizem, "tire isso de mim, não é bom"; ou "Isso vai me deixar doente", e coisas desse tipo. Mas na religião não fazemos uso de tal artifício. Comemos o que nos é dado! E isso é um martírio, assim como o seguimento constante dos mesmos exercícios.

Perseveremos em oração em todos os momentos. Pois se Nosso Senhor parece não nos ouvir, não é porque Ele quer nos recusar. Em vez disso, Seu propósito é nos obrigar a clamar mais alto e nos tornar mais conscientes da grandeza de Sua misericórdia. Quem entende de caça sabe bem que no inverno os cães não conseguem farejar suas presas. O ar frio e a geada os impedem de detectar suas presas tão facilmente quanto em outras ocasiões. Algo semelhante acontece na primavera. A variedade e fragrância das flores tira a facilidade de perceber o cheiro do animal. <sup>11</sup>Para remediar isso, o caçador coloca um pouco de vinagre na boca e, segurando a cabeça do cachorro, esguicha o vinagre em seu nariz. Agora ele faz isso não para desencorajá-lo de ir em busca de sua presa, mas sim para instigá-lo e excitá-lo a fazer sua tarefa. Da mesma forma, quando Nosso Senhor nos priva da doçura e da consolação, não é para nos recusar ou para nos fazer perder a coragem, mas lança vinagre em nossa boca para nos excitar a nos aproximarmos tanto de Sua divina Bondade, e para nos encorajar na perseverança.

É também para obter provas de nossa paciência. Esta foi a terceira virtude que acompanhou a oração da mulher cananéia. Vendo sua perseverança, o Salvador desejou provar sua paciência também. Por esta virtude mantemos, tanto quanto possível, a igualdade de espírito entre as desigualdades desta vida. Por isso respondeu aos seus Apóstolos, que lhe suplicaram que a mandasse embora, com uma palavra que a magoou profundamente e que deve tê-la desencorajado muito. Não é razoável, disse Ele, que eu tome o pão dos filhos para dar aos cães. Não vim para buscar todas as ovelhas perdidas, mas para encontrar as ovelhas perdidas da casa de Meu Pai.

"Ah, então, Senhor, esta ovelha não é da casa de seu Pai? Ela vai se perder? Você não veio para todos, para o povo judeu e para os gentios?" É mais claro que Nosso Senhor veio para todos. Isso é muito claro na Sagrada Escritura. Mas quando Ele disse: "Eu não vim para todas as ovelhas desgarradas, mas somente para as ovelhas perdidas da casa de Meu Pai", Ele queria que ficasse entendido que Ele foi prometido apenas aos judeus, que foram chamados filhos de Deus, que é que foi predito que Ele viria a Israel e andaria com Seus próprios pés entre este povo, ensinar-lhes-ia por Sua própria boca, curaria seus doentes com Suas próprias mãos, realizaria milagres em Sua própria pessoa. [ *É* . 40:1-2, 10-11; 61:1; *Lk* . 4:18-21]. Portanto, Ele não deve tirar o pão dos filhos de Deus, isto é, do povo judeu, e jogá-lo aos cães, ou ao povo gentio, uma nação que não O conheceu. É como se Jesus Cristo quisesse dizer: Os favores que dou aos gentios, para os quais não fui enviado, são tão pequenos e tão poucos em comparação com os que concedo aos israelitas, que estes últimos têm nenhuma razão para ter ciúmes disso.

Como, então, devemos entender que Nosso Senhor veio para os gentios, bem como para os judeus? É assim. Assim como Ele veio para andar com Seus próprios pés entre os filhos de Israel, Ele andaré entre os gentios nos pés de Seus Apóstolos. Ele curará seus enfermos, não com Suas próprias mãos, mas pelas dos Apóstolos. Ele pregará Sua doutrina a eles, mas pela boca de Seus apóstolos. Ele recuperará suas ovelhas perdidas, mas por meio do trabalho de Seus Apóstolos. É por isso que Ele falou à mulher cananéia palavras que parecem tão rudes e cortantes, saboreando tanto desprezo e desdém por essa pobre mulher pagã. De fato, comumente observamos que nada ofende tanto quanto palavras cortantes ditas com desprezo por aqueles a quem falamos, principalmente se forem ditas por pessoas de distinção e autoridade. Vimos homens morrerem de tristeza e dor porque palavras de desprezo lhes foram ditas por seus príncipes, ainda que possam ter sido ditas por impulso ou surpresa de alguma paixão. Quando esta mulher ouviu Nosso Senhor, ela não perdeu a paciência. Nem se ofendeu nem se entristeceu. Prostrando-se a Seus pés, ela respondeu: "É verdade. Eu sou um cachorro, eu admito. Mas eu confio em Sua palavra, pois os cães

seguem seus donos e se alimentam das migalhas que caem debaixo da mesa".

Essa humildade era a quarta virtude que acompanhava a fé e a oração da mulher cananéia - uma humildade tão agradável ao Salvador que Ele lhe concedeu tudo o que ela lhe pedia, dizendo: Ó mulher! quão grande é a sua fé. Seja feito como você deseja. Certamente todas as virtudes são muito caras a Deus, mas a humildade O agrada acima de todas as outras, e parece que Ele nada pode recusar. Ora, esta mulher manifestou a grandeza da sua humildade ao reconhecer que era uma cadela, e que, como cadela, não pedia os favores reservados aos judeus, que eram filhos de Deus, mas apenas para recolher as migalhas que caiu debaixo da mesa.

Há muitas pessoas que insistem que não são nada, que são apenas vileza, miséria e coisas afins (o mundo está cheio desse tipo de humildade); mas não suportam que outro lhes diga que não valem nada, que são tolos e palavras de desprezo semelhantes. Eles vão confessar o quanto quiserem, mas você tome cuidado ao dizer isso a eles, pois eles ficarão ofendidos. [12](#) Acrescentarei esta palavra de passagem, já que me vem à mente. Os confessores ficariam muito felizes se pudessem sempre trazer seus penitentes para confessar que são pecadores. Mas não! deixe-os mostrar-lhes suas falhas; deixe-os tentar fazê-los admitir que estão errados! Na maioria das vezes, eles não desejam admitir nem podem acreditar. Quanto à nossa cananéia, não só não se ofendeu ao ouvir-se chamar de cachorro, como acreditou, confessou e pediu apenas o que pertencia aos cachorros. Nisto ela manifestou uma humildade admirável que mereceu ser louvada pela boca de Nosso Senhor - o que Ele fez, dizendo: Oh, mulher, quão grande é a tua fé! Seja feito como você deseja. E ao elogiar sua fé, Ele elogiou todas as outras virtudes que a acompanhavam.

Coragem então! Despertemos novamente nossa fé e a vivifiquemos pela caridade, e pelas práticas e boas obras realizadas na caridade. Cuidemos para conservá-la e aumentá-la, tanto pela atenta consideração dos mistérios que ela nos ensina, como pelo exercício das virtudes de que falamos, particularmente a humildade, pela qual a

mulher cananéia obteve tudo o que desejava. Vamos imitar esta mulher que perseverou em clamar por nosso Salvador e Mestre: Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim! Ele nos dirá no final de nossos dias: Faça-se como deseja; e por causa do que você fez, venha, desfrute a eternidade.

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. 1, cap. 1; Bk. 2, cap. 14; Bk. 7, cap. 5.
- [2.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. 4, cap. 2; Bk. 11, cap. 5, perto do início. Estando tão próximo da Reforma Protestante e sua compreensão da justificação pela fé somente, São Francisco de Sales tem o cuidado de enfatizar a visão católica da fé informada pela caridade como encontrada na carta de Tiago (*Tg* 2:14-15) e nos ensinamentos do Concílio de Trento. Cf. também pág. 159 deste volume, Notas 3, 5, 6.
- [3.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. 11, cap. 12.
- [4.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. 2, cap. 14; Bk. 8, cap. 6; Bk. 11, cap. 5 e 9.
- [5.](#) Na Septuaginta os dois livros canônicos *Esdras* e *Neemias* foram unidos para formar um chamado *Esdras B* (ou seja, *Segundo* ) e foram colocados imediatamente após o livro apócrifo chamado *Esdras A* (ou seja, *Primeiro*). (*Enciclopédia Bíblica Católica* , por Steinmuller & Sullivan). *1 Esdras*: Na Septuaginta, este livro é chamado *de 3 Esdras* (ou pelos estudiosos modernos, "o *Esdras grego*"), mas é colocado antes dos outros dois. *3 Esdras* 4:35: Então a verdade é grande e mais poderosa do que todas as outras coisas. (*The Apocrypha* , Am. tradução de Edgar J. Goodspeed, Vintage Books).
- [6.](#) Cf. Sermão para o Primeiro Domingo da Quaresma, pp. 21-22 deste volume.
- [7.](#) Cf. *As Conferências Espirituais de São Francisco de Sales* , Conferência XI, "A Virtude da Obediência", p. 197 (8).
- [8.](#) Cf. Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma, p. 22 deste volume.
- [9.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , X, "Sobre Obediência", p. 167; XI, "A Virtude da Obediência", pp. 190-191.
- [10.](#) Ou seja, a vida religiosa, na qual se faz os três votos de pobreza, castidade e obediência.
- [11.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. 12, cap. 3.

[12.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte III, cap. 5.

## **FELICIDADE ETERNA**

*Sermão para o segundo domingo da Quaresma, 20 de fevereiro de 1622, sobre nossa incapacidade de compreender a felicidade eterna, a capacidade da alma no céu de usar suas faculdades para entender claramente e amar ardentemente, a alegria da alma nas conversas celestiais com os anjos, santos, Nossa Senhora, Nosso Senhor, e com a Santíssima Trindade, a grande alegria da alma ao recordar-lhe as misericórdias de Nosso Senhor, a sua Paixão e morte, e ao ver o amor do Seu Coração por ela, o grande deleite de cada alma em receber um nome secreto conhecido somente por Deus, o beijo dado por Deus à alma abençoada e a infinitude das alegrias da eternidade .*

*"Conheço um homem em Cristo - se estava dentro ou fora do corpo, não sei, Deus sabe - que foi arrebatado ao terceiro céu... e ouviu palavras encobertas, palavras que não é permitido ao homem proferir ."— 2 Cor . 12:2-4*

Quando o grande apóstolo São Paulo foi arrebatado e elevado até o terceiro céu, ele não sabia se estava dentro ou fora de seu corpo, e afirmou que nenhum homem pode ou pode dizer o que viu lá ou que maravilhas aprendeu quando lhe foram mostrados em seu arrebatamento. Agora, se aquele que os viu não pode falar deles - se

mesmo depois de ter sido arrebatado até o terceiro céu, ele não ousa dizer uma palavra do que testemunhou - muito menos devemos ousar fazê-lo, nós que nunca fomos elevado até ao primeiro, ou ao segundo, muito menos ao terceiro céu.

O discurso sobre o Evangelho [ *Mat . 17:1-9* ] que eu vou dar a você hoje deleites de felicidade eterna. Devo começar dando-lhe uma parábola. Ao tratar das maravilhas do outro mundo em seus Diálogos, São Gregório Magno afirma o seguinte: "Imagine uma mulher grávida que é colocada na prisão, onde permanece até o momento do parto. Ela até dá à luz lá e é então condenada a passar o resto de sua vida no calabouço e a criar seu filho lá. À medida que ele cresce, a mãe deseja dar-lhe uma idéia das coisas do mundo exterior, pois tendo vivido apenas naquela escuridão contínua que ele não tem idéia da luz do sol, da beleza das estrelas ou da beleza da natureza. Como a mãe quer ensinar-lhe todas essas coisas, eles abaixam uma lâmpada ou uma vela acesa para ela. Com isso ela tenta fazer ele conceber, o melhor que ela pode, a beleza de um dia claro. Ela lhe diz: 'O sol e as estrelas são feitos assim e espalham uma grande luz.' É tudo em vão, pois a criança, não tendo experiência da luz da qual sua mãe fala, não pode entender.

"Então a pobre mulher tenta dar-lhe uma idéia da beleza das colinas cobertas de árvores e frutas diversas: laranjas, limões, pêras, maçãs e afins. Mas a criança não sabe nada disso, nem como pode ser. Embora sua mãe, segurando na mão algumas folhas daquelas árvores, possa lhe dizer: 'Meu filho, elas estão cobertas de folhas como estas' e, mostrando-lhe uma maçã ou uma laranja, 'Elas também estão carregadas de frutas como como estes, não são bonitos?' a criança permanece em sua ignorância. Sua mente simplesmente não consegue compreender o que sua mãe quer lhe ensinar, pois tudo o que ela usa não é nada comparado à própria realidade." <sup>1</sup>

As limitações são as mesmas, minhas queridas almas, com tudo o que podemos dizer da grandeza da felicidade eterna e dos prazeres e belezas que enchem o Céu. De fato, há maior proporção entre a luz de uma lâmpada e o esplendor daqueles grandes luminares que brilham sobre nós, entre a beleza da folha ou fruto de uma árvore e a própria

árvore carregada de flores e frutos, entre tudo o que esta a criança compreende o que sua mãe lhe diz e a própria realidade das coisas ditas, do que há entre a luz do sol e o esplendor que os bem-aventurados desfrutam na glória; entre a beleza de um prado salpicado de flores na primavera e a beleza desses jardins celestiais; entre a beleza dos nossos montes cobertos de frutos e a beleza dos montes eternos. Mas seja como for, e podemos estar certos de que nada podemos dizer em comparação com a realidade; ainda devemos dizer algo sobre isso.

Já preguei aqui muitas vezes sobre o Evangelho de hoje e sobre este tema. Portanto, quero falar sobre um ponto que ainda não abordei. Mas antes de iniciá-lo, devo esclarecer algumas dificuldades que podem impedi-lo de realmente entender o que quero dizer. Faço isso com entusiasmo porque quero que este ponto seja bem pensado, considerado e compreendido por você.

A primeira dificuldade vista na pergunta é: As almas dos bem-aventurados, separadas de seus corpos, podem ver, ouvir, considerar e compreender? Eles podem, em suma, exercer as funções da mente tão livremente como quando estavam unidos aos seus corpos? Eu respondo que não só podem agir como antes, mas muito mais perfeitamente. E para sustentar esta teoria, darei a você uma história de Santo Agostinho, um autor em quem se pode depositar total confiança. Relata que conheceu um médico de Cartago que era tão famoso em Roma como naquela cidade, tanto porque se destacava na arte da medicina como porque era um homem muito bom, que fazia muitas obras de caridade e servia aos pobres. grátis. Sua caridade para com o próximo moveu Deus a tirá-lo de um erro em que havia caído quando jovem. Deus sempre favorece grandemente aqueles que praticam a caridade para com o próximo; de fato, não há nada que atraia Sua misericórdia sobre nós mais abundantemente. Nosso Senhor declarou-o Seu próprio mandamento especial [ *Jo* . 15:12], aquele que Ele mais ama e preza. Pois depois do amor de Deus, não há nada maior. [ *Mat* . 22:37-40].

Santo Agostinho conta como esse médico lhe disse que, quando jovem, começou a duvidar se a alma, separada do corpo, pode ver, ouvir

ou entender alguma coisa. Um dia, enquanto estava neste erro, ele adormeceu. De repente, um belo jovem apareceu para ele em seu sono e disse: "Siga-me". O médico assim o fez, e seu guia o conduziu a um campo amplo e espaçoso onde de um lado lhe mostrava belezas incomparáveis, e do outro lhe permitia ouvir um concerto de música deliciosa. Então o médico acordou. Algum tempo depois, o mesmo jovem apareceu novamente para ele dormindo e perguntou: "Você me reconhece?" O médico respondeu que realmente o reconhecia distintamente, que fora ele quem o conduzira ao belo campo onde ouvira uma música tão agradável. "Mas como você pode me ver e me reconhecer?" perguntou o jovem. "Onde estão seus olhos?" "Meus olhos", ele respondeu, "estão no meu corpo." "E onde está o seu corpo?" "Meu corpo está deitado na minha cama." "E seus olhos estão abertos ou fechados?" "Eles estão fechados." "Se eles estão fechados, eles não podem ver nada. Admita, então, já que você me vê mesmo com os olhos fechados, me reconhece distintamente e ouviu a música mesmo que seus sentidos estivessem dormindo, que as funções da mente não dependem de os sentidos corporais, e que a alma, mesmo separada do corpo, pode ver, ouvir, considerar e compreender". Então o sonho sagrado terminou e o jovem deixou o médico, que nunca mais duvidou dessa verdade.

Assim diz Santo Agostinho. Ele ainda menciona que o médico lhe disse que ouviu aquela música divina cantada à sua direita no campo mencionado. Mas ele acrescentou com firmeza: "Não me lembro do que ele viu à sua esquerda". Menciono isso para mostrar o quão preciso aquele santo glorioso foi, dizendo apenas o que ele sabia ser a verdade nesta história. Depois disso, nunca mais devemos permitir que essa "dificuldade" penetre em nossas mentes, ou seja, se nossas almas, quando separadas de nossos corpos, terão plena e absoluta liberdade para desempenhar suas funções e atividades. Pois então nosso entendimento verá, considerará e compreenderá não apenas uma coisa de cada vez, mas várias juntas; seremos capazes de dar atenção a várias coisas ao mesmo tempo sem que uma delas substitua a outra.

Aqui não podemos fazer isso, pois quem quer pensar em mais de uma coisa ao mesmo tempo sempre dá menos atenção a cada uma e sua atenção é menos perfeita em todas elas. <sup>2</sup>É o mesmo com a memória; nos fornecerá muitas lembranças, e uma não interferirá nas outras. Nossa vontade também terá a facilidade de querer muitas coisas diferentes sem se enfraquecer ou amar uma com menos ardor que a outra. Isso nunca pode ser feito nesta vida enquanto a alma habita o corpo. Aqui nossa memória não tem total liberdade em seu funcionamento. Não pode ter muitas lembranças, pelo menos ao mesmo tempo, sem que uma interfira na outra. Da mesma forma, nossa vontade ama com menos ardor quando ama muitas coisas juntas. Seus desejos e vontades são menos apaixonados e ardentes quando são muitos.

A segunda dificuldade diz respeito à opinião que muitos sustentam de que os bem-aventurados na Jerusalém celestial estão tão embriagados com a abundância da consolação divina que essa embriaguez tira deles o poder de agir. Eles pensam que é o mesmo que com as consolações às vezes recebidas na terra. Estes fazem com que a alma caia em um certo sono espiritual, de modo que por um tempo ela é incapaz de se mover ou mesmo de saber onde está, assim como o profeta real testemunha em seu Salmo, *In convertendo*: "Nós nos tornamos como homens consolados" [ *Ps . 125 (126):1*]; ou então, de acordo com o texto hebraico e a Septuaginta, "como homens sonhando, quando o Senhor trouxe de volta os cativos de Sião". <sup>3</sup>Mas não é assim na glória eterna. Lá a abundância de consolação não tirará a consciência ou nosso poder de agir. Harmonia é a excelência de nossas ações, <sup>4</sup>e no céu nossas ações não perturbarão a harmonia, mas a aperfeiçoarão de tal maneira que nossas ações não serão prejudiciais umas às outras, mas cada uma ajudará a outra a continuar e perseverar para a glória do puro amor de Deus, que os tornará capazes de subsistir juntos.

Não imaginem então, minhas queridas almas, que nosso espírito ficará embotado ou sonolento pela abundância e alegrias da felicidade eterna. Pelo contrário! Será muito alerta e ágil em suas diversas

atividades. E embora esteja escrito que Nosso Senhor embriagará Seus amados: "Bebam, meus amigos, e fiquem embriagados, meus amados" [Sl . 35 (36):9; Não posso . 5,1], esta embriaguez não tornará a alma menos capaz de ver, considerar, compreender e realizar as várias atividades que o amor de seu Amado lhe sugerirá, como acabamos de afirmar. Ele deve mover a alma a aumentar seus movimentos e olhares amorosos, sempre inflamando-a com novo ardor.

A terceira dificuldade ou equívoco da qual desejo libertá-los é o pensamento de que na glória eterna estaremos sujeitos a distrações, assim como estamos nesta vida mortal. Não, e a razão é, como acabamos de dizer, que seremos capazes de dar atenção a muitas coisas diferentes ao mesmo tempo, sem que um ato interfira no outro. Em vez disso, cada um aperfeiçoará o outro. Os muitos assuntos que teremos em nossa compreensão, as muitas lembranças em nossa memória, ou os muitos desejos de nossa vontade não interferirão uns nos outros, nem um será melhor compreendido do que qualquer outro. Por que é isso? Pela simples razão, minhas queridas Irmãs, que tudo é aperfeiçoado e levado à perfeição na eterna bem-aventurança do Céu.

Agora, o que diremos desta bem-aventurança? A palavra "beatitude" ou "felicidade" indica claramente o que é, pois significa um lugar de consolação onde todas as alegrias e bênçãos são encontradas e experimentadas. Neste mundo, consideramos mais feliz uma mente que pode concentrar-se em muitos assuntos ao mesmo tempo, como é evidente pelos elogios concedidos àquele homem que soube estar atento a sete tópicos ao mesmo tempo (cf. *História Natural de Plínio*), e como é evidente pelos elogios feitos àquele heróico capitão que conhecia os cento ou cinquenta mil soldados sob seu comando, cada um pelo nome. Quão felizes consideraremos nossa própria mente quando, em bem-aventurança, ela puder ter tantos e tão variados interesses! Mas, meu Deus, o que podemos dizer dessa felicidade indescritível que é eterna, invariável, constante e permanente e, como dizem os antigos franceses, "*sempiternelle*"?

Não pretendo, minhas queridas Irmãs, tratar da felicidade que os bem-aventurados têm na visão clara da face de Deus, a quem eles vêem

e verão para sempre em Sua essência [cf. *1 Cor* . 13:12], pois isso diz respeito à felicidade essencial, e não desejo tratar disso, além de algumas palavras no final. Nem tratarei da eternidade dessa glória dos santos, mas apenas de uma certa glória accidental que eles recebem na conversa que mantêm juntos. Ó que conversa divina! Mas com quem? Com três tipos de pessoas: consigo mesmo, com os anjos, os arcanjos, os querubins, os santos apóstolos, os confessores, as virgens, com a gloriosa Virgem, Nossa Senhora e Senhora; com a santíssima humanidade de Nosso Senhor; e, por último, também com a mais adorável Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Mas, minhas queridas Irmãs, vocês devem saber que todos os bem-aventurados se conhecerão, cada um pelo nome, como entenderemos melhor do Evangelho, que nos mostra nosso Divino Mestre no Monte Tabor acompanhado por São Pedro, São Tiago e São João. Enquanto eles olhavam para o Salvador que estava orando [ *Lc* . 9:29], Ele foi transfigurado diante deles [ *Mat* . 17,2], deixando transparecer em Seu corpo uma pequena porção da glória que continuamente desfrutou desde o momento de Sua gloriosa Conceição no seio de Nossa Senhora. Ele reteve esta glória por um milagre contínuo, mantendo-a confinada e escondida na parte superior de Sua alma.

Os Apóstolos viram Seu rosto tornar-se mais deslumbrante e brilhante do que o sol. De fato, essa luz e glória foram espalhadas até mesmo sobre Suas roupas para nos mostrar que era tão difusa a ponto de ser compartilhada por Suas próprias roupas e tudo o que estava sobre Ele. Ele nos mostra uma centelha de glória eterna e uma gota desse oceano, desse mar de felicidade incomparável, para nos fazer desejá-lo em sua totalidade. <sup>5</sup>Assim, o bom São Pedro, como chefe dos outros, falou por todos e exclamou em plena alegria e consolação: "Ó como é bom estarmos aqui!" Ele parece querer dizer: "Vi muitas coisas, mas nada é tão desejável quanto ficar aqui". Os três discípulos reconheceram Moisés e Elias, embora nunca os tivessem visto antes, um tendo retomado seu corpo, ou um corpo formado de ar, e o outro estando no mesmo corpo em que foi levado na carruagem triunfal. [ *4kg*

. (2 Rs. ) 2:11]. Ambos conversavam com nosso Divino Mestre sobre o excesso que Ele estava prestes a cumprir em Jerusalém [ Lc . 9:31], o excesso que era a morte que Ele estava prestes a sofrer por amor. Imediatamente após esta conversa, os Apóstolos ouviram a voz do Pai Eterno dizendo: "Este é Meu Filho, Meu Eleito; ouçam-no".

Deixe-me observar antes de tudo que na felicidade eterna nos conheceremos, pois nesta pequena centelha que o Salvador deu aos Seus Apóstolos Ele quis que eles reconhecessem Moisés e Elias, a quem eles nunca tinham visto. Se isso for verdade, ó meu Deus, que contentamento receberemos ao rever aqueles que tanto amamos nesta vida! Sim, conheceremos até os novos cristãos que só agora estão se convertendo à nossa santa fé nas Índias, Japão e Antípodas. As boas amizades desta vida continuarão eternamente na outra. Amaremos cada pessoa com um amor especial, mas essas amizades particulares não causarão parcialidade, porque todos os nossos afetos tirarão sua força da caridade de Deus que, ordenando-os a todos, nos fará amar cada um dos bem-aventurados com aquele amor eterno com que somos amados pela Divina Majestade.

Ó Deus! Que consolo teremos nessas conversas celestiais uns com os outros. Ali nossos anjos bons nos darão maior alegria do que podemos imaginar quando os reconhecermos e nos falarem com tanto amor do cuidado que tiveram por nossa salvação durante nossa vida mortal, lembrando-nos das santas inspirações que nos deram, como um sagrado leite que eles tiraram do seio da Divina Bondade, para nos atrair a buscar a doçura incomparável que agora desfrutamos. "Você se lembra", eles dirão, "da inspiração que eu lhe dei em tal momento, ao ler aquele livro, ou ao ouvir aquele sermão, ou ao olhar para aquela imagem?" Por exemplo, o anjo bom de Santa Maria do Egito a lembrará da inspiração que a converteu a Nosso Senhor e que foi o fundamento de seu destino celestial. Ó Deus! Nosso coração não se derreterá com um prazer indescritível ao ouvir essas palavras?

Cada um dos santos terá uma conversa especial de acordo com sua posição e dignidade. Um dia nosso glorioso Pai, Santo Agostinho (de quem falo, pois sei que lhe agrada), [6](#) tinha o desejo de ver Roma

triunfante, o glorioso São Paulo pregando, e Nosso Senhor entre o povo curando os doentes e fazendo milagres. Oh, minhas queridas almas, que consolo este grande santo tem agora em contemplar a Jerusalém celestial em seu triunfo, o grande apóstolo Paulo (não digo grande de corpo porque era pequeno, mas grande em eloquência e santidade) pregando e entoando aqueles louvores ele dará por toda a eternidade à Divina Majestade em glória! Mas que consolação incomparável para Santo Agostinho ver Nosso Senhor operar o milagre perpétuo da felicidade do bem-aventurado que a Sua morte adquiriu para nós! Imagine a conversa divina que esses dois santos podem ter um com o outro, com São Paulo dizendo a Santo Agostinho: "Meu querido irmão, você não se lembra que ao ler minha epístola [ *Rm* 13:12-14] você foi tocado por uma inspiração que o levou a se converter, uma inspiração que eu obtive para você da misericórdia divina de nosso bom Deus pela oração que fiz por você no momento em que você estava lendo o que escrevi? Isso, queridas Irmãs, não trará uma doçura incomparável ao coração de nosso santo Padre?

Imaginemos isto: suponha que Nossa Senhora, Santa Madalena, Santa Marta, Santo Estêvão e os Apóstolos fossem vistos pelo espaço de um ano em Jerusalém, como para um grande jubileu. Quem de nós, eu lhe pergunto, gostaria de permanecer aqui? Quanto a mim, penso que embarcaríamos imediatamente, expondo-nos ao perigo de todos os perigos que recaem sobre os viajantes, para que pudéssemos experimentar a graça de ver nossa gloriosa Mãe e Senhora, Madalena, Maria Salomé e as outras. Afinal, os peregrinos se expõem a todos esses perigos apenas para ir reverenciar os lugares onde essas pessoas santas colocaram seus pés. Se assim é, minhas queridas almas, que consolação receberemos quando, entrando no Céu, virmos o rosto bendito de Nossa Senhora, todo resplandecente do amor de Deus! E se Santa Isabel ficou tão arrebatada de alegria e contentamento quando, no dia da visita de Nossa Senhora, ouviu-a entoar aquele cântico divino, o Magnificat [ *Lc* . 1:39-55], quanto mais nossos corações e almas vibrarão de alegria inexplicável quando ouvirmos esta sagrada Cantora entoar o cântico do amor eterno! [7](#) Oh, que doce melodia! Sem

dúvida, seremos arrebatados e experimentaremos os mais amorosos arrebatamentos que, no entanto, não nos tirarão nem o uso da razão nem de nossas faculdades. Ambos serão maravilhosamente fortalecidos e aperfeiçoados por este encontro divino com a Santa Virgem, para melhor louvar e glorificar a Deus, que concedeu a ela e a cada um de nós tantas graças, entre elas a de conversar familiarmente com ela.

Mas, você pode perguntar, se é verdade, como você diz, que vamos conversar com todos aqueles na Jerusalém celestial, o que diremos? De que falaremos? Qual será o assunto da nossa conversa? Ó Deus! Minhas queridas Irmãs! Qual assunto? Certamente das misericórdias que o Senhor nos fez aqui na terra e pelas quais nos tornou capazes de entrar na alegria de uma felicidade que só pode nos satisfazer. Digo "sozinho" porque nessa palavra "felicidade" está contido todo tipo de bem. Eles são, no entanto, apenas um único bem, a alegria de Deus na felicidade eterna. É este bem único que o amante divino <sup>8</sup>no Cântico dos Cânticos pedido ao seu Amado (ela pratica a verdadeira sabedoria aqui, por seguir o conselho do sábio <sup>9</sup>[ *Eclus. (Sir. ) 7:40*], ela considera o fim, e então, à luz disso, os meios). "Beije-me", ela grita, "Ó meu querido Amado, com o beijo de Sua boca." [cf. *Não posso* . 1:1 (2)]. Este beijo, como logo exclamarei, nada mais é do que a felicidade dos bem-aventurados.

Mas do que mais falaremos em nossas conversas? Da morte e Paixão de nosso Senhor e Mestre. Ah, não aprendemos isso na Transfiguração, na qual eles não falaram mais do que o excesso que Ele teve que sofrer em Jerusalém, excesso que não era outro, como já vimos, do que Sua morte dolorosa? <sup>10</sup>Oh, se pudéssemos compreender algo da consolação que os bem-aventurados têm ao falar desta morte amorosa, como também nossas almas se expandiriam ao pensar nela!

Deixe-nos passar, peço-lhe, e dizer algumas palavras sobre a honra e graça que teremos em conversar mesmo com nosso Senhor encarnado. Aqui, sem dúvida, nossa felicidade atingirá uma altura inexprimível e indizível. O que faremos, queridas almas, o que nos tornaremos, eu vos pergunto, quando pela Sagrada Chaga de Seu lado

percebermos aquele Coração adorável e amável de nosso Mestre, inflamado de amor por nós, aquele Coração onde veremos cada um dos nossos nomes escritos em letras de amor! "É possível, ó meu querido Salvador", diremos, "que você me amou tanto que gravou meu nome em seu coração?" É verdade. O Profeta, falando em nome de Nosso Senhor, diz-nos: "Ainda que uma mãe se esqueça do filho que trazia no seio, nunca te esquecerei, porque gravei o teu nome nas palmas das minhas mãos. mão." [ *É* . 49:15-16]. Mas Jesus Cristo, ampliando essas palavras, dirá: "Ainda que fosse possível a uma mulher esquecer seu filho, eu jamais te esquecerei, pois trago seu nome gravado em meu coração".

Certamente, será motivo de grande consolação que sejamos tão amados por Nosso Senhor que Ele sempre nos leva em Seu Coração. Que deleite para cada um dos bem-aventurados ver neste Sacratíssimo e adorável Coração os pensamentos de paz [ *Jr*. 29:11] Ele teve por eles e por nós, mesmo na hora de Sua Paixão! pensamentos que não só nos prepararam o principal meio de nossa salvação, mas também as divinas atrações, inspirações e bons movimentos que este dulcíssimo Salvador quis usar para nos atrair ao Seu puríssimo amor! [11](#) Essas visões, esse olhar, essas considerações particulares que faremos sobre esse amor sagrado pelo qual fomos tão ternamente, tão ardentemente amados por nosso soberano Mestre, inflamarão nossos corações com ardor e deleite incomparáveis. O que não devemos fazer ou sofrer para desfrutar dessas delícias indescritivelmente agradáveis! Esta verdade nos é mostrada no Evangelho de hoje; pois você não vê que Moisés e Elias falaram e conversaram muito familiarmente com nosso Senhor transfigurado?

Nossa felicidade não se deterá nisso, minhas queridas almas. Ele passará mais longe, pois veremos face a face [ *1 Cor* . 13:12] e muito claramente a Divina Majestade, a essência de Deus, e o mistério da Santíssima Trindade. Nesta visão e conhecimento claro consiste a essência da felicidade. Lá entenderemos e participaremos dessas conversas adoráveis e colóquios divinos que acontecem entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. [12](#) Ouviremos quão melodiosamente o Filho entoará os louvores devidos ao seu Pai celestial, [13](#) e como Ele vai

oferecer a Ele em favor de todas as pessoas a obediência que Ele deu a Ele durante toda a Sua vida terrena. Em troca, ouviremos também o Pai Eterno, com voz trovejante, mas incomparavelmente harmoniosa, pronunciar as palavras divinas que os Apóstolos ouviram no dia da Transfiguração: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". E o Pai e o Filho, falando do Espírito Santo, dirão: "Este é o nosso Espírito, em quem, procedendo um do outro, depositamos todo o nosso amor".

Não só haverá conversa entre as Pessoas Divinas, mas também entre Deus e nós. E qual será essa conversa divina? Ah, o que será mesmo! Será como nenhum homem pode falar. <sup>14</sup> Será uma conversa íntima tão secreta que ninguém a entenderá, a não ser Deus e a alma com quem for feita. Deus dirá a cada um dos bem-aventurados uma palavra tão especial que não haverá outra igual. Mas qual será essa palavra? Oh, será a palavra mais amorosa que se possa imaginar. Pense em todas as palavras que podem ser ditas para derreter um coração, e nos nomes mais afetuosos que podem ser ouvidos, e então diga que essas palavras não têm sentido em comparação com a palavra que Deus dará a cada alma no céu acima. Ele dará a cada um um nome [ *Apoc . 2:17*], dirá a cada um uma palavra. Suponha que Ele lhe diga: "Você é Meu amado, você é o amado de Meu Amado; é por isso que você será tão amado por Mim. Você é o escolhido de Meu Escolhido que é Meu Filho." Isso não é nada, minhas queridas almas, em comparação com o deleite que acompanhará esta palavra ou este santo e sagrado nome que o Senhor permitirá que a alma abençoada ouça.

Então será que Deus dará à amante divina aquele beijo que ela tanto desejou e pediu, como já dissemos. Oh, com que amor ela cantará seu cântico de amor: "Deixe-o beijar-me", o Amado de minha alma, "com o beijo de sua boca"; e ela acrescentará: "Incomparavelmente melhor é o leite que flui de seus seios queridos do que os vinhos mais deliciosos", e o resto. [ *Não posso . 1:1-3 (2-4)*]. Que êxtases divinos, que abraços amorosos entre a soberana Majestade e esta querida amante quando Deus lhe dá este beijo de paz! Será assim, e não apenas com um amante, mas com cada um dos cidadãos da Jerusalém celeste, entre os

quais haverá uma conversa maravilhosamente agradável sobre os sofrimentos, dores e tormentos que Nosso Senhor suportou por cada um de nós durante o curso de Sua vida mortal. Será uma conversa que dará tanto consolo, mas de que os anjos não são capazes (segundo a opinião de São Bernardo) porque, embora Nosso Senhor seja seu Salvador e eles tenham sido salvos por Sua morte, Ele é, no entanto, , não seu Redentor, porque Ele não os resgatou como fez com a humanidade. É por isso que receberemos grande felicidade e contentamento singular ao falar desta gloriosa Redenção por meio da qual fomos salvos e feitos como anjos [ *Mc . 12:25*], como nosso Divino Mestre disse.

Na Jerusalém celeste, então, desfrutaremos de uma conversa muito agradável com os espíritos bem-aventurados, os anjos, os querubins e serafins, os santos, com Nossa Senhora e Senhora gloriosa, com Nosso Senhor e com a três vezes santa e adorável Trindade - uma conversa que durará para sempre e será perpetuamente alegre e alegre. Ora, se nesta vida temos tanto prazer em ouvir falar daquilo que amamos que não podemos nos calar, que alegria, que júbilo receberemos em ouvir cantar eternamente os louvores da Divina Majestade, a quem devemos amar, e a quem amaremos, mais do que podemos compreender nesta vida! Se nos deleitamos tanto com a simples imaginação dessa felicidade sem fim, quanto mais teremos na posse real dela! Uma felicidade e glória sem fim, que durará eternamente e que nunca podemos perder! Oh, quão grandemente essa certeza aumentará nosso consolo! Caminhemos alegre e alegremente, queridas almas, entre as dificuldades desta vida passageira; abracemos de braços abertos todas as mortificações e aflições que encontraremos em nosso caminho, pois temos certeza de que essas dores terão fim quando nossa vida terminar, após o que haverá apenas alegria, apenas contentamento, apenas consolação eterna. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. VI, cap. 4.
- [2.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. Eu, cap. 10.
- [3.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. IX, cap. 12.
- [4.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. V, cap. 3
- [5.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte III, cap. 2.
- [6.](#) São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal deram às Irmãs da Visitação a Regra de Santo Agostinho quando a Congregação foi elevada à categoria de ordem na Igreja em 1618. É por isso que São Francisco fala de São Francisco. Agostinho como seu "Pai".
- [7.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. V, cap. 11.
- [8.](#) Aqui o "amante divino" é a alma que ama Nosso Senhor; o "Amado" é Nosso Senhor Jesus Cristo. Neste livro, as palavras "amante", "amado" e "esposo" são maiúsculas ou não, dependendo se se referem a Cristo ou à alma fiel.
- [9.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Assunção", 15 de agosto de 1618, p. 71.
- [10.](#) Cf. pág. 59 deste sermão.
- [11.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte V, cap. 13; *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. XII, cap. 12.
- [12.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. Doente, cap. 11-13.
- [13.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. V, cap. 11.
- [14.](#) Cf. pág. 52 deste sermão.

### **ELEIÇÃO E REPROBAÇÃO**

*Sermão da quinta-feira após o segundo domingo da Quaresma (coincidindo com a festa de São Matias), 24 de fevereiro de 1622, sobre o perigo em que vivem todos os cristãos de se recusarem a receber a graça da salvação, o perigo mesmo das almas especialmente favorecidas caindo de Deus e sendo condenados, por que devemos sempre ter um grande medo da condenação – mesmo na vida religiosa, a avareza do homem rico malvado, dois tipos de avareza e especialmente a de apegar-se ao que possuímos, usando Deus para seu próprio bem. benefício próprio, avareza imaterial, uso de riquezas versus riquezas idolatradas, avareza e traição de Judas, o início da queda espiritual, o temor salutar do pecado, valendo-nos da graça para mortificar nossas más inclinações, a substituição daqueles que falecimento ou defeito do Colégio Apostólico ou da vida religiosa, e a escolha de São Matias para substituir Judas .*

Hoje pensei em pregar sobre algumas conexões entre o que aconteceu na vida do homem rico pecador [ Lc . 16:19-31] e Judas, e nas vidas de Lázaro e São Matias. Encontro uma grande semelhança entre a vocação, crescimento e declínio do rico pecador e de Judas, e entre a vocação, crescimento e fim de Lázaro e de São Matias. Tal comparação é

muito demorada. Portanto, vou me concentrar principalmente na vocação de São Matias.

Encontraremos grandes motivos para temer por causa destas palavras do Evangelho: muitos são chamados, os eleitos são poucos. [ *Mat* . 20:16; 22:14]. Também encontraremos aqui uma razão para condenar aqueles que censuram e falam injustamente contra a Divina Providência, e não querem adorar ou aprovar seus efeitos e eventos que incidem sobre a eleição dos bons e a reprovação dos maus. Pois quando se considera a rejeição deste último, a prudência humana começa a buscar os motivos e as razões de sua queda e, em vez de olhar para a bondosa Providência de Deus, concentra-se na falta de graça, dizendo: "Se este pecador tivesse recebido o que o justo recebeu, ele não teria experimentado tal queda." Agora, tais pessoas estariam corretas se dissessem apenas que a graça não é oferecida aos pecadores da mesma maneira que aos justos. Mas se eles continuarem e questionarem por que os primeiros não recebem essa graça da mesma forma que os segundos, certamente eles teriam que admitir que não é a falta de graça que é a causa de sua perda, pois a graça nunca falta. Deus sempre dá graça suficiente para quem está disposto a recebê-la. Esta é uma verdade estabelecida e todos os teólogos estão de acordo com ela. O Concílio de Trento declarou que a graça nunca nos falta, mas que somos nós que carecemos de graça, não querendo recebê-la ou consentir com ela. Os condenados certamente terão que reconhecer, como escreve São Dinis, o Areopagita, que é por sua própria culpa e não por graça que eles foram derrubados e condenados às chamas eternas, porque queriam graça e não porque a graça estava faltando para eles. Isso eles saberão muito claramente, e esse conhecimento aumentará muito seus tormentos.<sup>1</sup>

Agora, se somos sempre nós que desejamos a graça e nunca a graça nos falta, e se vemos em todo tipo de estado, condição e vocação, tantos réprobos e tão poucos eleitos, quem entre nós se considerará seguro e viver sem medo de perder a graça ou de recusar seu consentimento? Quem não temerá não prestar a Deus o serviço que lhe é devido, cada um segundo o seu dever e obrigação, quando

encontrarmos um Lázaro e um São Matias entre os eleitos, mas este homem rico no Evangelho e Judas entre os réprobos ? Não foi o rico pecador chamado para a mesma vocação de Lázaro, e Judas para a mesma de São Matias? Sim, sem dúvida. Isso fica bem claro no Evangelho, pois o rico pecador era judeu, pois chamava Abraão de seu pai. "Pai Abraão", disse ele, implorando-lhe que enviasse Lázaro até ele. Ele foi circuncidado, e Deus lhe mostrou que o amava, dando-lhe a alegria de grandes riquezas e muitos bens. Pois a Lei Mosaica não é como a Lei da Graça, onde a pobreza é tão altamente elogiada e recomendada. Nosso Senhor ainda não havia dito: "Bem-aventurados os pobres de espírito". [ *Mat* . 5:3]. Então, naquela época, Deus favoreceu Seus amigos, deixando-os compartilhar das riquezas e bens temporais, obrigando-os assim a servi-Lo.

É claro, então, que este homem rico foi chamado por Deus como Lázaro, e que ele tinha uma obrigação ainda maior de observar os mandamentos divinos do que Lázaro. Não que Lázaro também não estivesse vinculado a eles, mas como o rico havia sido favorecido com muito mais riqueza do que ele, ele tinha um dever maior de servir ao seu Senhor. É por isso que se Lázaro não o tivesse servido, ele não teria sido tão repreensível quanto o rico pecador. Sem dúvida, ele teria sido culpável, mas muito menos do que o homem rico. No entanto, vemos no Evangelho de hoje que destes dois homens, igualmente chamados por Deus, aquele que mais recebeu e que está mais obrigado a servi-lo, não o serve, mas vive e morre miseravelmente, enquanto o pobre Lázaro serve a Deus fielmente e morre feliz. Um foi levado ao seio de Abraão, o outro às profundezas do Inferno. Mas deixemos esse rico pecador lá e voltemos nossa atenção para a vocação de Judas e de São Matias, ambos apóstolos de Nosso Senhor.

Considere, primeiro, como a vocação e eleição de Judas teve mais vantagens do que a de São Matias. Judas, o mais perverso dos homens, foi chamado para apóstolo pela própria boca de Nosso Senhor, que mil vezes o chamou pelo nome. Como os outros Apóstolos, foi instruído por Nosso Senhor. Ele O ouviu falar e pregar. Ele foi testemunha das obras maravilhosas que Ele fez e de como Ele confirmou Sua doutrina

por meio de maravilhosos milagres. Seu querido Mestre havia oferecido a ele muitas graças especiais que São Matias não recebeu, que não foi chamado para ser apóstolo por Nosso Senhor, nem durante sua vida, mas pelos apóstolos depois de sua ascensão [ *Atos* 1:15-26]. , de modo que ele veio como alguém nascido fora do tempo [cf. *1 Cor* . 15:8] para suceder este miserável Judas. Ele não foi instruído pelo próprio Salvador, nem viu Seus milagres, pois não era um dos Apóstolos que O seguiram. <sup>2</sup>No entanto, ele perseverou fielmente e morreu santo. Judas, ao contrário, o homem mais traidor e desleal que já existiu, de apóstolo passou a apóstata, cometendo o pecado mais abominável e a maior traição ao vender seu bom Mestre.

Todos os nossos antigos Padres assinalam a gravidade e gravidade deste pecado. Mas, embora enfatizem sua grandeza, nunca podem afirmar suficientemente sua enormidade. Falando de Judas, Nosso Senhor o chama de "filho da perdição" [ *Jo* . 17:12], o mesmo título que São Paulo dá ao Anticristo. [2 *Tess* . 2:3]. Esta é uma frase hebraica. Quando a expressão "filho da consolação" é usada significa "de maior consolação" ou "de grande consolação"; "filho da alegria" significa "de maior alegria" ou "de grande alegria". Da mesma forma, quando Judas caiu nessa iniquidade de vender seu Senhor e Mestre e é chamado filho ou filho da perdição, significa a perdição maior ou muito grande, como a dos demônios, pois ele era pior que um demônio. Ele agora queima com eles em chamas eternas. Veja como, desses dois Apóstolos, aquele que havia sido o mais favorecido apostatou, enquanto o outro, que foi chamado para ser apóstolo após a morte de Nosso Senhor, perseverou. Grande motivo para temer em todos os estados e vocações, pois há perigo em todos os lugares!

Quando Deus criou os anjos no céu, Ele os estabeleceu em Sua graça. Parece que eles nunca deveriam cair dessa graça. No entanto, Lúcifer se revoltou. Ele e todos os seus seguidores se recusaram a render à Divina Majestade a submissão e obediência de sua vontade, dizendo que absolutamente não se submeteriam. Essa recusa foi sua ruína. Lúcifer atraiu com ele para o Inferno um terço dos anjos [ *Apoc* . 12:4], um número incontável. Aqueles que estiveram no meio da

própria glória tornaram-se demônios, condenados às dores eternas. Veja, havia perigo até no céu.<sup>3</sup>E o homem não caiu do paraíso terrestre onde Deus o colocou em graça? Eva ouviu a serpente, pegou o fruto proibido e o apresentou ao marido. Ele comeu, contrariando a vontade de seu Criador.<sup>4</sup>[ *Gên . 3:1-6*].

Certamente, a queda de Salomão também é uma coisa terrível - ele, o mais sábio de todos os homens, a quem Deus deu tão abundantemente Seu Espírito, Sua sabedoria e conhecimento de todas as coisas; que foi capaz de penetrar no conhecimento até as profundezas da terra, tratando habilmente tudo o que lá encontrou; que subiu até as alturas dos cedros do Líbano; que falou com grande sabedoria, não só das coisas materiais, mas também das espirituais! [ *3kg. (1 Rs. ) 3:11-12; 5:9-13; Wis . 7:7, 17-24*]. Vemos essa sabedoria naquele admirável Livro de Eclesiástico [Sirach] e em Provérbios, ambos repletos de sentenças de tal sabedoria que podemos facilmente concluir que ninguém jamais foi tão talentoso quanto Salomão. Outros podem ter dito menos com mais fervor ou eloquência, mas ele superou a todos em sabedoria, tanto de passagem quanto em assuntos espirituais. No entanto, ele resistiu à graça, como veremos em breve,<sup>5</sup>e caiu em pecado, apesar da plenitude do Espírito divino que havia recebido. [ *3kg. (1 Rs. ) 11:1-8; Neh . 13:26*].

Quem, então, não vai tremer? Haverá alguma vez uma sociedade, religião, instituto, congregação ou modo de vida que possa ser tão seguro e que possa ser considerado isento do medo e apreensão de cair nos precipícios do pecado? Que empresa, assembleia ou vocação encontraremos isentas de perigo? Ó Deus, nada!<sup>6</sup>Em todos os lugares há todos os motivos para temer e manter-se em grande humildade e humildade. Agarre-se à árvore de sua profissão, cada um de acordo com seu chamado. [ *1Cor . 7:20*]. Mas não deixe de andar com medo, tateando o seu caminho durante toda a sua vida, para que, desejando andar com muita segurança e ousadia, você caia nas ruínas do pecado. Jó, como diz São Gregório, permanecendo justo entre os ímpios, recebeu uma grande graça de Deus, pois ordinariamente somos como aqueles com quem conversamos. Mas como Deus o manteve bom entre

os ímpios, ele tinha grandes motivos para louvar ao Senhor. É uma coisa perigosa viver no mundo e conversar com os ímpios. Assim, permanecer bom entre eles, sem cair da graça, é um favor muito especial de Deus. É por esta razão, de acordo com São Jerônimo, que Deus chama alguns do mundo para o deserto, onde eles não se associam com os ímpios.

Agora, aqueles a quem Ele colocou em alguma boa e adequada vocação têm realmente grandes motivos para louvá-Lo e agradecer, pois receberam uma bênção especial ao serem separados da companhia dos ímpios e associados aos bons. Mas eles estão fora de perigo? Ah não! Por quê? Porque não basta estar nesta santa vocação e estar com gente boa, se não perseverarmos nela. [ *Mat* . 10:22; 24:13; 2 *Pr* . 1:10].

Agora, esta graça da perseverança é realmente muito grande, pois quando falhamos na graça em um modo de vida tão santo, a queda é mais grave e perigosa, como foi a dos anjos no céu, [Z](#)a de Adão no Paraíso e a de Judas na companhia de Nosso Senhor. Extraordinário - que na Igreja Triunfante (não triunfante então, mas angelical), entre espíritos tão puros, dotados de natureza tão nobre e excelente, entre tão santa companhia, onde não houve ocasião de perigo, nem tentação, nem sugestão de os espíritos malignos (pois eles não existiam então), deveria ter havido um número tão pequeno de anjos que perseveraram, e que um terço deles se rebelaria contra Deus e seria lançado no inferno! Assustador também que Judas, que havia sido chamado pelo próprio Salvador para ser um apóstolo, tivesse cometido um pecado tão abominável, uma traição tão estranha como vender seu Mestre, e que no mesmo momento ele estava em Sua companhia, ouvindo Sua pregação e vendo as obras maravilhosas que Ele realizou! São exemplos que devem fazer tremer todo o tipo de pessoas, seja qual for o seu estado, condição ou vocação.

Mas vamos considerar mais a semelhança que há no crescimento da vida do rico malvado e de Judas. O primeiro era rico, diz o Evangelho, e avarento. Para entender melhor isso, você deve perceber que existem dois tipos de avareza. Uma é temporal, e é aquela pela qual estamos ávidos de adquirir riquezas, honras e bens desta vida. Há muitas

peessoas tão avarentas no mundo. Eles pensam em acumular riquezas e parecem não ter mais nada para fazer aqui embaixo: juntar casa a casa, ligar prado a prado, campo a campo, vinha a vinha, tesouro a tesouro. É para esse tipo de pessoa que o Profeta diz: "Ó tolos, você acredita que o mundo foi feito apenas para você?" [ *É* . 5:8]. Ele quer dizer: "Ó miseráveis, o que você está fazendo? Você acha que vai permanecer para sempre aqui na terra, ou que você está aqui apenas para acumular bens temporais? Oh, claramente, você não foi criado para isso."

"O que!" responde a prudência humana: "não foram o céu, a terra e tudo o que há nela feitos para o homem? Deus não quer que nós os usemos?" É verdade que Deus criou o mundo para o homem, com a intenção de que ele use os bens que nele encontra, mas não para desfrutá-los como se fossem seu fim último. Ele criou o mundo antes de criar o homem, pois desejava preparar um palácio, uma casa, uma morada na qual o homem pudesse viver. Então, Ele declarou o homem senhor de tudo o que há no mundo, permitindo-lhe usá-lo, mas não como se fosse seu fim último. Pois Ele o criou para um fim maior, Ele mesmo. No entanto, a cobiça e a ganância confundiram tanto o coração do homem que, segundo Santo Agostinho, ele chegou ao ponto de desejar "desfrutar do que deve usar e usar as coisas que deve desfrutar".<sup>8</sup>

Aqueles que sentem o pulso da maior parte do mundo e observam de perto os movimentos de seus corações são movidos à compaixão. Pois fica claro que eles querem aproveitar o mundo e o que ele contém, mas estão satisfeitos em usar Deus! Daí vem toda a sua atividade para a preservação das coisas temporais; eles fazem quase nada para alcançar a felicidade eterna. Se eles oram, ou se guardam os mandamentos ou praticam outras boas obras, é apenas porque temem que Deus os castigue com algum desastre ou infortúnio; ou é para que Deus os poupe de sua casa, seus campos, suas vinhas, sua esposa, seus filhos - tudo o que eles desejam desfrutar, contentes em usar Deus como um meio para isso ou outros semelhantes. É daí que vêm todos os nossos males. Se eu estivesse pregando em outro lugar, falaria mais sobre esse

tipo de avareza, mas aqueles a quem estou falando não têm nada a ver com isso.

Há outro tipo de avareza que se apega ao que tem e não quer se desfazer dele por nada. Isso é altamente perigoso e se infiltra em todos os lugares, até mesmo na religião e nas coisas espirituais. Podemos de fato nos conter do primeiro tipo de avareza, pois há muitas pessoas que não são ambiciosas de acumular muitas propriedades, campos e casas. Mas são poucos os que se separam facilmente do que possuem. Encontramos homens casados com filhos e família, para os quais deveriam adquirir algumas coisas para suprir suas necessidades, mas que, no entanto, não se preocupam com isso. Eles esbanjam e dissipam todos os seus bens, e permanecem pobres, fracos e miseráveis por toda a vida. No entanto, eles são tão avarentos por sua liberdade, que é seu tesouro, sua riqueza e a coisa mais nobre que possuem, que se agarram a ela com tenacidade e a entregam por nada mais no mundo. Eles nunca vão desistir, mas querem apenas desfrutá-lo vivendo de acordo com suas fantasias e deleitar-se com todos os tipos de prazeres e luxos. Há pessoas ricas que não têm esse primeiro tipo de avareza - acumular tesouros sobre tesouros - mas mergulham tanto o coração no que têm, para melhor preservá-lo, que é quase impossível separá-lo. Um homem mau amará tanto o prazer sensual e o considerará tão precioso que não deixará o prazer que obtém dele por todas as riquezas e honras do mundo.

Existem até almas espirituais que possuem o que têm com tanto apego e têm tanto prazer em ver e refletir sobre o que fazem, que cometem uma espécie de idolatria, fazendo e adorando tantos ídolos quanto ações. São Gregório Nazianzeno disse que desistiu facilmente das riquezas e honras desta vida, de modo que não teve ambição nem tentação de adquirir essas coisas. Mas permaneceu nele um desejo tão grande de conhecer e estudar que todo tipo de riqueza não lhe era nada em comparação com o desejo que tinha de estudar literatura. Tão querido era esse desejo que ele não achou nada tão difícil de desistir por Deus. Ele teria mais facilmente abandonado e mais voluntariamente renunciado a todas as riquezas e prazeres do mundo,

se os tivesse, do que essa paixão pelo aprendizado. Parecia que Deus o havia deixado nele como o último e principal objeto de sua renúncia. No entanto, Deus ficou tão satisfeito com a resolução que São Gregório tomou de abandonar tudo por Ele, que Ele o colocou em uma situação onde ele pudesse estudar, e ao mesmo tempo desistir de seu desejo sem desistir de seus estudos. Assim, dedicou-se aos estudos porque seu Soberano Mestre o havia colocado em uma situação em que lhe era lícito fazê-lo. Assim, ao aprender, ele concordou com a vontade divina.

Judas e o rico malvado eram avarentos com esses dois tipos de avareza que acabamos de tratar. Eles eram ávidos de acumular riquezas, de obter dinheiro e mais dinheiro, mas também escondiam e se agarravam tão fortemente aos bens que possuíam, e os amavam tão excessivamente, que os adoravam e os faziam seu deus. A Sagrada Escritura fala deles desta maneira: O homem avarento faz um deus de seu ouro e prata [ *Ef.* 5:5; *Col.* 3:5], e o voluptuoso faz de seu corpo um deus. [ *Fil.* 3:19]. Há uma grande diferença entre beber vinho e ficar embriagado, entre usar as riquezas e adorá-las. Aquele que bebe vinho por necessidade não faz mal; mas aquele que o leva a tal excesso que se embriaga ofende mortalmente a Deus, perde o juízo, afoga a razão no vinho que bebe e, se morrer nesse estado, é condenado. É como se ele dissesse enquanto bebia: "Se eu morrer, quero estar perdido e condenado eternamente". Há também uma diferença entre usar as riquezas e adorá-las. Usar as riquezas de acordo com seu estado e condição, quando feito como deve ser, é permitido. <sup>9</sup>Mas fazer deles ídolos é ser condenado e condenado. Em uma palavra, há uma grande diferença entre ver e contemplar as coisas deste mundo e desejar desfrutá-las como se nossa felicidade consistisse nelas. A primeira maneira é boa, a última condenável.

Ora, aquele malvado Judas (para falar apenas dele e deixar de lado o malvado rico) era muito avarento e ganancioso para acumular dinheiro, muito além do que era necessário para a manutenção de Nosso Senhor e Seus Apóstolos. Muito pouco era realmente necessário para eles, já que o Salvador estabeleceu Seu ministério na pobreza e já que Ele deveria enviar Seus discípulos atrás Dele para pregar Seu

Evangelho com a ordem de não levar bolsa, nem bolsa de viagem, nem cajado [ *Mat . 10:9-10; Mc . 6:8*], e não fazer provisão para o amanhã, mas antes confiar em seu Pai celestial, que os alimentaria por Sua Providência. [ *Mat . 6:25-34; Lk . 12:22-31*]. Assim foi o noviciado dos Apóstolos, e todo o resto de sua vida se basearia nesta bem-aventurança: Bem-aventurados os pobres de espírito. <sup>10</sup>[ *Mat . 5:3*].

No entanto, como eles não seriam enviados a não ser depois de terem recebido o Espírito Santo, e como eles viviam juntos com Nosso Senhor, Ele permitiu que eles tivessem algumas pequenas coisas para seu uso para suprir suas necessidades diárias, mas não por meio de propriedade privada. . Ele preferiu que um deles levasse a bolsa e cuidasse das despesas. Pois Ele, que era o modelo de toda perfeição e santidade, não se envolveu com isso. Oh, não, Ele não queria pensar nisso, nem manusear o dinheiro com Suas mãos divinas. É o que observa o grande São Bernardo ao dar uma palavra de advertência a um pontífice: "Nosso Senhor, o Soberano Pontífice e Chefe do Colégio Apostólico", disse ele, "nunca se ocupou nem mesmo com os bens materiais permitidos nem com aquelas coisas necessário para o seu apostolado. Assim, era necessário ter um procurador geral que cuidasse dos negócios, e este era Judas." [ *Jo . 12:6; 13:29*].

O Salvador, então, entregou a ele a responsabilidade pelos assuntos temporais. E não haveria nenhum mal em carregar a bolsa e administrar o dinheiro se ele tivesse feito como deveria, mas esse homem desleal e miserável não se comportou como um procurador fiel, mas como um ladrão e avaro. Então ele procurou continuamente acumular dinheiro e mais dinheiro, não para o sustento e manutenção da comunidade sob seus cuidados, mas para satisfazer sua avareza e cobiça. Então, de apóstolo que era, ele se tornou um demônio e vendeu seu Mestre por dinheiro.

Todos os santos Padres, como disse, sublinham muito esta falta, embora alguns digam que Judas não pretendia, ao vender Nosso Senhor, entregá-lo à morte. Embora os judeus pagassem a Judas para esse fim, no entanto, dizem eles, esse homem miserável acreditava que faria um milagre para se livrar de suas mãos. Por este meio, ele pensou em agir

como um ladrão e assaltante esperto. Depois de receber o dinheiro dos judeus, zombava deles, pois seu Mestre não morreria de fato. Mas é certo que Judas é culpado da maior deslealdade e traição que se pode imaginar e não é de modo algum desculpável. O próprio Salvador testemunhou isso na Última Ceia, quando disse dele, sucintamente: Um de vocês está prestes a me trair. [ *Mateus 26:21*]. E quem entre os Apóstolos será aquele que trairá seu Senhor? É ele que guarda a bolsa e que, para enchê-la de dinheiro por ambição e avareza, O venderá e O entregará à morte.

Ora, ser avarento na vida religiosa e apostólica é ser como Judas; e é o maior defeito que pode ser encontrado em um eclesiástico e em um religioso, assim como o maior defeito em um soldado é a covardia. Ele nunca vai tolerar ser chamado de covarde. Se você o chama de ladrão, ele não fica ofendido. Se você diz que ele é debochado, isso não o incomoda. Ele ri disso. Mas se você o chamar de covarde, ele se ofenderá e não suportará, sabendo bem que esse é o maior dano que pode ser infligido a ele, pois a covardia é totalmente contrária à sua profissão. Se acusarmos os ricos deste mundo de serem avarentos, eles pouco se importam. Mas ver avareza na vida apostólica e acusar um religioso desse vício é uma grande reprovação, pois ser avaro na religião é vender Nosso Senhor. E porque? Porque a avareza é totalmente contrária à profissão religiosa.

Alguns perguntam qual foi a causa da queda de Judas e como começou. Este é o meu terceiro ponto. É muito difícil declarar o que inicia a queda dos pecadores. No entanto, é muito certo, como dizem os teólogos, que não é que a graça lhes falhe, mas são eles que falham a graça. <sup>11</sup> Mas saber como eles começaram a falhar — isso é muito difícil.

Alguns Padres antigos dizem que isso poderia acontecer com a rejeição de um aviso, uma inspiração. Pois, embora essa rejeição seja apenas um pecado venial, que não tira a graça, mas coloca um obstáculo em seu curso, o fervor diminui e a pessoa enfraquece no combate ao vício. Se hoje faltas à graça, recusando-lhe o consentimento e cometendo este pecado venial, dispões-te a cometer outro muito em

breve, e pela multidão de pecados veniais cair pouco a pouco em pecados mortais, e assim perder a graça. <sup>12</sup>Ó Deus, quão terrível é o pecado, por menor e menor que seja! Foi isso que fez o grande São Bernardo dizer: "Vá em frente sempre, cuidado para não parar; sempre avance, pois é impossível permanecer no mesmo estado nesta vida. [ *Jó* 14:2]. Quem não avança , deve necessariamente voltar." <sup>13</sup>Então o Espírito Santo dá estas advertências: Aquele que está de pé cuide para não cair! [ *1Cor* . 10:12]. Agarre-se ao que você tem. [ *Apoc* . 3:11]. Cuide e trabalhe, para que por boas obras você possa assegurar sua vocação. [ *2 Pr* . 1:10]. Essas advertências devem nos fazer viver com grande temor e humildade em qualquer lugar e estado em que nos encontremos, e nos fazer voltar nossos corações muitas vezes à Bondade divina para invocar Sua ajuda, elevando nossas mentes a Deus quantas vezes pudermos, suspirando Ele com orações e súplicas freqüentes.

Outros dizem que caímos nas ruínas do pecado por causa das más inclinações inerentes ao homem. É verdade que todos nós temos inclinações para o mal: alguns são propensos à ira, outros à tristeza, outros à inveja, outros à vaidade e vanglória, outros à avareza; e se vivermos de acordo com inclinações semelhantes ou semelhantes, estaremos perdidos. "Mas", alguém me dirá, "tenho uma forte inclinação para a tristeza." Agora, então, você deve trabalhar para se livrar dele. Outro dirá: "Estou tão alegre que rio a cada passo." Bem, está faltando a graça de Deus para mortificar essa inclinação para rir desordenadamente? Examine bem o seu coração - é lá que residem essas paixões de alegria, tristeza, vaidade ou raiva. Trabalhe com a ajuda de Deus e você irá organizá-los todos de acordo com a razão. "Mas eu tenho tantas más inclinações!" E quem está lá que não tem? Você não tem a graça divina para resistir a eles? Há outros que se desculpam por causa de sua disposição natural. "Oh!" eles dizem: "nunca podemos fazer nada que valha a pena, temos uma disposição tão ruim". Mas a graça não é superior à natureza? São Paulo era naturalmente afiado, rude e áspero. No entanto, a graça de Deus o transformou e, apoderando-se dessa aspereza natural, tornou-o muito

mais resoluto no bem que empreendia, e tão corajoso e invencível em todos os tipos de dores e trabalhos, que nada poderia abalar sua coragem, de modo que se tornou um grande Apóstolo, de tal forma que hoje o honramos. Em suma, nem o temperamento nem as inclinações naturais podem impedir-nos de chegar à perfeição da vida cristã, quando nos dispomos a valer-nos da graça de mortificá-los e submetê-los à razão. <sup>14</sup> Mas quando vivemos de acordo com essas más inclinações, estamos perdidos. Ora, Judas tinha, entre outros, a avareza, e estava perdido porque cedeu a ela.

Muitos indagam sobre a causa da queda de Salomão, e há opiniões diferentes sobre isso. Entre todas as razões expostas a esse respeito, contento-me em tocar na que ele mesmo deu: Nada que meus olhos desejassem ver eu os neguei [ *Ecles . 2:10*], como se ele quisesse dizer: "Eu era um grande rei. Eu tinha muitas coisas que eram agradáveis de se ver - palácios magníficos e suntuosos que me pertenciam, tapeçarias, uma variedade de roupas ricas. aos meus olhos de tudo o que desejavam ver." Disto podemos concluir que a morte entrou por seus olhos [cf. *Jer . 9:20*] e que esta foi a causa de sua queda, pois a concupiscência entra pelos olhos, e com ela todo tipo de mal. Mas, ó Deus, acho que ultrapassei a hora!

Agora então, Judas caiu da graça. De apóstolo tornou-se apóstata, e reconhecendo sua falta, desesperou-se e enforcou-se. [ *Mat . 27:4, 5; Atos 1:18*]. E, como o homem rico malvado, ele foi enterrado nas profundezas do Inferno. Os Apóstolos foram reunidos por ordem de Deus e, depois de muitas cerimônias, elegeram outro para substituí-lo. Ainda há quatro coisas a dizer sobre isso. São Pedro, cabeça dos Apóstolos, fez com que se reunissem com os discípulos do Senhor, que eram ao todo cento e vinte. [ *Atos 1:15*]. O objetivo era escolher um dos cento e vinte, ou melhor, um dos cento e nove, pois os apóstolos que eram onze não deveriam ser incluídos. Então São Pedro, falando aos discípulos, disse: "Devemos escolher um de vocês para se tornar um apóstolo no lugar de Judas, que nos deixou e se tornou um apóstata".

Somos, então, ensinados que, embora Judas tenha deixado o colégio dos Apóstolos, o Colégio dos Apóstolos não se dissolveu por

esse motivo. Ele permanece em existência sempre. Pois o Colégio dos Apóstolos permaneceu não só durante a vida de Nosso Senhor, que os chamou e os recebeu; mas depois de Sua morte eles elegeram outro para substituir o traidor. Isso é suficiente para confundir os huguenotes, que dizem que o Colégio dos Apóstolos se dissolveu quando os apóstolos morreram. Isso é muito falso, pois embora os Apóstolos tenham morrido, o Colégio dos Apóstolos não morreu. Assim como São Pedro e todos os outros apóstolos e discípulos se reuniram e escolheram um deles para suceder Judas, este poderia escolher outro, e este outro ainda outro, e assim por diante. Desta forma, o Colégio dos Apóstolos passou para nós e durará até o fim do mundo. De tudo isso devemos tirar uma advertência: trabalhar assiduamente para garantir nossa vocação – para que, caindo, outra seja colocada em nosso lugar. Se você deixar a religião, a religião não falhará por isso, pois a Providência divina enviará outro para ocupar seu lugar. Mas se você sair, para onde você irá? Eu não sei. Há um grande perigo de que, ao desistir do lugar que você tinha na religião, você possa, em consequência, perder o que foi preparado para você no céu e, como Judas, você pode ter um lugar no inferno. Por essa razão, agarre-se ao que você tem e observe, para que outro não o tire. <sup>15</sup> Preserve sua chamada e tome cuidado para que outra pessoa não a tire de você. Cuide de seus exercícios continuamente, observe cuidadosamente seu modo de vida, sirva a Deus fielmente nesta vocação para que ela não escape de você. Pois se você o perder, não será por isso perdido, mas outro o sucederá e o herdará.

Agora os Apóstolos nomearam dois: um se chamava José, de sobrenome Barsabás, e o outro era Matias, que não tinha sobrenome, mas certamente o seu era um belo nome. José era justo e temente a Deus, um homem de extraordinária santidade e pureza de vida, de modo que era tido em alta estima entre os apóstolos e discípulos. Como ambos eram homens de singular virtude, havia um pouco de dificuldade em saber qual escolher; então, para melhor descobrir qual era a vontade de Deus, eles lançavam sortes. (Muitas coisas poderiam ser ditas sobre o sorteio, mas não falarei delas aqui. Direi apenas que

isso pode ser feito quando ambas as partes são iguais ou quando não há grande desproporção entre elas, como não houve entre St. José, porque ele era um santo, e São Matias.) A sorte coube a este último e ele se tornou um apóstolo. [ *Atos* 1:23-26].

Alguns pensam que os Apóstolos receberam uma inspiração ou uma palavra interior que os fez compreender que Matias foi escolhido por Deus para ser Apóstolo, e que todos a uma só voz disseram que assim deveria ser. Algo assim aconteceu quando Santo Ambrósio foi feito bispo. O povo estava preocupado com esta eleição, e ouviu-se uma voz de criança dizer: "Ambrósio será bispo". Então todos gritaram que Ambrose era o único. O mesmo aconteceu com São Nicolau e alguns outros.

Agora José, que era justo, não perdeu sua justiça porque não foi escolhido para ser apóstolo. Sua santidade permaneceu com ele para nos ensinar que nem sempre Deus escolhe o mais santo para governar e ter cargos em Sua Igreja. Portanto, aqueles que são chamados não devem se glorificar e presumir-se melhores ou mais perfeitos do que os outros. E aqueles que não recebem tais ofícios não devem se preocupar com isso, pois isso não os impedirá de serem justos e agradáveis a Deus.

Assim, então, São Matias sucedeu a Judas, e como ele se tornou um grande apóstolo. E qual foi o fim de Judas? Ele se desesperou e, vendo o que havia feito, devolveu o dinheiro aos sacerdotes da Lei, confessando que havia vendido o Sangue do Justo. Mas esses sacerdotes mosaicos o rejeitaram, dizendo que não se importavam com isso, que se ele tivesse feito algo errado seria sua condenação, mas quanto a eles não tinham nada a ver com isso. [ *Mat* . 27:4-5]. Pois com a Lei de Moisés não era o mesmo que com a lei da Graça, sob a qual vivemos. Os sacerdotes do nosso tempo não rejeitam os pecadores quando chegam a eles, pois não há pecado, por maior e grave que seja, que não possa ser perdoado nesta vida, se alguém o confessar. Este é um artigo de fé. Em suma, Judas se desesperou, enforcou-se e morreu, [16](#) e sua alma foi sepultada nas profundezas do inferno com a do rico malvado. Mas a de Lázaro foi levada para o seio de Abraão, e daí para o céu, onde com São Matias, que viveu e morreu como um grande apóstolo, gozará para sempre da

eternidade que é o próprio Deus, a quem seja honra e glória Para sempre e sempre. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus*, Bk. 2, cap. 10-12; Bk. 3, cap. 4; Bk. 4, cap. 5, 6.
- [2.](#) *Atos* 1:21-22 sugere o contrário: "Por isso, destes homens que estiveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu entre nós, começando pelo batismo de João, até o dia em que foi recebido de nós, um destes deve ser feito testemunha conosco de sua ressurreição." Sem dúvida, São Francisco quer dizer que São Matias não era um dos Doze originais, mas sim um daqueles que acompanharam os Doze e Jesus.
- [3.](#) O "céu" referido aqui não é o lugar da glória e da visão beatífica; nenhum pecado é possível no céu. (Em outros lugares, São Francisco de Sales nos assegura que no Céu estaremos fora do perigo de pecar.) Antes, este "céu" refere-se à morada do mundo espiritual durante seu período de provação. Cf. pág. 71 onde São Francisco esclarece este ponto afirmando entre parênteses que antes de seu pecado os anjos maus ainda não eram membros da Igreja Triunfante. Assim, eles ainda não haviam alcançado o Céu dos bem-aventurados.
- [4.](#) Cf. Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma, p. 24 deste volume.
- [5.](#) Cf. pág. 78 deste sermão.
- [6.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus*, Bk. 4, cap. 1; *Conferências Espirituais*, XVII, "Votação", pp. 329-330.
- [7.](#) Cf. Nota 3.
- [8.](#) Ou seja, no pecado, a pessoa humana confunde meios e fins. As coisas da terra devem ser usadas como meios para nosso fim último, que é o Céu, não como fins em si mesmos; enquanto as coisas de Deus realmente são nosso fim último, e não devem ser vistas simplesmente como ajudas para tornar este mundo um lugar mais gracioso para se viver.
- [9.](#) Cf. *Introdução*, Parte III, cap. 14, 15.
- [10.](#) Cf. pág. 68 deste sermão.
- [11.](#) Cf. pág. 67 deste sermão.
- [12.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus*, Bk. 4, cap. 2.
- [13.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus*, Bk. 3, cap. 1.
- [14.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, XVII, "Votação"; *Tratado sobre o Amor de Deus*, Bk. 12, cap. 1.

[15.](#) Cf. pág. 77 deste sermão.

[16.](#) Cf. pp. 78-79 deste sermão.

## **CARIDADE MÚTUA**

*Sermão para o terceiro domingo da Quaresma, 27 de fevereiro de 1622, sobre o mandamento do amor ao próximo de Nosso Senhor, Seu desejo de que sejamos unidos uns aos outros, a relação entre amor a Deus e amor ao próximo, de que maneira o mandamento do amor do próximo é novo, o exemplo de amor ao próximo de Nosso Senhor, a restauração do homem por Nosso Senhor à imagem e semelhança de Deus, vendo e amando Nosso Senhor em nosso próximo, até que ponto devemos amar nosso próximo, como é melhor ser gasto por amor ao próximo do que gastar-nos por ele da maneira que escolhermos, união com Deus e nosso próximo no Santíssimo Sacramento, amor ao próximo como o mandamento que Deus nos enfatiza com mais fervor, e como devemos amar o nosso próximo com o mesmo ardor e constância incomparáveis com que Nosso Senhor nos amou na Cruz .*

*"Todo reino dividido contra si mesmo será assolado." — Lc . 11:17*

No Evangelho de hoje [ Lc . 11:14-28], Nosso Senhor insiste que todo reino dividido contra si mesmo (não unido em si mesmo) é levado à desolação. Por outro lado, o inverso também é verdadeiro: todos os reinos unidos em concórdia, não permitindo que nenhuma divisão

entre, certamente se encherão de consolo. Pois se as proposições são opostas, as consequências também devem ser. Estas palavras estão entre as mais notáveis, notáveis e importantes que nosso Divino Mestre já falou. Por esta razão, os antigos Padres os interpretaram cuidadosamente.

Eles concordam que nosso Salvador tinha três tipos de concórdia ou união em mente quando falou, onde a divisão em qualquer um deles resulta em desolação. A primeira é a concórdia que deve existir entre um rei e seus súditos, tornando os súditos submissos e obedientes às suas leis. A segunda é a união que devemos ter em nosso interior, em nosso reino interior, onde a razão deve ser o rei ao qual estão sujeitas todas as faculdades de nosso espírito, todos os nossos sentidos e até nossos corpos. Sem essa obediência e submissão, não podemos evitar desolação e problemas, assim como não poderia haver paz em um reino em que os súditos não são obedientes às leis do rei.

Como levaria muito tempo para falar das três uniões, vou me deter apenas na terceira, aquela que devemos ter um com o outro. Esta união ou concórdia foi seriamente pregada, recomendada e ensinada a nós por Nosso Senhor, igualmente em palavra e exemplo. Ele faz isso com tanta força e em termos tão admiráveis que parece esquecer de nos recomendar o amor que devemos ter por Si mesmo e por Seu Pai Celestial. Ele faz isso para melhor inculcar em nós o amor e a união que Ele quer que tenhamos uns pelos outros. Ele até chama o Mandamento do amor ao próximo *Seu Mandamento* <sup>1</sup>[*Jo . 15:12*], Seu mais querido. Ele veio a este mundo para nos ensinar, como nosso divino Mestre. No entanto, nada é tão enfatizado, nada declarado tão completamente quanto a observância deste Mandamento. Ele o faz com razão, pois o amado do Amado, o grande apóstolo São João, nos assegura que é mentiroso quem diz que ama a Deus e não ama o próximo. [*1 Jo . 4:20-21*]. Por outro lado, quem diz que ama o próximo, mas não ama a Deus, também contradiz a verdade. Isso simplesmente não pode ser. Amar a Deus sem amar o próximo, que foi criado à sua imagem e semelhança [*Gn . 1:26-27*], é impossível.<sup>2</sup>

Mas o que deve ser essa união e concórdia que todos devemos ter? Oh! O que deveria ser mesmo! Deve ser tal que, se o próprio Nosso Senhor não o tivesse explicado, ninguém teria a ousadia de usar os mesmos termos que os Seus. Na Última Ceia, depois de ter dado o incomparável penhor de seu amor por nós homens, o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, disse: Pai, meu querido Pai, suplico-te que todos aqueles que me deste sejam um, como Tu e eu, Pai, somos um. [ *Jo* . 17:11-12, 21-22]. Para mostrar que Ele não estava falando apenas pelos Apóstolos, mas por todos nós, Ele acrescentou: Eu não rogo somente por eles (isto é, aqueles que Ele acabou de mencionar), mas por todos aqueles que crerão em Mim. através de sua palavra. [ *Jo* . 17:20]. Quem ousaria, repito, fazer tal comparação, ou pedir que pudéssemos estar unidos como o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão unidos?

Esta oração parece à primeira vista boa demais para ser verdade, pois a união das três Pessoas Divinas é realmente incompreensível, e ninguém pode imaginar essa união simples e essa unidade tão indizivelmente simples. Assim, não podemos realmente esperar alcançar uma união idêntica, pois isso é impossível, como apontam todos os antigos Padres. Devemos nos contentar em abordá-lo o mais próximo possível, de acordo com nossa capacidade. Na verdade, Nosso Senhor não nos chama para uma união idêntica, mas apenas para a qualidade dessa união; isto é, devemos amar uns aos outros e estar unidos tão pura e perfeitamente quanto possível.

Tenho muito mais prazer em preparar este assunto desde que descobri que São Paulo nos recomenda este amor ao próximo naquela linguagem maravilhosa que usa na Epístola que lemos hoje na Santa Missa. Aos Efésios escreve: "Amados , andai no caminho do amor uns pelos outros como filhos muito queridos de Deus; andai assim como Jesus Cristo andou nele, dando a si mesmo por nós, oferecendo-se a Deus seu Pai como holocausto e oblação de cheiro suave. " [ *Ef* . 5:1-2]. Oh, como essas palavras são adoráveis e dignas de reflexão! Estas são palavras de ouro. Por eles, este grande santo nos ajuda a entender como deve ser nossa concórdia e nossa dileção para com o outro.

Concord e dilection são a mesma coisa. A palavra "concordia" significa união de coração. "Dilection" significa eleição de afeições, ou união de afeições. Ele parece querer deixar claro para nós o que o Salvador quis dizer quando orou a Seu Pai celestial para que todos nós pudéssemos ser um (isto é, unidos), como Ele e Seu Pai são Um. Nosso Senhor foi um tanto breve em nos ensinar em palavras como Ele queria que praticássemos essa união sagrada e sagrada. Por esta razão Seu glorioso Apóstolo os desenvolveu ao explicá-los para nós. Ele nos exorta a andar no caminho da dileção (amor) como filhos mais queridos de Deus. É como se ele quisesse dizer: Assim como Deus, nosso Pai todo-bom, nos amou tão ternamente que nos adotou como Seus filhos [ *Ef* . 1:5; *1 Jo* . 3:1-2], vocês devem mostrar que são verdadeiramente Seus filhos amando uns aos outros com toda bondade de coração.

Para que não caminhemos com passos de criança no caminho da dileção que Deus nosso Pai nos recomendou tão fortemente, São Paulo acrescenta: Andai no caminho que Nosso Senhor andou nele: Ele se deu por nós, e assim por diante. Com isso ele indica que quer que caminhemos com passos de gigante e não com passinhos de criança. Amem uns aos outros como Jesus Cristo nos amou [ *Jo* . 13:34; 15:12], não por qualquer mérito que possa ser encontrado em nós, mas somente porque Ele nos criou à Sua imagem e semelhança. <sup>3</sup>É esta imagem e semelhança que devemos amar e honrar em todos, e não qualquer outra coisa que possa existir. Pois realmente nada é amável em nós que é de nós, uma vez que não apenas não realça essa imagem e semelhança divina, mas na verdade a desfigura, macula e mancha, de modo que quase não somos reconhecíveis. Agora não devemos amar isso em nosso próximo, pois Deus não quer isso. <sup>4</sup>

Por que, então, Nosso Senhor quer que nos amemos tanto, e por que, perguntam a maioria dos santos Padres, Ele teve tanto cuidado de equiparar este preceito ao Mandamento do amor de Deus? [ *Mat* . 22:39]. Surpreendeu os Padres que se diga que estes dois Mandamentos são semelhantes entre si, porque um pertence ao amor de Deus e o outro ao amor da criatura: Deus, que é infinito, e a criatura que é finita; Deus, que é a própria Bondade e de quem nos vem todo o

bem, e o homem, que é cheio de malícia, por meio de quem tantas misérias nos sobrevêm. Pois o Mandamento de amar o próximo inclui também o amor aos inimigos. [ *Mateus* 5:43, 44]. Ó Deus! Que desproporção entre os objetos desses dois amores e, no entanto, esses dois mandamentos são semelhantes a tal ponto que um não pode existir sem o outro e deve necessariamente aumentar ou perecer na proporção em que o outro aumenta ou perece, como declara São João. [ *Jo* . 3:30].

Marco Antônio uma vez comprou dois jovens escravos que foram trazidos a ele por um comerciante. Naquela época, as crianças às vezes eram vendidas, como ainda é feito em alguns países hoje. Havia homens que os forneciam e se dedicavam a esse negócio da mesma forma que fazemos com cavalos em nosso país hoje. Essas duas crianças se pareciam tão perfeitamente que o mercador enganou Marco Antônio fazendo-as acreditar que elas eram gêmeas, caso contrário, como poderiam se parecer tão perfeitamente? Quando estavam separados um do outro, era particularmente difícil dizer qual era qual. Eram uma raridade tão grande que Marco Antônio os valorizava muito e pagava caro por eles. Mas quando os trouxe para sua casa, descobriu que cada um falava uma língua diferente. Plínio relata que um era do Delfim e o outro da Ásia, lugares incrivelmente distantes um do outro. Ao descobrir que eles não só não eram gêmeos, mas também não eram do mesmo país ou nascidos sob o mesmo rei, Marco Antônio ficou furioso e se enfureceu com a pessoa que os vendeu para ele. Mas um certo jovem personagem o convenceu de que a semelhança entre eles era muito mais notável, pois eram de países diferentes e não tinham ligação entre si. Isso o acalmou. Ele acabou por valorizá-los tanto que teria preferido perder todos os seus bens a perder esses dois filhos, tamanha raridade ele achou em sua semelhança.

Isso nos ajuda a apreciar o fato de que, da mesma forma, os mandamentos do amor a Deus e do amor ao próximo se assemelham tanto quanto esses dois escravos de que fala Plínio, embora também sejam de "países" muito distantes uns aos outros. De fato, o que poderia ser mais remoto, eu lhe pergunto, do que o Infinito do finito; do

que o amor divino, que se relaciona com o Deus imortal, do amor ao próximo, que se relaciona com o homem mortal; do que um, que se relaciona com o céu, do outro, que se relaciona com a terra? Por tudo isso, essa semelhança é muito mais incrível. Portanto, como Marco Antônio, devemos comprar esses dois amores como gêmeos que saem do Coração misericordioso de nosso bom Deus ao mesmo tempo. Simultaneamente à Sua criação do homem à Sua imagem e semelhança,<sup>5</sup> Deus ordenou que ele amasse a Deus e ao próximo.

A lei da natureza sempre ensinou esses dois preceitos e os gravou no coração de todos, de modo que, mesmo que Deus não tivesse falado deles, todos saberiam que eram obrigados a guardá-los.<sup>6</sup> Isso parece claro na medida em que o Senhor ficou extremamente descontente com a resposta que lhe deu o miserável Caim que, quando Deus lhe perguntou o que havia feito com seu irmão Abel, teve a arrogância de responder que não era obrigado a cuidar dele . [ *Gên . 4:9*]. Ninguém pode se desculpar disso e dizer que não sabe que deve amar o próximo como a si mesmo, porque Deus imprimiu essa verdade no fundo de nossos corações ao criar todos nós à imagem e semelhança uns dos outros. Tendo em nós a imagem de Deus, todos nós somos, conseqüentemente, a imagem uns dos outros. Juntos, constituímos a imagem de um retrato, o de Deus.

Sendo assim, vejamos, peço-vos, em que termos Nosso Senhor nos recomendou o amor ao próximo. Farei várias observações. Falando aos Seus Apóstolos, Ele disse: "Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros." [ *Jo . 13:34*]. Em primeiro lugar, por que chama este Mandamento de *novo* , visto que já havia sido dado na Lei de Moisés? [ *Lev . 19:18*]. Como acabamos de ver, ela nem sequer foi ignorada - mas sim reconhecida - na lei da natureza; na verdade, já havia sido observado por alguns desde a criação do homem. Nosso Divino Mestre a chamou de nova porque quis renová-la. Quando uma quantidade de vinho novo é colocada em um barril em que ainda há um pouco do velho, não dizemos que o barril contém vinho velho, mas sim vinho novo, porque há uma quantidade muito maior de vinho novo do que de vinho novo. velho. Da mesma forma, Nosso Senhor chamou este

Mandamento de *novo* porque, embora já tivesse sido dado antes, havia sido observado por apenas um número muito pequeno de pessoas. Porque Ele queria que fosse tão renovado que todos se amassem, Ele poderia designá-lo totalmente *novo*.

Assim, os primeiros cristãos tinham apenas um coração e uma alma [ *Atos 4:32*], e preservaram tal união entre si que nunca houve divisão entre eles. Como resultado de sua concórdia, eles desfrutaram de um consolo muito grande. Os muitos grãos de trigo são moídos e amassados juntos para fazer apenas um único pão, um pão que é feito de todos aqueles grãos que, uma vez separados, não podem mais ser separados ou distinguidos ou reconhecidos individualmente. Da mesma forma, aqueles primeiros cristãos tinham um amor tão fervoroso um pelo outro que suas vontades e seus corações estavam todos santamente misturados como um. Mas essa mistura sagrada e mistura divina não apresentou dificuldade, pois nem a divisão nem a separação eram possíveis. O pão assim amassado de todos esses corações era infinitamente agradável ao gosto da Divina Majestade.

Muitas uvas são prensadas juntas para fazer apenas um vinho. Não é mais possível distinguir qual vinho saiu de qual cacho ou de qual cacho. Sendo misturados ao acaso, eles formam apenas um vinho extraído dos muitos cachos. Da mesma forma, os corações dos primeiros cristãos, nos quais reinavam a santa caridade e a discrição, eram um só vinho, embora feito de muitos corações como de tantas uvas. O que construiu essa grande união entre eles não foi outro, minhas queridas almas, senão a santíssima Comunhão. [ *Atos 2:42; 1 Cor . 10:17*]. Quando mais tarde Sua recepção foi descontinuada, ou quando raramente foi recebida, <sup>A</sup> própria caridade, por isso mesmo, esfriou entre os cristãos e perdeu totalmente tanto sua força quanto sua doçura atraente.

O Mandamento de amar o próximo é novo, pois, pela razão que acabamos de expor; isto é, porque Nosso Senhor veio renová-lo, indicando que Ele desejava que fosse melhor observado do que nunca. É novo também porque é como se o Salvador o ressuscitasse, assim como podemos chamar um homem de um homem novo que foi

restaurado à vida da morte. Este Mandamento foi tão negligenciado que deve ter parecido nunca ter sido dado, visto que havia tão poucos que se lembravam dele, ou pelo menos que o observavam. Então Nosso Senhor deu novamente. E Ele quer que seja como se fosse uma coisa nova, um novo Mandamento, um que seja praticado fiel e fervorosamente.

É *novo* também por causa das novas obrigações que temos de observá-lo. Quais são essas obrigações que Jesus Cristo trouxe ao mundo para nos tornar dóceis na observância deste preceito divino? Certamente são grandes, pois Ele mesmo veio para ensiná-los a nós, não apenas com palavras, mas, muito mais, com exemplos. Este divino e amável Mestre não quis nos ensinar a pintar até que Ele mesmo tivesse pintado antes de nós. Assim, Ele não nos deu nenhum preceito que Ele mesmo não tivesse praticado primeiro. E assim, antes de renovar este mandamento do amor ao próximo, Ele nos amou e nos mostrou com Seu exemplo como devemos observá-lo para que não tenhamos desculpa de que é impossível observá-lo. Ele se entregou a nós no Santíssimo Sacramento e depois disse: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. [Jo . 15:12]. Os homens da Antiga Lei eram condenados se não amassem o próximo, porque a isso a lei da natureza ou a Lei mosaica os obrigavam. Mas se, segundo o exemplo que Nosso Senhor nos deixou, os cristãos ainda não se amam e não observam este preceito divino da caridade mútua, serão condenados com uma condenação incomparavelmente maior.

Pessoas de outrora (quero dizer, aqueles que viveram antes da Encarnação de nosso querido Salvador e Mestre) podem ter sido um pouco desculpáveis se não observaram bem este Mandamento. Pois, embora já se soubesse naquela época que Nosso Senhor uniria nossa natureza humana à natureza divina e viria a reparar por sua morte e paixão a imagem e semelhança de Deus que está impressa em nós, <sup>8</sup>só era conhecido por alguns dos maiores deles — os Patriarcas e Profetas, por exemplo. O resto era quase tudo ignorante disso. Mas agora que sabemos, não que Ele *virá* , mas que Ele *veio* , e recomendou novamente

esta santa dilecção um pelo outro, quão dignos de punição seremos se não amarmos o nosso próximo!

É de admirar que este amado Amante de nossas almas queira que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou, visto que Ele nos restaurou tão completamente àquela perfeita semelhança com Ele que outrora tivemos que quase parece que não há mais alguma diferença entre Ele e nós? Certamente, ninguém pode duvidar que a imagem de Deus que era nossa antes da Encarnação do Salvador estava muito longe da verdadeira semelhança daquele que representávamos e de quem éramos o retrato. Qual é a proporção, eu lhe pergunto, entre Deus e a criatura? As cores deste retrato estavam extremamente desbotadas, manchadas e descoloridas; restaram apenas alguns traços, alguns pequenos contornos, como vemos em um retrato ou quadro que é apenas esboçado, ao qual ainda não foram adicionados os últimos tons. Tem apenas uma ligeira semelhança com aquele a quem representa. Mas Nosso Senhor, ao vir ao mundo, elevou nossa natureza mais do que todos os anjos, os querubins e tudo o que não é Deus, e nos fez tão parecidos com Ele, que podemos dizer com certeza que nos assemelhamos perfeitamente a Deus. . Ao se tornar homem, Ele tomou nossa semelhança e nos deu a Sua. <sup>9</sup>Oh, com que seriedade devemos reunir nossa coragem para viver de acordo com o que somos e imitar tão perfeitamente quanto possível Aquele que veio a este mundo para nos ensinar o que devemos fazer para conservar em nós esta beleza e semelhança divina que Ele tão completamente reparado e embelezado em nós!

Agora me diga, então, quão cordial deve ser o nosso amor uns pelos outros, já que Nosso Senhor nos reparou a todos igualmente, e sem nenhuma exceção nos fez semelhantes a Ele? Devemos sempre lembrar, porém, que não devemos amar no próximo o que é contrário a essa semelhança divina e o que poderia desfigurar esse retrato sagrado. Mas com esta única exceção, minhas queridas almas, não devemos amar muito o próximo, que verdadeiramente representa para nós a sagrada Pessoa de nosso Mestre? E não é este um dos motivos mais poderosos que poderíamos ter para nos amarmos com um amor

ardente? Quando vemos o nosso próximo, não devemos fazer como o bom Raguel fez quando viu o jovem Tobias? Tobias foi para Rages em obediência a seu pai [também chamado Tobias]. Lá conheceu o bom homem Raguel. Depois de estudá-lo, Raguel disse à esposa: 'Ah, meu Deus, esse jovem me lembra tanto meu parente Tobias! o havia conduzido respondeu: "Nós o conhecemos! Aquele com quem você está falando é filho dele!" Então o bom Raguel se encheu de alegria e o abraçou e o beijou e acariciou com muita ternura. "Ó meu filho", exclamou ele, "você é filho de um bom pai, e como você se parece com esse homem nobre!" Então ele o recebeu em sua casa e o tratou com regia, de acordo com o afeto que ele nutria por seu parente Tobias. [10](#) [ *Tob . 7:1-9*].

Não deveríamos fazer o mesmo quando nos encontramos? Devemos dizer ao nosso irmão: "Como você se parece muito com aquele homem nobre, pois você me lembra meu Salvador e meu Mestre!" E com a certeza de que ele nos daria, ou que nos daríamos uns aos outros, que realmente reconhecemos a semelhança do Criador e que somos Seus filhos, quantos sinais de afeto não devemos dar uns aos outros! Para falar melhor, com que amor e ternura devemos receber o nosso próximo, honrando nele esta semelhança divina, estreitando cada vez mais este doce vínculo de caridade [ *Col. 3:14*] que nos mantém ligados, abraçados e unidos uns aos outros. Caminhemos então no caminho do amor, como filhos caríssimos de Deus, como o santo Apóstolo nos exorta a fazer na epístola de hoje.

Mas ande, ele continua, como Jesus Cristo andou. Ele deu Sua vida por nós e se ofereceu a Seu Pai como oferta por nós, uma oblação de cheiro suave. [ *Ef . 5:1-2*]. Com essas palavras, aprendemos até que ponto nosso amor mútuo deve se estender e até que perfeição deve alcançar: dar um ao outro alma por alma, vida por vida – em suma, tudo o que somos e tudo o que temos, exceto nossos própria salvação. Pois Deus deseja apenas essa exceção. Nosso Senhor se deu por cada um de nós; Ele deu Sua alma, Ele deu Seu corpo. Em suma, Ele não reservou nada. Da mesma forma, Ele quer que não retenhamos nada [ *1 Jo . 3:16*] exceto nossa salvação eterna.

Nosso Divino Mestre nos deu Sua vida não apenas para curar os enfermos, fazer milagres e nos ensinar o que devemos fazer para sermos salvos ou para sermos agradáveis a Ele. Ele também passou toda a sua vida até mesmo moldando a sua cruz, sofrendo mil mil perseguições daqueles a quem fazia tanto bem e por quem deu a vida. Devemos fazer o mesmo, diz o santo Apóstolo, ou seja, também devemos moldar nossa cruz sofrendo uns pelos outros como o Salvador nos ensinou; em dar nossa vida por aqueles que a tirariam de nós, como Ele fez com tanto amor; em gastar-nos pelo próximo, não só em coisas agradáveis, mas também nas que são dolorosas e desagradáveis, como suportar com amor essas perseguições que podem de alguma forma esfriar nosso coração para com nossos irmãos.

Há quem diga: "Eu amo muito o meu próximo e gostaria, de fato, de prestar-lhe algum serviço." Isso é muito bom, diz São Bernardo, mas não é suficiente; devemos ir mais longe. "Oh! Eu o amo tanto! Eu o amo tanto que com prazer sacrificaria todas as minhas posses por ele." Isso está indo mais longe e certamente é melhor, mas ainda não é suficiente. "Eu o amo, eu lhe asseguro, tanto que eu me gastaria de bom grado por ele no que ele quisesse de mim." Este é certamente um sinal muito bom de seu amor, mas você deve ir ainda mais longe; pois há um grau ainda maior neste amor, como nos ensina São Paulo, quando escreveu: "Sede meus imitadores como eu imito a Cristo". [ *1Cor* . 11:1]. E em uma de suas epístolas [11](#) escreveu assim aos seus filhos mais queridos: "Estou pronto a dar a minha vida por vós, e dou-me tão completamente que não tenho reservas em provar-vos o quanto vos amo com ternura e ternura. Sim, estou mesmo pronto para concordar com tudo o que alguém gostaria de mim em seu nome." [ *2Cor* . 12:14-15, 19]. Nisto ensina-nos que gastar-nos até ao ponto de dar a nossa vida pelo próximo não é tanto deixar-nos gastar à vontade dos outros, seja por eles ou por eles.

Isto é o que ele aprendeu com nosso querido Salvador, que se gastou para nossa salvação e nossa redenção [ *Fp* . 2:8], e depois se deixou gastar para aperfeiçoar esta Redenção e ganhar para nós a vida eterna, deixando-se até mesmo ser preso na Cruz pelas próprias

peças por quem Ele morreu. Ele se gastou durante toda a Sua vida, mas em Sua morte Ele se deixou gastar, não permitindo que Seus amigos, mas Seus inimigos, fizessem com Ele tudo o que quisessem. Eles O mataram com uma fúria insuportavelmente perversa. No entanto, Ele não resistiu, mas se permitiu ser puxado e virado em todas as direções, conforme solicitado pela crueldade desses carrascos maliciosos. [ *É* . 50:5]. Pois Ele viu em tudo isso a vontade de Seu Pai celestial, que era que Ele deveria morrer pela humanidade, e à qual Ele se submeteu com um amor incomparável, mais digno de ser adorado do que imaginado ou compreendido.

É a este grau soberano de perfeição no amor ao próximo que os religiosos, e nós outros consagrados ao serviço de Deus, somos chamados, e por isso devemos aspirar com todas as nossas forças. Devemos nos gastar não apenas para o seu bem e consolação, mas também permitir que nos gastemos por ele pela santa obediência - para fazer, sem nunca resistir, o que for desejado de nós. Quando nos gastamos, o que fazemos por nossa própria escolha ou nossa própria vontade sempre satisfaz muito nosso amor-próprio. Mas deixar-se gastar pelo próximo em coisas que ela quer e nós não, isto é, que não escolhemos, aí está o grau soberano de abnegação que Nosso Senhor e Mestre nos ensinou ao morrer. Preferimos pregar, mas somos enviados para servir os enfermos; queremos orar pelo próximo, mas ao invés disso somos enviados para servi-lo. É sempre de muito maior valor fazer o que somos obrigados a fazer (quero dizer, é claro, apenas naquilo que não é contrário a Deus e não O ofende) do que fazer o que escolhemos por nós mesmos.

Vamos então amar uns aos outros, diz São Paulo, como Nosso Senhor nos amou. Ele se ofereceu em holocausto: quando Ele estava na Cruz Ele derramou Seu sangue sobre a terra até a última gota, como se fosse fazer uma argamassa sagrada [ *Col.* 1:20] com a qual Ele iria argamassar, unir, unir e ligar umas às outras todas as pedras de Sua Igreja, isto é, os fiéis. Ele fez isso para que eles pudessem estar tão unidos que nunca haveria nenhuma divisão encontrada entre eles, tanto Ele temia que essa divisão fosse a causa de sua desolação eterna.

[12](#)[ *Lc . 11:14-28*]. Oh, quão poderoso é este motivo para nos levar a amar este Mandamento e observá-lo exatamente. Todos nós fomos igualmente lavados com este Precioso Sangue, como com uma argamassa sagrada, para unir e unir nossos corações! Oh, quão grande é a bondade do nosso Deus! [ *P. \_ 72 (73):1*].

Nosso Senhor foi oferecido, ou melhor, se ofereceu por nós a Deus Seu Pai como uma oferta, uma oblação de cheiro suave. [ *Ef . 5:1-2*]. Que fragrância divina Ele espalhou diante da Divina Majestade quando instituiu o Santíssimo Sacramento do Altar, onde tão admiravelmente nos demonstrou a grandeza do Seu amor. Este ato de perfeição incompreensível, pelo qual Ele se entregou a nós que éramos seus inimigos e que lhe causamos sua morte, era uma fragrância infinitamente doce. Ao mesmo tempo, Ele nos concedeu os meios para alcançar o grau supremo de união que Ele desejava para nós, a saber, sermos feitos um com Ele como Ele e Seu Pai são Um, [13](#)ou seja, uma mesma realidade. [ *Jo . 17:11-12, 21-22*]. Ele havia pedido isso a Seu Pai celestial, ou melhor, Ele desejava pedir; agora, ao fazê-lo, descobriu ao mesmo tempo como deveria ser realizado. Ó bondade incomparável! Como és digno de ser amado e adorado!

Até que ponto a grandeza de Deus se rebaixou para cada um de nós, e até que ponto Ele quer nos exaltar? Para nos unir tão perfeitamente com Ele mesmo para nos tornar uma mesma coisa com Ele. Nosso Senhor fez isso para nos ensinar que, como todos somos amados com um mesmo amor pelo qual Ele nos abraça a todos neste Santíssimo Sacramento, assim Ele quer que todos nos amemos com esse mesmo amor, um amor que tende à união, mas uma união maior e mais perfeita do que se pode conceber. Somos todos alimentados com o mesmo pão [ *1 Cor . 10:17*], este Pão celestial, a divina Eucaristia. Comê-lo, chamado Comunhão, representa para nós, como dissemos, a união comum que devemos ter juntos; [14](#)sem esta união não seríamos dignos de levar o nome de "filhos de Deus", pois não seríamos obedientes a Ele.

Os filhos que têm um bom pai devem imitá-lo e seguir seu mandamento em todas as coisas. Agora, temos um Pai melhor do que

todos os outros e de quem deriva todo o bem. [ *Já . 1:17*]. Seus mandamentos não podem ser senão perfeitos e salutares. Assim, devemos imitá-Lo tão perfeitamente quanto possível, e também obedecer às Suas ordenanças divinas. Mas de todos os Seus preceitos, não há nenhum que Ele enfatize tão seriamente, nem para o qual Ele tenha indicado que Ele deseja uma observância tão exata, como o amor ao próximo. O Mandamento de amar a Deus é superior ao Mandamento de amar o próximo; mas como a natureza oferece maior resistência ao amor ao próximo, era necessário que fossemos encorajados de maneira mais particular à sua prática.

Amemos, pois, com toda a extensão do nosso coração, para agradar ao nosso Pai celestial, mas amemos com razão; isto é, que o nosso amor seja guiado pela razão, que deseja que amemos mais a alma do próximo do que o seu corpo. Mas amemos também o seu corpo, e depois, na devida ordem, tudo o que pertence ao próximo, cada coisa segundo os seus méritos, para o exercício adequado deste amor.

Se fizermos isso, oh com que justiça podemos cantar, e certamente com grande consolação, este Salmo que Santo Agostinho tanto se deleitou em refletir: Veja como é bom e quão agradável é onde os irmãos habitam em santa união, concórdia e paz , pois são como o unguento precioso que derramaram sobre a cabeça do sumo sacerdote Arão, que então escorreu sobre sua barba e sobre suas vestes. [ *P. \_ 132 (133)*]. Nosso Divino Mestre é o Sumo Sacerdote sobre o qual este unguento precioso e perfumado da santíssima caridade foi derramado em profusão incomensurável, tanto para com Deus como para com o próximo. Somos como os cabelos de Sua cabeça e Sua barba. Ou então, podemos considerar os Apóstolos como a barba de Nosso Senhor, que é nossa Cabeça e de quem somos membros. [ *1Cor . 12:12, 27; Ef . 4:15; Col. \_ 1:18*]. Os Apóstolos estavam ligados a Ele porque viram Seu exemplo e Suas obras e receberam Seus ensinamentos imediatamente de Sua boca sagrada. O resto de nós não teve essa honra. Em vez disso, o que sabemos, aprendemos com os apóstolos. Somos, então, como as vestes de nosso Sumo Sacerdote, nosso Salvador, sobre as quais, no entanto, transbordou aquele unguento precioso da santíssima caridade

que Ele tão grandemente nos prescreveu e recomendou. E assim o seu santo Apóstolo expressou esta caridade mais detalhadamente por nós, não querendo que nos ocupássemos em imitar os anjos ou os querubins nesta virtude tão necessária, mas sim imitar o próprio Nosso Senhor, que nos ensinou mais por obras do que por palavras, especialmente quando preso à Cruz.

É ao pé desta Cruz que devemos permanecer sempre. É o lugar onde os imitadores de nosso Soberano Mestre e Salvador costumam habitar. Pois é da Cruz que eles recebem o licor celestial da santa caridade. Ele jorra em grande profusão de uma Fonte divina, o seio da misericórdia divina de nosso bom Deus. Ele nos amou com um amor tão firme, tão sólido, tão ardente e tão perseverante que a própria morte não o esfriou nem um pouco. Muito pelo contrário, aqueceu e aumentou infinitamente. As águas das mais amargas aflições não podem apagar o fogo de Sua caridade para conosco [ *Cant . 8:6-7*], tão ardente é. Mesmo as perseguições feitas por Seus inimigos não foram suficientemente poderosas para vencer a incomparável solidez e constância do amor com que Ele nos amou. Tal deve ser o nosso amor ao próximo: firme, ardente, sólido e perseverante.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. Sermão para o Segundo Domingo da Quaresma, p. 54 deste volume.
- [2.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus* , Bk. X, cap. 11; *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora* , "A Assunção", 15 de agosto de 1618, p. 73; e 'A Visitação', 2 de julho de 1621, p. 159.
- [3.](#) Cf. pág. 84 deste sermão.
- [4.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte III, cap. 22.
- [5.](#) Cf. pág. 84 deste sermão.
- [6.](#) São Francisco de Sales parece aqui expandir o parâmetro da lei natural da injunção de "fazer o bem e evitar o mal" ao duplo mandamento do amor a Deus e do amor ao próximo. Esta é apenas mais uma indicação da centralidade do amor em sua visão espiritual.

- [7.](#) São Francisco de Sales refere-se a um período em que a recepção frequente da Sagrada Comunhão caiu em desuso; houve talvez alguns que não receberam a Comunhão.
- [8.](#) Cf. pág. 84 deste sermão.
- [9.](#) Raramente um Doutor da Igreja ocidental avaliou a humanidade redimida tão positivamente quanto São Francisco de Sales faz aqui. Sem dúvida, esses pensamentos sobre a grandeza da humanidade redimida contribuem muito para sua apreciação otimista da antropologia cristã, bem como para a atratividade de sua espiritualidade.
- [10.](#) Cf. *Tratado sobre o Amor de Deus*, Bk. X, cap. 11.
- [11.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, IV, "Sobre Cordialidade", pp. 64-65.
- [12.](#) Cf. pp. 83-84 deste sermão.
- [13.](#) Cf. pág. 85 deste sermão.
- [14.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, VI, "Na Esperança", pp. 97-98.

### **CONDUTA ADEQUADA NA DOENÇA**

*Sermão da quinta-feira depois do terceiro domingo da Quaresma, 3 de março de 1622, sobre a cura da sogra de São Pedro, o celibato de São Pedro, a Comunhão dos Santos, o senhorio de Deus sobre todas as coisas, dois métodos de meditando, a maravilhosa submissão a Deus e a resignação nas mãos de seus superiores da sogra de São Pedro enquanto ela estava doente com febre, ânsia demais em buscar as curas de Deus, as palavras de São Bernardo de que os religiosos não devem se preocupar com as doenças do corpo, a ânsia de procurar remédios para as doenças, como devemos imitar a sogra de São Pedro, o uso da saúde para servir a Deus e a prática da verdadeira pobreza evangélica na doença .*

Na primeira parte do Evangelho de hoje [ *Lc . 4,38-44*], sobre o qual devo e quero deter-me, menciona-se a cura da sogra de São Pedro, que foi realizada por Nosso Senhor em Cafarnaum. Aqui estão os fatos da história: Nosso Divino Mestre estava naquela cidade, proclamando as obras e grandezas da providência de Seu Pai celestial. Depois que Ele curou muitas pessoas e libertou uma pessoa atormentada pelo diabo [ *Lc . 4:33-35*], Ele entrou na casa de Simão e André e curou a sogra de Pedro, que estava com febre.

Aconteceu desta forma. O Salvador entrou na casa pouco antes do jantar. Sts. João, Tiago e André, e seu irmão Pedro, decidiram que, antes de se sentarem para jantar, pediriam a Ele que curasse aquela mulher. Depois que fizeram o pedido, Nosso Senhor aproximou-se do leito da paciente e, de pé sobre ela, olhou para ela e pegou sua mão [ *Mc* . 1:31], ordenou que a febre a deixasse, ou como diz São Lucas, repreendeu a febre e ela a deixou. Então esta boa mulher, sentindo-se curada, levantou-se e serviu-os. Primeiro falarei de três ou quatro pontos referentes ao significado literal deste texto, e depois consideraremos o resto.

Em primeiro lugar, o Evangelista escreve que Jesus entrou na casa de Simão, o grande Apóstolo São Pedro, que foi o primeiro dos Apóstolos a seguir o nosso querido Mestre, juntamente com seu irmão Santo André. [ *Mat* . 4:18-20; *Jn* . 1:41]. São Mateus mostra isso claramente em seu oitavo capítulo [ *Matt* . 8:14], e São Marcos indiretamente em seu primeiro capítulo. [ *Mc* . 1:29]. São Lucas não menciona isso no Evangelho de hoje - apenas que Jesus, tendo entrado na casa de Simão, curou sua sogra que estava com febre. Muitas mentes superficiais concluíram deste incidente que São Pedro não era celibatário naquela época. Os huguenotes concluem que, como ele tinha sogra, devia estar casado naquela época. Certamente não é assim, pois sobrecarregado com os deveres da vida conjugal, ele não teria sido capaz de seguir Nosso Senhor.

Mas se dissessem que, como ele tinha sogra, ele deve ter tido uma esposa uma vez, e conseqüentemente uma família também, isso seria uma coisa completamente diferente. Seria uma inferência razoável. Assim, podemos concluir que, embora nem sempre tenha sido celibatário, assumiu o celibato quando se tornou seguidor do Salvador. Isto fica claro por estas palavras que dirigiu a Jesus: Aqui deixamos todas as coisas para seguir-te; o que podemos esperar dele? [ *Mat* . 19:27]. "Deixamos todas as coisas": Ele não disse "em parte", mas "tudo", sem qualquer reserva. "E já que deixamos tudo, que recompensa receberemos de você?" Agora, se ele fosse casado, ele não poderia ter falado dessa maneira.

Como Nosso Senhor escolheu São Pedro para ser o chefe de todos os seus sacerdotes, era justo que ele fosse celibatário, pois, como escreveu São Jerônimo, a virgem que se casa não pode dizer que pertence inteiramente a Deus. É verdade que ela pode sempre reconhecê-lo como seu Senhor; no entanto, ela tem outro senhor menor a quem ela também pertence e a quem ela ama. Portanto, seu coração não pode pertencer inteiramente a Jesus Cristo. É compartilhado, é dividido, [cf. *1 Cor* . 7:33-34]. Mas os sacerdotes, sendo completamente dedicados a Deus, não devem ter outro senhor além dele. É por isso que eles se separam da criatura renunciando ao matrimônio, para melhor se unirem mais intimamente ao seu Deus. O Sacramento do Matrimônio é a união da criatura com a criatura, e o da Ordem é, de algum modo, a separação da criatura da criatura. Assim, devemos concluir que o Príncipe dos Apóstolos era celibatário e seguia nosso querido Salvador de todo o coração.

Embora se diga que Jesus entrou na casa de Simão, não devemos pensar que este glorioso santo havia reservado uma casa para si ou que ainda tinha uma família. Ah, não, pois ele havia deixado tudo para seguir seu Mestre – sua casa, sua família, seu comércio e todo o cuidado e ambição que um homem pode ter. Ele tinha uma família e uma casa em que sua sogra morava. Tendo deixado todas as coisas, ele deu a ela o uso da casa e o cuidado de sua família. Assim, quando se diz que Nosso Senhor entrou na casa de São Pedro, não devemos concluir que este apóstolo teve uma na época, mas apenas que uma vez foi sua.

Quando está escrito que os apóstolos Pedro, André, João e Tiago se reuniram para pedir a cura da sogra de Simão, trata-se de um assunto muito importante. Pois este pedido representa a Comunhão dos Santos, pela qual o corpo da Igreja está tão unido que todos os seus membros participam do bem uns dos outros. Disto se segue que todos os cristãos participam de todas as orações e boas obras que são oferecidas na Santa Madre Igreja. Esta comunhão existe não só aqui embaixo na terra, mas também no céu. Essa posição é tola e estúpida, então, que, embora disposta a acreditar na Comunhão dos Santos na terra, não acreditará que ela se estende até o Céu. Certamente, as

pessoas que sustentam essa visão não acreditam nesse artigo do Credo dos Apóstolos. É muito certo que, como compartilhamos aqui abaixo nas orações uns dos outros, essas mesmas orações e boas obras beneficiam as almas do Purgatório, que podem ser ajudadas por elas. Além disso, eles e nós participamos das orações dos bem-aventurados, que estão no Paraíso. É nisto que consiste esta Comunhão dos Santos. Este artigo de fé é simbolizado pela cura de nossa mulher doente, que não foi aliviada por suas próprias orações, mas pelas dos Apóstolos, que intercederam por ela.<sup>1</sup>

Quando Nosso Senhor ordenou que a febre a deixasse, Ele mostrou Sua onipotência, deixando ver que Ele era o Mestre da doença e da saúde, e que todas as coisas Lhe obedecem. Irritado com o mal da febre, Ele a repreendeu e a expulsou dela, como se quisesse dizer: "Como se atreve a ficar onde está o Médico e o Remédio da vida? Por que não foge da Minha presença sem esperar Eu para comandá-lo?" Está escrito que Deus estava irado com o Mar Vermelho porque ele não havia secado. [ *P.* \_ 105 (106):9]. Isso parece significar que, como a vontade de Deus era que o Mar Vermelho ficasse seco, Ele o repreendeu por não ser assim, dando a entender que ele deveria ter secado antes mesmo de Ele ordenar. Tanto para o significado literal.

Vamos agora dizer algo sobre o aspecto espiritual da doença. Há tantos males espirituais que, se eu começasse a falar deles, nunca os terminaria. Pois eles estão trabalhando o ano todo. Embora os religiosos estejam isentos de alguns deles, não estão isentos de todos eles. Mas pensei que não trataria deles hoje, mas de doenças corporais, das quais os religiosos não estão mais isentos do que os outros. Essas doenças corporais são encontradas tanto nas casas religiosas quanto no mundo. E como o Evangelho de hoje trata deles, é muito importante saber tirar proveito deles. Aprendemos com eles a tirar proveito de nossa doente febril, que praticou tantas virtudes admiráveis em sua doença que acho que sua história deveria ser escrita para todas as enfermarias monásticas, para servir de exemplo para todos os doentes e para ensiná-los. como lucrar espiritualmente com eles. Essa mulher praticou muitas virtudes, mas vou destacar apenas três para comentar.

Mas antes de discutir as doenças do corpo, devo curar – ou pelo menos dar o remédio adequado para curar – uma doença espiritual que se encontra em muitas pessoas. Isso diz respeito à abordagem dos assuntos para meditação. Isto servirá como um prefácio ao meu discurso. Vou usar as palavras de São Paulo sobre o assunto de Melquisedeque. Vou usá-los como um "prefácio armado" segundo a expressão de São Jerônimo - isto é, um prefácio que tem seus braços e que carrega um capacete na cabeça. O grande Apóstolo chama Melquisedeque de "rei de paz" e "rei de justiça". [ *Heb . 7:1-3*]. Em seguida, acrescenta que estava sem pai, mãe ou genealogia, sem princípio de dias ou fim de vida. Agora, muitas mentes superficiais e tolas criaram heresias baseadas nestas palavras. Eles disseram em sua falsa crença que Melquisedeque não era um homem, que ele não tinha um corpo verdadeiro como o nosso, e eles chegam ao ponto de atribuir divindade a ele, como se ele fosse Deus – algo que é manifestamente falso. Segundo São Paulo, ele era um homem justo e pacífico, e não há dificuldade em acreditar que ele era como todos os outros homens. Em nossa tentativa de extrair significados diferentes das Escrituras, nunca devemos ir além dos limites legítimos ao propor nossas interpretações. Vamos dizer algo, então, sobre a maneira correta de meditar nas Escrituras.

Podemos considerar a Bíblia sagrada, ou seja, os mistérios nela contidos, e principalmente os Evangelhos, de duas maneiras. A primeira é usar as considerações piedosas organizadas por muitos daqueles que tiveram a orientação de almas. Eles tiveram belos insights sobre a vida e a morte de Nosso Senhor, bem como sobre os outros mistérios de nossa fé, insights que podem ser úteis na meditação. Ainda existem muitos guias espirituais hoje, [2](#) e outros também, a quem o Espírito Santo inspira pensamentos santos e devotos. Estes eles arranjam para nosso uso. Afinal, o mesmo Deus que era ontem ainda é hoje [ *Heb . 13:8*], concedendo-nos tantas graças e favores neste tempo presente como fez a nossos pais antes de nós.

Nesta maneira de meditar devemos fazer bom uso de nossa imaginação e razão, vendo os diferentes pensamentos ou cenas do

Evangelho ou do mistério sobre o qual estamos meditando, como alguns fizeram por nossa piedosa crença. Por exemplo, podemos imaginar as muitas lágrimas derramadas durante a Paixão no encontro do Filho e da Mãe, enquanto o Salvador carregava Sua Cruz ao Monte Calvário – assim como as muitas lágrimas derramadas na flagelação e aos pés da Cruz . Para representar as convulsões e dores da Santíssima Virgem, Nossa Senhora, alguns a imaginaram bastante chocada, desfalecida e enfraquecida pela dor pela morte de seu Filho. Nossos artistas a retrataram assim aos pés da Cruz, como se ela tivesse sido vencida pela fraqueza ou desmaio. Mas isso nunca aconteceu com ela, nem na vida nem na morte de Nosso Senhor, pois o evangelista diz que ela permaneceu firme e ficou aos pés da cruz. [ Jo . 19:25]. Nossos artistas seguiram sua imaginação, que não tem mais verdade do que aquela que pinta o bom ladrão preso à cruz com pregos e o mau ladrão sem nenhum, como se não os merecesse. Tais suposições sobre a Sagrada Escritura são realmente licença poética e perigosas. Devemos usá-los com sobriedade, assim como os referentes às três Marias.

Agora <sup>3</sup>—Não digo que não possamos usar a imaginação na meditação, nem as piedosas considerações que nos deixaram os santos Padres e tantas outras boas almas. Uma vez que pessoas santas e grandes as escreveram, quem não fará uso delas? Quem se recusará a considerar ou acreditar piedosamente no que eles piedosamente creram? Ó certamente, podemos seguir confiantemente pessoas de tal autoridade. Mas talvez não estejamos satisfeitos com o que eles deixaram e queremos fazer muitas outras considerações com nossa imaginação. É aqui que devemos estar atentos para não usar a imaginação descuidadamente em nossa meditação, de acordo com nossa fantasia, mas devemos agir com sobriedade, de acordo com o conselho de nossos diretores e daqueles que nos orientam, ou de acordo com o que está escrito em livros bem aprovados que nos mantêm livres de dúvidas e perigos. Tanto para esta primeira maneira de meditar, que é boa e da qual de forma alguma desaprovo, pois muitas pessoas grandes e santas a praticaram e ainda a praticam. É excelente quando é usado como eles o usaram.

O segundo método é não fazer uso da imaginação, mas manter o significado literal; isto é, contentar-se em meditar pura e simplesmente nos Evangelhos e nos mistérios da nossa fé. Agora, este caminho é mais alto e melhor que o primeiro. Sim, é mais simples e seguro. Voltando ao nosso exemplo, é assim que São Paulo fala de Melquisedeque quando escreve que ele era sem pai, mãe ou genealogia, sem princípio de dias ou fim de vida. Quando ele diz que Melquisedeque era sem pai e sem genealogia, ele não quer dizer que não teve pai ou mãe como os outros. Como eles, ele nasceu e, portanto, tinha uma genealogia. Não foi sem princípio de dias, pois, como homem, nasceu. Ele também não teve fim de vida, pois morreu como todos os outros. Mas porque nada é mencionado na Sagrada Escritura do pai e da mãe de Melquisedeque, sua genealogia, nascimento e morte, São Paulo simplesmente não declara nada sobre eles, não querendo acrescentar nada à carta. Ele quer dizer apenas o que foi escrito. É por isso que ele fala assim sobre esta pessoa santa.

Manter estritamente o sentido literal do texto sagrado é a forma como gostaria de falar do nosso doente febril. Esta mulher é verdadeiramente admirável na forma como suporta a sua doença física. <sup>4</sup>Fica claro no Evangelho de hoje que ela praticou muitas virtudes. Mas o que mais admiro é a grande submissão que ela fez à providência de Deus e ao cuidado de seus superiores. Como ela é tranquila e pacífica! Ela tem uma febre forte que a mantém na cama, atormentando-a muito. Este tipo de doença faz isso. No entanto, em tudo isso ela permanece em paz, não incomodando ninguém. Pois o Evangelho simplesmente afirma que ela estava de cama com febre. [ *Mat* . 8:14-15]. No entanto, todos sabem como a inquietação é dolorosa. Pessoas exigentes certamente testemunham isso. Quando não dormem nove horas, não fazem nada além de reclamar. "Oh", dizem eles, "estamos tão inquietos". A inquietação é um mal que costuma incomodar muito os pacientes febris. Isso os impede de dormir e os deixa cansados, e eles não encontram prazer em nada. Temos que mover o céu e a terra para aliviá-los, mas mesmo isso não lhes serve de nada.

A maravilhosa entrega de nossa paciente febril nas mãos de seus superiores é a razão pela qual ela não ficou perturbada ou inquieta. Ela não era solícita nem por sua saúde nem por sua cura. Colocou-se aos cuidados daqueles que a cuidavam e contentou-se em permanecer em sua cama, suportando sua doença com serenidade e paciência. Ó Deus, quão feliz era esta boa mulher! e como merece ser cuidada, como os Santos. Pedro e André e os outros dois apóstolos, João e Tiago, certamente o fizeram. Eles conseguiram sua cura. Eles forneceram o que era necessário sem que o paciente solicitasse. Ela não falou com eles sobre isso. Eles foram simplesmente movidos pela caridade e pena pelo que ela estava suportando. Quão felizes seriam os doentes do mundo se simplesmente se deixassem cuidar por aqueles que os cuidam! Como os religiosos ficariam felizes se fizessem o grande ato de abandono nas mãos de seus superiores que nosso doente febril fez.

Se é razoável que as pessoas do mundo se entreguem nas mãos daqueles que cuidam delas por causa do amor e compaixão naturais que têm por elas, é ainda mais razoável que os religiosos façam o mesmo. Afinal, eles vivem sob os superiores que, por um motivo de caridade, os servem e suprem suas necessidades. Esta caridade é mais forte e mais convincente do que a natureza, não poupando nada. Ela motiva os superiores dos religiosos a prover as necessidades daqueles a quem eles estão encarregados. Se um pai de uma criança doente, a quem talvez não ame de fato, não deixasse de tratá-la conforme sua necessidade, impelida apenas pela compaixão natural, o que não se deve esperar dos superiores que nos servem com verdadeira caridade?

A sogra de São Pedro sabia que Nosso Senhor estava em Cafarnaum e que estava curando muitos doentes. No entanto, ela não mandou chamá-lo ansiosamente para dizer-lhe que estava sofrendo, nem implorou que fosse à sua casa. Mas o que é ainda mais surpreendente é que mesmo quando eles se encontraram em sua casa, ela olhou para Ele e Ele olhou para ela, mas ela não disse uma palavra sobre sua doença para movê-lo a ter piedade dela; nem ela clamou: "Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim" [ *Matt* . 15:22]; ou "Senhor, diga apenas a palavra e minha alma será curada" [ *Matt* . 8:8; *Lk* . 7:7]—

isto é, vou recuperar a vida e a saúde. Ela não pediu que Ele se aproximasse da cama onde ela estava deitada e colocasse Sua mão sobre ela. Ela não estava nem mesmo ansiosa para tocar em Suas vestes, nem na borla de Seu manto, como muitos outros faziam, como vemos no Evangelho. [ *Mat* . 9:20-21; 14:36; *Lk* . 6:19]. Na verdade, a maioria das pessoas que buscaram o Salvador o fizeram para serem curadas de doenças corporais, não de males espirituais. Somente a Madalena, aquela grande santa, veio a Ele para que pudesse tratar seu coração e curar suas enfermidades espirituais. Ela fez isso de uma maneira maravilhosa, ainda na flor de sua idade.

Ó Deus, quantos doentes em Cafarnaum, sabendo que Nosso Senhor, o Médico soberano, estava lá, demonstraram grande ansiedade e ansiedade para tornar sua condição conhecida Àquele que eles sabiam que poderia curá-los! Certamente, o centurião foi verdadeiramente louvável pelo cuidado que teve ao enviar as principais pessoas da cidade ao Salvador para lhe contar sobre a doença de seu servo. [ *Lc* . 7:3]. Ele também foi louvável pela fé viva pela qual reconheceu que apenas uma palavra do Senhor era necessária para essa cura. Mas ele demonstrou grande ansiedade e ansiedade pela restauração da saúde de seu servo doente. A mulher cananéia não fez o mesmo? Como ela gritou por nosso querido Mestre! Como ela era persistente em importuná-lo para obter o que desejava! Ela não clamou pelos Apóstolos para que rezassem por ela, ou pelo menos, vendo sua persistência, se comoveram a fazê-lo? <sup>5</sup>[ *Mat* . 15:22-28]. Que súplicas fez o príncipe da sinagoga em seu esforço para persuadir Nosso Senhor a descer à sua casa! [ *Mc* . 5:22-23]. Em uma palavra, todos eles mostraram grande ansiedade e desejo por suas curas.

Ainda hoje, o que nossos doentes não fariam se soubessem que um homem de grande habilidade médica estava aqui? Imploravam-lhe que os visitasse e curasse seus males. Com que impaciência eles esperariam sua vinda! Oh, tal inquietação certamente vem de um amor próprio desordenado, e esta é uma doença à qual não só as pessoas do mundo estão sujeitas, mas também as da religião. O glorioso São Bernardo, que bem entendia isso, escreveu uma longa carta aos Irmãos de São

Anastácio, tratando longamente do assunto das doenças do corpo. (Há monges com o mesmo nome que vivem hoje em Roma.) Agora, nesta comunidade, eles estavam quase todos doentes, e posso realmente acreditar nisso - pois havia um grande número deles, e todos de diferentes nações. Talvez o ar não fosse bom, ou o ar em Roma estava poluído naquela época e causou muitas enfermidades. Informado disso, São Bernardo dirigiu-lhes uma carta na qual falava como achava necessário, repreendendo-os com bastante severidade. Mandou-lhes dizer que aos Irmãos de Santo Anastácio não era permitido pensar em remédios próprios para recuperar a saúde, muito menos pedir por eles. Ele disse que eles não deveriam saber que remédio tomar, nem se precisavam ou não ser sangrados. Acrescentou que os monges que se consagraram ao serviço de Nosso Senhor não devem mais preocupar-se com as doenças do corpo, mas apenas com as espirituais. Devem abandonar as suas doenças corporais à providência de Deus, que os permite, e aos cuidados dos superiores que os encarregam. Não devem recorrer nem a médicos nem a medicamentos. Pode ser adequado que as pessoas do mundo chamem médicos com grande ansiedade e tomem remédios com frequência. Mas para os monges isso não era permitido. Se estivessem tão doentes que precisassem de algo para seu alívio, poderiam tomar ervas, como borragem. E se a doença deles fosse grave, eles poderiam receber um pouco de vinho. (Isso nos mostra que os monges daquela época não usavam vinho nem carne, num espírito de pobreza evangélica.)

São Bernardo parece mesmo muito austero nisto, mas é ainda mais no que escreveu mais tarde na mesma carta: Deus e é com este espírito que vos falo". Isso é muito notável. Pois se este santo padre lhes tivesse dito que lhes falara segundo seus próprios sentimentos, não teria sido tão austero. Mas não! Assegurou-lhes: "Não falo segundo o meu próprio sentimento. Mas no que vos digo acho que tenho o Espírito de Deus". [ *1Cor . 7:40*].

Em outro lugar, ele responde à objeção daqueles que poderiam dizer-lhe que o apóstolo São Paulo, embora tivesse o Espírito de Deus, ordenou a seu discípulo Timóteo que bebesse vinho, escrevendo-lhe

assim: Meu querido filho e amado irmão, nós ordenamos que você pare de beber apenas água. Use um pouco de vinho para fortalecer seu estômago, que ficou fraco com a água que você tomou. [ *1 Tim . 5:23*]. Este grande e digno bispo Timóteo havia contraído grandes enfermidades por causa de seus jejuns e austeridades. E agora, como alívio e remédio, São Paulo o aconselha a usar um pouco de vinho. Vemos por isso que até agora o grande santo bebia apenas água. Assim como São Paulo ordenou ao seu querido discípulo que usasse o vinho como remédio, também São Bernardo ordenou aos seus religiosos que tomassem vinho apenas em caso de necessidade. "Se você levantar a objeção", disse São Bernardo, "de que o apóstolo ordenou a Timóteo que usasse vinho, responderei que ele sabia muito bem que Timóteo era Timóteo. Dê-me, então, um Timóteo agora, e permitiremos que ele Na verdade, nós ordenaríamos que ele o usasse, e não apenas vinho, mas também 'ouro líquido', se necessário. É claro que os religiosos de São Bernardo, assim como outros religiosos, não são hoje como eram antigamente. Eles não são tão rigorosos hoje como eram nos tempos antigos. Cada um deseja usar o vinho, assim como remédios e médicos.

É verdade que essas coisas estão mais disponíveis hoje do que eram antigamente. Pois naquela época havia muito poucos médicos. Às vezes, havia apenas um por província e, quando era necessário, as pessoas tinham que ir de um lugar para outro para encontrá-lo, com grandes despesas. Seus serviços não podiam ser obtidos por menos de cem coroas. Os remédios também eram muito caros. Talvez seja por isso que os religiosos daquela época faziam tão pouco uso deles. Mas isso não é verdade em nosso tempo. Além dos medicamentos serem mais baratos, os médicos não são tão escassos. Portanto, nós os usamos mais livremente, de modo que, para a menor doença, usamos remédios e corremos para chamar um médico. No entanto, também é verdade que as pessoas hoje são muito mais delicadas e suaves consigo mesmas do que eram antigamente. Menos agiriam assim se os remédios e os médicos fossem usados apenas de acordo com as ordens do nosso superior. Mas não estamos satisfeitos com isso. Queremos agir em nosso próprio respeito e de acordo com nossos caprichos. Cuidamos

muito de nós mesmos! Nós nos afligimos e tentamos ansiosamente encontrar os meios para ser curados. Queremos saber tudo, se é bom para nós ou não. Desejamos conhecer todos os remédios do mundo e usá-los, alegando que todos o fazem.

Nosso paciente com febre não agiu dessa maneira. Ela estava em sua cama sem fazer nenhum barulho. Para ela, bastava que os outros soubessem que estava doente; ela se contentava em aceitar o que lhe era dado para sua saúde, sem se preocupar se isso a beneficiaria ou não. Ela acreditava firmemente que Deus não era a primeira, nem a segunda, nem a terceira causa de sua doença, pois Ele não é a causa da doença de forma alguma. Já que Ele não é a causa do pecado, então Ele também não é a causa da doença. Mas assim como Ele permite o pecado, Ele envia enfermidades para nos corrigir e purificar dele. Assim, devemos ser submissos à Sua justiça, bem como à Sua misericórdia, mantendo um silêncio humilde. Isso nos fará abraçar tranquilamente os acontecimentos de Sua providência, como fez Davi, que em suas aflições disse: "Sofri e calei-me porque sabia que foste Tu que os enviaste para me corrigir e me purgar de minha culpa". [ *P.* \_ 38 (39):10-12].

Nosso paciente com febre fez o mesmo. "Você me enviou a febre, e eu a aceitei. Eu me submeti tanto à sua justiça quanto à sua misericórdia. Assim como você a enviou para mim sem que eu pedisse, você pode tirá-la sem que eu te peça. Você sabe melhor do que eu o que é melhor para mim. Não preciso me preocupar com isso. É suficiente para mim que você olhe para mim e saiba que estou doente na minha cama." Então, ela não disse uma palavra. Ela não prestou atenção à sua doença. Ela não gostava de falar sobre isso. Ela sofria sem estar ansiosa por ter pena ou ansiosa por ser curada. Bastava que Deus o soubesse, assim como seus superiores que a guiavam. Ela não era como muitas pessoas hoje. Se eles têm dor de cabeça ou cólica, todos devem tentar curá-lo. Todo o bairro deve ser informado sobre isso. Nada menos irá satisfazê-los. Tampouco era como aqueles que, pela menor doença, querem ser mandados para a enfermaria para que todos tenham pena deles e os mimem em suas dores; nem como aqueles que correm ao

médico pela menor indisposição. Essas pessoas são como criancinhas que, sendo picadas por uma vespa ou uma abelha, correm com grande pressa para mostrá-la à mãe para que ela sopre no dedo.<sup>6</sup>

Nossa febril é realmente notável, pois não só se absteve de divulgar sua doença, como não se deleitava em falar sobre ela, nem se preocupou em chamar um médico. Ainda mais notável, quando Nosso Senhor está presente em sua casa, Aquele que como Médico soberano é capaz de curá-la, ela não diz uma palavra a Ele sobre sua doença. Ela não queria vê-lo como um médico, mas apenas como seu Deus a quem ela pertencia tanto na saúde quanto na doença. Nisso ela deixou claro que estava tão contente com um quanto com o outro, e que não desejava livrar-se da febre, exceto quando isso agradasse a seu Deus. Ah, se fosse uma dama contemporânea, que artifício não teria ela para ser curada! Ela teria explicado que pediu boa saúde apenas para poder servir melhor a Nosso Senhor. Ou, pelo menos, ela diria que poderia suportar melhor em outro momento; mas no momento, enquanto Ele estava em sua casa, ela não podia suportá-lo, pois não podia entretê-lo bem enquanto estava doente na cama. E ela usaria outras bobagens desse tipo, que nossa paciente febril de forma alguma usou.

Não basta estar doente porque tal é a vontade de Deus, mas devemos estar doentes como Ele quer, quando Ele quer e enquanto Lhe agrada, <sup>7</sup>confiando nossa saúde ao que Ele nos ordenar, sem pedir nada. Basta que Ele o saiba e que veja a nossa enfermidade. Devemos deixá-lo agir e, sem tentar prever o que é necessário para a nossa cura, devemos abandonar-nos aos nossos superiores e deixar-lhes o cuidado de nós mesmos. Não devemos nos preocupar com nada além de suportar nossa doença enquanto Deus quiser. Este é o primeiro ponto no exemplo da sogra de Pedro.

O segundo ponto diz respeito à mansidão, resignação e modéstia desta mulher. O terceiro ponto é a atenção que ela deu para lucrar com sua doença. Quando Nosso Senhor dissipou a febre, ela se levantou e o serviu. Direi uma palavra sobre essas duas considerações.

Grande foi sua mansidão e resignação, pois não fez comoção sobre sua doença, nem a deixou evidente por suas palavras. Ela não disse ao

Salvador, nem aos que cuidavam dela, que desejava mais saúde do que doença. Quando nosso propósito é servir melhor a Nosso Senhor, pode ser bom pedir saúde a Ele como Aquele que pode nos dar. No entanto, deve ser feito apenas sob esta condição, que seja Sua vontade. Pois devemos sempre dizer: *Fiat voluntas tua* — Seja feita a tua vontade. [ *Mat . 6:10*]. No entanto, é muito melhor não pedir nada a Ele e contentar-se com o fato de que Ele conhece nossa doença e o tempo que a suportamos.

Há pessoas que quando doentes gostariam de usar todos, se pudessem, para serem curados. Eles mandam aqui e ali pedindo orações para que Deus os livre de suas enfermidades. Certamente, é bom recorrer a Deus, mas ordinariamente isso é feito com tanta imperfeição que é lamentável. Falhas notáveis foram cometidas a esse respeito por grandes personagens, como aconteceu com o rei da França, Luís XI. (Não prejudicamos a reputação dessas grandes pessoas quando dizemos a verdade.) Antes de partir para a guerra, o rei fez muitas orações em Paris por sua segurança física. Um dia, missa estava sendo oferecida por ele na Igreja de St. Germain. Quando o bom abade, que celebrava a missa, chegou à oração em que recomendava a Deus a saúde espiritual e espiritual do rei a Deus, este príncipe prontamente enviou um dos seus pajens para ordenar a recomendação da sua saúde física, dizendo que o seu alma poderia ser atendida mais tarde. Ao fazer isso, ele cometeu uma grosseira imperfeição; e estamos bastante propensos a cometer falhas semelhantes em tais ocasiões.

Mas a grande resignação de nossa febril impediu-a de cair nessa falta, pois permaneceu mansa, modesta e tranquila, sem pedir nada. Mas movidos pela compaixão, os Apóstolos falaram muito humildemente por ela a Nosso Senhor. O pedido foi feito em segredo. Quando Nosso Senhor ouviu isso, Ele olhou para o enfermo que, por sua vez, estava olhando para Ele. Então, aproximando-se de sua cama, Ele agarrou sua mão e, irritado com a febre, ordenou que ela a deixasse. Ela foi curada imediatamente, e ela se levantou imediatamente e começou a servi-Lo.

Aqui está minha terceira consideração. Certamente ela manifestou grande virtude e o lucro que obteve com sua doença. Pois como ela havia suportado sua doença em resignação à vontade de Nosso Senhor, assim que ela a deixou, ela desejou usar sua saúde apenas a Seu serviço. Mas quando ela usou? No exato momento em que ela o recuperou. Ela não era como aquelas mulheres ternas e delicadas que, embora doentes apenas por vários dias, devem levar semanas e meses para se recuperar! De modo que, se alguns não soubessem que estavam doentes durante sua curta doença, certamente saberiam quando levassem para convalescer! Isso daria às pessoas tempo suficiente para ter pena deles. É por isso que eles devem ser colocados à parte em uma enfermaria, receber comida especial e ser mimados até que sejam restaurados à saúde. <sup>8</sup>—Nosso paciente com febre não era nada assim. Em vez disso, ela serviu a Nosso Senhor assim que foi curada.

Agora, se você quiser, durante esta hora use sua imaginação para considerar com que amor, alegria e alegria esta mulher serviu ao seu querido Mestre. Pense em como ela continuou olhando para Ele, como seu coração estava cheio de Seu amor e quantos atos de amor ela fez. Quantos *benedictinos* estavam em sua boca, louvando Aquele que tinha sido tão bom para ela! Imagine também o que fizeram os apóstolos que testemunharam esse milagre, e você aprenderá como se comportar durante as doenças do corpo e o lucro que deve tirar deles.

Em conclusão, devemos observar nestes momentos a regra geral: não peça nada e não recuse nada. <sup>9</sup>—Confiemos nas mãos de nossos superiores, deixando a eles o cuidado de fornecer médicos, remédios e tudo o que for necessário para nossa saúde e alívio. Não recuse nada, nem comida, nem remédio, nem qualquer tratamento que lhe seja dado, pois é nisso que consiste a pobreza evangélica. O primeiro grau desta pobreza, diz São Boaventura, consiste em não ter morada ou casa própria e de acordo com o nosso gosto. O segundo grau é não ter certeza de ter roupas ou alimentos adequados na época da saúde. O terceiro grau é que, estando doentes, não sabemos para onde ir, não tendo nem alojamento nem comida para nos sustentar em nossa

necessidade, nem nada de acordo com nosso gosto. Em uma palavra, é ser abandonado e abandonado por toda ajuda no final de nossa vida e, em meio a tudo isso, não pedir nada para nosso alívio, e não recusar nada quando nos é dado algo que não concorda com nós.

Isso foi praticado exatamente em nosso tempo por dois grandes santos: pelo primeiro em efeito, e pelo outro em desejo e afeto. Refiro-me ao Beato Francisco Xavier, prestes a ser canonizado pela sua grande santidade de vida. Na hora de sua morte não tinha casa nem comida para sustentá-lo, pois morreu perto da China em um lugar pobre, abandonado por toda ajuda humana. Em meio a tudo isso, o coração desse grande servo de Deus se derreteu de alegria ao se ver reduzido a esse estado. Pensando nisso, Beata Maria da Encarnação <sup>10</sup> considerou sua felicidade tão grande que ela disse que gostaria de morrer como este bem-aventurado morreu, privado de todo apoio humano - na verdade, até mesmo de apoio divino - contentando-se com a graça ordinária que Deus dá a todas as Suas criaturas. Como essa grande santa não podia morrer efetivamente nessa pobreza evangélica, pelo menos ela morreu assim em desejo e afeto. A estas duas almas santas, bem como a todos os que as imitam, podemos dizer: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. [ *Mat . 5:3*]. Um homem.

## NOTAS

<sup>1</sup>. São Francisco de Sales está aqui contestando a visão dos reformadores de que, uma vez que somente Jesus é o único mediador em nome da humanidade diante de Deus, a oração intercessória dos cristãos uns pelos outros não tem fundamento bíblico ou teológico. São Francisco liga a eficácia de tal oração à Comunhão dos Santos, que ele encontra bíblicamente baseada neste exemplo dos Apóstolos intercedendo junto ao Senhor em favor da sogra de Pedro. Tal oração foi realmente eficaz nesse caso.

<sup>2</sup>. Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte II, cap. 1.

<sup>3</sup>. Cf. *Conferências Espirituais* , XVIII, "Os Sacramentos e o Ofício Divino", pp. 362-363.

- [4.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , XXI, "Sobre Pedir Nada".
- [5.](#) Cf. Sermão da Quinta-feira da Primeira Semana da Quaresma, pp. 34-51 deste volume.
- [6.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , V, "Sobre Generosidade", p. 85.
- [7.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte III, cap. 3.
- [8.](#) Pode-se apenas supor que São Francisco de Sales está falando aqui com base em sua experiência de tal comportamento e, sem dúvida, com um sorriso no rosto e língua na bochecha!
- [9.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , pp. 94, 95, 399-401, 405, 406.
- [10.](#) A Beata Maria da Encarnação (1566-1618) - conhecida no mundo como Barbe (Barbara) Acarie - era uma santa esposa e mãe de seis filhos, e mais tarde uma irmã leiga carmelita, que em um período de sua vida foi dirigida espiritualmente por São Francisco de Sales. Apesar de uma atração pela vida religiosa, ela se casou aos 17 anos com um homem da aristocracia. Como resultado das visões de Santa Teresa de Ávila, Barbe Acarie trouxe os Carmelitas Descalços para a França, fundando ali cinco conventos carmelitas; isso foi antes de ela mesma ter entrado no convento. Ao longo de sua vida ela experimentou visões, êxtases e outros dons sobrenaturais. (Barbe Acarie não deve ser confundida com outra alma santa também conhecida como Beata Maria da Encarnação, que viveu de 1599-1672. Esta última também nasceu na França e também se tornou esposa aos 17 anos e depois mãe, depois entrando um convento. Foi enviada para a Nova França, Canadá, com cerca de 40 anos, onde ensinou os índios até o fim de sua vida. Também teve visões; às vezes é chamada de Beata Maria das Ursulinas.)

## **A PROVIDÊNCIA ESPIRITUAL DE DEUS**

*Sermão para o quarto domingo da Quaresma, 6 de março de 1622, sobre o especial cuidado espiritual de Deus com aqueles que se retiraram do mundo para seguir o Salvador no "monte" da perfeição, como a Providência de Deus é maior na proporção da falta de ansiedade por suas próprias necessidades, como devemos usar diligentemente os meios ordinários para alcançar a perfeição e como, se estes falharem, Deus antes operaria um milagre a nos deixar sem assistência, como Deus prova as almas, ansiedade para se livrar das dores espirituais em vez de confiar em Deus para nos consolar como Ele quer, as virtudes gêmeas de humildade e generosidade, como Nosso Senhor reproduziu os cinco pães e dois peixes, como as almas religiosas devem ser satisfeitas quando Deus lhes dá apenas uma suficiência (ou até menos), e como Deus renovará continuamente os bens espirituais que temos .*

*"Jesus, então, tomou os pães e, dando graças, distribuiu-os aos que estavam sentados; da mesma forma, deu-lhes alguns peixes, tanto quanto eles queriam".*

—João 6:11

A narrativa que a Santa Igreja nos apresenta no Evangelho de hoje [Jo . 6:1-15] é um quadro no qual são retratados mil belos assuntos que

nos ajudam a admirar e louvar a Divina Majestade. Mas acima de tudo, esta imagem nos apresenta a admirável Providência, tanto geral como particular, que Deus tem para a humanidade, e especialmente para aqueles que o amam e vivem segundo a sua vontade no cristianismo.

É verdade que Deus exerce esta Providência para com todas as criaturas, especialmente para com todos os homens e mulheres, tanto para com os pagãos e hereges como para com os outros, sejam eles quem forem. Sem esta Providência, sem dúvida, pereceriam. No entanto, é importante saber que Ele estende uma Providência muito mais particular para Seus filhos que são cristãos. [ *Gal . 6:10; 1 Tim . 4:10*]. Mesmo entre estes há alguns, como vemos no Evangelho de hoje, que merecem um cuidado mais especial de Nosso Senhor. Estes aspiram à perfeição e, para alcançá-la, não se contentam em segui-lo na planície florida da consolação, mas seguem-no corajosamente até nos desertos, até o cume daquela alta montanha do Evangelho de hoje. Houve muitos que viram o Salvador enquanto Ele estava instruindo e curando as pessoas, mas que não O seguiram. Houve outros que, vendo-o assim, o seguiram, mas apenas até o sopé da montanha, contentes em acompanhá-lo na planície e por caminhos agradáveis e fáceis. Mas mil vezes mais felizes foram aqueles que O viram e O seguiram não só até o sopé da montanha, mas, levados pelo amor que Lhe tinham, ascenderam com Ele, despojados de todos os cuidados, exceto para agradá-Lo. Assim, eles mereceram que a Divina Bondade os cuidasse e até lhes oferecesse um banquete milagroso, para que não desmaiassem de fome no caminho.

Parece, de fato, que muitos podem ter estado à beira do colapso depois de terem seguido nosso querido Mestre três dias e três noites sem comer ou beber [Cf. *Matt . 15:32*], distraídos de tal atividade pelo maravilhoso deleite que encontraram ao ouvir Suas palavras divinas. Embora suas necessidades fossem muito grandes, eles não pensaram nelas. Oh! como eram amorosas essas multidões em tão perfeita prática de total abandono nos braços da Divina Providência! Não precisamos temer que Deus os negligencie. Ele cuidará deles e terá compaixão deles, como veremos em breve na continuação de nosso discurso.

Falarei, portanto, da confiança que os aspirantes à perfeição devem ter na Providência quanto às necessidades espirituais, como já falei antes, penso neste mesmo lugar, daquela Providência geral que Deus tem sobre todos os homens e da confiança que devemos ter nEle em assuntos temporais. As lições que tiraremos disso serão muito úteis para nosso estágio de desenvolvimento espiritual.

Dividirei o que tenho a dizer em três pontos, no primeiro dos quais considerarei a bondade dessas pessoas que acompanharam Nosso Senhor sem nenhum cuidado ou pensamento de si, deixando suas casas e tudo o que possuíam, atraídos pelo afeto e a satisfação que encontraram ao ouvir Suas palavras. Oh, que bom sinal é para um cristão ter prazer em ouvir a palavra de Deus [*Jo* . 8:47], e deixar tudo para segui-Lo! Certamente não há dúvida de que as pessoas podem aspirar e atingir a perfeição permanecendo no mundo e fazendo cuidadosamente o que pertence à sua vocação. No entanto, é muito certo que o Salvador não exerce por eles uma providência tão especial, nem uma solicitude tão pessoal e individual, como faz para aqueles que abandonam todo o cuidado de si para segui-lo mais perfeitamente. [*Cf. Matt* . 19:28-29]. Estes têm uma capacidade maior do que os outros para compreender a palavra de Deus e serem atraídos pelos encantos de Sua bondade. Enquanto tivermos um cuidado de nós mesmos, quero dizer um cuidado cheio de ansiedade, Nosso Senhor nos permite agir; mas quando Lhe abandonamos tudo, Ele cuida de nós com ternura, e Sua Providência para nós é grande ou pequena conforme a medida de nosso abandono.<sup>1</sup>

Não digo isso tanto para coisas temporais quanto para coisas espirituais. Ele mesmo ensinou isso a Sua amada Santa Catarina de Sena: "Pense em Mim", disse-lhe, "e pensarei por você". Oh, quão bem-aventurados são aqueles que amam a Nosso Senhor com tanto cuidado para seguir esta regra de pensar somente nEle, permanecendo fielmente em Sua presença, ouvindo o que Ele nos diz continuamente no fundo de nossos corações, obedecendo Suas atrações divinas, movimentos e inspirações, respirando e aspirando incessantemente ao desejo de agradá-lo e de se submeter à sua santíssima vontade! Isso

deve ser feito sempre com a confiança divina em sua bondade total e em sua providência, pois devemos permanecer sempre tranquilos e não estar preocupados ou cheios de ansiedade em buscar a perfeição que empreendemos.

Considere, eu lhe imploro, esta multidão que segue nosso querido Mestre, até a montanha. Veja a paz e tranquilidade de espírito com que eles O seguem. Não há um murmúrio ou queixa, embora devesse ter parecido que eles iriam expirar de fraqueza e fome. Sofrem muito e, no entanto, não pensam nisso, tão atentos estão ao seu único desejo de acompanhar Nosso Senhor onde quer que Ele vá. Os que seguem este Divino Salvador devem imitá-los nisso, deixando de lado todos os muitos cuidados e ansiedades para o seu progresso, bem como todas as muitas queixas por se verem imperfeitos. Oh, alguns ficam tão cansados e exaustos, embora tenham trabalhado apenas um pouco! Parece-lhes que nunca irão desfrutar daquele delicioso banquete que Nosso Senhor lhes prepara lá em cima no cume da montanha da perfeição. Podemos dizer a essas boas pessoas: Tenha paciência, deixe de lado um pouco esse cuidado ansioso de si mesmo e não tenha medo de que algo lhe falte. Pois se você confiar em Deus, Ele cuidará de você [ *1 Ptr.* 5:7] e tudo o que é necessário para sua perfeição. Ninguém que esperava nEle e em Sua Providência jamais se decepcionou. [ *Eclus. (Sir.)* 2:11 (10)].

Não vedes que os pássaros, que não semeiam nem colhem, e cujo único propósito é nos deliciar com o seu canto, ainda não são alimentados e sustentados pela ordem desta divina Providência? [ *Mat.* 6:26]. Você sabe que dois tipos de animais são mantidos em casas, alguns para uso e outros simplesmente para diversão. Por exemplo, temos galinhas para botar ovos e rouxinóis ou outros passarinhos em gaiolas para cantar. Todos são alimentados, mas não para o mesmo fim, pois alguns são para uso e outros para prazer.<sup>2</sup>

É o mesmo entre nós. A Igreja é a casa do Pai da família, que é nosso Senhor e Mestre; Ele cuida muito bem de prover as necessidades de todos os fiéis que ali se associam, com a diferença, porém, de que, entre todos, Ele escolhe alguns a quem deseja que se empenhem inteiramente em cantar Seus louvores e que, portanto, sejam

dispensados de todos os outros cuidados. Portanto, Ele ordenou que sejamos sustentados e nutridos pelos dízimos que são recolhidos sem solicitude. Com isso quero dizer que nós, consagrados ao Seu serviço, somos os pássaros designados para deleitar Sua Divina Bondade por meio de nosso canto e dos contínuos louvores que Lhe oferecemos.

O que são os religiosos senão pássaros que são mantidos em gaiolas para cantar incessantemente os louvores a Deus? Poderíamos dizer que todos os exercícios da vida religiosa são tantos cânticos novos [ Sl . 95 (96):1; 97 (98):1; 149,1] que nos dão a conhecer as misericórdias divinas e que continuamente nos levam a engrandecer a Divina Majestade em gratidão pela providência especial e muito particular que Ele teve sobre nós, ao nos retirar do resto da humanidade para siga o Salvador com mais facilidade e tranquilidade na montanha da perfeição.

Todos são chamados à perfeição, pois Nosso Senhor estava falando a todos quando disse: "Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito". [ Mat . 5:48]. Mas, na verdade, bem podemos dizer o que é dito no santo Evangelho: "Muitos são chamados, mas os eleitos são poucos". [ Mat . 20:16; 22:14]. Há muitos que aspiram à perfeição, mas poucos a alcançam porque não andam como deveriam - com ardor, mas com tranquilidade; com cuidado, mas com confiança; isto é, confiando mais na Divina Bondade e em Sua Providência do que em si mesmos e em suas próprias obras. Devemos ser muito fiéis, mas sem ansiedade ou ânsia; devemos usar os meios que nos são dados de acordo com nossa vocação, e então permanecer em paz em relação a todo o resto.<sup>3</sup> Pois Deus, sob cuja direção embarcamos, estará sempre atento para nos fornecer o que for necessário. Quando todos nos falharem, então Deus cuidará de nós, e então *nem todos* nos falharão, pois teremos Deus, que deve ser nosso tudo.

Os filhos de Israel não tinham maná até acabarem a farinha do Egito.<sup>4</sup> Este será meu segundo ponto. Deus preferiria fazer milagres a deixar sem assistência, seja espiritual ou temporal, aqueles que confiam inteiramente em Sua Divina Providência. No entanto, Ele quer que, de nossa parte, façamos tudo o que estiver ao nosso alcance. Ou

seja, Ele quer que usemos os meios comuns para alcançar a perfeição. Se estes falharem, Ele nunca deixará de nos ajudar. Enquanto tivermos nossas regras, nossas constituições e pessoas que nos digam o que devemos fazer, não esperemos que Deus faça milagres para nos guiar à perfeição, pois Ele não o fará.

Coloque Abraão com sua família [cf. *Ger* . 12:1] e Elias entre os profetas. O Senhor não fará nenhum prodígio para alimentá-los. Por que não? Porque Ele deseja que Abraão colha seu grão, que seja trilhado e moído e finalmente transformado em pão para seu sustento. Ele tem vacas, deve ser alimentado pelo leite delas; ou então, se quiser, pode matar seus bezerros gordos e fazer um banquete para os anjos. [ *Gên* . 18:7-8]. Mas, pelo contrário, coloque Elias perto da torrente de Carith ou no deserto de Bersabee [ *3 Kgs* . ( *1 kg* . ) 17:3-6; 19:3-8], e você verá que lá Deus o sustenta - em um lugar pela instrumentalidade dos anjos, e no outro por um corvo, que lhe trazia pão e carne todos os dias para seu sustento.

Portanto, quando a ajuda humana nos falta, tudo não está faltando, pois Deus assume e cuida de nós por Sua providência especial. Esta pobre multidão que segue Nosso Senhor hoje foi assistida por Ele somente depois que todos estavam quase desmaiados de fome. Ele sentiu uma extrema pena deles porque, em seu amor por Ele, eles se esqueceram tanto de si mesmos que ninguém trouxe provisões, exceto o pequeno Marcial que tinha cinco pães de cevada e dois peixes. É como se o Salvador, cheio de amor pelos corações dessas pessoas boas (que somavam cerca de cinco mil), dissesse a si mesmo: "Vocês não se preocupam com nada, mas eu mesmo cuidarei de vocês". Por isso, chamou São Filipe e perguntou-lhe: "Estas pobres pessoas vão desmaiar no caminho se não os ajudarmos com um pouco de comida, mas onde poderíamos encontrar o suficiente para sustentá-los?" Ele não perguntou isso por ignorância, mas para testá-lo.

Não devemos pensar que Deus nos testa para nos levar ao mal, pois isso simplesmente não pode ser. [ *Já* . 1:13]. Ele testa Seus servos mais amados para que possam provar sua fidelidade e amor por Ele, e para que possam realizar grandes e brilhantes obras, como fez com

Abraão quando lhe ordenou que sacrificasse seu amado filho Isaque. [ *Gên . 22:1-2*]. Da mesma forma, às vezes Ele testa Seus servos em sua confiança na Divina Providência, deixando-os tão lânguidos, tão secos e tão cheios de aridez em todos os seus exercícios espirituais, que não sabem a quem recorrer para aliviar o cansaço interior. que os supera.

Nosso Senhor testou São Filipe dessa maneira. Ele ainda não estava confirmado na fé e na confiança no poder onipotente de seu Mestre, e assim respondeu-Lhe como se rejeitasse Sua proposta: "Nem mesmo com o salário de duzentos dias poderíamos comprar pães suficientes para dar a cada um deles um bocado ." Esta resposta simboliza muito bem certas almas que não esperam que Nosso Senhor se compadeça delas, mas têm o cuidado de fazê-lo elas mesmas. Ninguém é tão pobre quanto eles; ninguém, dizem eles, jamais foi tão afligido quanto eles. As dores, as tristezas de cada um são sempre as maiores. Por exemplo, aquelas pobres mulheres que perderam seus maridos sempre pensam que sua aflição é mais dolorosa do que a de todas as outras. O mesmo acontece com as tribulações puramente espirituais: desgosto, aridez, cansaço e aquela aversão e repugnância ao bem que as almas mais devotadas ao serviço de Deus experimentam com muita frequência. "Minhas paixões me perturbam muito; não posso suportar nada sem repugnância interior; tudo me é extremamente pesado; tenho um desejo tão grande de adquirir humildade, mas sinto uma aversão tão grande a ser humilhado; não tenho esse interior tranqüilidade que é tão agradável, pois sou muito golpeado pela constante distração. Em suma, acho tão difícil o exercício da virtude que não sei mais o que fazer; minha aflição é maior do que posso descrever, e não tenho palavras para expressar a dor incomparável que estou sofrendo." <sup>5</sup>

É verdade que Santo André comentou com Nosso Senhor: "Há um rapaz aqui que tem cinco pães de cevada e dois peixes, mas o que são estes entre tantos?" "Ai!" dizem essas pobres almas que se compadecem, "minha aflição é tão grande que duzentas coroas de consolação não seriam suficientes para me aliviar. É verdade que temos muitos bons livros espirituais, temos sermões, temos horários

regulares para oração, temos até mesmo experimentar algumas emoções consoladoras; mas de que adianta isso? Não é nada." Quão estranho é o espírito humano: isso não é nada de fato! O que mais você desejaria? Que Deus te enviaria um anjo para te confortar? Oh, Ele não fará isto; você ainda não jejuou três dias e três noites para segui-lo na montanha da perfeição, para a obtenção da qual você deve esquecer de si mesmo, deixando a Deus o cuidado de consolá-lo de acordo com o Seu beneplácito; e não se incomodar ou se importar com nada, mas segui-lo, enquanto ouve suas palavras, como essas boas pessoas fizeram.

Nosso Senhor testou São Filipe para humilhá-lo - e com razão, depois que Filipe deu uma resposta tão cheia de prudência humana. É uma coisa notável: Deus ama tanto a humildade que às vezes nos prova, não para nos fazer fazer o mal, mas para nos ensinar por nossa própria experiência o que realmente somos, permitindo-nos dizer ou fazer alguma coisa tola, dando-nos motivos para nos humilharmos. nós mesmos. Agora, essas queixas, e essa ternura que temos por nós mesmos, essas queixas, essas dificuldades na busca do bem - realmente, não são elas que nos humilham e nos fazem reconhecer que somos fracos, e ainda crianças no que no que diz respeito à virtude e à perfeição? Oh, não devemos olhar tanto para nós mesmos, mas devemos pensar em Deus e deixá-lo pensar por nós.

Devemos, de fato, manter-nos humildes por causa de nossas imperfeições, mas essa humildade deve ser o fundamento de uma grande generosidade, pois um sem o outro degenera em imperfeição. Humildade sem generosidade é apenas um engano e uma covardia de coração que nos faz pensar que não prestamos para nada e que os outros nunca deveriam pensar em nos usar em algo grande. Por outro lado, generosidade sem humildade é apenas presunção. De fato, podemos dizer: "É verdade que não possuo nenhuma virtude, muito menos os dons necessários para ser usado em tal encargo"; mas depois desse humilde reconhecimento, devemos colocar nossa confiança em Deus de modo a acreditar que Ele não deixará de nos dar quando for necessário que os tenhamos, e quando Ele quiser fazer uso de nós,

contanto apenas que nos esqueçamos nós mesmos e nos ocuparmos em louvar fielmente Sua Divina Majestade e ajudar nosso próximo a fazer o mesmo, para aumentar Sua glória tanto quanto estiver em nosso poder.<sup>6</sup>

Não obstante o fato de que São Filipe e Santo André declararam que os cinco pães de cevada e os dois peixes não eram nada para tantos, Nosso Senhor ordenou que fossem trazidos a Ele e ordenou aos Seus Apóstolos que fizessem o povo sentar-se. Todos o faziam com muita simplicidade, e nisso certamente eram admiráveis, pois se sentavam à mesa sem ver nada nela, e não havia nada que sugerisse que algo pudesse ser dado a eles. Então Jesus tomou os pães, abençoou-os, partiu-os e ordenou aos Apóstolos que os distribuíssem. Quando isso foi feito, ainda restava um pouco, embora todos tivessem o suficiente para satisfazer suas necessidades.

A questão foi levantada, entre outras, se todos comeram dos cinco pães ou se Nosso Senhor, por Sua onipotência, fez novos que foram distribuídos ao povo. Ao falar de outro milagre semelhante - não o mesmo milagre, já que o número de pães é sete, e São João relata claramente que havia apenas cinco no milagre do Evangelho de hoje - S. Marcos diz expressamente que todos comeram dos sete pães e dos dois peixes. [ *Mc* . 8:6-7, 20].

Há outra pergunta cuja resposta nos ajudará aqui. Na Ressurreição, como pode ser que cada um ressuscite em seu mesmo corpo, já que alguns terão sido comidos por vermes, outros por feras ou por pássaros, outros terão sido queimados e suas cinzas espalhadas aos ventos. Como então pode ser que ao mesmo tempo o anjo chame cada um para vir a julgamento; todos, eu digo, em um instante, sem qualquer demora, para ressurgir vestidos de sua própria carne? [ *1Cor* . 15:52]. Pelo poder onipotente de Deus. Eu, neste mesmo corpo que agora possuo, ressuscitarei. Ele o reproduzirá; pois como não foi difícil para Ele produzi-lo como é, não será mais difícil produzi-lo novamente.<sup>7</sup>

Assim Nosso Senhor fez com que todos os cinco mil homens comessem dos mesmos cinco pães e dois peixes, reproduzindo-os

quantas vezes fosse necessário, para que cada um recebesse uma porção de acordo com sua necessidade. Todos comeram então de cinco pães e dois peixes milagrosamente multiplicados - todos menos São Marcial que, não participando desse milagre, comeu seu próprio pão sozinho e não o do Salvador, porque ele havia trazido sua própria provisão. Enquanto tivermos nosso próprio pão, Deus não fará prodígios para nos sustentar.

Consideremos, para o terceiro ponto, que Nosso Senhor, embora capaz de fazer cair o maná neste monte como outrora no deserto para os filhos de Israel [ *Ex* . 16:14-15], no entanto, não o fez, preparando o Seu banquete com pães de cevada. No entanto, essas pessoas O amavam muito e não murmuravam como os israelitas, que murmuravam mesmo sem motivo, pois nada lhes faltava, pois o maná tinha o sabor de tudo o que eles podiam desejar. [ *Sab* . 16:20]. Meu Deus! O que isso nos ensina? Os israelitas murmuradores são alimentados com o pão dos anjos [ *Wis* . 16:20; *Ps* . 77 (78):24-25], isto é, com o maná que foi amassado por suas mãos; no entanto, aqueles que seguiram Nosso Senhor com incomparável afeição e corações gentis, despojados de todo cuidado de si mesmos, se alimentam apenas de pães de cevada. O que isso pode significar, exceto que os mundanos, representados aqui por aqueles israelitas que realmente aspiravam alcançar e obter apenas a Terra Prometida terrena - esses mundanos, e aqueles que vivem no mundo, mas desejam o Céu, não deixam, no entanto, de acumular para si mesmos e buscar posses desnecessárias e facilidades aqui embaixo na terra. Mas aqueles que aspiram a seguir Nosso Senhor no monte da perfeição devem satisfazer-se com a suficiência em tudo o que diz respeito às suas necessidades, tanto corporais como espirituais, evitando a abundância e o supérfluo em todas as coisas, contentando-se com uma simples suficiência, ou mesmo com sendo privado do que é necessário, quando agrada a Deus que isso aconteça.

Quanto a mim, direi o meu pensamento sobre a questão que vou colocar a você, a saber, qual você prefere: ser alimentado com um pouco de pão assado sob as cinzas com o profeta Elias no deserto de Bersabee, ou então, com o mesmo profeta, com o pão e a carne que ele

recebeu do bico de um corvo perto da torrente de Carith?<sup>8</sup>[ 3 Kgs . ( 1 kg .) 17:3-6; 19:3-8]. Não posso conhecer seus pensamentos, mas, quanto a mim, direi com toda a franqueza que preferiria o pão assado sob as cinzas da mão do anjo ao pão - por mais branco que seja - ou carne, trazido a mim pelo bico de um corvo, um pássaro sujo e repulsivo. Melhor é um pedaço de pão de cevada da mão de Nosso Senhor do que o maná de um anjo. Mil vezes mais honradas são essas pobres multidões comendo um pedaço de pão de cevada na mesa de nosso doce Salvador do que se fossem alimentados com pérolas e as carnes mais delicadas do mundo na mesa da miserável Cleópatra.

Os verdadeiros amigos de Deus, e aqueles que o seguem fielmente por onde quer que vá, impelidos por seu ardente amor a Sua Divina Majestade, e especialmente os religiosos que fazem profissão de acompanhá-lo pelos caminhos mais ásperos e difíceis na montanha da perfeição , devem imitar essas pessoas e ter apenas um pé na terra, mantendo toda a sua alma com todos os seus poderes e faculdades ocupadas com as coisas celestiais, deixando todo o cuidado de si a Nosso Senhor, a cujo serviço são dedicados e consagrados. Portanto, eles não devem buscar nem desejar nada além do que é simplesmente necessário, especialmente no que diz respeito às necessidades espirituais. Quanto às coisas temporais, isso é muito claro, pois abandonaram o mundo e todas as suas conveniências, onde antes viviam de acordo com sua própria vontade. Deus, como dissemos,<sup>9</sup> não ordenou a Elias no deserto que voltasse entre os profetas para ali ser sustentado, mas ele mesmo lhe enviou um anjo porque ele havia ido para lá por ordem da Divina Providência. Da mesma forma, Ele não deseja que os religiosos voltem ao mundo em busca de consolo para reavivar seus espíritos, porque foi por Sua inspiração que eles entraram na religião. Ele cuidará deles nestes desertos, não de Bersabee, mas de Sua Divina Majestade.

É verdade que muitas vezes Ele não os alimenta com maná, que tinha o sabor que cada um desejava. Em vez disso, Ele muitas vezes os alimenta com um pedaço de pão assado sob as cinzas, ou então com um pedaço de pão de cevada. Com isso quero dizer que<sup>10</sup> Nosso Senhor

quer que essas almas, escolhidas para o serviço de Sua Divina Majestade, se alimentem sempre com a firme e imutável resolução de perseverar em segui-Lo, mesmo em meio ao desgosto, à aridez, às repugnâncias e austeridades da vida espiritual, sem consolo, sem gosto, sem ternura, mas com uma humildade muito profunda, pensando que não merecem outra coisa, tomando assim este pão com amor, não da mão de um anjo, mas da mão do Salvador, que nos dá segundo a nossa necessidade. É certo que, embora não seja muito agradável ao paladar, é extremamente proveitoso para nossa saúde espiritual.

Nosso Senhor deu pão de cevada porque era pão de cevada que o pequeno Marcial trouxe. Ele não queria mudá-lo, mas Ele usou essa provisão para operar Seu milagre a fim de nos ensinar que enquanto temos algo, Ele quer que o ofereçamos a Ele, e que se Ele tem que fazer um milagre por nós, pode ser com aquela mesma coisa que temos. Por exemplo, se temos bons desejos ou boas instruções, e não temos força suficiente para colocá-los em prática, ofereçamo-los a Ele e Ele nos tornará capazes de realizá-los. Se depositarmos nossa confiança em Sua bondade, Ele renovará esses desejos quantas vezes forem necessárias para nos fazer perseverar em Seu serviço.

Dizemos que não sabemos se a vontade de agradá-lo que agora temos permanecerá conosco durante toda a nossa vida. Infelizmente! é verdade, pois não há nada tão fraco e mutável como nós. Mas mesmo assim, não nos perturbemos. Antes, coloquemos frequentemente esta boa vontade diante de Nosso Senhor; vamos colocá-lo em Suas mãos e Ele o renovará quantas vezes for necessário para que tenhamos o suficiente para toda a nossa vida mortal. Depois desta vida não haverá motivo para medo, nem para tantas apreensões, pois com a ajuda de Deus estaremos em um lugar seguro. Ali nunca deixaremos de glorificar esta Divina Majestade, a quem tanto amamos e seguimos segundo nosso poder, pelos desertos deste mundo miserável até o cume mais alto da montanha da perfeição, a que todos alcançaremos por Sua graça, pois a honra e a glória de Nosso Senhor, que é nosso Divino Mestre. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , II, "Em Confiança", p. 24-25.
- [2.](#) Cf. *Sermões de São Francisco de Sales sobre a Oração* , Volume I desta série, 22 de março de 1615, p. 4.
- [3.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , III, "Constância", p. 48; VII, "Três Leis Espirituais", pp. 110-112; XII, "Sobre Simplicidade e Prudência Religiosa", pp. 220-221, 226; e *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1620, pp. 96-97.
- [4.](#) *Introdução à Vida Devota* , Parte IV, cap. 14.
- [5.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , VII, "Três Leis Espirituais", pp. 119-120; XIV, "Sobre Julgamento Privado", p. 267.
- [6.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , V, "Sobre Generosidade".
- [7.](#) São Francisco de Sales está ensinando este ponto: assim como Nosso Senhor reproduziu os mesmos pães quantas vezes forem necessárias para alimentar os cinco mil, assim Ele reproduzirá (recriará) nossos mesmos corpos quando ressuscitarmos no último dia.
- [8.](#) Cf. pág. 121 deste sermão.
- [9.](#) Cf. pág. 121 deste sermão.
- [10.](#) Cf. *Conferências Espirituais* , II, "Em Confiança", p. 24.

### **MEDO APROPRIADO DA MORTE**

*Sermão da quinta-feira depois do quarto domingo da Quaresma, 10 de março de 1622, sobre a ressurreição do filho da viúva de Nairn por Nosso Senhor, os motivos de Nosso Senhor para realizar este milagre - e desta maneira, sepultamento no Antigo e no Novo A lei, o poder criador de Deus em ressuscitar os mortos, o erro de alguns filósofos antigos que dizem que não devemos temer a morte, o ensinamento dos santos Padres de que devemos temer a morte sem temê-la, como até as almas santas devem temer a morte, o desejo de São Paulo para a morte e o desejo de morte de Jó, a linguagem secreta do amor, que é bom temer a morte, como esse medo deve ser combinado com a confiança na Providência de Deus, como para morrer bem devemos levar uma boa vida, como devemos diariamente, lembremo-nos de que morreremos, e como devemos sempre ter em mente a conta que um dia devemos prestar a Deus e nos manter no estado em que gostaríamos de ser encontrados na morte .*

Havia na Galiléia várias belas montanhas sobre as quais Nosso Senhor realizou muitos milagres. Entre eles estava um chamado Thabor e outro chamado Hermon. No sopé desta montanha estava a pequena

cidade de Nairn. Ficava a menos de uma légua de Thabor. Perto, não mais de duas léguas adiante, estava a cidade de Cafarnaum, onde o Salvador fez sua residência principal e onde fez grandes milagres. Por isso os nazarenos o repreendiam, queixando-se de que não tinha feito tanto em Nazaré como em Cafarnaum [ *Lc . 4:23*]. Ora, Nosso Senhor, tendo honrado aquela cidade escolhendo-a como sua principal morada, quis também honrar com Sua presença a de Nairn, que, embora pequena, era muito bela. É por isso que foi chamado de "Nairn", que significa "bonito". [ *Rute 1:20*].

Como lemos no Evangelho de hoje [ *Lc . 7:11-16*], nosso Divino Mestre entrou nos arredores desta cidade e descobriu um jovem que havia morrido recentemente sendo levado para o sepultamento. Sua mãe estava seguindo a liteira, junto com uma grande multidão de pessoas. Este jovem era o único filho desta boa viúva. Ele não era apenas seu único filho, mas seu único filho também. É por isso que ela ficou ainda mais aflita com sua perda e chorou amargamente.

Encontrando esta procissão fúnebre no portão de Naim, nosso querido Salvador desejou realizar um grande milagre. Ele, portanto, aproximou-se daqueles que carregavam o corpo e tocou na liteira, ordenando-lhes que parassem ali e não avançassem, o que eles fizeram imediatamente. Com todas as pessoas assistindo para ver o que aconteceria, Jesus pronunciou esta palavra todo-poderosa: "Jovem, eu lhe ordeno, levante-se." Imediatamente ele se sentou em sua liteira e falou, e Nosso Senhor o tomou e o devolveu à sua mãe. Todos aqueles que viram este prodígio ficaram cheios de espanto e começaram a louvar e glorificar a Deus, dizendo que Ele havia visitado Seu povo e que este Profeta era a Redenção de Israel. Este é um resumo do Evangelho de hoje. Não me deterei muito na elucidação do texto. Mencionarei apenas três ou quatro pontos para nossa instrução.

Em primeiro lugar, o milagre da ressurreição deste jovem foi um dos maiores que Nosso Senhor realizou na Galiléia, pois o fez por sua própria iniciativa, movido a fazê-lo unicamente por sua bondade e misericórdia. É verdade que a ressurreição de Lázaro foi um milagre ainda maior e ocorreu com mais cerimônia; mas o Salvador o

ressuscitou a pedido de suas irmãs. [ *Jo* . 11:21-33]. A filha do chefe da sinagoga foi trazida de volta à vida através das orações de seu pai, que implorou a Nosso Senhor que fosse à sua casa para esse fim. [ *Mat* . 9:18-19, 23-25]. Em uma palavra, todas as ressurreições <sup>1</sup>relatados no Evangelho foram solicitados por alguém. Este é o único que foi realizado somente pelo desejo de nosso querido Mestre, e através dele Ele nos mostra que todas as Suas obras são feitas somente por Sua bondade.

Esta infinita bondade do nosso Deus tem duas mãos com as quais Ele faz todas as coisas: uma é a sua misericórdia, a outra a sua justiça. Tudo o que Sua misericórdia e justiça fazem procede de Sua bondade, pois Ele é soberanamente bom tanto quando usa Sua justiça quanto quando exerce Sua misericórdia. Não pode haver justiça nem misericórdia onde não há bondade. Uma vez que Deus é para sempre a própria Bondade, Ele é sempre justo e misericordioso. É propriedade da bondade comunicar-se, pois ela mesma é comunicativa, e para isso usa a misericórdia e a justiça: a misericórdia para fazer o bem, e a justiça para castigar e desarraigar o que nos impede de experimentar os efeitos dessa bondade de nossa Deus, este Deus cuja misericórdia é a sua justiça e cuja justiça é a sua misericórdia. A misericórdia nos faz abraçar o bem, a justiça nos faz evitar o mal; a bondade de Nosso Senhor se comunica por meio desses dois atributos, pois permanece igualmente boa se exercendo um ou outro. Impulsionado apenas por esta bondade, pela qual Ele faz todas as coisas, Ele ressuscitou este jovem. Nenhum outro motivo o moveu ou o impeliu a isso, pois ninguém lhe pediu para fazê-lo.

Em segundo lugar, tocou na liteira, indicando que parassem, pois desejava ressuscitar aquele jovem. O toque do Salvador não foi necessário para este milagre mais do que para qualquer outro. Sem tocar na liteira Ele poderia muito bem ter parado aqueles que a carregavam, e sem nenhuma cerimônia ressuscitado este jovem por Seu poder onipotente e virtude divina. Mas Ele não escolheu agir assim. Em vez disso, Ele fez uso da imposição de Suas mãos para mostrar que nos dias em que Ele estava na carne [ *Heb* . 5:7], isto é, quando Ele

conversou em Sua carne com os homens [ *Bar . 3:38*], Ele mediou Sua virtude e poder divino através de Sua humanidade. Isto é o que São João quer dizer em seu primeiro capítulo: O Verbo se fez carne e habitou entre nós. [ *Jo . 1:14*]. Os antigos ensinavam que Deus habitava com eles, e que Ele ensinava e instruía Seu povo a fazer Sua vontade divina. No entanto, como dizem nossos santos Padres, Ele não habitou visivelmente entre eles, apenas invisível. Mas desde o momento em que o Verbo se fez carne, Ele conversou conosco visivelmente. Ele habitou entre nós em Sua carne [ *Mat . 1:23*], para nos mostrar que Ele quis fazer uso de Sua humanidade como uma ferramenta ou instrumento para realizar as obras que pertencem à Sua Divindade.<sup>2</sup>

Em terceiro lugar, vamos nos concentrar no que significa o encontro com um homem morto no portão da cidade, isto é, enquanto o carregavam para fora da cidade. Pois na Antiga Lei eles enterravam seus mortos fora da cidade para evitar a infecção dos corpos e por medo de poluir o ar. Como escreve São Jerônimo em suas cartas, o costume de sepultar os cristãos nas igrejas começou somente após a Encarnação do Filho de Deus, e foi praticado somente após a morte de Nosso Senhor, pois foi através dessa morte que as portas do Céu foram abertas para nós. Parece que não era apropriado enterrar nos templos aqueles cujas almas ainda não estavam no Paraíso, mas haviam descido ao Inferno ou ao Limbo. Mas quando os portões do céu foram abertos, os cristãos começaram a ser enterrados em igrejas ou em cemitérios próximos a igrejas.

Em quarto lugar, Nosso Senhor disse: "Jovem, eu lhe ordeno, levante-se". É um pouco difícil entender a quem Ele está se dirigindo como "jovem". O falecido certamente não era assim, nem no corpo nem na alma. A alma não é velha nem jovem. Não cresce nem retrocede; não é de forma alguma afetado pelo tempo. O corpo não era mais jovem. Estando morto, não passava de um cadáver. Agora, visto que a alma deste homem morto era impermeável à mudança, e visto que um corpo, separado de sua alma, não é nada além de um cadáver, a quem Nosso Salvador estava falando quando disse: "Jovem, eu lhe ordeno, levante-se"?

Aqui está a explicação desta dificuldade. Este homem falecido não era um jovem nem no corpo nem na alma. Portanto, Nosso Senhor não estava falando com ele como se fosse, mas apenas como um objeto ao qual Ele queria dar vida. Ele está demonstrando aqui Sua palavra onipotente e eficaz, uma palavra que efetua o que diz. [ *P. \_ 32 (33):9; 148:5*]. Assim que o Salvador pronunciou estas palavras: "Jovem, eu lhe ordeno, levante-se", aquele que não era jovem, tornou-se um.

Por uma palavra todo-poderosa, Deus criou o céu e a terra. Ele produziu o ser do não-ser, pois esta palavra é eficaz, efetuando o que diz. Por essa palavra, fez o que não é para ser o que é. [ *Rom . 4:17; 1 Cor . 1:28*]. Mas a quem Ele está falando agora? Para um homem morto. Os mortos não ouvem. Quem, então, lhe responderá? Ele fala com esse morto como se estivesse vivo, para indicar que a voz de Deus é ouvida não apenas por quem tem ouvidos, mas também por quem não é. Por isso Ele mostra que Ele é poderoso sobre as coisas criadas e incriadas. Tão eficaz é a Sua palavra que, se Ele fala às coisas incriadas, elas respondem a Ele surgindo.

O Salvador também deseja falar com esse morto como se ele estivesse vivo para nos ajudar a entender a maneira pela qual ressuscitaremos. No dia do julgamento, ou pouco antes, o Arcanjo virá. [ *1 Tess . 4:16*]. Pela ordem de Deus, ele dirá: "Levante-se, você morto, e venha para o julgamento!" E ao som desta voz todos os mortos serão ressuscitados [ *1 Cor . 15:52*] para ser julgado. Mas a quem o Arcanjo falará? Aos mortos sepultados, à carne podre, pois nossos corpos nada mais são do que podridão quando separados da alma. E por que o Arcanjo fala com esses cadáveres, que estão totalmente reduzidos a pó e cinzas? Ele não sabe que os mortos não ouvem nada? E se ele sabe disso, por que então ele os ordena assim: "Levante-se, você está morto"? Como podem surgir, já que não têm vida? No entanto, é certo que o Arcanjo falará com esses cadáveres. Falada por ordem de Deus, esta palavra é tão poderosa e eficaz que dá vida a quem não a tem. Falado, ele faz o que diz, e do que não é, produz o que é. Assim, estes mortos, uma vez reduzidos a cinzas, ressuscitarão ou ressuscitarão em

corpo e alma e estarão verdadeiramente vivos novamente, assim como Nosso Senhor, por Seu próprio poder, ressuscitou no terceiro dia.

Mas como isso será feito? Pelo poder da palavra de Deus. Considerai aquele maravilhoso milagre da Transubstanciação que acontece todos os dias no Sacramento da Eucaristia. <sup>3</sup>—Nesta Ressurreição Geral haverá a transubstanciação das cinzas, encontradas nos túmulos ou em outros lugares, em verdadeiros corpos vivos. Esses corpos vivos serão encontrados em um instante no local destinado ao Juízo Final. [ *1Cor* . 15:52]. Agora, se a palavra, não de muitos anjos, mas de um único Arcanjo pronunciada pela ordem de Deus é tão eficaz que dá existência ao que não é, por que não cremos em cada palavra de Deus? Por que temos dificuldade em acreditar que o que é falado por Ele mesmo ou por aqueles a quem Ele deu o poder e o encargo, não pode trazer o que é do que não é, mesmo que não compreendamos ou compreendamos isso completamente? Que dificuldade há neste artigo da ressurreição dos mortos, visto que ela ocorre por meio do poder onipotente de Deus?

Não há dificuldade, então, em conceber como esse menino morto na liteira não era um jovem, mas se tornou um quando nosso Divino Mestre lhe deu esta ordem: Jovem, eu lhe ordeno, levante-se. Ele ressuscitou naquele estado pelo qual Nosso Senhor se dirigiu a ele.

Era, em certo sentido, necessário explicar o texto do Evangelho de hoje. Agora quero fazer duas observações adicionais. Não preciso lhe dizer sobre o quê, pois você sem dúvida adivinhou que eles dizem respeito à morte.

A primeira observação, então, diz respeito se devemos temer a morte ou não. Alguns filósofos antigos sustentam que não devemos temê-lo, e que aqueles que o fazem carecem de compreensão ou coragem. Nossos santos padres discordam deles. Embora os cristãos talvez não devam temer a morte, pois devem estar sempre prontos para morrer bem, ainda assim, eles não podem estar isentos desse medo. Afinal, quem é que realmente sabe com certeza se está na condição espiritual adequada para fazer bem esta passagem, já que para morrer bem é preciso ser bom? E quem está absolutamente certo

de ser bom, isto é, de ter a caridade de ser julgado tal na hora de sua morte? Ninguém pode saber disso a menos que tenha recebido uma revelação especial. Mas mesmo aqueles tão favorecidos pela revelação de Deus não estão isentos do medo da morte.<sup>4</sup>

Os estóicos ensinavam que não devemos ter medo da morte e que temê-la era sinal de falta de compreensão e de coragem. É de se perguntar como eles poderiam ter mantido tal posição quando os filósofos mais corajosos e eruditos entre eles, a bordo de um navio, empalideceram e ficaram paralisados de medo quando viram as ondas em um mar agitado e foram ameaçados de morte iminente. Santo Agostinho relata isso, acrescentando as palavras que um deles disse nesta ocasião: "Vocês outros são canalhas e não têm coração nem alma a perder, pois vocês já os perderam; mas eu", acrescentou, "temo a morte porque tenho uma alma e tenho medo de perdê-la."<sup>5</sup> Em suma, nossos antigos Pais ensinam que devemos temer a morte, mas sem temê-la. Para ajudá-lo a entender isso, vou passar para o meu segundo ponto.

Quem quiser atravessar córregos ou rios em uma pequena jangada corre grande risco de se perder se usar óculos. Existem dois tipos de óculos: os primeiros fazem os objetos parecerem maiores do que são, e os outros parecem torná-los menores, e estes últimos são usados pelos míopes. Agora, se aqueles que querem atravessar em uma jangada usam óculos que aumentam os objetos, esses objetos parecerão muito maiores do que são. Assim, correm o risco de perder os pés da jangada e, conseqüentemente, de se perderem. Eles entram no espaço e caem. Se usam óculos que reduzem a aparência dos objetos, fazem com que a jangada pareça tão pequena que não se atrevem a tentar andar sobre ela, ou se o fazem, ficam tão assustados a ponto de cair. Os extremos são sempre muito perigosos e perigosos. Agora, para evitar a ansiedade associada aos pensamentos de morte, nossos antigos Padres nos aconselham a temê-la sem temê-la.

Devemos temê-lo. De fato, quem não ficaria apreensivo com isso, já que todos os santos o temiam, e até mesmo o santo dos santos, nosso salvador? [ *ML* 14:34]. Pois a morte não é natural para nós. Estamos

condenados a morrer apenas por causa do pecado. [ *Gên . 3:19; Wis . 2:23-24*]. Desde a queda de Adão, todos estão sujeitos ao pecado, e cada um será julgado no estado em que morrer. Nesse exato momento, sabemos que devemos prestar contas [ *Lc . 16:2*] de toda a nossa vida, e que seremos julgados pelo que fizemos. [ *P . 61:13 (62:12); Matt . 16:27; Rom . 2:6; 2Cor . 5:10*]. Por isso tememos a morte. Infelizmente! quem sabe se ele é digno de amor ou ódio [ *Eccles . 9:1*], se ele será contado entre os eleitos ou não? Portanto, aquele que não teme a morte está em muito mau estado e em grande perigo, pois onde quer que vamos após a morte é eterno: ou seremos salvos eternamente ou condenados eternamente. Por esta razão, todos os maiores servos de Deus temeram esta passagem como realmente formidável.

Agora não me diga que alguns santos não temeram a morte, mas, pelo contrário, a desejaram, pediram e até se alegraram com a sua aproximação; e que, conseqüentemente, não devemos mais temê-lo, pois esse medo é cheio de terror. É verdade que houve alguns santos que parecem ter desejado isso. No entanto, isso não significa que eles não temiam e temiam, pois podemos desejar algo que tememos e pedir algo de que não gostamos. Por exemplo, quem é o doente que não teme o bisturi quando o cirurgião precisa cortar um membro gangrenoso para que ele não infecte e ponha em perigo os outros? Apesar de temê-lo, ele o quer e até o pede, temendo que, sem ele, a gangrena se espalhe. Por isso pede o bisturi que teme e de certa forma se alegra com a aproximação do cirurgião. Da mesma forma, embora tenha havido santos que desejaram e pediram a morte, não devemos concluir disso que eles também não a temiam. Não há ninguém, não importa quão santo seja, que não o tema com justiça, a única exceção possível são aqueles que tiveram uma extraordinária certeza de sua salvação por revelações muito especiais.

Como poucos tiveram tais revelações, poucos foram isentos do medo da morte. No entanto, deixe-me oferecer dois exemplos de santos que tiveram esse privilégio. O primeiro é o grande apóstolo São Paulo, que recebeu tão certas garantias de bem-aventurança que parecia não temer a morte, pois ele mesmo disse: Estou pressionado entre dois

desejos totalmente opostos [ *Fil . 1:23-25*], que me atormentam incessantemente e me causam grande dor. Um é o meu desejo de deixar esta vida, para ir e desfrutar da doce presença e visão de meu Mestre. Oh! quando será que o verei face a face? [ *1Cor . 13:12*]. Oh! quem me livrará deste corpo sob o poder da morte? [ *Rom . 7:24*]. Com muitas outras palavras semelhantes, o grande Apóstolo expressou a veemente paixão que tinha de partir desta vida e se separar do corpo para que sua alma, inflamada pelo desejo de ver seu Senhor, não fosse mais retida por sua carne. Ele tinha um desejo infinito, como um servo bom e fiel [ *Matt . 25:21, 23*], para ir ao encontro de seu querido Mestre e desfrutar de Sua doce presença. E parecia que ele achava a vida insuportável porque isso o impedia de realizar seu desejo.

Mas observe como ele está certo de que, quando for separado de seu corpo de morte, verá a Deus, pois o único desejo que o moveu foi ver seu Mestre. "Ah, quem me permitirá este bem", grita ele, "para que eu morra e vá ver meu Senhor Jesus Cristo!" Nisto ele deixa claro que não tem a apreensão de estar separado dEle ao morrer, mas sim que está muito certo de que alcançará a bem-aventurança eterna e O desfrutará. Por isso deseja e pede para morrer.

Note, porém, que ao expressar seu desejo ele acrescenta uma condição — a saber, somente se tal for a vontade de Deus para ele. "Pois", diz ele, "estou restringido por outro desejo, que é permanecer entre vocês, meus filhos mais queridos, porque fui enviado para ensinar e instruir vocês. Enquanto minha presença for de alguma forma necessária para você, tenho dificuldade em não me separar de você, mas, por sua causa, em me privar desse incomparável e inimaginável contentamento que espero após a morte, em vez de deixá-lo, sabendo que ainda posso ser útil para você, e ao fazê-lo resta um pouco do bom prazer de meu Mestre. Não desejo a morte para ser liberto dos trabalhos que suporto. Oh não, não é isso, ainda menos para ser libertado da dor que sofro da sede que tenho de ver o meu Senhor. Antes, desejo-o apenas para poder vê-lo. Pois estou certo de que depois desta vida o verei. No entanto, tenho este outro desejo: não morrer se Ele o fizer. Por isso, desejo permanecer entre vocês enquanto Ele quiser

e enquanto Ele souber que minha presença será necessário para você." Se, então, este grande santo suspirou após a morte, foi apenas porque estava certo da felicidade eterna. Se ele pediu, foi apenas com a condição de que tal fosse a vontade de Deus.<sup>6</sup>

Há quem peça a Nosso Senhor que morra, e quando lhes perguntam por quê, respondem: "É para se livrar das misérias desta vida". Mas você tem certeza de que, quando estiver livre dos trabalhos desta vida, terá descanso na outra? Ah, certamente não. Outros dizem que não se preocupariam com a morte, desde que tivessem a certeza de ir para o Paraíso; e eles estão certos, pois com tal certeza a morte não seria temida. Mas mesmo se você tivesse certeza de ir para o Paraíso, não seria apropriado nem desejá-lo ou pedi-lo para simplesmente ser liberto das misérias deste mundo, mas apenas com a condição de que tal fosse a vontade de Deus. Concluindo, não devemos desejar nem pedir a morte, nem recusá-la quando ela vier. E nisso consiste o resumo da perfeição cristã: nada pedir e nada recusar.<sup>7</sup>

Esse grande personagem, Jó, é outro santo que parece ter desejado a morte e tê-la considerado mais doce que a vida. Reduzido a tantas tribulações e angústias, parece que ele tinha motivos mais fortes para desejar a morte do que para continuar vivendo. Oh, o que a incrível dor em que se encontrava imerso não o fez dizer! Certamente, se as queixas de Jó não procedessem de um coração totalmente esmagado pela angústia, teriam sido motivo de grande censura. Apenas considere estas palavras: "Pereça o dia em que nasci", e as que se seguem. [ *Jó* 3:1 e segs; 6:8-9; 7:15-16, 21]. Estes o teriam tornado culpado se Deus não tivesse tomado sua causa em mãos e atestado que ele não pecou [ *Jó* 1:22; 42:7-8] enquanto ele foi reduzido ao monte de esterco, afligido de todas as maneiras imagináveis.

Essas palavras, que parecem extravagantes, são palavras realmente amorosas e não são compreendidas por todos. Pois quem não sabe o que é o amor não entendeu o que esse santo homem quis dizer. O amor de Deus é semelhante ao amor humano nisto: acontece que os tolos amantes deste mundo muitas vezes proferem palavras que certamente seriam ridículas se não viessem de um coração

apaixonado. Insistem que o ardor de seu amor os obriga a usá-los, e que essa linguagem só é compreendida por aqueles que sabem o que é amar. <sup>8</sup>É o mesmo com o amor divino. O ardor faz o amante usar palavras que poderiam ser censuradas se não fossem compreendidas por aqueles que conhecem a linguagem desse amor celestial.

Agora, então, já que Jó era um grande amante de Deus, cada palavra que ele falou em seu monte de esterco era certamente uma palavra de amor. A chama que consumiu seu coração o fez usar palavras tolas. Mas o Senhor, que penetrou no fundo do seu coração, viu claramente que não era o cansaço nem a impaciência que o fazia falar assim; antes, era o amor que o animava. Certamente nosso querido Mestre sabe bem o que é amar, e também conhece bem a linguagem do amor. Portanto, Ele declarou que Jó não havia pecado em nada do que disse. Ele devia saber o quanto este santo O amava, pois escolheu oferecê-lo à posteridade como um prodígio de paciência. Então eu acho que Ele fez Jó entender que Ele o tratou assim para que ele fosse um espelho e um exemplo de santidade para o mundo inteiro, e que as aflições que Ele o enviou e o estado ao qual Ele o reduziu procedeu do amor Ele o suportou. E este homem santo entendeu isso muito bem.

Desejo demonstrar isso a você por um exemplo encontrado no Evangelho. [ *Jo* . 2:1-5]. Quando, nas bodas de Caná da Galileia, a Santíssima Virgem disse a Nosso Senhor, com tanta humildade e caridade, que o vinho havia falhado, Ele pareceu rejeitar o seu pedido, respondendo: "Mulher, o que há entre mim e ti? " <sup>9</sup>Por que você se preocupa com isso? O que eu tenho a ver com isso? Tais perguntas parecem implícitas na resposta que Ele deu à Sua Mãe, uma resposta que pode parecer muito rude e insensível para aqueles que não entendem a linguagem do amor. Ninguém que não saiba o que é amar descobriu a interpretação correta dessas palavras. Muitas coisas foram escritas sobre eles que não estão no alvo. Mas a Santíssima Virgem sabia o que é amar, e assim entendeu claramente o que seu Filho queria dizer, pois ela estava muito familiarizada com a nuance de sua linguagem. <sup>10</sup>Ela conhecia por experiência o Seu modo de falar, pois afinal foi ela quem o ensinou a falar.

Ela não ficou surpresa, então, com essas palavras pelas quais Ele parecia recusar seu pedido. Em vez disso, ela acreditava que Ele faria tudo o que ela desejasse. Cheia de confiança, ela deu esta ordem aos garçons: "Façam o que Ele mandar". Era como se ela quisesse dizer: "Se você ouviu a resposta de meu Filho, talvez pense que é muito severa e que Ele quer me recusar. Mas não é assim. Eu sei por essas mesmas palavras que Ele deseja fazer tudo isso Eu desejo. Portanto, faça o que Ele lhe disser e não tema nada, pois estou certo de que Ele atenderá meu pedido. Além disso, essas palavras que parecem rudes à primeira vista são realmente as mais gentis e amáveis que um coração amoroso poderia dizer alma amorosa. Portanto, repito novamente, apenas faça o que Ele lhe disser."

Assim, o amor tem uma linguagem que ninguém pode entender, exceto aqueles que sabem o que é amar. Agora, o grande São Jô fala com amor quando diz: Pereça o dia em que nasci, etc. Note, no entanto, que embora por essas palavras e outras semelhantes ele pareça desejar e pedir a morte, ainda assim ele se resignou e submisso à vontade divina, pois desejava apenas aquilo que agradasse a Deus. No entanto, o amor o fez dizer essas coisas, pois ele desejava ver Aquele que o comoveu tão profundamente com Seu amor. [ *Jô* 19:27]. Apesar dessas duas exceções, digo para concluir que todos devem temer a morte.

Além de nossas próprias reflexões, vemos nas palavras que o Senhor dirigiu a nossos primeiros pais no paraíso terrestre que a morte é naturalmente temida pelo homem, pois quando Deus proibiu Adão de comer o fruto da árvore do conhecimento, Ele disse a ele: "Eu sou teu Senhor, e por isso tens de me obedecer; agora, como teu Senhor, dou-te um mandamento, que é: não comerás do fruto dessa árvore; porque se comeres dela, morrerás. " [ *Gên* . 2:16-17]. O castigo com que Deus ameaçou o homem é o mais duro de todos e o mais contrário à sua natureza. Isso também é o que Eva quis dizer quando, em resposta à tentação da serpente de quebrar o mandamento, ela respondeu: "Mas Deus nos disse que, se comermos deste fruto, morreremos". [ *Gên* . 3:1-3]. Nisso ela mostrou claramente seu medo da morte.

Agora, por favor, não use a abordagem de que somente quando esquecemos a morte podemos viver com alegria, porque o pensamento dela é assustador. Como esse medo não é ruim, mas realmente bom e útil, devemos às vezes permitir que o medo entre em nossas almas para movê-las a esse medo saudável da morte por causa de nossos pecados. Isso só deve ser feito com cuidado.

Mas nossos antigos Pais ensinam que devemos temer a morte sem temê-la. O que isto significa? Significa que, embora devamos temê-lo, não deve ser com medo excessivo, mas acompanhado de tranquilidade; pois os cristãos devem andar sob o padrão da Providência de Deus e estar prontos para abraçar todos os efeitos e eventos dessa espécie de Providência, confiantes de que ela é capaz de cuidar muito bem de nós. Não nos deixemos levar por medos perturbadores e rabugentos, como aconteceu com aquela boa mulher que pensava na morte de manhã e perturbava a família o dia inteiro para que ninguém tivesse paz com ela. E por que foi isso? Porque ela tinha pensado na morte, e ainda estava muito chateada com isso.

Esta não é a maneira de pensar sobre isso. Menos ainda devemos tentar saber quando morreremos e em que lugar; se será no campo ou na cidade; a cavalo ou ao pé de uma montanha; ou por alguma pedra nos esmagando; ou se vamos morrer na cama assistidos por alguém, ou sozinhos. <sup>11</sup>O que tudo isso importa? Deixemos os cuidados com a Divina Providência, que cuida até dos pássaros do céu. Eles não perdem uma única pena sem Sua permissão. [ *Mat* . 6:26; 10:29]. Cada cabelo de nossa cabeça foi contado por Deus. [ *Mat* . 10:30]. Ele cuidará de nós. [ *1 Pr* . 5:7]. Basta que eu seja todo Dele, não só por direito, mas ainda mais por afeto. Além disso, com o que devo me preocupar a não ser abandonar-me àquela providência cuidadosa que nunca me falhará, seja na vida ou na morte?

Devemos então temer esta última passagem, mas sem ansiedade ou perturbação interior. Tenhamos antes um medo que nos mantenha preparados e sempre prontos para morrer bem. E como vamos fazer isso? Seu Pai, Santo Agostinho, <sup>12</sup>nos diz como nas seguintes palavras que, embora bastante simples e comuns, ainda assim contêm muitas

instruções: "Para morrer bem, devemos viver bem". Como nossa vida é, assim será nossa morte. Então, para resumir este ponto, digamos que a regra geral para uma boa morte é levar uma boa vida. É verdade que, mesmo vivendo bem, você temerá a morte, mas seu medo será santo e tranquilo, confiando nos méritos da Paixão de Nosso Senhor, sem a qual a morte certamente seria terrível e aterrorizante. Aqueles que morrem na cama, sem dúvida, ficariam muito perturbados se não pudessem ver a imagem do crucifixo, que os lembra que o Salvador foi preso na Cruz por eles, e se não pudessem falar com Ele ou pensar nele mentalmente. O horror desta última passagem e a visão de seus inúmeros pecados poderiam levá-los ao desespero, mas os méritos da Paixão de Nosso Senhor os encheriam de confiança, sabendo que Ele satisfaz todas as nossas faltas com Sua morte.

Devemos, pois, temer a morte sem temê-la, isto é, devemos temê-la com um temor ao mesmo tempo tranquilo e cheio de esperança, pois Deus nos deixou tantos meios para morrer bem. Entre outros, Ele nos deixou o da contrição, que é tão geral [isto é, contrição perfeita] que pode apagar a culpa de todos os tipos de pecado. Além disso, temos os Sacramentos da Santa Igreja para nos lavar de nossas iniquidades, pois são como canais por onde fluem em nós os méritos da Paixão do Salvador para que por eles recuperemos a graça quando a perdemos. Assim sendo, o que resta senão viver abandonado aos acontecimentos da Divina Providência, nada Lhe pedindo e nada Lhe recusando? <sup>13</sup> Pois, repito, toda perfeição cristã consiste neste ponto: nada pedir a Deus e nada recusar a Deus. Não devemos pedir a morte a Ele, mas não devemos recusá-la quando ela vier. Oh, quão felizes são aqueles que continuarão nesta santa indiferença, e que, enquanto esperam o que Deus ordenou para eles, se preparam por uma boa vida para morrer bem!

Isso é o que todos os santos fizeram. Há até mesmo alguns que têm o costume de reservar um certo tempo a cada ano para uma consideração especial da morte. Outros fazem isso uma vez por mês; outros ainda, todas as semanas; e outros todos os dias, escolhendo um certo momento para pensar sobre isso, à noite ou de manhã, e por essa

lembrança frequente se dispõem a fazer bem essa passagem. Ela [a morte] também é um pensamento muito útil para se ter toda vez que nos aposentamos, como alguns fazem, lembrando a nós mesmos que algum dia seremos rebaixados à sepultura. Daí chegamos a esta consideração: "Assim, sendo o sono a imagem da morte, segue-se que, quando eu morrer, estarei estendido na sepultura; e ali, coberto de terra, serei reduzido a pó e cinzas. . E eu, pronto para dormir nesta cama esta noite, não sei se estarei vivo ou não amanhã." Em algum momento de cada dia, devemos nos deter em pensamentos semelhantes para estarmos prontos para morrer qualquer dia, usando cada dia que vivemos como faríamos se tivéssemos certeza de que naquele dia partiríamos deste mundo.

A esse respeito, relatarei a vocês dois contos que não mencionaria se estivesse em qualquer outro púlpito. Mas neste lugar eu me sinto livre para fazê-lo. Aprendi a primeira de um homem piedoso que eu conhecia. Aqui está.

O rei da Espanha enviou emissários para fazer uma visita aos estados de uma província em que todos os policiais haviam sido considerados culpados de alguma coisa. Os visitantes se mostraram muito exatos e severos em puni-los e castigá-los. Eles multaram alguns, dispensaram outros de seus cargos e até condenaram alguns a trabalhos forçados. Em suma, não houve um único que não foi repreendido, exceto um bom velho que foi considerado repreensível em absolutamente nada. Os visitantes foram muito elogiados por ele e perguntaram como ele conseguiu permanecer tão fiel ao seu príncipe, pois eles não encontraram nada repreensível em sua vida. Ele respondeu que tinha feito apenas uma coisa: tinha em mente que um dia fariam a visitação dos estados da província e que, sem dúvida, viriam visitantes que fariam muito bem o seu trabalho. Por isso sempre se comportara como desejaria quando os visitantes se apresentassem. Assim ele se protegera, pois o medo de ser encontrado em mau estado o fizera viver cada dia como se fosse naquele dia que ele teria que prestar contas de si mesmo.

Oh, quão felizes seríamos se todos os dias de nossa vida refletissemos seriamente sobre a conta que teremos que prestar. Constantemente nos manteríamos no mesmo estado em que desejaríamos estar na hora da morte. Este seria um bom meio de viver bem e de ser encontrado sem reprovação naquele último dia.

Eu ouvi a outra história de uma grande princesa. Ela estava falando comigo um dia sobre seus assuntos e me disse que uma vez ela teve um conselheiro que se aposentou da corte, livrando-se de todas as suas preocupações mundanas. "Eu o procurei", acrescentou ela, "para consultá-lo sobre um de meus processos, pois ele estava com os documentos necessários. Enquanto estava em sua casa, perguntei por ele. Mas ele me enviou os documentos, informando-me por nota que ele havia renunciado a todos os assuntos da corte para ter tempo para pensar em sua consciência e colocar seus assuntos espirituais em ordem, e que ele devolveu meus papéis orando a Nosso Senhor para conceder uma questão bem-sucedida ao meu caso e proteger meus direitos. Algum tempo depois voltei a ele. Ele me disse que estava sempre ocupado arrumando seus negócios enquanto esperava o momento de prestar contas deles. Um ano depois, perguntei se esse bom senhor estava morto. Eles responderam: ' Não.' Então fui vê-lo. Encontrei-o ocupado da mesma forma. Concluí que com certeza ele teria um final feliz."

Quão felizes seríamos se pensássemos assim na conta que devemos prestar! Não mais ocupados com outros assuntos, estaríamos sempre prontos para o dia designado para isso. [cf. *Matt . 25:13; Heb . 9:27*]. Devemos fazê-lo, pois a morte tem pés de algodão sobre os quais vem tão silenciosamente que mal a percebemos e nos pega de surpresa. É por isso que devemos estar atentos, para que, quando vier, nos encontre prontos. [ *Mat . 24:44; Apoc . 16:15*]. Pense nisso sem medo ou pavor excessivo. Mas tomemos a decisão de morrer, pois é algo que devemos fazer, e com o coração tranqüilo e tranqüilo nos mantermos sempre no mesmo estado em que gostaríamos de ser encontrados na hora da morte. É o verdadeiro meio de nos prepararmos para morrer bem. Fazendo isso, alcançaremos a eternidade, e deixando estes dias de

morte, alcançaremos os da vida. Deus nos conceda esta graça. Amém, amém, amém.

## NOTAS

- [1.](#) Hoje, os teólogos tenderiam a reservar a palavra "ressurreição" para denotar a ascensão de Jesus à vida escatológica, enfatizando assim seu caráter absolutamente único. São Francisco de Sales está usando-o neste sermão tanto para a ressurreição de Jesus quanto para aqueles que Ele ressuscitou. Para este último, os teólogos contemporâneos tenderiam a usar apenas alguma outra expressão, como "ressuscitação".
- [2.](#) São Francisco está aqui recorrendo à antiga tradição patrística que via a humanidade de Jesus como o meio pelo qual Seu poder e bondade divinos eram mediados por aqueles em nome de quem Ele ministrava. Assim como aqueles Padres, São Francisco deseja entender esta humanidade não como uma ferramenta passiva e sem vida de Sua Divindade, mas como a resposta genuinamente livre e humana de Jesus à vontade de Seu Pai para Ele em Sua obra redentora em favor do Reino de Deus.
- [3.](#) Cf. Sermão para o Quarto Domingo da Quaresma, p. 124 deste volume.
- [4.](#) São Francisco está se referindo ao ensinamento do Concílio de Trento de que, sem uma graça especial de Deus, ninguém pode ter certeza com a certeza da fé que está em estado de graça (o que implica possuir a virtude da caridade sobrenatural) neste tempo (já que sempre há a possibilidade de auto-engano), ou que ele perseverará na graça até a morte. Assim, o cristão vive na esperança e, com confiança, reza pelo dom da perseverança final. Cf. também pág. 136.
- [5.](#) Cf. *Tratado do Amor de Deus*, Livro 1, cap. 3.
- [6.](#) Cf. *Tratado*, Livro 9, cap. 4.
- [7.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, XXI, "Sobre Nada Pedir"; Sermão para Quinta-feira da Terceira Semana, pp. 113-114 deste volume.
- [8.](#) Cf. *Tratado*, Livro 6, cap. 1.
- [9.](#) Cf. Pe. M. Manuel Miguens, OFM: *Maria, Serva do Senhor* (Boston: St. Paul Editions), p. 128.
- [10.](#) Há uma nota de rodapé importante aqui na ed. Ancecy: "Faite à son jargon"; *Dictionnaire de Littre*, au mot "jargão": linguagem à dupla entente.
- [11.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota*, Parte I, cap. 13.

[12.](#) Como a Regra da Ordem da Visitação é a de Santo Agostinho, São Francisco de Sales muitas vezes se refere a ele como seu Pai quando, como aqui, ele se dirige às freiras da Visitação.

[13.](#) Cf. pág. 138 deste sermão.

### **OUVINDO A PALAVRA DE DEUS**

*Sermão do Domingo da Paixão, 13 de março de 1622, sobre a bondade que deve ser praticada por aqueles que pregam a palavra de Deus, como devemos estimar a palavra de Deus mesmo que seja ensinada por um pecador, como prova a recusa de uma pessoa em acreditar na palavra de Nosso Senhor a maldade dessa pessoa - não de Nosso Senhor, como todo pecado é resultado da deserção da verdade, como a palavra de Deus é a Verdade, como o pecado de Lúcifer, bem como o de nossos primeiros pais, resultou de uma escolha de vaidade sobre a verdade, como nós devemos permanecer atentos às verdades da fé, nossa falha culposa em viver de acordo com as verdades da palavra de Deus, as disposições com as quais devemos ouvir a palavra de Deus e a falta de importância das distrações e segura na parte inferior de nossa alma, enquanto a parte superior da alma é devotada e reverente para com a palavra de Deus .*

*"Aquele que é de Deus ouve as palavras de Deus. Portanto, você não as ouve, porque você não é de Deus." - João 8:47*

Uma palavra é aceita ou rejeitada por três razões: por causa de quem a fala, por causa da palavra que é dita, por causa de quem a ouve.

Para que esta palavra seja honrada e aceita, aquele que a está falando deve ser um homem bom, um homem virtuoso, digno de ser acreditado. Caso contrário, ao invés de ser aceito, será rejeitado, desprezado. <sup>1</sup>Além disso, o que é dito deve ser bom e verdadeiro. Finalmente, quem a ouve deve ser bom, preparado para recebê-la; caso contrário, não será aceito, honrado ou mantido.

Isto é o que Nosso Senhor nos ensina no Evangelho que a Santa Igreja nos oferece hoje, no qual Ele repreende os escribas e fariseus por não receberem Suas palavras – pelas quais eles são culpados. [*Jo* . 8:46-59]. Ele diz: "Por que você não acredita na verdade que eu ensino?" A descrença deles O surpreendeu completamente. É como se Ele quisesse dizer: "Você realmente não tem desculpa, para qual de vocês pode me condenar de pecado? Por que então você não acredita em Mim, já que o que estou dizendo a você é a própria verdade? Eu não posso errar. Portanto, sua descrença deve derivar de sua própria maldade e pecaminosidade. Certamente nem eu nem a palavra que ensino somos culpados."

Assim, é necessário que aquele que proclama a palavra de Deus seja irrepreensível, e sua vida congruente com seus ensinamentos. Se este não for o caso, a palavra não será honrada nem aceita. Por esta razão Deus proíbe os pecadores de anunciar Sua palavra [*Sl* . 49 (50):16-17]. Ele parece dizer: "Miserável, como você ousa ensinar Minha doutrina com seus lábios e desonrá-la com sua vida? Como você pode esperar que ela seja aceita de uma boca tão cheia de pecado contagioso? proclamar a Minha vontade." Assim, Ele proibiu os pecadores de anunciar Sua palavra sagrada, temendo que ela fosse rejeitada por aqueles que a ouvem.

Tenha cuidado aqui. Não são todos os pecadores que estão proibidos de pregar, mas apenas os notórios. Caso contrário, quem poderia anunciar a palavra de Deus, já que somos todos pecadores? Quem diz o contrário é culpado de inverdade grave. [*1 Jo* . 1:8]. Até os apóstolos eram pecadores. Aqueles que alegam nunca ter pecado são culpados de uma grande ilusão. O contrário é realmente claro no momento em que o alegam. Santo Agostinho ensina isso explicitamente

quando escreve que a petição diária na Oração do Senhor, "perdoa-nos as nossas ofensas" [ *Matt* . 6,12], não é apenas uma palavra de humildade, mas também de verdade porque, devido à nossa frágil humanidade, cometemos ofensas a cada momento.

Todos são pecadores, mas nem todos devem ficar calados e abster-se de ensinar a palavra de Deus, mas apenas aqueles que vivem uma vida totalmente contrária a esta palavra divina. No entanto, mesmo que esta palavra nos seja pregada por malfeitores, não devemos rejeitá-la, mas aceitá-la, fazendo como fazem as abelhas que colhem mel de quase todas as flores dos campos. Embora algumas dessas flores sejam nocivas e venenosas, elas habilmente extraem mel, um orvalho celestial não contaminado por veneno.

Como confirmação do que digo, relatarei com prazer um belo exemplo encontrado na vida do grande Santo Efrém. Foi, de facto, um grande homem, não só porque foi diácono de dois ilustres Doutores da Igreja, mas também porque foi um grande Doutor, tendo escrito belíssimos ensinamentos que deleitam verdadeiramente quem os lê. Este grande santo foi criado com muito cuidado e nutrido desde os primeiros anos de vida eremítica. Depois de muitos anos no deserto, um dia foi inspirado por Deus para ir a Edessa, sua cidade natal. Ele sempre deixou seu coração aberto e receptivo à Divina Majestade, ansioso por receber o precioso orvalho da inspiração celestial, e sempre os aceitou fielmente em obediência. Assim, ele prontamente abraçou este também.

Ele foi prontamente para a cidade. À medida que se aproximava, estava convencido de que Deus devia ter algo importante para lhe ensinar ao chamá-lo de seu eremitério. Ajoelhando-se, rezou fervorosamente pela graça de encontrar alguém na cidade que servisse como seu diretor e o conduzisse à vontade de Deus. Cheio de confiança de que o Senhor o ouviria, ele se levantou. Quando chegou a Edessa, encontrou uma prostituta. Perturbado, disse a si mesmo: "Meu Deus, pedi-te que me deixasses conhecer alguém que me ensinasse o que o Teu prazer quer de mim. Em vez disso, encontro esta infeliz mulher." Olhando-a com desdém, notou que ela também o olhava com atenção.

Enfurecido com a ousadia dela, ele perguntou: "Por que, mulher miserável, você me olha assim?" Ela respondeu muito inteligente e eruditamente: "Eu tenho o direito de olhar para você, mas você não tem o direito de olhar para mim. Você sabe que a mulher foi tirada do lado do homem. [ *Gn* 2:21-23]. Portanto, , eu estou apenas olhando para o lugar de minha origem. Mas o homem foi criado da terra [ *Gn* 2:7], então por que você não está continuamente olhando para a terra, já que esse é o lugar de onde você foi tirado? "

Este grande santo valorizou verdadeiramente o ensinamento da miserável mulher, recebeu-o humildemente e até agradeceu calorosamente a ela. Daquele momento em diante, ele valorizou tanto aquela lição que não só manteve sempre os olhos corporais abaixados ao chão, mas ainda mais os olhos interiores e espirituais, que mantinha fixos em seu nada, sua vileza e sua abjeção. Desta forma, ele fez progresso contínuo na virtude da santíssima humildade por todo o resto de sua vida.

Esta história nos ensina como devemos honrar e estimar a palavra de Deus e os bons ensinamentos, mesmo que sejam apresentados por pessoas de má reputação. Afinal, o Senhor desejava que um profeta fosse instruído por um jumento [ *Núm* . 22:28-30], e aquele ímpio Pilatos deve anunciar a grande verdade de que nosso divino Mestre é Jesus [ *Mat* . 1,21] - isto é, Salvador - um título que ele mesmo colocou acima da Cruz, insistindo: "Tal é o caso, sou eu quem o disse". [ *Jo* . 19:22]. Caifás, o mais miserável entre os homens, pronunciou esta palavra de verdade: É conveniente que um homem morra pela salvação do povo. [ *Jo* . 11:49-50; 18:14].

Isso deixa claro que, embora nunca devamos estimar nem aprovar as vidas más de pessoas más e pecadoras, nunca devemos desprezar a palavra de Deus que eles podem nos oferecer. Em vez disso, devemos lucrar com isso como fez Santo Efrém. Um grande Doutor ensinou que não devemos nos importar se a pessoa que nos mostra o caminho da virtude é boa ou má. Tudo o que importa é que seja realmente o caminho verdadeiro. Se assim for, devemos segui-lo e andar nele

fielmente. Que importa se nos dão bálsamo em vaso de barro ou em vaso precioso? Basta que cure nossas feridas.

Não consideremos a bondade ou sua ausência em alguém que é nosso pregador ou professor, mas apenas o que ele nos diz. A palavra de Deus não se torna boa ou má por causa daquele que a explica ou ensina. É o próprio bem e nunca participa do mal de quem o anuncia. A Sagrada Escritura, em sua sabedoria, também ensina isso quando tem até animais, sejam eles fracos ou brutais, nos ensinam o que devemos fazer, instruindo-nos que podemos aprender até das formigas como cuidar do que temos. [ *Prov . 6:6-8; 30:25*]. Eles se reúnem enquanto o tempo está bom para que possam ter comida suficiente nos dias que não são propícios para a coleta. O próprio Nosso Senhor não nos disse para imitar a prudência e astúcia da serpente e a simplicidade da pomba? [ *Mat . 10:16*]. As Escrituras dão centenas desses exemplos.

Apesar de tudo isso, em geral, quem ensina deve ser bom se quer que seu ensinamento seja aceito e valorizado. Sua vida má poderia fazer com que seu ensino fosse rejeitado e desprezado como sendo, como ele, mau e desprezível. Certamente devemos nos beneficiar espiritualmente da palavra de Deus, não importa quem a apresente. No entanto, os pecadores endurecidos que perseveram em sua maldade ofendem muito ao ensinar a palavra de Deus e ao proclamar os louvores da Soberana Majestade, pois expõem esta palavra divina ao desprezo por causa de sua má conduta. É por isso que no Evangelho de hoje Nosso Senhor pergunta aos escribas e fariseus: "Qual de vocês pode me condenar de pecado? Vocês dizem que sou samaritano, que como e bebo com os publicanos, que sou um bêbado, que sou Proibir o pagamento de impostos a César, que eu não observe o sábado. Essas calúnias fazem de mim um impostor. Mas responda-me, qual de vocês pode me condenar de pecado? Por que então você não acredita em mim? o mal está em você porque não pode haver nenhum em Mim." [ *Jo . 8:48; Matt . 9:11; Matt . 11:19; Lk . 23:2; Jn . 5:16, 18; 19:16*].

Nosso Divino Mestre falou mais razoavelmente aqui porque simplesmente não é possível juntar duas coisas tão contrárias como Deus e o pecado. Assim que dizemos "Deus", o pecado é excluído para

sempre; não podemos duvidar disso. Visto que Jesus é Deus, Ele não pode pecar; como homem também Ele não pode pecar porque Sua alma humana, em seu ápice, foi gloriosa desde o instante de Sua Conceição no seio sagrado de Nossa Senhora. Conseqüentemente, Ele sempre desfrutou nesta parte suprema de Sua alma humana a visão clara da Divina Majestade. É esta visão que constituirá nossa bem-aventurança eterna. Nesta visão não há possibilidade de pecar, pois é impossível ver a Deus e não amá-lo soberanamente, e o amor soberano não pode tolerar ou permitir o pecado, que Lhe desagrada infinitamente e desonra a Bondade Divina.

Assim, Nosso Senhor disse muito corretamente aos judeus: "Qual de vocês pode me condenar de pecado?" Ele ficou muito surpreso que eles se recusassem a acreditar em Suas palavras ou seguir Sua doutrina, já que Sua vida era irrepreensível. Ele acrescentou: "Se eu prego a verdade, por que você não a abraça? Já que não tenho pecado, você deve acreditar que eu lhe ensino apenas a verdade e de forma alguma o engano". Ó certamente, nosso Divino Mestre não pode enganar, porque Ele é a própria Verdade. [ *Jo* . 14:6; *1 Jo* . 5:6]. Aqueles que se recusam a acreditar, sem dúvida, perecerão. [ *Mc* . 16:16]. Todo o nosso bem consiste não só em aceitar a verdade da palavra de Deus, mas em perseverar nela. Ao contrário, todo mal humano e angélico é resultado de sua deserção da verdade em vez de perseverança nela. [ *Jo* . 8:30-32].

Chegamos à segunda parte do nosso sermão. Se queremos que nossa palavra seja aceita, ela deve ser a verdade. Mas o que é a verdade? Nada mais, meus queridos amigos, do que a fé. Está escrito que Nosso Senhor é cheio de graça e de verdade [ *Jo* . 1:14], o que significa que Ele é cheio de fé e caridade. Não é, claro, que Ele tivesse fé para Si mesmo, pois Ele tinha a visão clara das coisas ensinadas pela fé. Ele foi dito estar cheio de fé como seu distribuidor para Seus filhos cristãos. Como eu disse outro dia, a esposa do Cântico dos Cânticos declara que seu Bem-Amado, nosso querido Salvador, tem dois seios cheios do mais precioso dos perfumes, que impregnam o ambiente com a mais deliciosa fragrância. [ *Não posso* . 1:1-3]. Muitos deram sua

interpretação desta passagem. Dou esta interpretação: estes seios divinos representam graça e verdade, ou seja, caridade e fé.

Certamente Ele não precisava desse leite delicioso para Si mesmo, assim como as mulheres não precisam do leite que lhes é dado por Deus e pela natureza para a alimentação de seus filhos. Assim a graça, menos ainda a fé, não foi dada a Nosso Senhor para Si mesmo, porque Ele precisava delas. Afinal, Ele é a própria graça, e é dele para distribuir. Assim também para a fé. É para nós que Ele está cheio desses dons. Foi por isso que Ele tentou com tanto zelo ajudar os escribas e fariseus a aceitá-los e por que, com raiva, perguntou: "Por que você não acredita nas minhas palavras? Elas não são vaidade, mas a própria Verdade."

Desertando da verdade, homens e anjos caíram em vaidade, como dissemos. É um truísmo que fazemos o mesmo. Quando nos afastamos da verdade, optamos simultaneamente e cada vez mais pela vaidade. A vaidade é a ausência de verdade. Com ela tropeçamos no Inferno. Lúcifer, desviando-se de Deus, que é a Verdade Eterna, retirou os olhos de seu entendimento desse Objeto infinitamente amável e os baixou imediatamente para uma consideração de sua própria beleza, que dependia exclusivamente dessa Beleza Suprema. A Beleza Suprema deveria ter sido seu foco contínuo. Considerando sua própria beleza, esse espírito infeliz se admirava e se orgulhava de si mesmo. Esse orgulho de admiração causou sua perda e sua condenação às chamas eternas. Ao falhar em perseverar na verdade, ele pereceu em vaidade. A fé lhe ensinou que tudo o que ele tinha vinha somente de Deus. Assim, somente a Deus era devida a honra soberana. Ele desviou os olhos de seu entendimento dessa verdade e imediatamente cometeu esse ato de vaidade insuportável, dizendo: "Eu subirei; serei como o Altíssimo" <sup>2</sup>[É . 14:13-14]—uma proposição perversa e um projeto infeliz que causou sua perda eterna.

Nossos primeiros pais também falharam em permanecer na verdade, isto é, em perseverar em sua atenção a ela, e assim mereceram ser condenados para sempre se Deus não os tivesse perdoado pelos méritos de Seu Filho. Eva, andando pelo Jardim do Paraíso e meditando em pensamentos ociosos em vez de considerar os maravilhosos dons e

graças de Deus para eles, foi tentada pelo espírito maligno a desistir de meditar nesta verdade: "Se você comer do fruto proibido, você morrer." Que verdade maior havia do que esta, já que o próprio Deus a havia falado? [ *Gên . 2:17*]. Aquela antiga serpente [ *Apoc . 12:9*] começou seu envolvimento com ela dizendo: "Não leve a palavra de Deus tão a sério. Certamente você não morrerá. Não pense tanto na morte. Ela o deprimirá. É um assunto cansativo . . ." Aquela coitada escutou essas trapaças e se deixou persuadir. Ela até induziu seu marido ao pecado de quebrar o mandamento de Deus de não comer do fruto da árvore proibida. [ *Gên . 3:1-6*]. Quão melhor teria sido para ela perseverar na meditação, porque ela não teria caído da verdade para a vaidade. De fato, como é comumente ensinado, foi a vaidade que a levou a pecar.

Desde então, todos os seus filhos foram afetados por esse espírito de orgulho que os torna hábeis na busca de honras, riquezas, prazeres e tudo mais. Todas essas coisas são tolices, pois nos tornam mais propensos a nos desviar da verdade do que a considerá-la. A experiência nos ensina isso diariamente. Não vemos que aqueles que são fortemente atraídos por coisas tão vãs e frívolas não pensam - ou pelo menos assim parece por sua má conduta - na verdade de um paraíso cheio de toda consolação e felicidade para aqueles que vivem segundo a vontade de Deus? mandamentos e andar após Ele de acordo com a Sua vontade? Esses mandamentos e a vontade de Deus são totalmente contrários à vida que levam. Eles nunca se cansam de se entregar a prazeres baixos e passageiros, embora saibam muito bem que, se não mudarem, lhes será negado eternamente o gozo da felicidade sem fim. Não vêem também como são cheios de vaidade? Se eles não permanecerem atentos à verdade, haverá um inferno para eles, onde todos os tormentos e infortúnios imagináveis - ou melhor, inimagináveis - serão encontrados para punir aqueles que não temem a Deus nesta vida ou observam Seus mandamentos. No entanto, a atenção a esta verdade é extremamente necessária para nos manter em nosso dever.

Se permanecermos atentos à verdade dos mistérios que Nosso Senhor nos ensina na oração, quão felizes seremos! Quando O vemos

morrendo na Cruz por nós, o que Ele não nos ensina? "Eu morri por você", diz Ele, este Soberano Amante; "O que exige a Minha morte, senão que, como eu morri por vocês, vocês também morram por Mim, ou pelo menos vivam apenas por Mim?" <sup>3</sup>[2 *Cor* . 5:14-15]. Oh, quão poderosamente esta verdade move nossa vontade de amar ternamente Aquele que é tão amável e tão digno de nosso amor! A verdade é o objeto do entendimento e o amor o da vontade. <sup>4</sup>Assim que nosso entendimento aprende a verdade de que Nosso Senhor morreu por nosso amor, ah, nossa vontade se inflama imediatamente, concebendo grande afeto e desejo de retribuir esse amor tanto quanto possível. Esses afetos nos fazem arder de desejo de agradar tanto a este Sagrado Amante que nada seja muito difícil de fazer ou sofrer; nada parece impossível; os mártires não fizeram nada por Deus em comparação com o que agora gostaríamos de fazer. Isso é bom. Persevere nessa verdade e tudo ficará bem. Mas nós não! A partir desta verdade, que aprendemos na oração, nos voltamos para a vaidade na ação. Somos anjos em oração e muitas vezes demônios em conversa e ação, ofendendo esse mesmo Deus que reconhecemos como tão amável e tão digno de ser obedecido.

Da mesma forma, podemos considerar como Nosso Senhor se esvaziou [ *Fil* . 2:7] e se humilhou com tal humildade que é impossível compreendê-lo totalmente. Então Deus pronuncia esta verdade em nossos corações: se nosso doce Salvador se humilhou tanto para ser um exemplo para nós, então certamente devemos nos humilhar tão profundamente que permaneceremos no profundo reconhecimento de nosso nada. Nesse momento sentimos que nunca sentiremos repugnância pela humilhação. No entanto, quando surge a ocasião, não pensamos mais em nossa resolução. Tão vaidosos somos que a menor sombra de abjeção nos faz tremer e nos armar contra ela para que ela não nos alcance.

Nosso Senhor nos ensinou: "Bem-aventurados os pobres". No entanto, cada um de nós rejeita essa verdade, abraçando a vaidade. Avidamente desejamos e procuramos ser tão ricos que nada nos falte. Nosso Soberano Mestre disse: "Bem-aventurados os mansos". No

entanto, cada um quer ser temido e temido. "Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça." No entanto, todos querem ser vingados e não sofrer nada, por medo de serem desprezados. "Bem-aventurados os que choram." No entanto, todos querem se alegrar nesta vida mortal e passageira como se aqui fosse encontrada nossa verdadeira felicidade. E assim por diante para as outras bem-aventuranças. [ *Mat* . 5:3-11]. Ele certamente poderia nos fazer a mesma pergunta que fez aos judeus: "Por que, por que você não acredita em mim, já que eu digo a verdade?"

"Acreditamos de fato", poderíamos responder, mas não o seguimos. Nisto somos indesculpáveis, não diferentes dos pagãos que, embora reconhecessem que havia um Deus, não O honravam. [ *Rom* . 1:20-21]. Certamente mereceremos um grande castigo se, sabendo que somos tão amados por nosso bom Salvador, formos tão ingratos a ponto de não amá-lo com todo o nosso coração e poder, nem seguir com todas as nossas forças e todo o nosso cuidado os exemplos Ele nos deu em Sua vida, Paixão e Morte. Ele nos repreenderá como faz no Evangelho de hoje: "Se eu lhes ensinei - eu, que não posso ser acusado de pecado; eu, cuja vida é irrepreensível; eu, que vos preguei a verdade que aprendi de meu Pai celestial - por que Então você não acredita em Mim? Agora, se você acredita que estou dizendo a verdade, por que você não a aceita e persevera nela? Por que você vive totalmente ao contrário do que é esperado de você?" Seremos então condenados por Sua Divina Majestade, e em nossa perplexidade confessaremos que a culpa é nossa, causada por nossa própria malícia. Para evitar tal situação, minhas queridas almas, devemos saber como devemos ouvir e aceitar a palavra de Deus. Passo agora a essa consideração.

Em primeiro lugar, devemos nos preparar para ouvi-lo com a atenção que merece, não como se fosse qualquer outra palavra. Como uma mulher que não amasse seu marido mais do que seu servo não o amaria o suficiente, nem como deveria; <sup>5</sup> como uma criança que amaria seu pai com um amor igual apenas ao que ele teve com seu tutor, não amaria seu pai adequadamente; assim, quem ouve um sermão com a mesma disposição e atenção que presta a qualquer história ou conto

divertido, não o ouve como deveria. Se seu prazer é o mesmo para ambos, pode-se certamente concluir que ele não amou suficientemente a palavra de Deus. Para nos dispormos a compreendê-lo bem, devemos abrir nossos corações na presença da Divina Majestade, receptiva a este orvalho celestial, assim como Gideão estendeu seu velo no prado para que fosse regado pela chuva e pelo orvalho do céu. [Js . 6:37-38].

Com nossos corações assim abertos diante de Deus, e com a boa disposição de tirar proveito do que Ele nos dirá, fiquemos atentos. Lembre-se, é Sua Majestade quem nos fala e dá a conhecer a Sua vontade. Assim, com espírito de devoção e atenção, ouçamos as verdades que o pregador nos propõe.

Vamos imitar o espanhol aqui. Quando recebem uma carta de alguma pessoa importante, imediatamente a colocam na cabeça para mostrar a honra que prestam àquele que a escreveu, bem como para indicar que se submetem a quaisquer ordens que lhes sejam dadas na carta. Façamos o mesmo, minhas queridas almas, quando ouvimos a palavra de Deus na pregação, ou quando a lemos em um livro. Vamos colocá-lo espiritualmente em nossas cabeças. Em obediência, submetamo-nos às coisas que nos são ensinadas a respeito da vontade de Deus para nossa perfeição e progresso espiritual. Vamos ouvi-los e lê-los com a determinação de lucrar com eles. Nunca consideremos a qualidade daquele que pronuncia a palavra sagrada. Lembre-se, pouco importa se ele é bom ou mau, desde que o que ele diga seja útil e congruente com a nossa fé. Deus não nos perguntará se aqueles que nos ensinaram foram santos ou pecadores, mas se aproveitamos o que nos disseram e se o recebemos com espírito de humildade e reverência.

O exemplo do grande São Carlos <sup>6</sup> foi muito notável neste assunto. Ele nunca lia a Bíblia Sagrada, exceto quando ajoelhado, com a cabeça descoberta e com grande reverência. Para ele, era Deus quem falava com ele enquanto lia. Devemos fazer o mesmo se realmente desejamos ler e entender bem a palavra divina e se realmente queremos lucrar com ela. Caso contrário, mereceremos a censura dirigida aos escribas, e Nosso Senhor colocará toda a culpa sobre nós.

Mas antes de concluir, devo remover um pequeno espinho que você pode colocar em seus pés ao começar a andar com seriedade na observância dessas coisas. Você pode me dizer: "Deus do céu! Você acabou de dizer que para receber bem a palavra santa para que ela leve ao nosso proveito e não à nossa condenação, devemos ouvi-la com atenção, com espírito de devoção e reverência. Mas eu tenho Nunca ouvi desta forma! Na verdade, devo tentar fazê-lo de agora em diante. Mas como vou conseguir? Normalmente estou tão distraído e sobrecarregado pela secura e um certo estupor interior que não tenho prazer em nada. a mente está tão distraída durante um sermão que normalmente tenho grande dificuldade em permanecer atento ao que o pregador está dizendo. Parece que não tenho gosto pela devoção e quase nenhum desejo de colocar em prática o que aprendo lá".

Quando somos ensinados que devemos ouvir a palavra de Deus com atenção, reverência e devoção, devemos entender isso da mesma forma que entendemos o que é dito da oração e de qualquer outra prática espiritual. Não nos é ensinado que devemos ter esses sentimentos de devoção e reverência na parte inferior de nossa alma, que é a parte onde esses desgostos e dificuldades normalmente residem. É suficiente que na parte superior nos mantenhamos em reverência e mantenhamos a intenção de lucrar com isso. Feito isso, não devemos nos incomodar imaginando que não estamos bem dispostos a receber esta santa palavra. Como a preparação para ouvir a palavra foi feita na vontade e na parte superior de nosso espírito, a Divina Bondade se satisfaz, pois Ele se contenta com pouco e não dá atenção ao que se passa na parte inferior de nosso espírito.<sup>7</sup>

Finalmente, devemos concluir dizendo que nunca devemos rejeitar a palavra de Deus ou os ensinamentos que Nosso Senhor nos deixou por causa das falhas dos pregadores que os propõem. Como nosso Divino Mestre os pronunciou primeiro com Sua boca divina, somos indesculpáveis se não os recebermos. Mesmo que este bálsamo precioso possa ser apresentado a nós em vasos de barro, os pregadores, não deixa de ser infinitamente poderoso para curar nossas feridas. Não perde nada de suas propriedades e sua força por causa desses vasos de

barro. Nem é desculpável duvidar de sua verdade, visto que Jesus Cristo, que é a própria Verdade, nos ensinou e se fez nosso querido Mestre. Também não devemos correr o risco de nos perdermos por não perseverarmos na verdade, isto é, por não vivermos de acordo com ela e por não nos tornarmos capazes de compreendê-la bem quando ela nos é proposta ou explicada em nome de Deus. Devemos, ao contrário, nos preparar bem para ouvi-lo com proveito. Este é um excelente meio de entendê-lo bem. Compreendê-lo bem nos ajudará muito a mantê-lo bem. Aqueles que o guardam são declarados abençoados no Santo Evangelho por nosso Senhor e Salvador. [ *Lc* . 11:28]. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) Cf. *Tratado do Amor de Deus* , Livro VIII, cap. 1 e 5.
- [2.](#) Cf. *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1620, p. 88; 'A Imaculada Conceição', 8 de dezembro de 1622, p. 192.
- [3.](#) Cf. *Tratado* , Livro VII, cap. 8.
- [4.](#) Cf. Sermão da Quinta-Feira da Primeira Semana, pp. 34-35 deste volume.
- [5.](#) Cf. *Tratado* , Livro X, cap. 6.
- [6.](#) Cf. *Tratado* , Livro VIII, cap. 3.
- [7.](#) São Francisco de Sales distingue entre as partes "superiores" e "inferiores" da alma no Livro I, cap. 11 e 12 do seu *Tratado do Amor de Deus* . Ele usa essa distinção para nos ajudar a entender como podemos nos apegar obedientemente a Deus e à Sua vontade para nós, mesmo que nem sempre (ou muitas vezes!) tenhamos os sentimentos que normalmente associamos a tal docilidade e obediência. É suficiente que façamos a vontade de Deus, não que nos sintamos "bem" ou "santos" ou "consolados" ao fazê-la. São Francisco está dando outra faceta desse ensinamento aqui.

## **HUMILDADE E OBEDIÊNCIA**

*Sermão para o Domingo de Ramos, 20 de março de 1622, sobre a perfeição e imperfeição encontradas em todas as criaturas (exceto a Santíssima Virgem) - incluindo os anjos no céu e os santos, como devemos notar e aproveitar as imperfeições na vida de os santos, como não devemos usar as faltas dos santos para desculpar nossas próprias falhas, a prudência mundana versus a loucura da cruz, a correção fraterna, o jumento e o jumentinho sobre o qual Nosso Senhor entrou em Jerusalém e o que eles representam, a humildade de Nosso Senhor e paciência e submissão, obediência perfeita versus obediência cheia de prudência mundana, a resposta adequada a fazer às objeções da prudência mundana, a confusão de Nosso Senhor com as máximas do mundo e nossa bem-aventurança em imitá-lo .*

Tudo no mundo tem duas faces, porque tudo tem dois princípios. O primeiro é Deus, a causa primeira de tudo o que existe. O segundo é o nada do qual tudo foi tirado. Agora, como Deus é o primeiro princípio de todo ser, não há nada que não contenha algo belo e adorável nele. Mas como toda coisa criada é extraída do nada, cada uma contém alguma imperfeição.

A criatura racional é verdadeiramente criada à imagem e semelhança de Deus [ *Gn . 1:26-27*], que é sua causa primeira e princípio soberano. Por isso é realmente adorável. Além disso, é tão atraente que qualquer um que visse uma alma viva com graça, tendo a imagem de seu Criador estampada nela, ficaria arrebatado e inflamado de amor, como nos dizem que foi Santa Catarina de Sena. Mas por causa do segundo princípio, o nada, sempre descobrimos alguma imperfeição em cada criatura. Assim, em toda criatura racional se encontra perfeição e imperfeição, sinais dos dois princípios dos quais ela surgiu. <sup>1</sup>Visto que tudo que procede de Deus é bom e amável, segue-se que tudo na criatura que é bom e amável procede de Deus como sua primeira fonte; da mesma forma, qualquer imperfeição encontrada ali vem do nada do qual foi extraída. Essas duas faces são encontradas não apenas nas criaturas racionais, mas em tudo o que foi criado por Deus.

Todas as criaturas – sendo uma mistura, por assim dizer, de perfeição e imperfeição – foram usadas pelas Escrituras para nos ensinar sobre o bem e o mal. Não há nenhum do qual não possamos fazer uma analogia para nos ensinar sobre um ou outro. Todos podem ser usados para apontar o bem ou o mal. Por exemplo, em mil lugares nas Sagradas Escrituras a pomba é tomada para representar a virtude. Nosso Senhor fez uso dele mesmo: Sede simples como pombas [ *Mat . 10:16*], indicando assim quão simples Ele quer que sejamos para poder atraí-Lo em nossos corações. Agora, embora a pomba seja comumente usada para nos indicar alguma perfeição, a Sagrada Escritura também a usa para nos ajudar a entender a feiura do vício e do pecado. Falando ao povo de Efraim, Deus disse: Vocês se desviaram como a pomba que não tem coração. [ *Osé 7:11*]. Aqui o texto sagrado usa a pomba para simbolizar falta de coração e coragem, covardia e falta de generosidade.

Embora a serpente seja um réptil perverso e pareça ser bom para nada além do mal, ainda assim não é tão mau que a Sagrada Escritura não possa usá-lo também para simbolizar o bem para nós, pois o próprio Nosso Senhor disse: Sede sábios como as serpentes. [ *Mat . 10:16*]. Mas em outros lugares compara a iniquidade ao veneno de uma serpente [ *Sl . 139 (140):4; Rom . 3:13*], e o pecador à sua cauda. [ *Apoc .*

12:4; *Prov . 23:32*]. Em resumo, as Escrituras a usam para apontar tanto o bem quanto o mal.

Mesmo a rosa não é tão perfeita a ponto de não ter alguma imperfeição. Embora seja muito bonita de manhã, em plena floração, com uma fragrância deliciosa e agradável, à noite está tão desbotada e murcha que sua condição pode ser usada para simbolizar a voluptuosidade e as delícias de uma vida mundana. As voluptuosas dizem, lemos na Sagrada Escritura: "Desfrutemos das coisas boas, coroo-nos de botões de rosa". [ *Sab . 2:6, 8*]. Em outras partes das Escrituras, coisas com beleza e aparência externa, mas cuja vida é curta e fugaz, são comparadas à rosa que murcha e murcha ao entardecer. [ *Jó 14:2; Ps . 102 (103):15; é . 40:6-8*]. No entanto, Nosso Senhor, que é sabedoria infinita, comparou-se a ela. Falando de Si mesmo, Ele disse: Eu sou como um caule, ou o galho de uma roseira. [ *Eclus . 24:18(14)*].

Assim, todas as criaturas têm algo de perfeição e de imperfeição. É por isso que eles podem ser usados para fornecer exemplos de ambos. No entanto, eu nunca encontrei a Sagrada Escritura para usar a palmeira para representar algo além de perfeição, <sup>2</sup>ou algo excelente e honroso. Parece não encontrar nele nada de vil ou desprezível. Entre as flores, o lírio parece não ter nada de abjeto, por isso nunca li nas Escrituras que fosse usado para qualquer figura que não fosse a perfeição. Não é assim com o resto das criaturas. A palmeira e o lírio são aparentemente as únicas exceções, embora também tenham sua origem no mesmo nada do qual Deus criou tudo.

Entre todas as criaturas racionais, somente a Santíssima Virgem tinha todo tipo de bem, livre de todo vestígio de mal. Pois somente ela estava isenta de toda mancha e mancha de pecado e imperfeição: somente ela é toda pura e toda bela [ *Cant . 1:15; 4:1, 7*], sem murchar ou desbotar. <sup>3</sup>Digo que entre todas as criaturas puras ela é única, pois seu Filho Nosso Senhor não é simplesmente uma criatura, sendo Deus e homem. Sendo a Fonte de toda perfeição, não pode haver nada imperfeito Nele. Mas a Santa Virgem, que, como todas as criaturas, veio do nada, é a única em quem nunca houve imperfeição. Em todos os outros se encontra a perfeição e a imperfeição. Aquele que dissesse a

alguém que não tinha imperfeição seria tão mentiroso quanto aquele que dissesse que não tinha perfeição alguma. Todo homem tem alguma imperfeição, não importa quão santo ele possa ser - e alguma perfeição, não importa quão perverso. Criado à imagem de Deus <sup>4</sup>[ *Gên* . 1:26-27], dele vem todo o bem que ele tem; criado do nada, cada um retém alguma imperfeição.

Isso é universalmente verdadeiro não apenas entre as criaturas humanas, mas também entre os anjos, pois sua perfeição não está isenta de imperfeição. A iniquidade foi encontrada entre eles, e Deus os expulsou porque se rebelaram contra Ele. [ *Jó* 4:18, 15:15; *2 Pr* . 2:4; *Judas* 6]. A imperfeição foi encontrada entre eles não apenas antes de sua confirmação na graça, mas também desde então. Pois eles não foram feitos tão inteiramente perfeitos que não permaneça neles uma certa imperfeição negativa que, no entanto, não os torna desagradáveis a Deus. Confirmada na graça, esta imperfeição não pode mais fazê-los cair da bem-aventurança, nem fazê-los cometer nenhum pecado. Sua imperfeição está no fato de que, embora gozem da visão clara de Deus, nem sempre reconhecem clara e plenamente Sua vontade, de modo que, enquanto esperam ter um conhecimento mais claro, fazem tão perfeitamente quanto podem o que julgam sejam mais conformes ao bom prazer divino, embora às vezes haja opiniões diferentes entre eles.

Aconteceu assim com os anjos da guarda dos persas e dos judeus, que debateram juntos o que deveria ser feito para a realização da vontade de Deus. [ *Dan* . 10:13]. Nisto eles cometeram uma imperfeição - sem pecar, porém, porque eles não podiam pecar. Assemelham-se aos que vão contra a vontade de Deus sem conhecê-la ou reconhecê-la. Se eles soubessem que o que estão fazendo não é de acordo com a boa vontade de Deus, eles prefeririam morrer mil vezes a fazê-lo. Em Sua sabedoria divina, Deus quis deixar isso nos anjos para mostrar que não há criatura alguma que não tenha alguma imperfeição e que não tenha a marca de ter sido criada do nada.

Portanto, não há absolutamente nada de errado quando se relata as faltas e pecados dos santos ao falar de suas virtudes. Ao contrário, aqueles que escrevem sua história prestam um grande desserviço a

todos quando escondem suas faltas sob o pretexto de melhor honrá-los, ou não relatando o início muitas vezes pecaminoso de suas vidas por medo de que isso diminua ou enfraqueça a estima tem para sua santidade posterior. Ah não! Isso não está certo! Agindo assim, eles fazem uma injustiça a esses bem-aventurados e a toda a posteridade. Todos os grandes santos que escreveram a vida de outros santos sempre relataram suas falhas e imperfeições de forma aberta e simples. Eles pensavam, e com razão, que tal franqueza prestava tanto serviço a Deus e aos próprios santos, quanto o relato de suas virtudes. O glorioso São Jerônimo, ao escrever o epitáfio, os louvores e virtudes de sua querida Santa Paula, relatou claramente suas faltas também, após o relato de suas virtudes. Com grande franqueza, honestidade e simplicidade, ele condenou algumas de suas ações como imperfeitas. Ao relatar suas perfeições e imperfeições, ele o fez com total honestidade, sabendo que uma seria tão útil quanto a outra para seus leitores.<sup>5</sup>

É bom tomar nota das faltas na vida dos santos, não só para reconhecer a bondade que Deus estendeu ao perdoá-los, mas também para nos ensinar a abominá-los e evitá-los e a fazer penitência por eles, assim como eles fez. Devemos também tomar nota de suas virtudes para melhor imitá-las. De fato, os verdadeiros cristãos e os verdadeiros religiosos devem ser como abelhas que voam entre todas as várias flores para colher mel para se alimentar. O grande Santo Antônio fez isso quando, tendo deixado o mundo, ele percorreu os desertos e grutas dos anacoretas - não apenas, como uma abelha sagrada, para observar e colher o mel de suas virtudes para se alimentar, mas também para evitar e proteger contra qualquer mal ou imperfeição neles. Ao fazer isso, ele se tornou, no final, um grande santo.

Existem algumas almas que fazem exatamente o oposto. São como vespas, não abelhas. As vespas são pequenos insetos desagradáveis que voam entre as flores - não para extrair mel, mas veneno delas. Embora separem o mel, é apenas para convertê-lo em amargor. Certamente existem alguns cristãos que seguem as vespas. Eles também voam entre as flores, isto é, as obras e ações de seus

vizinhos, não para colher o mel de uma santa edificação da consideração de suas virtudes, mas para extrair veneno <sup>6</sup>observando suas faltas e imperfeições, tanto as dos santos cujas faltas foram relatadas em suas biografias, quanto as faltas daqueles com quem vivem. Acabam cometendo essas mesmas faltas.

Por exemplo: eles lêem em São Jerônimo <sup>7</sup>vida de Santa Paula dessa imperfeição: ela sofria tanto com a morte do marido e dos filhos que adoeceu e quase morreu. "Bem, agora", dizem eles, "Santa Paula, uma grande santa, tão excessivamente entristecida por ser separada de seus entes queridos - há, então, alguma razão para se espantar que eu, que não sou de forma alguma um santo, não posso resignar-me às muitas dificuldades da minha vida, ainda que sejam oferecidas pela Divina Providência para o meu bem?" Com tal mentalidade, recusamos a aceitar qualquer correção por uma falha ou imperfeição, objetando prontamente: "Ora, tal e tal santo também fez isso! Certamente, eu não sou melhor ou mais perfeito do que ele"; ou, "Se tal pessoa fez isso, eu não posso fazer isso também?" Belo raciocínio, este! Somos muito tristes mesmo! Como se não tivéssemos trabalho suficiente a fazer em nós mesmos para corrigir e desvendar nossas próprias imperfeições e maus hábitos sem tentar nos revestir também com aqueles que vemos nos outros!

Somos tão fracos que, em vez de evitar as falhas que vemos em nosso próximo, as usamos para aumentar as nossas ou para aprofundar as que já temos. Lendo o agudo desacordo entre São Paulo e São Barnabé [ *Atos* 15:37-40], desculpamos nosso próprio comportamento contencioso e briguento uns com os outros! "São Pedro foi brusco e precipitado. É de se admirar que eu também o seja? Esse temperamento muitas vezes o fez cometer faltas; não posso esperar que eu faça o mesmo?" Ó Deus, que lógica insana! Que tolice! Não está claro que tais pessoas estão inventando desculpas para nutrir suas próprias imperfeições e estagnar em seus maus hábitos?

Se as vespas não encontram veneno nas flores, elas colhem o mel, mas o convertem em veneno. Tal é a sua natureza. Existem pessoas assim, tão malignas que, não contentes em observar as faltas alheias

para se aprofundar em sua própria malícia, vão muito mais longe e se debruçam e interpretam as ações do próximo que realmente transformam o mel em veneno, tirando o mal de suas ações. Não só isso, mas eles incitam e provocam outros a fazerem o mesmo, como vespas cujo zumbido atrai outros para a flor onde ele encontrou veneno. Por exemplo, um jovem ingressa na religião, ou outro faz um bom trabalho. Você pode ter certeza de que haverá quem censure ambos e, por suas maquinações e fofocas, faça com que muitos outros também o façam. O que São Basílio diz sobre os cães certamente pode ser aplicado a essas pessoas: assim que um late e gane, todos os outros latem e ganem, haja motivo ou não, mas simplesmente porque são instigados e provocados.

Mas os santos Padres nos ensinam a continuar a perseverar no bem, apesar de todos os latidos de tais cães. Deixe o mundo gritar o quanto quiser; deixe a prudência humana censurar e condenar nossas ações tanto quanto desejar; podemos ter que ouvir e sofrer com tudo isso, mas não tenhamos medo nem desistamos; prossigamos nosso curso com firmeza e fidelidade. Que a sabedoria mundana continue constituindo o que ela considera excelência na glória mundana, se quiser. O verdadeiro cristão, ou, para usar o termo apropriado para você, o verdadeiro religioso, que tende à perfeição cristã, deve, contrariamente a todos os raciocínios da prudência humana, colocar toda a sua perfeição na loucura da cruz [ *1 Cor . 1:18, 23*], porque foi nesta loucura da Cruz que Nosso Senhor foi aperfeiçoado. Assim, todos os santos se esforçaram para se tornar sábios nesta loucura e, por isso, sofreram todo o desprezo, censuras e humilhações que lhes vieram dos sábios do mundo. A perfeição da cruz exige que suportemos trabalhos, perseguições e repreensões por causa da justiça. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça. [ *Mat . 5:10*].

Essa sabedoria é totalmente contrária à do mundo. Mesmo que Nosso Senhor clamasse repetidamente: Bem-aventurados os pobres de espírito, os pacificadores, os mansos, os que têm fome e sede de justiça [8](#)[ *Mat . 5:3-6*], o mundo não pode abraçar esta sabedoria. Ela clama: "Oh! Quão abençoados são os ricos, os opressores, aqueles que se

vingam de seus inimigos e aqueles a quem não ousa ofender". Veja como a perfeição da Cruz é loucura aos olhos do mundo precisamente porque abrange o que é abominável à natureza humana. Ele ama a correção e se submete a ela; não só tem prazer em ser corrigido, mas não tem prazer maior do que em ser repreendido e corrigido por faltas e falhas. Oh, bem-aventurados aqueles que falam apenas para dar correção fraterna em espírito de caridade e profunda humildade! Mas mais abençoados são aqueles que estão sempre prontos para recebê-lo com um coração manso, pacífico e tranquilo! Nisso, eles já fizeram grandes progressos. Sejam humildes e fiéis e tenham bom ânimo, porque, apesar de todos os artifícios da prudência humana, chegarão ao mais alto grau de perfeição cristã.

A propósito deste tópico, não posso deixar de contar uma história muito interessante. O grande São Carlos certa vez foi corrigido por um cavalheiro sincero por uma imperfeição que ele havia notado no santo. <sup>9</sup>—Este bom homem, no entanto, filtrou essa falha pelo olho da prudência humana. Aconteceu assim. Certa vez, este glorioso santo teve que fazer uma viagem a Milão, e optou por ir por água em vez de por terra para ter mais lazer para seus exercícios espirituais - rezar seu ofício, meditar por uma hora, fazer leitura espiritual e falar de assuntos. Havia mais tempo para tais atividades quando se viajava de barco do que a cavalo. Aliás, quem já esteve em Milão sabe que a paisagem é muito bonita e que há canais deliciosamente graciosos pelo caminho.

S. Carlos embarcou, então, com sua comitiva e, por acaso, o referido senhor fez a mesma viagem. Depois que terminaram suas orações costumeiras, São Carlos disse: "Agora venham, vamos ter um pouco de recreação." (A recreação sempre foi muito elogiada e recomendada como boa pelos santos. Está amplamente previsto em todas as comunidades religiosas para relaxar o espírito que, se sempre tenso, leva a um tipo de problema ou outro.) <sup>10</sup>—Eles perguntaram: "O que devemos fazer?" Eles certamente não queriam fazer algo impróprio ou impróprio para recreação. St. Charles disse: "Vamos jogar um jogo." (Não se tratava de cartas ou similares, pois este grande prelado era muito piedoso.) <sup>11</sup>—"Vamos jogar o jogo de contar nossos

defeitos uns aos outros com clareza, simplicidade, franqueza — sem bajulação. Cada um contará essas coisas ao mais próximo, um após o outro."

Este foi realmente um bom jogo. Nem todo mundo sabe disso e nem todos gostam de jogar! Certamente o Espírito Santo reina neste tipo de recreação. Pois é de fato a recreação dos santos alertar uns aos outros sobre as falhas - mas humildemente, caridosamente e com grande verdade e simplicidade. O jogo começa. Um deles diz: "Percebemos que você costuma usar duplicidade; suas palavras não são simples; você não realiza suas ações com sinceridade". Outro diz: "Nós notamos que você é vaidoso e orgulhoso; você tem prazer em ostentar um bigode grande; você freqüentemente olha para ver se sua barba ainda está bem penteada; em suma, notamos que você é realmente muito vaidoso". Durante este jogo você teria visto este corar e aquele empalidecer, dependendo de como eles reagiram emocionalmente a essas correções.

Finalmente chegou a vez do cavaleiro de quem falamos. Ele estava ao lado de São Carlos e teve que dizer ao nosso santo suas faltas. Ele estava com o boné na mão, e St. Charles implorou-lhe que dissesse com muita simplicidade o que havia notado nele. "Não me poupe, eu lhe imploro; diga-me minhas falhas. Estou ansioso para ouvi-lo." Agora, o cavaleiro tinha algo em mente há muito tempo e estava feliz com esta oportunidade de contar a São Carlos. "Meu senhor, por muito tempo observamos em você uma grande indiscrição. Isso foi percebido por mim e por muitos outros que o estimam muito, mas o consideram muito imprudente." Erguendo o chapéu para ele, St. Charles disse: "Senhor, eu lhe agradeço. Tenho certeza de que é esse o caso, mas por favor seja específico. Esta acusação é muito geral; estou esperando ouvir algumas falhas particulares. Fale; faça não me poupe."

"Meu senhor", respondeu o cavaleiro, "sua grande indiscrição é que você dorme de dia em vez de à noite. Quando você vem à igreja para a missa ou para ouvir um sermão, você adormece. pergunte: "Vê o nosso Arcebispo dormindo? Não seria melhor que ele dormisse durante a noite em vez de vir aqui fazer isso?" O pregador também está

descontente e distraído. Você deve corrigir essa falha dormindo à noite para poder ficar acordado durante o dia." Agora, embora esta admoestação tenha sido motivada pela prudência humana, São Carlos sorriu e agradeceu ao homem com grande afeto, mostrando que a recebeu com um coração humilde e gentil. Então ele disse: "É bem verdade que geralmente eu cometo essa indiscrição; mas eu lhe asseguro, e é verdade, que meu corpo está tão pesado e lento que, mesmo que eu durma nove horas por noite, ainda estou com sono no dia seguinte. ." Foi assim que eles passaram aquela recreação. Mas por que te contei essa história? Eu realmente não sei. Mas quando algo é útil para a vida, não considero meu propósito ao dizê-lo.

Não me lembro bem do que vos disse no passado sobre este tema da entrada de Nosso Senhor em Jerusalém. [ *Mat* . 21:1-9]. Mas pensei em falar hoje sobre as razões de Nosso Senhor ter escolhido um jumento e um jumentinho para esta entrada real. Há muitos, mas seis principais. Falarei de apenas três hoje, pois não devo falar mais de uma hora. A primeira é a humildade do animal; a segunda, sua paciência; o terceiro, sua disposição de ser sobrecarregado.

No entanto, antes de prosseguir nestas linhas, devo dizer uma palavra sobre o significado literal do texto. Farei isso brevemente. Os antigos Padres não estão de acordo se Nosso Senhor montou no jumento ou no jumentinho, e há uma grande diversidade de opiniões entre os Doutores sobre este assunto, mas não é um ponto a ser discutido neste lugar. A maioria dos antigos Padres sustenta que Nosso Senhor montou tanto no jumento como no jumentinho em que ninguém jamais montou. [ *Mc* . 11:2]. Outros discordam, e cada um tenta dar razões para provar seu próprio caso. Quanto a mim, concordo com aqueles que pensam que nosso Mestre montou tanto o jumento quanto o jumentinho – não os dois ao mesmo tempo, mas primeiro um e depois o outro. <sup>12</sup>Alguns dizem que o jumento representa o povo judeu, e o jumentinho, os gentios. Isso certamente não é sem fundamento, pois, como eles observam, o jumento já havia carregado fardos e o jumentinho não carregava nada, assim como Deus já havia "sobrecarregado" o povo judeu com Sua Lei, enquanto os gentios ainda

não a receberam. Visto que Nosso Senhor estava vindo para impor Seu jugo sobre os gentios, Ele montou o jumentinho. [ *Mc* . 11:7]. Acho isso muito tocante. Mas voltemos às razões pelas quais nosso Salvador escolheu esses animais para montar.

A primeira é por causa de sua humildade. O burro, embora pesado, preguiçoso e preguiçoso, tem grande humildade. Não é orgulhoso nem vaidoso; nisto é diferente do cavalo altivo. Não é um homem vaidoso e orgulhoso comparado a um cavalo [ *Sl* . 31 (32):9], que é ardente e arrogante? Não apenas chuta, mas também morde, e às vezes fica tão furioso que ninguém ousa se aproximar. Quando o cavaleiro o monta, ele levanta as orelhas, como se quisesse ouvir o que se diz dele. Levanta a cabeça, balança a crina e a cauda, e até excita a vaidade do homem que a monta! Assim que ouve os cascos de seu cavalo na calçada, ele se endireita com orgulho, levanta a cabeça e olha em volta para ver se há alguma senhora nas janelas admirando-o! De fato, o que é mais vaidoso – o cavalo ou seu cavaleiro? <sup>13</sup> Oh, quão tolo e infantil tudo isso é!

Agora Nosso Senhor, que foi humilde e veio destruir o orgulho, escolheu não usar este animal orgulhoso para carregá-lo. Ele escolheu o mais simples e o mais humilde de todos os animais porque Ele amava tanto a humildade e a humildade que somente um humilde monte poderia servi-Lo. Deus habita e permanece somente nos simples e humildes de coração. [ *É* . 57:15]. Querendo mostrar sua estima por esta virtude, Ele escolheu a humildade e a abjeção para o dia do Seu triunfo. Ele se esvaziou e se humilhou. Ele não teria sido humilhado e desprezado por outros se não quisesse. Ele mesmo se esvaziou, escolhendo a abjeção. Aquele que era igual ao Pai em todas as coisas, sem deixar de ser o que era, escolheu ser o opróbrio e o pária do povo. [ *P* \_ 21 (22):7; *é* . 53:3]. Embora humilhado dessa maneira, Ele, no entanto, pôde afirmar Sua igualdade com o Pai e o Espírito Santo, pois Ele era, com eles, uma Substância, um Poder e uma Sabedoria. Tampouco nosso bendito Salvador fez um desserviço à verdade quando na profundidade de Seu desprezo e humilhações Ele disse: "O Pai e eu somos iguais em poder; o Espírito e eu somos iguais em bondade. Somos apenas um Poder, um Sabedoria e uma Bondade." Pois em todos

os sentidos Eles eram iguais. Enquanto nesta glória, Ele se humilhou, entrando em Jerusalém não em um cavalo ou outro veículo, mas em um jumento e um jumentinho, que estavam cobertos apenas com os pobres mantos de Seus Apóstolos.

É deste grande triunfo da humildade que Isaías [ *É* . 53:3; 62:11] e Zacarias [ *Zach* . 9:9] cante, junto com aquele poeta divino, o profeta real Davi <sup>14</sup>[ *Ps* . 45:6, Heb. & Sept.]: Ele se esvaziou e se rebaixou; Ele se humilhou; Ele veio montado em um jumento e um jumentinho. Ele curvou Seu arco e lançou Suas flechas de amor no coração do povo de Israel. Todos se emocionaram com a Sua vinda e cantaram: Hosana, bendito seja o Filho de Davi, bendito é Aquele que vem em nome do Senhor; glória seja dada ao Altíssimo. [ *P* \_ 117 (118): 26; *Matt* . 21:9]. Sua gentileza e humildade cativaram todos os seus corações. Se Ele tivesse vindo em qualquer outro meio de transporte, Ele os teria assustado. Esta é a primeira qualidade que tornou o jumento apropriado para o uso de Nosso Senhor nesta ocasião: sua humildade.

A segunda qualidade é a paciência. O asno não é apenas humilde, é extremamente paciente, deixando-se espancar e maltratar sem nunca esquecer sua origem. [ *É* . 1:3]. Não reclama, nem morde, nem chuta. Suporta tudo com muita paciência. Nosso Senhor amou tanto a paciência que desejou tornar-se seu espelho e padrão. Ele suportou açoites e maus tratos com paciência invencível; Ele apoiou tantas blasfêmias, tantas calúnias, sem dizer uma palavra.

Ora, a humildade e a paciência têm tanta afinidade uma com a outra que dificilmente uma pode existir sem a outra. Aquele que deseja ser humilde deve ser paciente o suficiente para suportar o desprezo, a censura, as repreensões que os humildes sofrem. Da mesma forma, quem deseja ser paciente deve ser humilde, porque não se pode suportar por muito tempo os trabalhos e as adversidades desta vida sem a humildade que nos torna mansos e pacientes. Encontrando essas duas qualidades neste animal, Nosso Senhor escolheu-o em vez de qualquer outro para Sua entrada em Jerusalém.

A terceira razão é que este animal é obediente, permitindo-nos carregá-lo o quanto quisermos sem oferecer qualquer resistência. Ele

carrega a carga com notável submissão e flexibilidade. O nosso Divino Mestre amou tanto a obediência e a flexibilidade que Ele mesmo escolheu para nos dar um exemplo disso. Assim, Ele carregou o pesado fardo de nossas iniquidades e sofreu por eles tudo o que merecemos. [ *É* . 53:4ss.]. Oh, quão bem-aventurados são aqueles que são flexíveis e submissos, que se deixam comandar como os outros desejam, sujeitando-se a todo tipo de obediência sem resposta ou desculpa, suportando com bom coração o fardo que lhes é imposto! Somente quando revestidos dessas qualidades de humildade, paciência e submissão podemos ser dignos de carregar Nosso Senhor. Então o Salvador subirá em nossos corações e, como um mestre de equitação divino, nos conduzirá sob Sua obediência.

Tendo escolhido a jumenta para levá-lo a Jerusalém, Nosso Senhor enviou dois de seus discípulos a uma pequena aldeia próxima, dizendo: Ide à aldeia, soltai a jumenta e o jumentinho e trazei-os a mim; se alguém lhe disser uma palavra, diga: "O Senhor precisa deles". Ouvindo isso, eles saíram imediatamente e foram para onde seu bom Mestre os havia enviado. Soltaram a jumenta e o jumentinho e os levaram a Ele. Se você me perguntar quem eram esses dois discípulos, não posso dizer porque o evangelista não nos diz. Como ele não os nomeia, eu também não. Existem opiniões diferentes sobre este assunto; alguns pensam que eram St. James e St. Philip; outros, São João e São Pedro; cada um tem sua própria opinião, mas ninguém sabe realmente quem eles eram.

Quem quer que fossem, eu os amo e admiro muito porque foram extremamente simples e perfeitamente obedientes em não responder. Eles poderiam ter respondido: "De fato, você nos ordena que tragamos esses dois animais, mas como saberemos quais dois você quer? Existem apenas esses dois? Poderemos levá-los?" e muitas outras objeções semelhantes que a prudência humana poderia ter sugerido. Certamente, há quem faça tantas reflexões, veja tantos aspectos, encontre tantas interpretações, que dê mil respostas a todas as obediências que lhes são dadas. Não encontramos submissão neles. Eles vivem em perpétua perturbação. Ao contrário, esses Apóstolos foram sem fazer nenhuma reflexão, porque eram obedientes e amavam

a obediência. É uma indicação segura de que não se ama o comando quando se reflete incessantemente sobre ele.

Já falei sobre tudo isso em outras ocasiões. <sup>15</sup>Lembro-me de ter dado o exemplo de Eva, que levantou tantas dificuldades quanto à proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento. Para a serpente ela disse: "Oh, Deus nos proibiu de olhar ou tocar este fruto" [ *Gn* . 2:17; 3:1-3], implicando que era uma ordem irracional, dura e difícil de observar. Certamente, a quem não ama a obediência nunca faltam motivos para evitar seu cumprimento ou para lamentar sua dificuldade. Se uma pessoa assim é aconselhada a receber a Comunhão com frequência, "Oh", ela pensará, "o que as pessoas dirão se me virem me comunicar com tanta frequência, ou me confessar com tanta frequência, ou fazer meditação todos os dias? eles dizem?" Simplesmente vá e faça o que o Senhor ordena!

O Salvador sabia, é claro, que os apóstolos encontrariam pessoas que questionariam o fato de terem levado esses animais e o que fariam com eles. Então aconteceu que não só o dono os questionou, mas os vizinhos também se intrometeram. Antecipando-se a isso, Nosso Senhor lhes disse: Se alguém tentar impedir que vocês os tragam a Mim, digam que o Senhor precisa deles, e ele os deixará ir. Com estas palavras do seu bom Mestre, os Apóstolos partiram. Aos que tentaram impedir que levassem esses animais, responderam: O Senhor precisa deles; e o povo os deixou ir. [ *ML* 11:3-6]. Na verdade, eu amo as pessoas daquela aldeia porque eram muito corteses; assim que ouviram que o Senhor precisava de seus animais, eles voluntariamente os deixaram ir.

Certamente, esta resposta, "O Senhor precisa deles", é uma que devemos dar a qualquer um que tente nos impedir de fazer a vontade de Deus. "Por que você jejua, vai à confissão e à comunhão com tanta frequência?" pergunte aos sábios do mundo. Responda-lhes: "Porque o Senhor precisa." "Por que você está entrando na religião? Por que você se fecha e fecha os olhos como um falcão?" "O Senhor precisa disso." "Por que se tornar tão pobre quanto um mendigo?" "O Senhor precisa disso." Em uma palavra, devemos usar esta resposta para colocar em

seu lugar todos aqueles que desejam nos impedir de fazer a vontade de Deus. [16](#)

Os Apóstolos conduziram a jumenta e o jumentinho a Nosso Senhor. Devemos notar que Ele deliberadamente lhes disse para soltá-los e levá-los a Ele. Se queremos ir ao encontro do nosso Salvador, também devemos deixar-nos libertar das nossas paixões, dos nossos hábitos, afeições e das amarras do pecado que nos impedem de O servir. Este jumento e jumentinho tinham apenas as capas dos Apóstolos sobre eles; então Nosso Senhor os montou; e nesta abjeção e humildade Ele fez Sua entrada triunfal em Jerusalém. Nisto Ele confundiu o mundo, que derruba todas as máximas do Evangelho, não saboreando nem humildade nem abjeção. Não cessa de dizer: "Infelizes os pobres e sofredores. Mas como é feliz aquele rico!" "Por que você o acha feliz?" "Porque seu celeiro está cheio de grãos e sua adega está cheia de vinho. Esta menina também está feliz porque ela também é rica, bem vestida e coberta de jóias." Outros são considerados felizes porque seus cabelos são bem cacheados ou delicadamente trançados, ou usam um vestido extravagante. Como tudo isso é infantil! No entanto, esses são os tipos de pessoas que o mundo considera felizes e afortunados. [17](#)

Nosso Senhor vira todas essas idéias de cabeça para baixo hoje por Sua entrada em Jerusalém. Ele de forma alguma age como príncipes do mundo, que, ao entrar em uma cidade, o fazem com muita pompa, ostentação e despesa. Ele não escolhe outra montaria senão um jumento coberto com as capas inúteis e pobres de seus apóstolos. Oh! quão bem-aventurados são aqueles que nosso Divino Mestre escolhe para carregá-Lo, que estão cobertos com os mantos dos Apóstolos, isto é, revestidos de virtudes apostólicas, que os tornam dignos de carregar nosso querido Salvador e de serem conduzidos por Ele. Bem-aventurados aqueles que se comportam aqui com humildade e humildade. Eles serão exaltados no céu. [18](#) [ *Mat . 18:4; 23:12; Lk . 14:11; 18:14*]. Sua paciência lhes trará paz e tranqüilidade perpétuas; por sua obediência, eles receberão uma coroa de glória [ *Tob . 3:21; Tiago 1:12*]; finalmente, eles serão cobertos com o cêntuplo de bênçãos nesta vida e

abençoarão o Pai, Filho e Espírito Santo eternamente na próxima. Que Deus nos dê esta graça. Um homem.

## NOTAS

- [1.](#) São Francisco de Sales está usando licença poética ao falar aqui do nada como algo como um co-princípio do ser criado. Como filósofo, ele concordaria com a máxima clássica de que do nada, nada vem.
- [2.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, XIX, p. 364, 378.
- [3.](#) Cf. *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora*, "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, pp. 177-178.
- [4.](#) Cf. pág. 160 deste sermão.
- [5.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota*, Parte III, cap. 1, 2; *Conferências Espirituais*, XIV, pp. 261-262.
- [6.](#) Cf. *Introdução*, Parte III, cap. 28.
- [7.](#) Cf. pág. 164 deste sermão.
- [8.](#) Cf. Sermão para o Domingo da Paixão, p. 155 deste volume.
- [9.](#) O editor da edição de Annecy desses sermões observa neste ponto que nenhuma biografia de São Carlos reconta essa história e sugere que São Francisco a conheceu em uma de suas muitas viagens a Milão.
- [10.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, IV, p. 70; IX, pág. 148.
- [11.](#) É bom lembrar aqui que São Francisco está dando esta série quaresmal às freiras contemplativas da Visitação. Ele sempre tem a congregação em mente ao pregar e dar exemplos ou fazer apartes.
- [12.](#) Como todos os Doutores da Igreja, São Francisco encontra significado e valor espiritual no menor detalhe e nuance das Escrituras. Deste modo, a Bíblia torna-se para ele uma fonte inesgotável de sabedoria genuína e de formação espiritual.
- [13.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Visitação", 2 de julho de 1621, pp. 161-162; *Conferências Espirituais*, XVII, p. 326.
- [14.](#) *Tratado do Amor de Deus*, Livro IX, cap. 6.
- [15.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, pp. 179-183.
- [16.](#) Cf. *Tratado*, Livro VIII, cap. 6.
- [17.](#) Cf. pág. 167 deste sermão.

[18.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Imaculada Conceição", 8 de dezembro de 1622, p. 193.

## **A PAIXÃO DE NOSSO SENHOR E O QUE SIGNIFICA**

*Sermão para Sexta-feira Santa, 25 de março de 1622, sobre a serpente de bronze que salvou os israelitas, a impecabilidade de Cristo, a maneira pela qual Ele nos redimiu, as duas naturezas de Cristo e nossas três "naturezas", Nosso Senhor como Salvador, como nossa salvação vem de olhar para nosso Salvador, as sete últimas palavras de Nosso Senhor, Sua oração por perdão para aqueles que O crucificam, Seu perdão do bom ladrão e de São Pedro, e a condenação do mau ladrão e Judas; o perigo da condenação e como devemos temer e esperar, a confiança de Nosso Senhor a Nossa Senhora e a S. abandono por Seu Pai, Sua sede, Sua obediência em permanecer na Cruz e como devemos imitá-Lo, a Cruz como o único caminho de salvação, e a entrega perfeita de Nosso Senhor de Si mesmo nas mãos de Seu Pai e como devemos fazer o mesmo, tornando sem reservas .*

*"Jesus Nazareno, Rex Judaeorum - Jesus, o Nazareno, o Rei dos Judeus. " 19:19*

Como há poucas horas para falar da Paixão pela qual todos fomos redimidos, tomarei como assunto apenas as palavras do título que Pilatos inscreveu na Cruz: Jesus o Nazareno, o Rei dos Judeus. Neste título estão implícitas todas as causas desta divina Paixão. Eles podem

ser reduzidos a dois, e estes dois são significados pelas palavras: Jesus o Nazareno, o Rei dos Judeus. O latim para esta frase tem quatro palavras. No entanto, eles não indicam quatro causas; Sua morte tem apenas duas causas, como veremos.

"Jesus" significa "Salvador!" [ *Mat* . 1:21]. Agora, Ele morreu porque Ele era Salvador: para nos salvar era necessário que Ele morresse. Ele era um Nazareno. Esta palavra significa "florescente", isto é, santo e inocente, sem mancha ou mancha de pecado, mas florescendo com todos os tipos de virtudes e perfeições.

"Rei dos judeus" significa que Ele é tanto Salvador quanto Rei. "Judeus" significa confessar: Ele é Rei, então, mas somente dos judeus, isto é, somente daqueles que O confessam [cf. *Rom* . 10:9-10]; e para redimir aqueles que O confessam, Ele morreu. Sim, Ele realmente morreu, e morte de cruz. [ *Fil* . 2:8].

Aqui, então, estão as causas da morte de Jesus Cristo: a primeira é que Ele era Salvador, santo e Rei; a segunda, que Ele queria redimir aqueles que O reconhecem, que é o que a palavra "judeus" significa que Pilatos escreveu no estandarte da Cruz.

O Antigo Testamento nos ensinou essa verdade por meio de muitas figuras e imagens, particularmente a da serpente de bronze que Moisés erigiu no poste para proteger os israelitas das mordidas de serpentes. Você conhece toda a história, tenho certeza, e como aconteceu. [ *Número* . 21:6-9]. Quando Deus retirou Seu povo da escravidão no Egito para conduzi-los à Terra Prometida sob o comando daquele grande capitão, Moisés, ocorreu um estranho infortúnio. Pequenas serpentes saíram da terra e invadiram o deserto onde estavam os pobres israelitas. Sua mordida, embora aparentemente não muito dolorosa, certamente era muito perigosa. Era tão venenosa que todos os mordidos certamente teriam morrido se, em Sua bondade e infinita Providência, Deus não tivesse providenciado um remédio.

Movido pela visão desse lamentável infortúnio, Moisés falou com Deus e pediu algum remédio contra isso. O Senhor ordenou-lhe que fizesse uma serpente de bronze e a colocasse em um poste alto, prometendo que aqueles mordidos pelas pequenas serpentes seriam

curados ao contemplá-la. Moisés prontamente fez isso, ordenando aos mordidos que olhassem para a serpente de bronze montada no poste. Aqueles que o fizeram foram imediatamente curados. Aqueles que não quiseram contemplá-lo morreram, pois não havia outro meio de escapar da morte além daquele que foi ordenado pelo próprio Deus. "Oh! quão bom era o Deus de Israel" [ *Sl . 72 (73) :1*], disse um grande santo, "para fornecer a Moisés tal remédio para a cura de seu povo!"

Peço-lhe para notar quão bem este incidente simboliza a causa ou motivação da morte de Nosso Senhor. Esses filhos de Israel, retirados da escravidão do Egito, representam toda a raça humana, a quem Deus preservou do pecado e colocou na terra prometida do paraíso terrestre, onde Ele nos estabeleceu na justiça original. Mas no paraíso aconteceu uma coisa terrível: pequenas serpentes surgiram e nos feriram nas pessoas de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Os companheiros e cúmplices daquele que havia picado nossos primeiros pais invadiram tanto o deserto, que é este mundo, que todos nós certamente teríamos sido mordidos. Digo tudo, porque nenhuma criatura pode pensar-se isenta de tal mordida, isto é, do pecado original e atual: pecado original na pessoa de nossos primeiros pais, e pecado atual em nossa própria pessoa. Se alguém disser que foi preservado disso, certamente é um mentiroso. De fato, como escreve o grande Apóstolo, se alguém pensa que não tem pecado, não acredite nele, porque nele reina a iniquidade. [ *Rom . 3:23; 5:12, 18; 1 Jo . 1:8-10*].

Eu sei, é claro, que a sagrada Virgem, Nossa Senhora, nunca foi mordida por esta serpente infernal, pois é bastante claro e manifesto que ela não tinha pecado, original ou atual. <sup>1</sup>—Ela foi privilegiada e preferida acima de todas as outras criaturas, com um privilégio tão grande e único que ninguém jamais recebeu graça comparável a esta santa Senhora e gloriosa Senhora. Ninguém jamais ousou, e ninguém jamais ousará reivindicar ou aspirar a um privilégio tão único e especial. Esta graça era devida somente a ela que estava destinada desde toda a eternidade a ser a Mãe de Deus.

Esta exceção não diminui de forma alguma nossa afirmação de que todos foram mordidos pela serpente. Agora esta mordida foi tão

venenosa que todos nós teríamos morrido uma morte eterna se Deus em Sua infinita bondade não tivesse providenciado contra um infortúnio tão grande. Ele fez isso admiravelmente, movido a fazê-lo por nenhum outro motivo além de Sua pura e imensa misericórdia. Por isso Ele ordenou que Seu Filho morresse e Ele mesmo fosse aquela serpente colocada no poste da Cruz para ser contemplada por todos os que são mordidos e manchados pelo pecado. [ *Jo* . 3:14-16]. Escrevendo aos Gálatas (e nunca li estas palavras sem tremer e ser tomado de terror), o grande Apóstolo disse que o Filho de Deus, que não conheceu pecado nem iniquidade, morreu para nossa redenção. [ *Gal* . 3:13; cf. *2Cor* . 5:21; *1 Pr* . 3:18].

Certamente é verdade que Ele não tinha pecado; além disso, Ele não podia pecar, pois era igual ao Pai em tudo. A sua era a mesma natureza, substância e poder. Portanto, era totalmente impossível para Ele pecar. Embora Ele seja todo-poderoso e, conseqüentemente, possa fazer tudo o que lhe agrada, ainda assim Ele não pode pecar; Ele, no entanto, ainda é todo-poderoso, pois ser capaz de pecar não é poder, mas impotência. Ele morreu por nossos pecados sem ter cometido nenhuma iniquidade. Ele era, como diz o aviso na Cruz, um Nazareno, um florescente em toda a santidade. Nem era uma serpente, real ou figurativamente, exceto para nos curar das picadas da verdadeira serpente. Por causa de Seu grande amor por nós, Ele se sobrecarregou com nossos pecados, com nossas misérias e fraquezas [ *Is* . 53:4ss]; <sup>2</sup> Ele se vestiu com nossa plumagem e concha. Em suma, Ele se tornou esta serpente colocada no madeiro da Cruz para preservar da morte e dar vida a todos que o contemplassem. Do Céu Ele nos trouxe a Redenção, e não só isso, Ele mesmo foi a nossa Redenção. [ *1Cor* . 1:30]. "Oh! quão bom é o Deus de Israel" <sup>3</sup>[ *Ps* . 72 (73):1] ter proporcionado à humanidade tão preciosa Redenção! [ *P* \_ 129 (130):7-8]. Sem ela, certamente todos estaríamos perdidos. Sem este remédio dado por Deus, todos, sem exceção alguma, teriam morrido, pois todos pecaram.

Mas Deus não poderia ter fornecido ao mundo um remédio diferente da morte de Seu Filho? Certamente, Ele poderia ter feito isso, e por mil outros meios. Ele não poderia ter perdoado a natureza

humana com poder absoluto e pura misericórdia, não invocando a justiça ou a intervenção de qualquer criatura? Sem dúvida, Ele poderia, e quem ousaria questioná-lo ou criticá-lo? Ninguém, pois Ele é o Soberano Mestre e pode fazer tudo o que quiser. Além disso, se Ele quisesse que alguma criatura empreendesse nossa redenção, não poderia Ele ter criado uma de tal excelência e dignidade que, por suas ações ou sofrimentos, pudesse satisfazer por todos os nossos pecados? Certamente, e Ele poderia ter nos redimido de mil outras maneiras além da morte de Seu Filho. Mas Ele não quis fazê-lo, pois o que pode ter sido suficiente para nossa salvação não foi suficiente para Seu amor; e para nos mostrar o quanto nos amou, este divino Filho morreu a mais cruel e ignominiosa das mortes, a da Cruz.

A implicação em tudo isso é clara: já que Ele morreu de amor por nós, nós também devemos morrer de amor por Ele; ou, se não podemos morrer de amor, pelo menos devemos viver somente para Ele. <sup>4</sup>[2 *Coríntios* , 5:14-15]. Se não O amarmos e vivermos para Ele, seremos as criaturas mais desleais, infiéis e miseráveis que se possa imaginar. Tal deslealdade é o que o grande Santo Agostinho reclamou. "Ó Senhor", disse ele, "é possível ao homem saber que Tu morreste por ele e que ele não viva para Ti?" E aquele grande amante, São Francisco, soluçou: 'Ah! Você morreu de amor e ninguém te ama!" <sup>5</sup>

Ele morreu, então. Mas embora Ele tenha morrido por nós e tenha sido levantado na Cruz, aqueles que se recusam a olhar para Ele certamente morrerão, pois não há outra redenção senão nesta Cruz. Ó Deus, quão espiritualmente benéfica e proveitosa é uma consideração de Sua Cruz e Paixão! Podemos contemplar a humildade de nosso Salvador na cruz sem nos tornarmos humildes e sem ter alguma afeição pelas humilhações? Podemos ver Sua obediência sem ser obedientes? Certamente não! Ninguém jamais olhou para Nosso Senhor crucificado e permaneceu morto ou doente. Por outro lado, todos os que morreram o fizeram porque não quiseram olhar para Ele, assim como morreram os israelitas que não quiseram olhar para a serpente que Moisés ergueu no poste.

A queda de nosso primeiro pai e mãe no paraíso terrestre foi outra figura dessa verdade. Deus lhes dera muitos frutos para preservar sua vida; mas havia um, o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que eles foram proibidos de comer sob pena de morte. Eles poderiam, portanto, morrer ou não morrer. Eles morreriam se quebrassem o mandamento de Deus, e não morreriam se o guardassem. Mas uma coisa terrível aconteceu. A serpente infernal sabia que eles tinham esse poder de morrer ou de não morrer, e decidiu tentá-los e fazê-los perder a Justiça Original de que Deus os dotou e enriqueceu, persuadindo-os a comer o fruto proibido. Para conseguir isso mais facilmente, ele tomou a balança e a forma de uma serpente e tentou Eva. Certamente, mesmo que seu coração tenha ficado lisonjeado com as palavras desse espírito infernal e mesmo que, como resultado, ela tenha olhado ou tocado o fruto da árvore do conhecimento - e, de fato, mesmo que ela o tenha colhido e oferecido a Adão, seu marido, eles não teriam morrido. Pois Deus havia dito apenas: se você comer dela, você morrerá. Assim, foi somente comendo o fruto proibido que Adão e Eva morreriam [ *Gn . 2:16-17; 3:1-6*] e perder a vida que eles poderiam, no entanto, ter preservado se nenhum deles tivesse realmente consumido aquele fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Nosso Senhor tinha duas naturezas, humana e divina. Como Deus, Ele não poderia morrer. Além disso, Ele não poderia sofrer nem morrer, pois Deus é impassível e imortal. E assim como Ele nunca poderia pecar, Ele também nunca poderia morrer, pois, como pecar, morrer é uma falta de poder. Mesmo como homem Ele poderia morrer ou não morrer; pois embora seja uma lei geral que todos os homens morram [ *Heb . 9:27*], no entanto, Ele poderia ter sido isento dessa lei porque não havia pecado nele. Lembre-se, foi o pecado que deu entrada à morte. [ *Rom . 5:12*]. Mas Nosso Senhor nunca quis valer-se deste privilégio, e assim tomou um corpo passível e mortal. Ele se encarnou para ser Salvador. Ele escolheu nos salvar sofrendo e morrendo, e assumir sobre Si, em Sua sagrada humanidade, e na mais estrita justiça, o que merecemos por causa de nossas iniquidades. Ele era tão um em sua natureza divina e humana que, embora sofresse apenas em sua humanidade e não em

sua divindade, o que é impassível, no entanto, quando se vê a maneira como sofreu, não se pode dizer, por assim dizer, se foi Deus ou o homem que sofreu, tão admiráveis são as virtudes que Ele praticou.

Mesmo que ele não tenha sofrido nada como Deus, sua divindade unida à sua humanidade deu tal preço, valor e mérito a esses sofrimentos que a menor lágrima, o menor movimento de seu Sagrado Coração, o menor suspiro de amor era mais meritório, mais precioso e mais agradando a Deus do que teriam sido todos os tormentos imagináveis do corpo e do espírito - mais agradáveis do que os tormentos do Inferno - suportados por criaturas dotadas da maior perfeição. Direi ainda mais: todas as dores em cem mil milhões de Infernos sofridos com a maior perfeição possível a uma criatura humana não seriam nada comparado ao menor suspiro de Nosso Senhor, à menor gota de sangue que Ele derramou por amor de nós. Pois é Sua Pessoa divina, infinitamente excelente e infinitamente digna, que dá preço e valor a tais ações e sofrimentos. No entanto, Sua divindade está tão unida à Sua humanidade que podemos verdadeiramente dizer que Deus sofreu a morte, <sup>6</sup>morte na cruz [ *Phil . 2:8*], para nos redimir e nos dar vida.

Agora temos, por assim dizer, três naturezas ou três tipos de vida, uma das quais é negativa. A negativa que recebemos na pessoa de nosso primeiro pai, Adão. Nesse, poderíamos ter morrido ou não morrido. Enquanto estivéssemos no paraíso terrestre onde estava a árvore da vida, poderíamos, comendo seu fruto, ter evitado nossa morte, contanto que nos mantivéssemos longe do fruto proibido, como Deus havia ordenado. Se guardarmos esse mandamento, não teríamos morrido, embora também não tivéssemos permanecido sempre nesta vida. Teríamos passado para outro, um melhor. Em nossa língua francesa, "morte" significa "passagem" de uma vida para outra. <sup>7</sup>Morrer é, portanto, passar além dos limites desta vida mortal para o imortal. É verdade que, se não tivéssemos pecado, nunca teríamos morrido esta morte corporal como agora, mas teríamos passado para a outra vida. E quando quis a Divina Majestade nos retirar, Ele o teria feito, ou em uma carruagem de fogo como Elias [ *4 Kgs . (2 Rs .) 2:11*] ou

de alguma outra forma agradável a Ele. É óbvio que também fomos capazes de morrer, como agora morremos, comendo o fruto proibido, como fez nossa primeira mãe, Eva.

Desde o pecado de Adão, possuímos e vivemos a segunda natureza. Com esta natureza morremos e nunca podemos deixar de morrer, pois agora é uma lei geral que todos devem morrer. Desde que Deus pronunciou a sentença de morte contra o homem, nunca houve e nunca haverá alguém que não morra. Nenhuma criatura humana pode ser isenta da morte. Todos nós fomos manchados pelo pecado original e real; [8](#) todos nós morreremos. [ *Rom . 5:12*]. Uma vez que nosso Senhor sem pecado levou nossos pecados, Ele também morreu, como todos nós pecadores certamente morreremos.

Nós possuiremos nossa terceira natureza somente no Céu, se Deus misericordiosamente nos capacitar a chegar lá. No Céu viveremos e não poderemos morrer, pois desfrutaremos a glória eterna, a vida que foi comprada para nós pela morte de nosso Salvador. Vamos possuí-lo com segurança, sem medo de perdê-lo. Nosso Senhor veio como Salvador para nos salvar da morte. Pois Sua morte adquiriu para nós aquela vida na qual jamais morreremos, a vida de glória.

Assim, foi por inspiração divina que Pilatos inscreveu na Cruz: "Jesus, o Nazareno, o Rei dos Judeus". Era Sua vocação ser Salvador. Por isso o Pai Eterno deu muitas indicações de sua missão salvífica aos homens, não só dos patriarcas e profetas, mas também de si mesmo. De fato, por mais estranho que pareça, Ele até usou a boca dos ímpios e dos mais criminosos, como veremos a seguir, para esclarecer essa missão salvífica. Finalmente, com esse mesmo propósito, o anjo desceu do céu para anunciar à sagrada Virgem o mistério da Encarnação, dizendo-lhe que aquele que ela conceber seria chamado "Jesus", ou "Salvador". [ *Lc . 1:26-31*].

O próprio Deus Pai falou desta missão salvífica quando Nosso Senhor foi batizado por São João Batista no rio Jordão; então eles ouvem Sua voz: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. [ *Mateus , 3:16-17*]. Ouçam-no." [cf. *Matt . 17:5; Lk . 9:35*]. Como se Ele quisesse dizer: "Pobres pessoas, vocês Me irritaram tanto com seus

vícios e iniquidades que resolvi destruir e arruinar todos vocês. Mas vejam, estou enviando Meu Filho para reconciliar vocês comigo, pois todo o Meu prazer é olhar e considerá-lo; e neste olhar encontro tanto prazer que esqueço todo o desgosto que recebo de seus pecados. Nesta palavra, Ele mostra que O enviou para nos ensinar como "salvar" a nós mesmos. "Ah, nunca duvide de Sua doutrina", Ele quis dizer, "porque Ele é a própria Verdade. [ *Jo* . 14:6]. Portanto, ouça-O com atenção. Sua doutrina é toda divina: e se você a praticar e seguir, ela o conduzirá à vida eterna."

Outro testemunho foi dado no Monte Thabor no dia da Transfiguração, quando eles novamente ouviram a voz do Pai Eterno, que disse: Este é Meu Filho amado, em quem me comprazo; escute a Ele. [ *Mat* . 17:5; *Lk* . 9:35; *2 Pr* . 1:17]. Mas o que Cristo vai dizer a você desta montanha? Certamente, Ele não dirá nada a você nesta ocasião, pois Ele está falando com Seu Pai celestial e com Moisés e Elias sobre o sofrimento e a morte que Ele está prestes a realizar em Jerusalém. [ *Lc* . 9:30-31]. Você verá a glória da Transfiguração, mas, como os três apóstolos, será proibido de relatar o que vê. [ *Mat* . 17:9]. Mas no Monte Calvário, você ouvirá lamentações, suspiros e orações feitas para a remissão de seus pecados; você ouvirá as palavras desta grande doutrina da Redenção e nunca será proibido de falar do que vê lá. Muito pelo contrário, você será ordenado a falar dele e nunca perder a memória dele.

Observe como Deus está ansioso para revelar a verdade real da vocação de Seu Filho. Pilatos declarou repetidas vezes que Nosso Senhor era inocente e, embora o condenasse, sabia que não era culpado de nenhuma acusação feita contra Ele. [ *Mat* . 27:18, 24; *Lk* . 23:14, 22; *Jn* . 18:38; 19:4-6]. Além disso, Deus não pronunciou através do sumo sacerdote Caifás – o homem mais miserável, infiel, traiçoeiro e desleal que já viveu – esta grande verdade: que era melhor que um homem morresse para que todos fossem salvos? [ *Jo* . 11:49-50]. Deus se esforçou para mostrar que Seu Filho era verdadeiramente Salvador e que era necessário que Ele morresse para nos salvar. Ele até revelou

essa verdade por meio do sumo sacerdote mais detestável que já viveu na terra.

Caifás disse isso, mas não entendeu que estava profetizando. Mas o Senhor quis fazer dele um profeta naquela ocasião, já que ele estava então ocupando a cadeira do grande sumo sacerdote [ *Jo . 11:51*]. Certamente a maioria das pessoas sabia que nosso Divino Mestre era inocente. Embora eles pedissem que Ele fosse crucificado, foi por causa dos principais sacerdotes. Pois você sabe que quando uma sedição surge em uma cidade, a turba, com ou sem razão, fica do lado dos que estão no poder. Sem saber o que estava fazendo, Pilatos mandou escrever na Cruz: Jesus o Nazareno, Rei dos Judeus; e não importa o que as pessoas dissessem, ele se recusou a removê-lo ou mudar sua redação [ *Jo . 19:19, 22*], pois era a vontade de Deus que expressasse as duas causas da morte de Seu Filho.

Agora, já que o Filho de Deus foi crucificado por nós, o que nos resta nesta hora é crucificar com Ele nossa carne com suas paixões e desejos. [ *2Cor . 5:15; Gal . 5:24*]. Pois o amor se paga somente com amor. Era o que tínhamos a dizer sobre a segunda causa: ao render a Nosso Senhor amor por amor e os louvores e bênçãos que lhe devemos por sua morte e paixão, estaremos confessando-o como nosso libertador e salvador.

Aqui, onde falo sempre com liberdade e franqueza, devo contar-lhes o que aconteceu comigo uma vez quando estava prestes a pregar sobre a Paixão de Jesus Cristo em uma das cidades mais famosas da França. Eu precisava de algum símbolo apropriado para descrever meu assunto com mais clareza. Não encontrando nenhum em outro lugar, encontrei um em um livro que falava de um pássaro que foi colocado na terra – desde então sempre pensei, apenas como uma figura da Paixão. <sup>9</sup>O que vou dizer é o símbolo mais maravilhoso e apropriado para mostrar claramente que Nosso Senhor morreu por nossos pecados. Quando encontrei este símbolo, considerei-o uma inspiração de Deus, e desde então tenho acreditado nisso.

Este símbolo, então, é o pássaro chamado oriole em francês e *icterus* em latim. Este pássaro é totalmente amarelo, mas não por causa

da icterícia. Tem esta propriedade especial: da copa de uma árvore, cura os que sofrem de icterícia grave, sempre à custa da sua própria vida. Quando a pessoa ictérica e este pássaro trocam olhares, o oríolo, por assim dizer, se compadece tanto do homem, seu bom amigo, que atrai para si a icterícia do homem. Então todo o corpo do pássaro fica completamente amarelo. Suas asas, que já eram amarelas, tornam-se mais; depois a barriga, os pés, todas as penas e o corpinho. Enquanto isso o homem, seu grande amigo, torna-se branco, limpo e completamente curado. Este pobre pássaro então voa para longe, suspirando e cantando uma canção lamentavelmente amorosa pelo prazer que sente ao morrer para salvar seu amigo humano. Um fenômeno verdadeiramente admirável! Este pássaro nunca é afligido com icterícia, mas ele morre dela ao curar um homem tão aflito. Na verdade, tem prazer em morrer para salvá-lo.

Nosso Senhor é certamente esta divina Ave do Paraíso, o divino Oriole, preso ao madeiro da Cruz para nos salvar e livrar da grave icterícia do pecado. Para ser curado, porém, o homem deve olhar para Ele nesta Cruz para movê-lo à piedade. Então Ele atrai para Si todas as iniquidades do homem e morre livremente por ele. Se o ictérico não olhar para o oriole, continuará doente. Da mesma forma, se o pecador não olhar para Nosso Senhor crucificado, ele nunca será liberto de seus pecados. Mas se ele olhar para Ele, o Salvador se tornará responsável por seus pecados. Embora nosso Salvador fosse inocente, Ele morreu por nossas iniquidades. De fato, Ele morreu com uma santa alegria por nossa cura, embora isso tenha custado sua própria vida.

Esta verdade é reconhecida nas palavras que nosso Divino Mestre falou na Cruz e em Suas lágrimas e suspiros de amor. Para lhe dizer uma palavra sobre estas últimas palavras, tomarei com prazer mais meia hora. Além disso, o Ofício ainda não terminou nas outras igrejas. A primeira palavra, então, que Nosso Senhor pronunciou na Cruz foi uma oração por aqueles que O estavam crucificando. Foi sobre isso que São Paulo escreveu: Nos dias em que Ele estava na carne, Ele ofereceu sacrifícios ao Seu Pai celestial. [ *Heb . 5:7*].



*Studio Fotografica Nazionale, Fratelli Dutto*

*"Pode uma mulher esquecer seu filho, para não ter piedade do filho de seu ventre? E se ela se esquecer, eu não me esquecerei de ti. Eis que te gravei em minhas mãos."*

— Isaías 49:15-16

Certamente, aqueles que estavam crucificando nosso divino Salvador não O conheciam. E como eles poderiam conhecê-lo, já que a maioria dos presentes nem sequer entendia sua língua? (Naquela época, todos os tipos de povos e nações estavam em Jerusalém, e todos se reuniram, ao que parece, para atormentá-lo.) Mas ninguém O conhecia, pois se O conhecessem, nunca O teriam crucificado. [ *Atos* 3:17; *1 Cor* . 2:8]. Quando Nosso Senhor viu a ignorância e a fraqueza daqueles que O atormentavam, desculpou-os e ofereceu por eles este sacrifício a Seu Pai celestial, pois a oração é um sacrifício. É o sacrifício de nossos lábios e nosso coração <sup>10</sup>[ *Ps* . 26 (27):6; 115 (116):17; *Heb* . 13:15] que apresentamos a Deus tanto para o nosso próximo como para nós mesmos. Por isso, Nosso Senhor aproveitou para dizer ao Pai: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. [ *Lc* . 23:34].

Oh, quão grande era a chama de amor que ardia no coração de nosso gentil Salvador, pois no auge de seus sofrimentos, no momento em que a veemência de seus tormentos parecia tirar dele até mesmo o poder de orar por si mesmo, ele conseguiu, pela força de sua caridade, esquecer-se de si mesmo, mas não de suas criaturas, e com uma voz forte e inteligível pronunciou estas palavras: Pai, perdoa-lhes. Com esta oração quis fazer-nos compreender o amor que nos tinha, não diminuído por qualquer sofrimento, e ensinar-nos como deve ser o nosso coração para com o próximo.

Mas, meu Deus, que caridade ardente era essa, e quão poderosa deve ter sido a oração! De fato, as orações de Nosso Senhor eram tão eficazes e tão meritórias que Seu Pai não podia recusar-lhe nada. Por isso, como diz o grande Apóstolo, Ele foi ouvido, por causa da reverência que o Pai lhe tinha. [ *Heb . 5:7*]. É verdade que o Pai celestial tinha grande reverência para com este Filho, que como Deus era igual a Ele e ao Espírito Santo, sendo com Ele uma substância, sabedoria, poder, bondade e imensidão infinita. É por isso que, olhando para Ele como Sua Palavra, o Pai nada Lhe podia recusar. Agora, já que este divino Senhor nos pediu perdão, é inteiramente certo que Seu pedido foi atendido. Seu divino Pai O honrou demais para negar-lhe qualquer pedido.

Ele foi ouvido, portanto, não apenas por causa da reverência que o Pai tinha por Ele, mas também por causa da reverência que Ele tinha por Seu Pai e com a qual Ele orava. Tal reverência recíproca como a que existe entre essas duas Pessoas divinas está além da imaginação ou da compreensão humana. Quando dois reis igualmente grandes e poderosos se encontram para discutir, eles competem em honrar e respeitar um ao outro, consentindo mais pronta e absolutamente a qualquer pedido. Assim é entre o Pai Eterno e Seu Filho Nosso Senhor, pois ambos são iguais em dignidade, excelência e perfeição.

Jesus Cristo orou assim a Seu Pai - mas com que reverência! Certamente, a sagrada Virgem Nossa Senhora superou todas as outras criaturas na humildade e respeito com que rezava e se comunicava com seu Deus. Todos os santos oraram com grande reverência. As colunas

dos céus tremem [ *Jó* 26:11]; os mais altos serafins estremecem e se cobrem com suas asas pela honra que carregam a Divina Majestade [ *É.* 6:2]. Mas toda essa humildade, toda essa honra, toda essa reverência que a Virgem, os santos, todos os anjos e os serafins prestam a Deus não são nada em comparação com a de Nosso Senhor. Por esta razão, nunca devemos duvidar que as orações feitas com tão grande e admirável reverência, e por uma Pessoa de infinito mérito e perfeição, foram atendidas de uma só vez. Portanto, se todos os que O crucificaram não receberam o perdão que o Salvador lhes pediu, não foi culpa Dele, como mostraremos.

A segunda palavra de nosso Senhor prometeu o paraíso ao bom ladrão. Nesta palavra, Ele começou a entoar um canto diferente. Considerando que anteriormente Ele havia orado e orado pelos pecadores, agora Ele mostra que Ele é Redentor. Tendo perdoado os pecados, Ele permite que o bom ladrão participe agora mesmo dos frutos da Redenção. Ele foi crucificado entre dois ladrões, homens maus, traidores e ladrões [ *Mat .* 27:38; *Jn .* 19:18], um dos quais o blasfemou. O outro reconheceu sua inocência: "Ah, Senhor, eu sei muito bem que você não é culpado, mas eu realmente mereço estar preso a esta cruz por meus pecados e crimes. venha para o Teu Reino." [ *Lucas* 23:39-42].

Sobre este assunto, devo dizer algo que ainda não disse aqui, embora acredite ter falado disso em outro lugar. Durante a Paixão de Nosso Senhor, ocorreram dois grandes eventos relacionados com os dois tipos de pecadores que o atormentaram gravemente. Havia dois de cada tipo de pecador: dois apóstolos e dois ladrões. São Pedro, um dos Apóstolos, prejudicou muito seu Mestre, negando-O e jurando que não O conhecia. Como se isso não bastasse, ele o amaldiçoou e blasfemou, protestando que não sabia quem Ele era. [ *Mat .* 26:69-74]. Isso perfurou o coração de Nosso Senhor! Ai, pobre São Pedro, o que você está fazendo; o que você está dizendo? Você não sabe quem Ele é? Você não está associado a Ele - você que foi chamado com Sua própria boca para ser um apóstolo? [ *Mat .* 4:18-19]. Você mesmo confessou que Ele era o Filho do Deus vivo! [ *Mat .* 16:16]. Homem miserável, como você

ousa negar conhecê-lo? Não é este que há pouco estava aos seus pés lavando-os e alimentando-os com Seu Corpo e Sangue? [ *Jo* . 13:6]. E você declara que não está associado a Ele! Oh, como a terra pode suportar você? Por que não se abre e engole você no mais profundo dos Infernos?

O segundo Apóstolo foi, claro, Judas, que miseravelmente vendeu seu Mestre, e por um preço tão vil. [ *Mat* . 26:15]. Ó Deus, minhas queridas Irmãs, quão terríveis e terríveis são as quedas dos servos de Deus, especialmente daqueles que receberam grandes graças. [11](#) Que graça maior poderia haver do que aquela dada a São Pedro e Judas? Como Pedro, também Judas foi chamado para ser apóstolo pelo próprio Nosso Senhor, que o preferiu a tantos milhões de outros que teriam feito maravilhas neste ministério. O Salvador concedeu-lhe favores especiais. Além de dar-lhe o dom dos milagres, Ele também predisse a sua traição [ *Matt* . 26:21-25; *Jn* . 13:18-27] para que, sendo avisado, ele possa evitá-lo. Sabendo que ele era atraído para lidar e administrar assuntos [ *Jo* . 12:6; 13:29], Ele o fez procurador em Seu colégio sagrado. Ele fez isso para ganhar seu coração inteiramente e não omitir nada que pudesse torná-lo mais devoto de Sua Divina Majestade. No entanto, esse miserável Judas abusou de todas essas graças e vendeu seu bom Mestre.

Quão assustadoras e perigosas são as quedas das montanhas! Assim que se começa a cair, rola-se inexoravelmente até o fundo do precipício. Tais foram as quedas de vários que se afastaram do serviço de Deus. Assustador, de fato, que depois de um bom começo, mesmo depois de ter vivido trinta ou quarenta anos neste santo serviço, na velhice, na hora da ceifa, alguém se lança no abismo e perde tudo. Tal foi a desgraça de Salomão, cuja salvação é muito duvidosa, e de vários outros que abandonaram o caminho certo em seus últimos anos.

Que velhice miserável é essa! Quão terrível é cair nas mãos do Deus vivo! [ *Heb* . 10:31]. Quão inescrutáveis Seus julgamentos! [ *Rom* . 11:33]. Quem está de pé teme que não caia, diz o Apóstolo [ *1 Cor* . 10:12]; que ninguém se glorie em encontrar-se expressamente chamado por Deus para um lugar onde parece não ter nada a temer.

Que ninguém presuma suas boas obras e pense que não tem mais nada a temer. São Pedro, que recebeu tantas graças, que prometeu acompanhar Nosso Senhor à prisão e até à própria morte [ *Lc . 22:33*], negou-lhe, no entanto, na provocação choramingante de uma camareira. Judas O vendeu por uma quantia tão pequena de dinheiro.

Essas quedas foram ambas muito grandes, mas havia essa diferença. Um reconheceu sua culpa; o outro se desesperou. No entanto, nosso Salvador havia inspirado no coração de ambos o mesmo *Peccavi* ("pequei"), aquele mesmo *Peccavi* que Deus inspirou no coração de Davi. [ *2kg . ( 2Sm .) 12:13*]. Sim, Ele inspirou em ambos os Apóstolos, mas um rejeitou e o outro aceitou. Ao ouvir o canto do galo, São Pedro lembrou-se do que havia feito e da palavra que seu bom Mestre lhe dissera. Então, reconhecendo seu pecado, ele saiu e chorou tão amargamente [ *Matt . 26:74-75; Lk . 22:61-62*] que ele recebeu o que hoje chamamos de indulgência plenária e remissão completa de todos os seus pecados. Ó feliz São Pedro! Por tal contrição por seus pecados você recebeu o perdão total por tão grande deslealdade!

Mas note também, peço-lhe, que São Pedro não se converteu até que ele ouviu o galo cantar, como Nosso Senhor havia predito para ele. Nisto se vê sua notável submissão aos meios designados para sua conversão. Certamente, sei que foram os olhares sagrados de nosso Salvador que penetraram no coração de Pedro e abriram seus olhos para reconhecer seu pecado. [ *Lc . 22:61-62*]. No entanto, o evangelista nos diz que ele saiu para chorar sobre seu pecado quando o galo cantou [ *Matt . 26:74-75*], não quando Nosso Senhor olhou para ele.

A partir de então, São Pedro não cessou de chorar, principalmente quando ouvia o canto do galo de noite e de manhã, pois se lembrava desse canto como o sinal de sua conversão. Também é relatado que ele derramou tantas lágrimas que suas bochechas afundaram em dois sulcos. Com essas lágrimas, aquele que havia sido um grande pecador tornou-se um grande santo. "Ó glorioso São Pedro, quão feliz você está por ter feito tão grande penitência por tão grande deslealdade. Por ela você foi reintegrado na graça. Você que merecia a morte eterna tornou-se digno da vida eterna." Não só isso, mas São Pedro recebeu aqui

embaixo favores e privilégios especiais e foi prodigalizado com bênçãos na terra e no céu.

Por outro lado, embora Judas tenha recebido a mesma inspiração para o mesmo *Peccavi*, ele a rejeitou e se desesperou. Eu sei que a graça eficaz e suficiente diferem, como dizem os teólogos, mas não estou aqui para provar e contestar se a inspiração de *Peccavi por Judas* foi tão eficaz quanto a de Davi, ou apenas suficiente. Certamente foi suficiente. <sup>12</sup>Este *Peccavi* enviado ao coração de Judas era realmente semelhante ao enviado anteriormente a Davi. Por que então Judas não se converteu?

Ó homem miserável! Ele viu a gravidade de seu crime e se desesperou. Verdadeiramente, ele confessou seu pecado, pois ao devolver aos principais sacerdotes as trinta moedas de prata pelas quais havia vendido seu bom Mestre, reconheceu em voz alta que havia vendido sangue inocente. [ *Mat . 27:3-5*]. Mas esses padres não lhe dariam absolvição. Ai, esse infeliz não sabia que somente Nosso Senhor poderia dar a ele, que Ele era o Salvador e tinha a Redenção em Suas mãos? Ele não tinha visto essa verdade claramente naqueles cujos pecados Jesus havia remido? Certamente, ele sabia disso, mas não desejava nem ousava pedir perdão. Para desesperá-lo, o diabo mostrou-lhe a enormidade e hediondez de seu crime e talvez o fez temer que, se pedisse perdão ao seu Mestre, pudesse impor uma penitência muito grande. Talvez por medo de tal penitência, ele não estivesse disposto a pedir perdão. Assim, desesperado, enforcou-se; e seu corpo se escancarou, todas as suas entranhas se derramando [ *Atos 1:18*], e ele foi sepultado no mais profundo dos infernos. Esses dois apóstolos representam o primeiro tipo de pecador.

No segundo tipo, vemos os dois ladrões que foram crucificados com Nosso Senhor, o mais mau dos homens que nunca fizeram o bem. Eles estavam entre os ladrões mais criminosos, pérfidos e notórios que foram encontrados. Eles foram escolhidos para serem colocados em ambos os lados de nosso querido Salvador a fim, por este meio, de declará-lo o mestre de todos os ladrões. [ *Lc . 23:32-33*]. Um desses homens maus voltou-se para Jesus e confessou que Ele era inocente,

embora reconhecendo que ele era um pecador que merecia a cruz. Então ele pediu perdão, que ele recebeu tão absolutamente que Nosso Senhor lhe prometeu que ele entraria naquele mesmo dia no Paraíso com Ele. [ *Lc* . 23:39-43].

Estranho! dois ladrões foram crucificados com nosso Salvador e ambos receberam a inspiração dos *Peccavi*; mas apenas um foi convertido. Certamente, nenhum dos dois jamais fizera bem algum, e o bom ladrão havia sido um dos ladrões mais cruéis que se encontraram; ainda assim, no final de sua vida, ele olhou para a Cruz, encontrou a redenção ali e foi salvo. Sua salvação foi imediata, pois Nosso Senhor havia prometido que quem olhasse para Sua Cruz, por mais pecador que fosse, mesmo que o fizesse apenas no final de sua vida, como o bom ladrão, receberia a salvação, [cf. . *Jn* . 3:14-17; 12:32]. Mas o outro ladrão, embora também estivesse ao lado do doce Jesus, estava ali em vão. Pois ele não olharia para a Cruz. Apesar das muitas inspirações que recebeu, apesar das gotas deste Sangue divino com que foi aspergido, apesar dos frequentes apelos secretos e amorosos de nosso querido Salvador para olhar para esta madeira sagrada e para a Serpente mística ligada a ela, para obter sua cura , ele não estava disposto a fazê-lo. Por causa de sua recusa, ele obstinadamente morreu em seu pecado e foi miseravelmente perdido.

Aqui, então, minhas queridas Irmãs, estão os dois tipos de pecadores – que devem nos fazer viver com grande medo e tremor [ *Sl* . 2:11; *Fil* . 2:12], mas também com grande esperança e confiança, por causa desses dois tipos, um foi salvo e outro condenado. Do primeiro tipo se salvou, o glorioso São Pedro, e um maldito, Judas, ambos Apóstolos de Nosso Senhor. Certamente, há almas que falham mesmo depois de servirem a Deus por muito tempo, e mesmo depois de terem atingido a montanha da perfeição. "Vimos", diz o grande Santo Agostinho, "estrelas caindo do céu", que depois se tornaram obstinados e morreram sem arrependimento. Outros, que caem da mesma maneira depois de terem recebido graças iguais, ainda se arrependem como São Pedro. Que grande motivo para temor e esperança! Há também alguns

que nunca fizeram o bem e que, no fim da vida, encontram perdão e misericórdia, enquanto outros perseveraram em suas iniquidades.

Ó Deus! com quanta humildade e rebaixamento espiritual devemos viver nesta terra! Mas também que grande razão para ancorar totalmente a nossa esperança e confiança em Nosso Senhor! Pois se mesmo depois de ter cometido pecados como negá-lo, perseverar e passar a vida em horríveis crimes e iniquidades, pode-se encontrar o perdão quando se volta para a cruz para a qual nossa redenção [ *1 Cor . 1:30*] está anexado, por que um pecador de qualquer tipo deveria temer na vida e na morte retornar ao seu Deus? Ele ainda ouvirá aquele espírito maligno que tenta convencê-lo de que suas falhas são imperdoáveis? Ah, que ele responda com ousadia que seu Deus morreu por todos [ *2 Cor . 5:15*], e que aqueles que olharem para a Cruz, não importa quão pecadores sejam, encontrarão salvação e redenção.

O que não podemos esperar desta Redenção, que é tão abundante [ *Sl . 129 (130) :7*] que transborda por todos os lados? Vamos considerar isso agora. Ó Deus, quantas vezes nosso divino Salvador a ofereceu a Judas e ao mau ladrão! Com que paciência Ele esperou por ambos! O que o Sagrado Coração deste querido Salvador não fez por Judas? Quantos impulsos e inspirações secretas lhe deu, tanto na Ceia, quando estava de joelhos diante dele, lavando os pés, como no Horto das Oliveiras, quando o abraçou e beijou [ *Matt . 26:49-50*]; e ao longo da estrada; e na casa de Caifás, onde Judas, aquele infeliz, foi confessar seu crime. <sup>13</sup>Mas ele não queria pedir perdão nem esperar recebê-lo.

O que este mesmo Coração do Salvador não fez pelo mau ladrão enquanto Ele estava na Cruz? Quantas vezes Ele olhou para ele, convidando-o a retribuir Seu olhar, permitindo que Seu Precioso Sangue caísse sobre ele para suavizar e purificar sua alma! Infelizmente! ao recusar a salvação, esse homem miserável não merecia que Deus o lançasse instantaneamente no inferno? Mas Ele não fez isso; em vez disso, Ele esperou por seu arrependimento até que expirou. Portanto, se Nosso Senhor tão liberalmente perdoa tão grandes e enormes pecados - de fato, se Ele perdoa até mesmo aos obstinados e espera seu arrependimento com tanta paciência [ *Rom . 2:4*], ó Deus! o

que Ele não fará por aquele que Lhe pedir, e com que coração Ele não receberá o penitente contrito.

A terceira palavra de Nosso Senhor foi de consolação. Falou-o à sua sagrada Mãe que estava aos pés da Cruz, trespassada por uma espada [ *Lc* . 2:35] de tristeza, mas certamente não desmaiando nem com o coração fraco, como os artistas a pintaram de maneira falsa e impertinente. O evangelista diz claramente o contrário, insistindo que ela permaneceu de pé com uma firmeza incomparável. <sup>14</sup>[ *Jo* . 19:25]. Essa coragem não a impediu do luto que ela suportou com o coração generoso e magnânimo que só a ela pertencia. Ó Deus! que agonias eram as dela! Eles são inexplicáveis e inconcebíveis. Seu coração foi crucificado com os mesmos pregos que crucificaram o corpo de Nosso Senhor, pois agora ela estaria sem filho e marido.

Vendo-a nesta angústia, nosso querido Salvador disse-lhe uma palavra de consolo. Mas esta palavra consoladora e terna não foi dada para tirar seu coração de tão grande desolação. O coração desta santa Virgem perfeitamente submissa e resignada precisava ser extremamente forte, e Nosso Senhor, que a conhecia tão bem, tratou-a de acordo. <sup>15</sup>Indicando São João, discípulo amado do Seu Coração, disse: Mulher, aí está o teu filho. [ *Jo* . 19:26]. Ele o deu a ela para cuidar dela, pois esta santa Virgem não estava pensando em si mesma. Todos os seus pensamentos estavam centrados nas dores de seu divino Filho, dores que ela mesma ponderava em sua alma [cf. *Lk* . 2:35, 51] ao pé de Sua Cruz. Mas o seu filho querido, prestes a morrer, sabia que, como viúva e só, não saberia para onde ir, por isso quis sustentá-la na sua desolação dando-lhe, como a coisa mais preciosa que lhe podia deixar ao morrer, Seu discípulo como filho. Pois João era o discípulo a quem Ele amava [ *Jo* . 13:23; 19:26; 21:7, 20], e em quem Ele inspirou o amor de um verdadeiro filho por Sua Mãe. Com este amor ele cuidaria dela com maior solicitude ainda.

Ao morrer, alegrou-se de deixar, como penhor de seu amor, a sagrada Virgem como Mãe para São João, e para Sua Santa Mãe, a discípula de Seu Coração como filho. Homens moribundos que querem favorecer seus filhos ou herdeiros dizem a eles algo como: "Vá a tal

armário; você encontrará lá tantos milhares de coroas". E as mães à beira da morte se gloriam em dizer a suas filhas: "Vá a tal baú; você encontrará o vestido com que me casei, ainda perfeitamente novo; você também encontrará lá minhas correntes e anéis que guardei para você, e outras joias." Talvez isso não pareça nada além de loucura e tolice. No entanto, eles se orgulham de poder legar tais coisas quando estão perto da morte. Mas nosso querido Salvador não deixou nada disso para São João e Sua Mãe. Ele deixou um tesouro muito maior.

É verdade que Nossa Senhora ficou triste na época. Afinal, que comparação haveria entre Nosso Senhor e Seu discípulo? No entanto, ela aceitou docilmente John com um coração gentil e tranquilo. Seu divino Filho, por sua vez, deu-lhe um amor mais terno por São João do que todas as mães juntas jamais tiveram ou teriam por seus filhos. Esta sagrada Virgem sabia que Nosso Senhor, ao dar-lhe São João por filho, a estava dando como Mãe a todos os cristãos como filhos da graça, pois "João" significa graça. Ela amou este santo Apóstolo com grande amor, mas não da mesma forma que amou seu divino Filho. A ele ela amou não só como seu Filho, mas também como seu Deus. Que grande amor teve o santíssimo coração daquela Virgem pelo de Nosso Senhor! Como seu amor por Ele era imensurável, a dor de deixá-lo e vê-lo morrer, a dor de ser privada de sua presença corporal, era indescritível.

Acho que nunca mencionei antes que assim que o Salvador deu Sua Mãe e o discípulo um ao outro, o sol retirou sua luz e as trevas cobriram toda a terra. [ *Mat* . 27:45; *Lk* . 23:44-45]. Tão densa era aquela escuridão que era aterrorizante. Os teólogos discutem se essa escuridão cobriu toda a terra ou apenas uma parte dela; Muitas vezes vi ambas as opiniões. Eles também questionam se esse eclipse foi natural ou sobrenatural e se o sol se comportou ou não como normal. Este dificilmente é o momento para resolver essa disputa.

Pessoalmente, concordo com aqueles que sustentam que a escuridão estava sobre toda a terra, pois o grande São Denis, o Areopagita, que estava então no Egito, menciona isso, e vários historiadores também. Não há dúvida de que este eclipse foi sobrenatural e que nele o sol não sofreu nenhuma mudança. O eclipse

ocorreu ao meio-dia e quando a lua estava cheia. St. Denis, que só mais tarde foi convertido pela pregação do grande Apóstolo São Paulo e veio aqui como o Apóstolo da França, escreveu que na época ele viu apenas dois significados possíveis neste prodígio: "Ou o Deus da natureza é sofrimento , ou o fim do mundo está se aproximando." Ele continuou: "Este eclipse é inteiramente sobrenatural, pois está ocorrendo tanto ao meio-dia quanto durante a lua cheia. Além disso, está durando mais do que os eclipses comuns (três horas inteiras)." Certamente, ele falou a verdade. A escuridão caiu porque o Deus da natureza estava sofrendo em Jerusalém.

O que Nosso Senhor estava fazendo durante essas três horas? Ele estava oferecendo sacrifícios de louvor. Foi particularmente nessas horas que Ele fez o que São Paulo escreveu: Ele orou, Ele lamentou, Ele reclamou com fortes clamores nos dias em que Ele estava na carne <sup>16</sup>[*Heb . 5:7*]; isto é, durante aquelas três horas que Ele reclamou com Seu Pai, Ele chorou e chorou, tentando levar todos os corações ao arrependimento. Ó Deus! quantas lágrimas de amor derramou durante aquelas três horas de meditação, quantos suspiros e soluços! Quantas e que tipo de dores trespassaram o Sagrado Coração de meu Salvador! Ninguém pode imaginar, a não ser Aquele que os sofreu, e talvez a sagrada Virgem Nossa Senhora, que estava aos pés da Cruz. A ela Ele as comunicou, e ela as ponderou em seu coração. <sup>17</sup>

Já que vos falei várias vezes sobre este assunto, mencionarei agora apenas o que sinto ser a maior dor que o Sagrado Coração de Nosso Senhor então suportou: a ingratidão daqueles cristãos que, desprezando a sua morte e não aproveitando a sua dolorosa e dolorosa Paixão, se perderam porque não quiseram aproveitá-la. Mas essas dores particulares eram conhecidas apenas por Aquele que as sofreu e por Sua Santa Mãe, a quem Ele as comunicou. Mas querendo dar a conhecer a todos que realmente sofria, clamou em alta voz ao Pai Eterno para que todos o ouvissem: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? [*Mat . 27:46; Ps . 21 (22):1*].

Esta foi a quarta palavra que Nosso Senhor pronunciou no madeiro da Cruz. Ó Deus, quão grande foi a angústia de Sua alma

santíssima ao ser abandonada não apenas por todas as criaturas, mas também pelo Pai Eterno, que por um tempo havia retirado Sua face de Seu Filho amado! [cf. *Ps* . 131:10]. Ele não sofreu, é claro, essa privação na parte superior de sua alma, pois sempre gozou da visão clara da Divindade e, portanto, da bem-aventurança, desde o primeiro instante de sua criação. Nunca foi privado dessa glória. Mas a parte inferior estava desprovida de toda ajuda humana e divina. Foi privado de todo consolo, experimentando dores corporais e espirituais com toda a amargura e rigor imagináveis. Então Ele clamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" que todos pudessem entender a dor veemente que Ele estava suportando.

Mas, infelizmente! o mal-entendido dessas palavras foi mais uma dor para Nosso Senhor. [ *Mat* . 27:47-49; *Mc* . 15:35-36]. Alguns pensaram que Ele estava orando a Elias. Estes eram quase cristãos, pois já tinham alguma disposição para receber a graça, pois acreditavam na invocação dos santos. Elias havia morrido muitos anos antes - pelo menos ele não era deste mundo, mas foi levado em uma carruagem de fogo por anjos. <sup>18</sup>[ *4 Kgs* . ( *2 Rs* . ) 2:11]. Eles pensaram que, em Sua grande aflição, nosso querido Mestre estava chamando Elias em Seu auxílio. Eles creram, então, que Elias poderia ajudá-lo. Havia outros que diziam: Ele está invocando Elias, mas o que ele pode fazer? Ele não pode livrá-Lo. Eram pessoas más que não acreditavam que os santos pudessem fazer alguma coisa por aqueles que estão aflitos, nem por aqueles que os invocam. Portanto, eles eram como os huguenotes de hoje porque negavam o poder dos santos diante da Divina Majestade. <sup>19</sup>Os demais, rindo, diziam: Vejam como Ele está clamando por socorro a Elias; agora esperemos e vejamos, peço-vos, se Elias vem em Seu socorro. Eles disseram isso para zombar Dele. Outros murmuravam entre si: Se Ele é tão santo como dizem, que Ele se salve! Ele salvou tantos outros [ *Matt* . 27:40-42; *Mc* . 15:29-32]; Ele é um tolo se não faz por si mesmo o que fez pelos outros. Durante aquelas três horas nosso bom Salvador sofreu todas as possíveis injúrias e calúnias.

Eles também fizeram as sugestões e ofertas mais atraentes para Ele provar a Si mesmo. Por exemplo, alguns clamaram a Ele [ *Mat* .

27:40-42; Mc . 15:29-32]: "Você se vangloria de ser o Filho de Deus; desça então dessa cruz e nós Te adoraremos e Te reconheceremos como tal. Você disse que destruiria o templo. Tudo bem, então, faça algum milagre por Tua libertação, e nós Te reconheceremos como nosso Deus. Sim, se por Teu próprio poder Tu puderes descer daquela Cruz, todos creremos em Ti. Caso contrário, Te consideraremos um homem mau. Não acreditaremos em Ti nem ser convertido." Que oferenda ao Coração de nosso gentil Salvador, que estava tão inflamado de desejo por nossa salvação! Vários blasfemaram contra Ele, chamando-O de feiticeiro e encantador, atribuindo essa escuridão a algum truque de magia; outros disseram que não era escuridão, mas seus olhos estavam cegos e deslumbrados por Seus feitiços. Destes, o Sacratíssimo Coração de Nosso Senhor sofreu tormentos incomparáveis.

Sabendo que uma multidão se perderia e não tiraria proveito da Redenção da Cruz e seria salva, Ele pronunciou a quinta palavra, uma de queixa e lamentação: *Sitio* – “Tenho sede”. [Jo . 19:28]. Esta palavra pode significar Sua sede corporal causada pelos tormentos extremos que Ele sofreu a noite toda. Foi uma desidratação tão grande que queimou e consumiu Seus pulmões e certamente O teria matado se Deus não tivesse reservado para Ele maiores sofrimentos. Nunca o cervo, perseguido por cães e caçadores, ficou tão sedento e desejoso de encontrar uma fonte de água fresca quanto nosso Salvador em Sua sede corporal. Portanto, com razão Ele disse: Tenho sede.

No entanto, isso não era nada comparado à sede espiritual que oprimia Sua alma. Com um ardor insaciável Ele desejou que todos se convertessem ao preço de Sua Paixão. Vendo quantas almas não queriam, gritou: tenho sede! Ele também sabia que alguns pediriam outro meio para a salvação além da Paixão, como por exemplo esta multidão, que clamava para que Ele descesse da Cruz para que pudessem crer nEle. Pareciam dizer ao nosso bendito Salvador: "Se tens tanta sede da nossa salvação, desce daquela cruz e creremos em ti. Assim poderás saciar a tua sede". Tão infinitamente Nosso Senhor desejou nossa salvação que Ele se ofereceu para morrer por nós. [É . 53:10-12]. No entanto, Ele não quis descer da Cruz, porque tal não era a

vontade de Seu Pai. Pelo contrário, foi essa vontade que o manteve preso a esta madeira.

Pessoas miseráveis, o que você quer dizer com pedir ao nosso querido Salvador e Mestre que desça desta forca? Ele certamente não o fará, pois, como diz São Paulo, Ele se humilhou, aceitando obedientemente até a morte, a morte de cruz. <sup>20</sup>Ele subiu na cruz por meio da obediência e morreu nela por meio da obediência. Todos aqueles que estão dispostos a serem salvos através da Cruz encontrarão a salvação lá. Mas aqueles que desejam ser salvos sem ela perecerão miseravelmente. Não há salvação exceto nesta Cruz. "Ah, miseráveis", diz nosso Salvador, "você está me pedindo para descer deste bosque para que você possa acreditar em mim; você quer um meio de redenção diferente daquele que Meu Pai ordenou desde toda a eternidade, um predito por muitos profetas e anunciado por tantas figuras. Você pretende então ser salvo de acordo com sua vontade e não como Deus quer. Isso não é certo, e por isso você morrerá obstinado em seus pecados [Jo 8:21, 24], e você não encontrará perdão algum; mesmo que o tanque esteja preparado para você, você se recusa a lançar-se nele [cf. Jo 5:4] A redenção é aberta e tão abundante que transborda por todos os lados, mas não queira se lavar nele!" [cf. Zach . 13:1].

Ouçã este querido Salvador, que clama que tem sede da nossa salvação, que nos espera e nos convida a ela. "Venham", Ele nos diz, "se quiserem; porque se não vierem, não encontrarão salvação em nenhum outro lugar". Por que alguns pedem uma redenção que não seja a da Cruz? A Cruz não é suficiente? É mais do que suficiente. Uma única lágrima, um único suspiro amoroso deste Sagrado Coração poderia redimir milhões de milhares de naturezas humanas e angélicas pecaminosas. No entanto, Ele não nos redimiou com apenas um único suspiro, apenas uma única lágrima, mas com muitos, muitos trabalhos e dores, com todo o Seu precioso Sangue derramado. Esta redenção é tão abundante <sup>21</sup>[Ps . 129 (130) :7] que nunca poderia ser esgotado, não apenas depois de milhões de anos, mas mesmo depois de milhões de milhões de séculos. <sup>22</sup>Foi para aperfeiçoar esta Redenção que Nosso

Senhor escolheu não descer da Cruz. Como diz o grande Apóstolo, Ele foi verdadeiramente obediente, até a Cruz, pois Ele realmente morreu a morte de Cruz através de uma grande obediência.

Existem vários tipos de obediência. Todos eles podem ser entendidos de duas maneiras. A primeira é especulativa, a dos teólogos quando declaram e explicam a excelência desta virtude. Assim, alguns o valorizam muito; eles lêem o que está escrito sobre isso com grande prazer. "Oh, quão felizes são os obedientes!" eles dizem. Eles falam eruditamente dos cinco graus de obediência. No entanto, em tudo isso eles não fazem mais do que os teólogos que discursam sobre isso de forma tão excelente. Mas falar bem sobre isso não é suficiente. Devemos chegar à segunda maneira de entender esta virtude, que é praticá-la nas pequenas e grandes ocasiões que se apresentam. Alguns querem obedecer, mas apenas com a condição de que ninguém lhes peça nada de difícil. Outros querem obedecer desde que ninguém os contradiga em seus caprichos. Esta pessoa se submeterá a esta, mas não a outra. É preciso pouco para avaliar a virtude de tais pessoas: elas obedecem no que *querem*, mas não no que *Deus* quer. <sup>23</sup>

Ora, tal obediência não agrada a Nosso Senhor. Deve-se obedecer igualmente nas coisas grandes e pequenas, nas fáceis e nas difíceis, e permanecer firme, isto é, apegado à cruz onde a obediência nos colocou, sem aceitar ou admitir qualquer condição que tente nos fazer descer dela, não importa o quão bom possa parecer. Portanto, se alguma inspiração ou movimento vier a você que o afastaria da obediência, rejeite-o com ousadia e nunca o siga. <sup>24</sup>

Que as pessoas casadas permaneçam em sua cruz de obediência, que está no casamento. É a melhor e mais prática cruz para eles e uma das mais exigentes, pois há atividade quase contínua - e as ocasiões de sofrimento são mais frequentes neste estado do que em qualquer outro. Não deseje, portanto, descer desta cruz sob qualquer pretexto. Já que Deus o colocou lá, permaneça lá sempre.

Que o prelado ou o padre não desejem se separar de sua cruz por causa do tumulto de mil cuidados e obstáculos que ele encontra lá. Cuide dos seus deveres de estado, cuidando das almas que Deus lhe

confiou, instruindo uns, consolando outros, ora falando, ora calando, dando tempo à ação e à oração. Esta é a cruz à qual Deus o anexou. Ele deve permanecer ali com firmeza, sem acreditar em nada que possa induzi-lo a deixá-lo.

Que o religioso permaneça constante e fielmente pregado na cruz de sua vocação, nunca permitindo o menor pensamento que possa desviá-lo ou fazê-lo mudar a resolução que tomou de servir a Deus neste modo de vida, e muito menos ouvir o que levá-lo a fazer qualquer coisa contrária à obediência. E não me digas: "Ó Deus! <sup>25</sup>Se eu pudesse orar *nesta* hora, eu poderia facilmente arrancar o próprio Coração de Deus e colocá-lo no meu, ou subir até a Cruz e colocar minha mão no lado do Salvador, tirando Seu Coração. Se eu pudesse orar *agora*, oraria com tanto fervor que me levantaria do chão." Tudo isso não passa de *aparência* de virtude. Devemos rejeitar tudo o que é contrário à obediência, nunca permitindo tais movimentos e inspirações. Simplesmente obedeça, Deus não pede mais nada de você.

Assim, Nosso Senhor de modo algum desejou descer da Cruz. Ele pergunta: "Você quer que eu desça dela? Não! Pois tudo está consumado". [ *Jo* . 19:30]. Esta foi a sexta palavra que Ele pronunciou: *Consummatum est* — "Tudo está consumado". "Ó Meu Pai, realizei em todos os detalhes tudo o que era a Tua vontade. Nada mais resta para Mim fazer. Eis que a obra da Redenção está terminada e aperfeiçoada." [ *Jo* . 17:4]. Ó Deus! essas palavras fornecem material para uma infinidade de reflexões muito úteis, mas já lhes falei delas antes.

Vamos à Sua última palavra: Pai, em Tuas mãos entrego Meu espírito. [ *Lc* . 23:46]. Aqui, novamente, muitas considerações se apresentam. Esta palavra contém toda a perfeição cristã. Nesta palavra se encontra o perfeito abandono de Nosso Senhor nas mãos do Pai Celestial, sem qualquer reserva . "Eu confio meu espírito em suas mãos." Observe aqui Sua humildade, Sua obediência e Sua verdadeira submissão. "Enquanto eu vivia, ó Pai, dei-te o meu corpo e a minha alma sem reservas; agora, tendo cumprido tudo o que me pediste, nada mais resta senão entregar o meu espírito nas tuas mãos."

Aqui está a quintessência da vida espiritual – este perfeito abandono nas mãos do Pai celestial e esta perfeita indiferença em qualquer que seja a Sua vontade divina. <sup>26</sup>"Tudo está feito, mas se vos agrada que o meu espírito permaneça ainda mais neste corpo para que possa sofrer mais, entrego-o nas vossas mãos. Se quereis que eu passe desta vida e assim entre na minha glória , confio Meu espírito em Suas mãos. Resumindo, ó Pai", diria nosso querido Mestre, "estou aqui totalmente pronto e decidido a fazer tudo o que Lhe agrada".

Ah! Minhas queridas Irmãs, se ao nos consagrarmos ao serviço de Deus começarmos por confiar absolutamente e sem reservas o nosso espírito nas Suas mãos, quão felizes seremos! Qualquer atraso em nossa perfeição vem dessa falta de auto-dom. Verdadeiramente devemos começar, prosseguir e completar a vida espiritual com este dom de si mesmo, à imitação do Salvador, que o fez com admirável perfeição no início, durante o curso e no final de Sua vida.

Ao entrar no serviço de Deus, muitos estabelecem condições, dizendo: "Entrego meu espírito em suas mãos, mas com esta reserva, que você nutra meu coração com delícias e sentimentos consoladores, e que eu nunca sofra aridez ou secura. Tuas mãos meu espírito, mas apenas com a condição de que ninguém frustrar minha vontade; ou apenas com a condição de que você me dê um superior de acordo com meu coração, ou de acordo com meu gosto e inclinação. que sou sempre muito amado por aqueles que me dirigem, por aqueles em cujas mãos me entrego por amor a Ti. Por favor, certifique-se de que eles aprovelem e valorizem tudo o que faço, pelo menos a maior parte, para não ser amado e não sentir esse amor é intolerável."

Não está claro para você que você não está entregando seu espírito nas mãos de Deus como Nosso Senhor fez? Certamente, é nisso que se originam todos os nossos males, nossos problemas, nossas inquietações e outras bobagens semelhantes. Assim que as coisas não acontecem como esperávamos ou como havíamos prometido a nós mesmos, a desolação nos toma. Ainda não estamos perfeitamente indiferentes, totalmente entregues às mãos divinas. Oh, como seríamos felizes se praticássemos completamente este ponto. É a síntese e a

quintessência da vida espiritual! Alcançaríamos a alta perfeição de uma Santa Catarina de Sena, ou um São Francisco, ou uma Beata Ângela de Foligno, ou de muitos outros que eram como bolas de cera nas mãos de Nosso Senhor e de seus superiores, recebendo todos as impressões que lhes foram dadas. [27](#)

Portanto, minhas queridas Irmãs, ajam de acordo e digam com indiferença em todas as coisas, com nosso querido Mestre: "Em tuas mãos, ó meu Deus, entrego meu espírito. Queres que eu esteja na segura ou na consolação? Em tuas mãos Confio o meu espírito. Queres que eu seja contrariado, que experimente repugnâncias e dificuldades, que seja amado ou não, que obedeça a este ou aquele, seja o que for, nas coisas grandes ou pequenas? Eu confio meu espírito." Que aqueles, portanto, que estão engajados nas atividades da vida ativa não desejem deixá-la para se dedicar à contemplativa até que Deus assim o ordene; e que os contemplativos não desistam da contemplação até que Deus a ordene. Fiquemos em silêncio quando devemos, e falemos quando chegar a hora. [*Ecles* . 3:7].

Se assim agirmos, poderemos dizer na hora de nossa morte, como fez nosso querido Mestre: "Tudo está consumado, ó Deus; em tudo realizei a tua vontade divina. O que me resta agora, exceto confiar meu espírito em tuas mãos no final de minha vida, assim como eu o confiei a você no início e durante o seu curso". Mas para que possamos viver assim, minhas queridas Irmãs, vamos usar as três horas de escuridão desta vida como fez nosso querido Salvador e Mestre. Permaneçamos na cruz onde Deus nos colocou; vamos orar sobre ele; de fato, vamos reclamar com Ele de nossas aflições e aridez; e quando for o caso, digamos palavras de consolo ao nosso próximo. Por fim, sejamos consumidos nesta cruz e realizemos tudo o que Deus quer, para que, no final, recebamos deste grande Deus - como eu lhe rogo com todo o meu coração, e para mim em particular - a graça de confiar nosso espírito em Suas mãos. Ele a receberá como a de Seu querido e único Filho, para fazê-lo regozijar no Céu, onde O abençoaremos eternamente pela glória que Ele conquistou para nós por Sua Morte e Paixão. Que Deus realmente nos dê essa graça! Um homem.

## NOTAS

1. Cf. Sermão para Domingo de Ramos, p. 162 deste volume; *Tratado do Amor de Deus* , Livro 2, cap. 6.
2. Cf. Sermão para Domingo de Ramos, p. 172 deste volume.
3. Cf. pág. 179 deste sermão.
4. Cf. Sermão para o Domingo da Paixão, p. 154 deste volume; *Tratado* , Livro 7, cap. 8.
5. Cf. *Tratado* , Livro 6, cap. 14.
6. Aqui São Francisco de Sales está fazendo uso do antigo ensinamento patrístico sobre a *communicatio idiomata* . Na Encarnação reconhecemos a união, na Pessoa do Logos, das naturezas divina e humana. Assim, as propriedades ou características da divindade ou da humanidade podem ser predicadas da Pessoa divina que é o sujeito da Encarnação. Desta forma, embora seja apenas característico da *humanidade* morrer, a morte pode, no entanto, ser predicada do único Deus-homem à luz da união hipostática. Visto que Jesus é uma Pessoa divina, podemos verdadeiramente dizer que Deus sofreu e morreu. A tradição patrística, e aqui São Francisco de Sales, fez uso desta doutrina para mostrar o envolvimento amoroso de Deus, através da Encarnação, em nossa condição humana de sofrimento e morte. Deus, o próprio amor, não é indiferente ou indiferente ao nosso sofrimento e morte humanos; Ele está conosco em Jesus.
7. Cf. *Tratado* , Livro 9, cap. 13.
8. Nossa Senhora foi uma exceção; cf. pág. 179 deste sermão.
9. Aqui, como em inúmeros outros casos, São Francisco de Sales usará algo emprestado da *História Natural de Plínio* . Era uma fonte inesgotável para muitas das imagens que ele usava para esclarecer algum artigo de fé ou princípio espiritual. São Francisco sabia muito bem que muito do que Plínio escreveu simplesmente não era mais sustentável de acordo com a visão da ciência natural em sua época. Ainda assim, serviu bem aos seus propósitos.
10. Cf. *Tratado* , Livro 5, cap. 8.
11. Cf. Sermão para Quinta-feira da Segunda Semana, pp. 66-82 deste volume.
12. Os teólogos usam a distinção entre graça suficiente e eficaz para ajudar a explicar como a vontade salvífica universal de Deus (Deus “quer que todos os homens sejam salvos...” – *1 Tm 2:24*) é reconciliada com o fato de que alguns aparentemente não são salvos. . São Francisco estava muito familiarizado com essa questão e até contribuiu para a solução da controvérsia *De Auxiliis* , mas optou por não lidar com sutilezas teológicas durante um sermão de Sexta-feira Santa.

- [13.](#) Cf. pp. 192-193 deste sermão.
- [14.](#) Cf. Sermão da Quinta-feira da Terceira Semana, p. 104 deste volume.
- [15.](#) Cf. Sermão da Quinta-feira da Quarta Semana, pp. 139-140 deste volume.
- [16.](#) Cf. pp. 187-188 deste sermão.
- [17.](#) Cf. pág. 196 deste sermão.
- [18.](#) Cf. pág. 184 deste sermão.
- [19.](#) São Francisco de Sales está aqui aludindo ao ensinamento da Reforma sobre a função mediadora de Jesus somente: Jesus, e somente Ele, pode interceder em favor da família humana diante de Deus; não é necessário usar santos para este propósito. O ensino católico vê a intercessão dos santos em termos da identidade de Jesus com Seu povo (isto é, o Corpo de Cristo), e da participação do Povo de Deus no ofício sacerdotal de Jesus. Seu papel intercessor se une ao Seu papel mediador e dele deriva toda a sua eficácia.
- [20.](#) Cf. pág. 178 deste sermão.
- [21.](#) Cf. pág. 195 deste sermão.
- [22.](#) Cf. pág. 183 deste sermão.
- [23.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, p. 184; e "A Apresentação de Nossa Senhora", 21 de novembro de 1620, pp. 129-130.
- [24.](#) Cf. *Tratado* , Livro 8, cap. 13; *Conferências Espirituais* , X, "Obediência"; XI, "Virtude da Obediência".
- [25.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, pp. 181-182.
- [26.](#) Cf. *Tratado* , Livro 9, cap. 4.
- [27.](#) Cf. *Tratado* , Livro 9, cap. 4; *Conferências Espirituais* , XII, "Simplicidade", pp. 226-230.